

ESTUDOS

DE

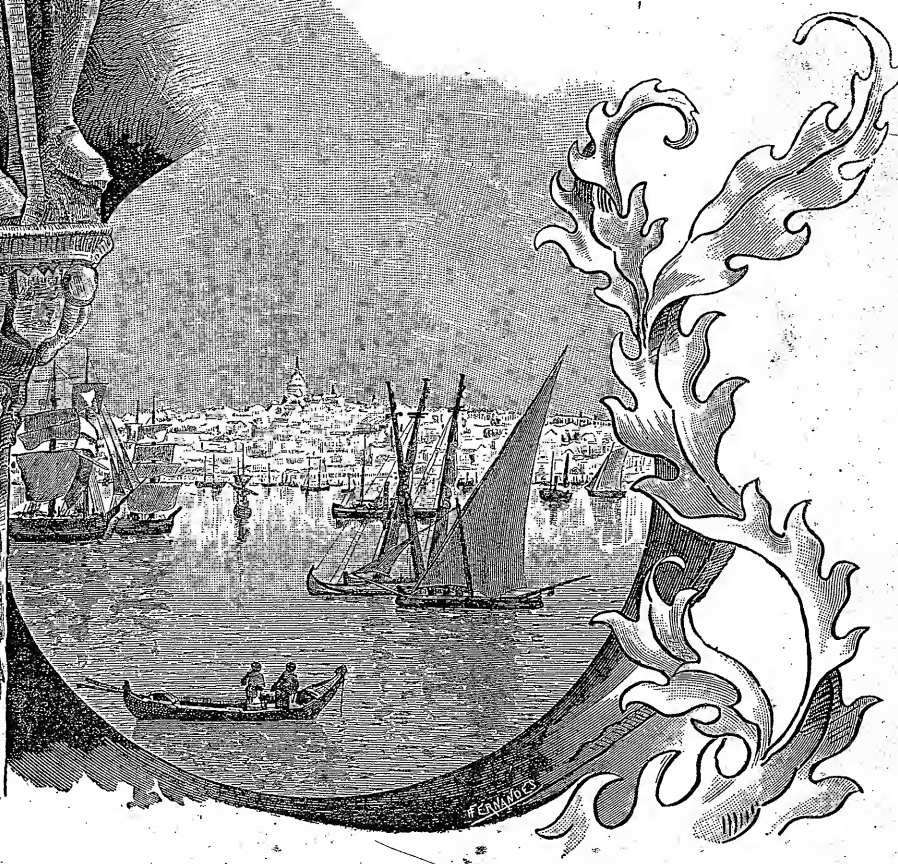
PHILOLOGIA MIRANDESA

POR

J. LEITE DE VASCONCELOS

Professor do Curso Superior de Bibliothecario-archivista,
Conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa

VOLUME II



LIVRARIA KOSM
ERICH EICHNER & CIA
RIO DE JANEIRO | SAO PA
R. DO ROSARIO | RUAMAR
135-137 | 91

ESTUDOS
DE
PHILOLOGIA MIRANDESA

VOLUME II

SM
& CIA
O PAI
MAR
19

JUSTIFICAÇÃO DA TIRAGEM

3 exemplares em papel de linho branco nacional
1:000 em papel de algodão de 1.^a qualidade

QUARTO CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DA INDIA

CONTRIBUIÇÕES
DA
SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

ESTUDOS

DE

PHILOLOGIA MIRANDESA

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Professor do Curso Superior de Bibliothecario-archivista,
Conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa

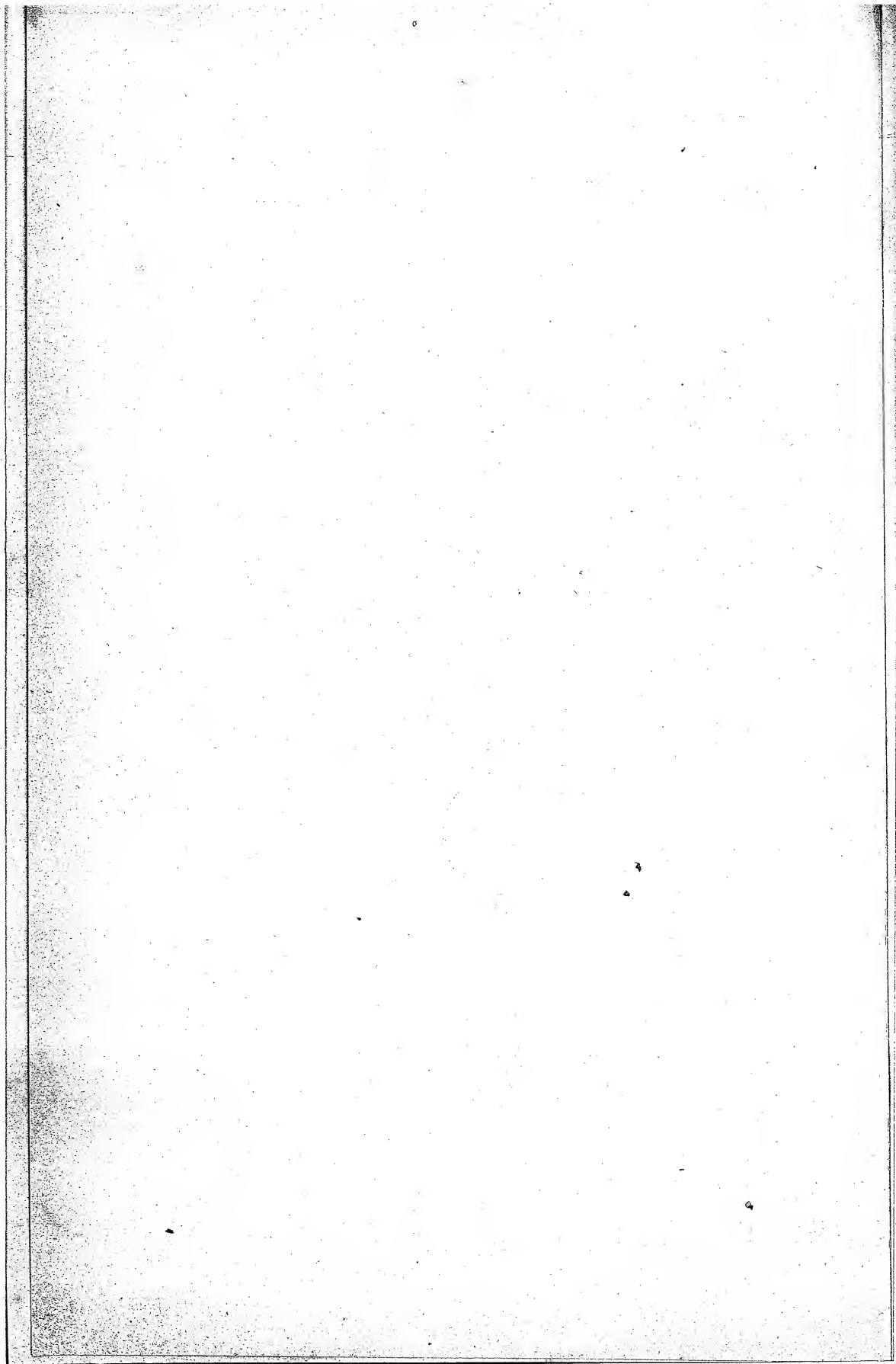
VOLUME II



LISBOA

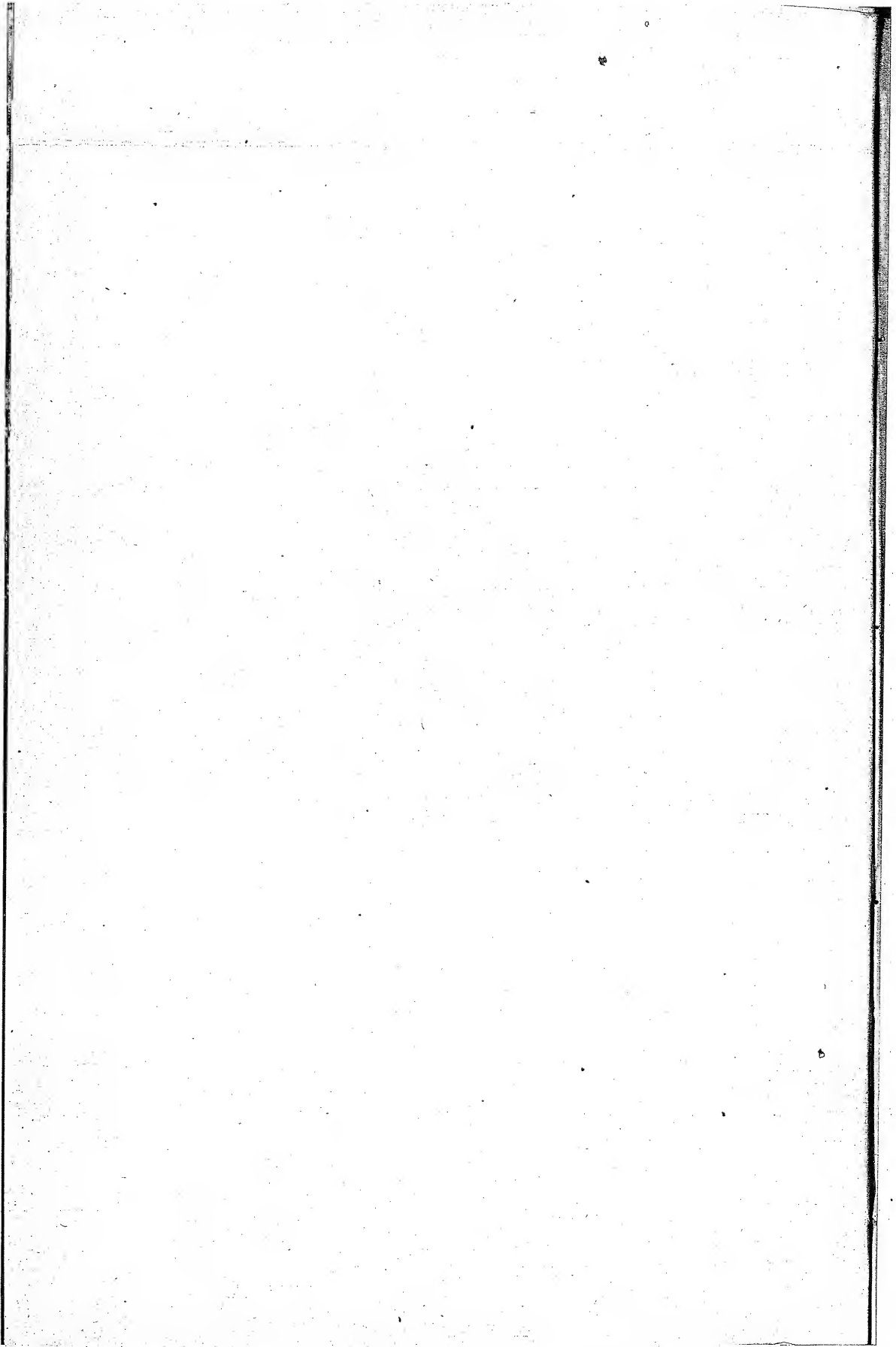
IMPrensa NACIONAL

1901



PARTE III

THEORIA DO MIRANDÊS



I

Origem do mirandês, condições em que se constituiu, e sua evolução geral

O mirandês é evolução do latim. — Theoria da filiação das lingoas. — Se o mirandês foi importado ou é autochtone. — A Terra-de-Miranda na epoca romana e medieval. — Razões da existencia do mirandês, e da sua conservação. — Influencia do português e do hespanhol. — Mirandês archaico.

A origem do mirandês é o latim. Isso ficou directamente demonstrado na GRAMMATICA, onde estabeleci a cada passo a correspondencia completa que existe entre os phenomenos mirandeses e os latinos. Ninguem poderá duvidar d'isto. Só os pyrrhonicos. Mas os pyrrhonicos estão fóra de combate, porque as armas dos combates scientificos são os factos e a razão; e os pyrrhonicos nem se submettem a esta, nem acceitam aquelles. Por tanto, *non racioniam' di lor...*

Outr'ora havia individuos que se compraziam em discutir se certas lingoas eram ou não filhas de outras, apresentando para isso apenas argumentos theoricos. Entre nós são celebres a tal respeito os celtomanos, aos quaes me referi no meu opusculo *A philologia portuguesa*, p. 34 sqq.; elles queriam provar que o português provinha do celtico. Hoje a sciencia ri-se d'essas e semelhantes tentativas. Para se mostrarem as relações entre as lingoas, não se fazem considerações especiosas; trata-se de estabelecer comparações. Se, por

exemplo, eu mostrei que os phenomenos mais essenciaes do mirandês acham a sua razão de ser no latim, e só por este se explicam, que o *o*, o *iê*, o *ou*, o *õũ*, o *lh-*, o *f*, o *ç*, que os processos de formação do plural e do feminino dos nomes, que os pronomes, os numeraes, os verbos, as preposições, as conjuncções, os adverbios, tudo isto, e o mais que omitto, é de origem latina, que dúvida pôde haver da veracidade da proposição que enunciei? O mirandês é pois uma das evoluções do latim; digo *uma*, porque a lingua latina evoluciona de diversas maneiras, conforme os países, tornando-se aqui mirandês e português, alli gallego, asturiano, hespanhol, catalão, mais alem gascão, provençal, francês, valão, e noutras direcções ladino, sardo, italiano, romeno. A ideia que hoje se fórma das linguas é tal, que nem já mesmo com rigor se pôde dizer que ha linguas filhas e linguas mães. Estes modos de expressão «remontent à une conception de l'histoire des langues et de leurs rapports qui ne saurait longtemps se maintenir»¹. De facto, haveria pouca exactidão em se dizer que, v. g., «o port. *ceia* vem do lat. *cena*», pois que a expressão *vem* denota que existe uma lingua d'onde a segunda palavra partiu, e que por consequencia ha separação entre *cena* e *ceia*; todavia a verdade é que *ceia* e *cena* são fundamentalmente uma só palavra: a primeira modificou-se, e tornou-se successivamente, sem interrupção na lingoagem, *cēa*, *cea*, *ceia*. Os Romanos, quando vieram para a Lusitania, trouxeram a palavra latina, e diziam *cena*; na Idade-Média os nossos avós disseram *cēa*; no sec. xvi a palavra tinha já a fórma *cea*; modernamente apresenta-se com a fórma *ceia*. Veiu passando de bôca em bôca, desde a epoca romana até

¹ Gaston Paris, crítica ao *Dictionnaire générale de la langue française* de Hatzfeld & Darmesteter, extraída do *Journal des savants* (1890), p. 16.

hoje; conforme as bôcas que a pronunciaram, assim se modificou, sem nunca deixar de viver. O que se nota em relação a esta palavra nota-se em relação a quasi todos os phenomenos grammaticaes do português, considerado nos seus elementos tradicionaes e populares. Logo o português não vem do latim, mas, pelo contrário, é lenta transformação do latim, é latim alterado. O mesmo se applica ao mirandês e a todo o romance. Sem dúvida, quando se considera o latim de Cicero e o mirandês do *pastorico* de Angueira, a diferença é capital entre ambos: é comtudo diferença mais apparente do que real. Cicero dizia *locus*, o *pastorico* diz *lhôugo*: a palavra é fundamentalmente a mesma. Asseverar que o mirandês é filho do latim, seria o mesmo que asseverar, tratando-se de uma só pessoa, que o velho é filho da criança, apesar de entre estes dois estados da vida, observados em separado, haver tambem muitissima diferença, como, noutra ordem de ideias, entre o latim e o mirandês, que são do mesmo modo duas phases de uma só lingoagem. Isto que acabo de notar é o que na realidade se deu, é a exposição dos factos taes como succederam; no uso geral, porém, para commodidade da expressão, não ha inconveniente em effectivamente se dizer que tal lingoa é filha de outra. O caso está em não tomar por interpretação fiel da verdade o que não passa de mera metaphora.

A respeito da origem latina do mirandês surgem dois problemas, que convém desde já elucidar:

provém o mirandês directamente do latim vulgar trazido na epoca romana para a Terra-de-Miranda, e é por isso autochtone, transmittido lá, sem solução de continuidade, desde essa epoca até hoje?

ou provém de um idioma vizinho, importado, já depois da epoca romana, para aquella região?

Começarei pelo segundo problema. Realmente póde a alguém afigurar-se como plausivel que o territorio mirandense fosse pouco a pouco colonizado na Idade-

Média por gentes vindas da Hespanha, que trouxessem consigo a sua lingoa, que depois aqui evolucionaria até hoje. Mas, — além de não haver necessidade de suppor isto, porque, se existe certa semelhança entre os phenomenos grammaticaes do mirandês e os dos idiomas de Leão e Asturias, ella explica-se perfeitamente, como veremos no cap. III, sem se recorrer á ideia de importação linguistica —, a hypothese cruza-se com graves difficuldades, porque é preciso admittir: ou que era completa a solidão da raia trasmontana, onde ao lado do mirandês se fallam outros idiomas que estão nas mesmas circumstancias, e cuja existencia se ha-de explicar como a d'este; ou que, sendo antecedentemente poyuada a raia, a lingoa dos recém-vindos supplantou e substituiu as que deviam cá preexistir: ora, nem a Terra-de-Miranda, — para aqui fallar só d'ella —, foi totalmente deserta desde a epoca romana, que é a que importa aqui considerar (este ponto trata-se adeante, p. 7 sqq.), nem a supposição de que o mirandês é lingoa implantada se torna accetavel, sem que se accete a importancia e preponderancia dos recém-vindos, e *ipso facto* a inferioridade dos povos autochtones, — o que não se póde demonstrar. Sem dúvida muitas infiltrações no nosso territorio haveria de povos vindos do outro lado da fronteira em diversas epocas; devem, porém, ter sido insensíveis: quem chegava, facilmente se fundia com as populações preexistentes, como hoje succede ainda, tanto com os povos que vem de lá para Portugal, como vice-versa. — Logo, se havia povoação antiga, havia lingoa; e não existem motivos para deixar de crer que esta era a mirandesa.

Resta-nos pois o segundo problema, cuja solução só póde ser affirmativa. O mirandês ha-de considerar-se não só como continuação do latim vulgar que se fallou na epoca romana no territorio correspondente á Terra-de-Miranda, mas como um dos idiomas do systema linguistico do Noroeste da Iberia. Este ponto será tratado

com algum desenvolvimento no cap. III, p. 43 sqq. Aqui basta apenas indicar as condições em que o mirandês se desenvolveu.

Durante a época romana, o rincão de Miranda não se subtraiu, como disse, á influencia do povo-rei. Em Setembro de 1883 encontrei na aldeia de Duas-Igrejas cinco inscripções romanas funerarias, que publiquei na *Revista Lusitana*, I, 67-68, d'onde passaram para o *Corp. Inscr. Lat.*, II (Supplemento), 5657-5661. Alem d'estes, outros vestigios romanos encontrei em terras perto de Miranda, como, por exemplo, moedas, de que obtive algumas. Posteriormente aos meus achados, mais alguns se tem feito por lá. O illustrado tenente do exercito, o Sr. Albino Pereira Lopo, conservador do Museu Archeologico de Bragança, diz-me que neste Museu ha objectos romanos das seguintes localidades: Aldeia-Nova, — uma lapide funeraria inteira, de granito, parte de outra, de marmore grosseiro, um fragmento de cranio humano encontrado numa sepultura que estava perto do sitio em que appareceu a última lapide, uma porção de pão (trigo, centeio e *centeninho*) encontrado nesta sepultura, fragmentos das vasilhas que continham o pão, e finalmente duas moedas de cobre; Picote, — cinco lapides funerarias com inscripções, fragmentos de tegulas, um *pondus* de barro, uma moeda de *Turiaso*, e varios fragmentos de objectos de bronze; Malhadas, — duas moedas de cobre; Sendim, — uma moeda de prata (que, pelas informações que tenho, é um denario ibérico, *argentum Oscense*). O Rev.^{do} Moraes Calado, digno Conego-prior da sé de Miranda, a cuja benevolencia nunca recorro em vão quando preciso de alguma informação historica de Miranda, diz-me tambem o seguinte, em carta de 7 de Maio de 1898: «Ainda não ha muito que enviei para o Museu de Bragança uma moeda de cobre do tempo de Tiberio. Nas arribas do Douro, ou ribas, junto a Aldeia-Nova, apparecem vestigios irrecusaveis de uma habitação romana, muitas sepulturas,

com as competentes lapides. Foi nesse sítio que appareceu a tal moeda do tempo de Tiberio».— Sobre este assunto vid. *Norte Transmontano* (jornal de Bragança), de 18 e 25 de Março de 1898 e de 8 de Abril do mesmo anno; e *O Archeologo Português*, III, 212 e 244, IV, 1-6, 154-155 e V, 143; e cf. I, 11-12.— Não ha pois dúvida que a Terra-de-Miranda foi povoada na epoca romana. D'este facto porém a dizer-se que a cidade de Miranda se chamou *Concium*, como diz Fr. Bernardo de Brito¹, vae grande distancia! Miranda nunca se chamou *Concium* em epoca alguma².

O P.^e Carvalho da Costa³, seguido por Pinho Leal⁴ e por J. Maria Baptista⁵, affirma que Miranda não só se chamou *Contium*, mas *Paramica* e *Sepontia*! O erro é repetido pelo Sr. Albino Ferreira⁶, que adoptou sem ponderação o que algures viu escrito. A cêrca de *Sepontia Paramica* cf. o que eu disse no meu vol. I, p. 141.

Comprehende-se, pois, que tendo sido habitada a Terra-de-Miranda pelos Romanos, ahi se fallasse a sua lingua. Já a respeito das cinco lapides funerarias de Duas-Igrejas, a que a cima me referi, eu disse na *Revista Lusitana*, I, 68: «como ellas appareceram no territorio em que se falla a lingua mirandesa, provam pelo seu lado que o latim foi fallado nesse territorio, o que vem em apoio da minha theoria, aliás em harmonia com os principios glottologicos, de que o mirandês não re-

¹ *Geographia da Lusitania*, 1597, fl. 8 v.

² A fôrma *Concii* encontra-se em Julio Obsequens, *Prodigiorum Liber*, ed. de Iahn, Leipzig 1853, que diz: «*Concii* homo ex speculo acie orta combustus» (p. 115, cap. XIV). Não só não ha aqui a minima allusão á Hispania, e muito menos ao territorio de Miranda, mas o philologo Heinsius tem a fôrma *Concii* como erronea por *Antii* (vid. obra cit., nota).

³ *Corografia*, s. v. «Miranda».

⁴ *Portugal antigo e moderno*, s. v. «Miranda».

⁵ *Corografia moderna de Portugal*, I, 390.

⁶ *Dialecto mirandez*, p. 60.

sulta de uma mistura do português com as línguas de Hespanha, mas representa pelo contrário uma phase directa do idioma dos Romanos modificado *in loco* pelos povos d'aquella parte da Lusitania». Isto combina com o que escrevi no vol. 1 d'estes *Estudos*, p. 103.

Ao dominio romano succedeu na Lusitania, como é sabido, o dominio dos Barbaros, no sec. v, e o arabico no sec. viii. Não conheço restos archeologicos d'estas epochas encontrados na Terra-de-Miranda; todavia, recorrendo a outras fontes, alguma cousa poderemos apurar a tal respeito. A p. 100 do vol. 1 estabeleci que o nome *Sendim* era de origem germanica; a p. 260-261 do mesmo volume mostrei que no vocabulario mirandês havia outras palavras germanicas, taes como *lua* («luva») e *lista*; a pp. 62 e 83 do mesmo volume encontramos no onomastico mirandês a palavra arabe *Aldeia*, e a p. 69 a palavra arabe *Atenor*. Da existencia das palavras deduzimos assim a preponderancia dos povos a cuja lingua ellas pertencem. Com quanto a estes factos não se deva attribuir valor absoluto, porque as palavras podiam ter vindo de fóra, possuem comtudo algum, sobretudo *Sendim* e *Atenor*, tanto mais que, tendo estado o vizinho territorio de Zamora submettido aos Godos e aos Arabes, como diz Fernandez Duro nas suas *Memorias historicas de la ciudad de Zamora*, I, pp. 161 sqq. e 169 sqq., não é nada improvavel que a accção d'esses povos chegasse até Miranda¹. No tempo

¹ A p. 60 do seu *Dialecto mirandês* diz o Sr. Albino Ferreira que Miranda foi conquistada em 746 pelos Arabes, e que estes lhe deram o nome. Quanto ao primeiro facto, onde estão as provas historicas d'elle? Ora, sem provas, não se fazem taes affirmacões. Quanto ao segundo, ninguém, depois do que se leu no meu vol. 1, pp. 33-34, lhe dará attenção. — Se cito o Sr. Albino, não é porque eu attribua ao seu trabalho a minima importancia (vid. o meu vol. 1, p. xi sqq.), mas porque este autor se faz eco inconsciente do que outros disseram; e, combatendo eu o último em data, combato implicitamente todos os anteriores a elle.

de D. Sancho I começam a apparecer, como vimos no vol. 1, p. 37, etc., documentos escritos á cêrca da Terra-de-Miranda. Fica pois assente que esta região, se foi habitada na epoca romana, o continuou a ser, mais ou menos, na alta Idade-Média; digo *mais ou menos*, porque as agglomerações humanas então eram geralmente pequenas, e constituídas por meros *villares*, *granjas*, *villas*, *póvoas*, segundo o que na Parte I, cap. III, deduzi da anályse dos nomes geographicos da região.

Que razões houve para que se formasse um idioma especial na Terra-de-Miranda, e logo a tão pouca distancia d'ella, em muitas localidades do concelho de Vimioso, e no de Mogadouro, por exemplo, se falle já português? Em primeiro lugar lembrarei o que já disse no vol. 1, pp. 127 e 475, que o mirandês não é unico alli: ao Noroeste, na raia, ficam os idiomas riodonorês e quadramilês; num documento do Mogadouro, anterior ao anno de 1311, citado no vol. 1 d'estes *Estudos*, p. 127, mencionam-se vocabulos com caracter dialectal bem pronunciado; em Avellanoso, tambem na raia, deve ter-se fallado algum dia mirandês (vid. adeante, p. 46 sqq.); alem d'isso, como mostrei no vol. 1, p. 36 sqq., a Terra-de-Miranda era a princípio mais extensa que hoje; e o mirandês tem perdido terreno desde a Idade-Média para cá. As razões da formação do mirandês e dos outros idiomas vizinhos, tanto em Portugal, como na Hespanha, são multiplas, e não differem, em geral, das que concorreram para a constituição de todos os idiomas particulares em que um principal se scinde. Ainda assim, notavel é que Tras-os-Montes nos offereça tres unidades linguisticas tão caracteristicas, ao passo que no Entre-Douro-e-Minho, na Beira, etc., não succede isso, embora lá a lingua portuguesa apresente differenciações, mas não tamanhas.

A p. 41-58 do vol. 1 indiquei as condições topographicas, climatericas e ethnographicas da Terra-de-Miranda, que, por terem certa uniformidade, facilitavam a pro-

ducção do phenomeno linguistico de que me estou occupando¹. Se estas condições avultam tanto ainda hoje, quanto mais não avultariam na Idade-Média, epoca em que o phenomeno se produziu? Quanto maiores são os caracteres differenciaes entre duas ou mais regiões, quer no que se refere á geographia physica, quer á ethnographia, á anthropologia e á historia, tanto mais facilmente se realiza a scissiparidade dialectal, como se observa na Suíça, na França, na Italia. Encravada por um lado no territorio leonês, limitada d'outro por um rio importante como o Douro, a Terra-de-Miranda, como em geral toda aquella zona da provincia trasmontana, estava em bellas condições para que alli se criasse uma falla especial; por ventura tambem alguma antiga tribu lusitanica deixaria alli os germens de uma differenciação ethnica que contribuisse para isso. A propria denominação *Terra-de-Miranda*, que, como vimos no vol. 1, p. 37, data pelo menos do tempo de D. Sancho I, contém a sancção popular d'esta unidade geographico-social.

Constituido o idioma, importa investigar como elle se manteve até hoje, embora dia a dia cada vez mais circumscriuto. Algumas das causas d'esta manutenção estão nas proprias condições que concorreram para a sua constituição; outras estão no relativo insulamento do territorio, só modernamente posto em contacto íntimo com o resto do país por estradas, jornaes, aulas primarias; outras no atraso intellectual dos habitantes, que, — *felix culpa!* —, os levam a amarem e a conservarem o que é seu, ainda que de algum modo divorciados do pensar commum. Á medida que estas e semelhantes causas vão desaparecendo, o idioma vae-o tambem, como no vol. 1, pp. 128 sqq. e 153 sqq., o mostrei

¹ Cf. tambem algumas observações genericas que fiz nas *Linguas raianas de Tras-os-Montes*, p. 5 sqq.

com algum desenvolvimento. *Ibidem*, p. 158, vimos como a phonetica hespanhola, não obstante a luta exercida em todos os tempos pelo idioma português contra o mirandês, contribue em parte, pelo seu lado, para a persistencia d'este: de facto o mirandês é raiano, e é só na raia que se apresentam as ilhas linguisticas importantes.

Sem embargo da semelhança que em certos casos ha entre o mirandês, de uma parte, e o hespanhol e português, da outra, — o que ora contribue para maior fixação dos elementos d'aquelle, ora para a gradual fusão com os das lingoas vizinhas, sobretudo com os da portuguesa, por ser no territorio o idioma dominante —, a differença é manifesta para os Mirandeses, que tem dos factos plena consciencia: vid. o vol. I, p. 158. O notavel contraste que elles encontram, por exemplo, entre a sua região e a vizinha Terra de Sayago, que é como que o Alvernhe hespanhol¹, levou-os mesmo a applicarem a

¹ «Aux environs de Zamora est un petit quartier de pays, nommé Sagjago (*sic*), composé de plusieurs bourgs, villages & hameaux, dont on dit que les habitants sont fort grossiers, tant pour le langage, que pour la manière de vivre». Alvarez de Colmenar, *Les délices de l'Espagne et du Portugal*, t. 1, Leide 1707, p. 150 (Consultei esta obra na Bibliotheca Nacional de Madrid em 1899).

Á cêrca de Sayago publicou D. Cesáreo Fernandez Duro um curioso artigo no *Boletín de la Sociedad Geográfica de Madrid*, t. viii. — Vid. também *Diccionario enciclopédico hispano-americano*, s. v. «Sayago».

O habitante de Sayago chama-se *sayagues*, palavra synonyma de «rustico». Por isso os poetas do vizinho reino, para darem certa graça satyrica ás suas composições, empregavam mais ou menos phantasticamente o fallar *sayagues*, como entre nós se emprega o gallego, a lingoagem saloia, etc. Assim, Francisco de Quevedo, *Las tres musas ultimas castellanas*, Madrid 1716, p. 65 (Musa vii, Euterpe), traz um «romance sayagues burlesco». — Foi por desconhecer a significação de *sayagues*, e a existencia da terra de Sayago, que o Sr. Theophilo Braga na sua *Historia da litteratura portuguesa*, vol. ix, *Sá de Miranda e a eschola italiana*, Porto 1896, pp. 295 e 296, perguntou duas vezes se *sayagues*

esta as seguintes fórmulas que dizem contra o *anubrado*, «nevoeiro» (cf. também *Trad. pop. de Port.*, p. 291):

1. Retê-te, retê-te,
Retê-t', anubrado,
Bai-te descargando
Pa la Tiêrra de Saiago.
2. Retê-t', anubrado,
Pa la Tiêrra de Saiago,
Cũ tũe molhiêr barbuda
I tũe perrica aguda («ligeira»).

Fórmulas analogas correm no resto do país, como mostrei nas minhas *Tradições populares de Portugal*, § 112.

Confinado entre o português e o hespanhol, não admira que o mirandês tenha de ambos recebido elementos lexicais, com especialidade do português. No decorrer da leitura da *GRAMMATICA* que publiquei no vol. I se encontraram já muitos exemplos. Aqui darei ainda outros:

a) Palavras provindas do português:

abernuncio, palavra que já de si é também litteraria em português,—lat. ecclesiastico *abrenuntio*;

significava «falar da gente do Suajo». Por igual motivo diz o Sr. F. Adolfo Coelho no *Diccionario etymologico* que a palavra *saiagues*, a que dá por definição «o que veste saial», vem de *saio*. O mesmo repete o Sr. Candido de Figueiredo no *Novo diccionario da lingua portuguesa*:—nem outra cousa era de esperar d'elle!

Nas *Memorias parochiaes* (sec. XVIII) a que me refiro adeante, p. 21, os parochos de Malhadas e da Póvoa empregam, em vez de *Terra de Sayago*, a expressão *partido de Sayago*. Diz o primeiro, por exemplo: «Ao oriente se avista o *partido de Sayago*, que he do bispado de Zamora, reyno de Leão» (vol. XXII, fls. 245 sqq.). Aqui *partido* está no sentido hespanhol de «districto», «divisão territorial juridica ou administrativa».

ameixoa, «ameixa», palavra que, como o mostra o etymo **damáscina*¹, o derivado gall. mod. *ameixenda* < **ameixeneda*, e o latim barbaro do sec. x (em documento de origem portuguesa) *Ameixenedo* > **dasmascinetu-*, devia ter originariamente um *n* intervocalico, que não podia cair em mirandês (vid. a GRAMMATICA, § 109);

amóbito, «móvito», palavra que mesmo em português não é de origem popular.

assobiar, que, por vir do lat. *sibilare*, devia conservar o *l*, se fosse mirandesa de origem (GRAMMATICA, § 112)²;

baleia, que, se viesse directamente do lat. *ballaena*, como veio o port. *baleia* e o hesp. *ballena*, devia ter *-lh-* (GRAMMATICA, § 141)³;

belo, que por vir do lat. *bellu-*, devia ter *lh* em mirandês (GRAMMATICA, § 141);

janela, que, se fosse mirandesa de origem, teria também *lh*, por vir do lat. **ianuella* (cf. GRAMMATICA, § 141).

trevo, que por ter como etymo **τριφυλλον*, — vid. vol. I, p. 252, nota 2 —, devia conservar o *l* (cf. *assobiar* supra).

¹ Vid. Cornu, *Die portugiesische Sprache*, § 179 (in *Grundriss der romanischen Philologie*, de Gröber); e Meyer-Lübke, *Grammatik der romanischen Sprachen*, I, p. 473.

² A palavra latina *sibilare* está representada de duas maneiras em português:

a) por *assobiar* = *a-(s)sobiar* < *assibīlare* tendo-se o primeiro *i* atono, embora longo, mudado em *o* por influencia da labial vizinha;

b) e por *silvar* < > hesp. *silbar*, de **silibare*, **siliyar*, tendo havido metathese do *l*, e syncope do *i* postonico, como em *solteiro* < *solitariu-*.

³ Á cêrca da fôrma *ballaena*, com *ll*, vid. *Revista Lusitana*, II, 373.

b) Palavras provindas do hespanhol:

bulda, «bullá do Pápa», hesp. também *bulda*;

cerilha, «phosphoro de cera», hesp. *cerilla*;

duana, «alfandega», do hespanhol *aduana* (a palavra *duana* não é especial ao mirandês, usa-se em toda a raia);

triteiro, «palhaço ambulante», «comediante», do hesp. *titerero*; digo que a palavra é hespanhola, porque em mirandês não se usa a fôrma primitiva *titere*.

Como o mirandês só está em contacto com idiomas de Portugal e de Hespanha, não póde, — abstrahindo do que lhe viria dos idiomas dos Barbaros e Arabes —, ter recebido influencia de outros senão d'esses; quando em mirandês apparecem palavras oriundas de outros idiomas, ellas passaram para elle por intermedio do português ou do hespanhol: *caceto*¹, *çentinelá*², *chapeu*³, por exemplo, que são de origem franceza, vieram pelo português. — A influencia do português é mais forte, mais íntima, do que a do hespanhol, pelo facto de o mirandês se fallar em territorio de Portugal, onde o português é a lingua official e geral. A influencia do hespanhol na phonetica mirandesa é nulla; nem mesmo se exerce na morphologia; limita-se ao lexico, phenomeno perfeitamente exterior. A influencia do português exerce-se também principalmente no lexico.

Depois de conhecida a origem do mirandês, e as condições da sua existencia, seria interessante conhecer a sua evolução geral. Infelizmente faltam-nos testemunhos directos do mirandês archaico, pois o que pude descobrir é tão pouco, que quasi equivale a nada. Esses tes-

¹ Vid. o vol. I, p. 308.

² Vid. no mesmo vol. a GRAMMATICA, § 114-OBS. 4.

³ Cf. fr. mod. *chapeau*, ant. *chapel*. As palavras portuguezas *chapeleiro*, *chapelaria*, *chapelinho* attestam ainda o ant. fr. *chapel*.

temunhos são de duas espécies: a tradição oral; e os documentos escritos. Pela análise phonologica também se descobrem formas antigas, como a cada passo vimos na GRAMMATICA; assim, v. g., antes de se dizer *õubeilha*, devia dizer-se **oubeilha* ou **oubelha*, e **obelha* (§ 78); mas isto são testemunhos indirectos, e que tem valor relativo, embora real. Quando converso com os Mirandeses, principalmente com os velhos, muitas vezes lhes ouço dizer—tal e tal palavra é antiga, já se não usa em toda a Terra-de-Miranda, ou usava-se d'antes: nesse caso está por exemplo *q'redes*, que citei no vol. I, p. 370, *abólo* (ou *abolo*) a p. 329, *yera* por *era*, a p. 417, e outras. Pelo que respeita a documentos, já quando tratei da geographia no vol. I, p. 61 sqq., indiquei algumas formas antigas de nomes de terras, como *Barceosa* (sec. XIII), *Costantim* (sec. XIII), *Ifanez* (sec. XVI). Aqui cito algumas palavras avulsas que respiguei em documentos dos séculos XVI–XVIII.

Sec. XVI:

O documento de que me sirvo é o *Livro do tombo das demarcações dos luguares das comarcas de Tralosomes e dantre Douro e Minho que estam ao longo da raia, extremo de Castella e Gualiza*, ffs. 24 sqq., documento que existe na Torre do Tombo, e cuja cópia, na parte que me interessa, devo ao Sr. Pedro de Azevedo. Este documento é de 1538, e contém certas expressões locais da raia de Miranda, umas que são nomes communs, outras que são nomes proprios,—como:

arrife, na phrase «arryfe de pedra»; a palavra *arrife* usa-se noutras localidades de Portugal. Viterbo, *Elucidario*, também a cita num documento bragançano do sec. XVI, e compara-o com *arrecife*. A palavra *arrecife* é arabica, vid. Dozy & Engelmann, *Glossaire*, pp. 198–199. Mas virá *arrife* de *arrecife*? (por intermédio de **acerrife*,

**aç'rrife?*). *Arrife* e *Arrifes* encontra-se no onomastico português do Sul, o que, com o facto citado a cima, prova que a palavra foi outr'ora usada em todo o país.

Candena, na phrase: «hũa cruz grande de pedra, que se chama a *Cruz de Candena*». De certo *candena* foi na origem nome commum, pois se encontra no onomastico de Hespanha *Candenosa* (Cantabria), *Candenal* (Asturias). Em astur. ha mesmo *candanal*, que parece variante de *Candenal*, e que significa, segundo Rato de Argüelles, *Vocabulario bable*, s. v., «sitio de tierra blanquecina». No onomastico da Galliza ha *Candendo*, que faz presuppôr **Candenedo*: cf. *ameixenda*, que citei a cima. Outras fórmãs se poderiam citar no onomastico quer gallego, quer português, mas não desejo levar mais longe a anályse.—Em virtude do significado de *candanal* em asturiano, talvez a palavra seja aparentada com o latim *candidus* e *candens*.

Carqueijal, «cabeço. . . . que se chama *Pena do Carqueijal*». No português commum não se encontra *carqueijal*, mas sómente *carqueija*, em gall. *carqueixa*, em astur. *carquexa*; cf. o hesp. *carquexia* e o catal. *carquexia* e *carqueixia*. No nosso onomastico não só se encontra *Carqueijal* mais de uma vez, mas *Carqueijo*, *Carqueijido*, *Carqueijosas*, *Carqueijoso*; no onomastico da Galliza ha *Carqueijedo* e *Carqueijeda*.

carril, escrito *caryll*, «carreiro». Tambem em hesp. *carril*, «camino estrecho y sólo para un carro» (*Dicc. hesp. de Barcia*); em gallego a palavra tem pouco mais ou menos o mesmo sentido.

Cerdeira, «serra de Cerdeira». Em mirandês, como no dialecto beirão, ha *cerdeira*, que significa «cerejeira», e no onomastico, sobretudo no Centro e Norte do reino, a par de *Cerdeira*, ha *Cer-*

deiral, Cerdeiredo, Cerdeiro. Em gall. ha como nome commum não só *cerdeira*, mas tambem *cerdeiral*, ambos os quaes existem no onomastico. É curioso que ao fruto *cereja*, do lat. **ceresia*, corresponda aqui, como nome da arvore respectiva, *cerdeira*, que evidentemente tem outro radical.

Cinheiro: «E dahy fforã decendo a *Vall Cenheiro*, decendo a hũ valle onde estava outro marco, e na metade do *Vall de Cynheiro* amostrarã outro marco, e ao dyante amostrarã outro marco entre *Vall Cynheiro* e os Valles». *Cinheiro* deve ter sido na origem tambem nome commum, pois no onomastico de Leão se encontra *Ciñera*; o suffixo leva a crer que a palavra de que se trata pertence ao reino vegetal: como em grego ha *κίνα*, que significa certa herva, poderiamos talvez ver aqui o etymo da nossa palavra, pois que *-vv-* = *-nn-* estavam perfeitamente representados por *-nh-* em mirandês, e por *-ñ-* em hespanhol. Claro é que neste caso, como nos semelhantes, o grego só podia ter vindo por intermedio do latim vulgar.

Corvaceira: «teso [isto é, altura, cerro], que por seu nome chama a *Pena Corvaceira*». No onomastico portuguez é frequente esta palavra; no da Galliza tambem se encontra *Corvaceiras*.—O radical parece ser o mesmo de *corvo*: *Corvaceira*; cf. *lam-ac-eira*, *Gest-aç-ó*.

Godinho: «*Vall de Godinho*» (em mir. deve ser *Godino*). A palavra *Godinho* é bastante frequente no onomastico de todo o país; tambem ha *Godinhos*, *Godinha*, *Godinheira*, *Godinhares*, *Godinhaços*. No onomastico hespanhol encontro só uma vez *Godina*, nas Asturias. Vê-se que a palavra *Godinho* foi na origem nome commum, e que, a julgar das outras fórmulas, se decompõe

verosimilmente em *God-inho*; com o th. *god-* relaciona-se talvez também *Godela* em Portugal e Galliza, e *Godella* e *Godelleita* em varios pontos da Hespanha. Com a mesma familia de palavras se relacionará ainda *Godim* e *Agodim*, do nosso onomastico, e *Godin*, do onomastico gallego (ant. genetivo *Gutini*: vid. o vol. 1 d'esta obra, p. 80). Cf. mais: *Goda* e *Godão* em Portugal, e *Godas do Rio* na Galliza.

malhoeira: «os antigos com que se ffor ver esta terra da Raya lhes poderá dyzer os nomes por ôde vay a *malhoeyra*», i. é, a divisão (em mir. devia ser *malhoneira*). Vid. o artigo seguinte.

malhões: «marcos e *malhões*» (em mir. devia ser *malhones*); *malhões* são marcos divisorios de terras. A fórma port. ant. correspondente no sing. é *malhom*, apud Viterbo no *Elucidario*, s. v., que tem como parallela em hesp. *mojon*. Viterbo, *loc. cit.*, também traz *moiom* como português antigo no sentido de «linde» = limite-, porém *moiom* ou não é português, ou é raiano. O etymo parece estar no lat. **moleone-* (**molione-*), derivado de *moles*.—Em *malhão*, de *molhom*, o *o* mudou-se em *a* por influencia de *malhar* ou *malho*.—De *malhom* deriva *malhoeira*, que vimos no artigo precedente.—No «Vocabulario trasmontano» publicado pelo Sr. Augusto Moreno in *Revista Lusitana*, v, acho a seguinte noticia, que importa aqui citar: «*amalhoar* (uma terra de mato),—é pô-la aos *malhões*, isto é, juntar algumas estevas e giestas, pelas pontas, e atar-lhes á roda um vincelho. Os *malhões* indicam que a terra está vedada» (pag. 26); cf. *ibidem*, p. 96, *malhão*. Parece que estas palavras se relacionam com a estudada a cima: num caso o *malhão* serve de marco divisorio (feito de pedra); noutro serve de vedação (feito de giestas).

Morigo: «está hy hũ marco, que se chama *Morygo*».

Ignoro o sentido primitivo d'esta palavra.

referta: «é que nunca sobre iso vyrã esta villa de Miranda ter nenhum debate, contenda nem demanda e *Refferta* cõ Castella». Vê-se do contexto que «debate», «contenda», «demanda» e *referta* são synonymos entre si. Muitas vezes nos documentos officiaes acham-se a seguir termos synonymos, com o fim de se attingir maior clareza. Em hespanhol ha effectivamente *refer-tar* = *reyertar*, «contender», «altercar», com o derivado *refertero*, «polemista». O etymo creio dever buscar-se em **refertu-* (< > *relatus*) = *re-fertus*, de *refero*; cf. tambem o port. *offerta*, o fr. e prov. *offert*, o ital. *offerto*, que só podem explicar-se por **offertu-* (< > *oblatus*); igualmente temos o fr. *souffert*, o prov. *suffert* < **suffertu-*. São participios analogicos, formados como *apertus* (de *aperire*), *refertus* (de *refercire*) e outros. O catalão levou mesmo um pouco longe este processo, pois tem, por exemplo, *omplert*, *cumplert*, *suplert*, *establert*, etc.

retorto: «até onde chega ho caminho de *Carvalho Retorto*, que vay para Alcamiças». A palavra *retorto*, «retorcido», < lat. *retortu* = *re-tortus*, nada tem especial, a não ser o seu emprêgo.

urreta, mir. mod. *öurreta*: «hyndo mais pera diante, amostrarã outro marco a cabeça de *Urreta d'agia*» (i. é: á cabeça [= ao cabeço] de *Urreta d'aguia*). Noutro ponto do documento leio: «cabeço do Reto do Callvo», que se repete outra vez; talvez do *Reto* esteja por *d'Orreta* = *d'Urreta*. Á cêrca da palavra diz Viterbo no seu *Elucidario*, s. v., o seguinte: «*Orreta*, valle profundo entre montes, e com mui estreita margem, que apenas

admitte poucas fiadas de oliveiras, ou outras arvores. Esta palavra antiga ainda hoje tem uso em Tras-os-Montes». Effectivamente ouvi-a por lá muitas vezes, não só em Miranda, mas longe.

Sec. xvii:

Não encontrei documentos nenhuns que sirvam para o assunto de que me estou aqui occupando.

Sec. xviii:

Os documentos de que me sirvo para fazer os meus extractos são as Memorias parochiaes existentes em ms. na Torre do Tombo, e redigidas no sec. xviii. Estas Memorias constam de descripções das differentes freguesias do reino, feitas pelos parochos, por ordem do govêrno, e destinadas a servirem para a organização de um grande dictionario geographico: cf. *O Arch. Port.*, 1, 267-268 (artigo do Sr. Pedro de Azevedo). Os parochos da Terra-de-Miranda deixaram muitas vezes transparecer certos mirandesismos em meio da linguagem litteraria de que se serviam. São estes mirandesismos que aqui transcrevo, indicando entre parenthesis, nas citações, os numeros dos volumes e das folhas. Embora seja duvidoso para mim se em Atenor se falla mirandês, segundo o que escrevi no vol. 1, p. 60, não deixo de incluir na lista seguinte algumas expressões colhidas na informação do paracho d'aquella freguesia, por terem cunho popular.

alcaceres: «tem hua (*sic*) boa faceira, aonde se colhem muitos *alcaceres* e muloens» (v, 757 sqq.). Dever-se *alcacéres*. Em hesp. temos *alcacel* ou *alcacer*, «cebada en hierba» (Barcia). Na Beira-Baixa chama-se *alcacér* o centeio em verde destinado ao pasto dos animaes. No Alemtejo tambem existe *alcacél*, segundo vejo nos *Vestigios da lingua arabica*, de Sousa & Moura, Lisboa 1830, s. v. Vi-

terbo, no *Elucidario*, cita *alchazar* (sec. xiii) e *alcacer* (sec. xvi). No «Vocabulario trasmontano», publicado pelo Sr. Augusto Moreno in *Revista Lusitana*, v, encontro a p. 24 o seguinte artigo: «*alcacél*, pimentos, tomates, cebolas, etc., que se compram para pôr na horta. Ao *verde* para as bestas não chamamos». Vê-se que é neste sentido de pimentos, cebolas, etc., que o parocho empregou a palavra *alcacéres*, e não na do sentido de cevada verde.—O etymo é arábico,—*alcacíl*: vid. Sousa & Moura, *ob. cit.*; e Dozy & Engelmann, *Glossaire*, s. v.—Não sei se a palavra existe hoje em mirandês; é provavel que sim.

ancha, larga (iv, 58). O mesmo em mirandês moderno: vid. o meu vol. i, p. 283.

arbores, arvores (v, 757 sqq.). Nota-se aqui *b* por *v*, segundo um dos caracteres do mirandês.

arribas: «*arribas* do Douro» (ii, 181; xvi, 1089). Em vez de *ribas* < lat. *ripas*, com *a* prostethico; cf. GRAMMATICA, § 151-a.

bacum: «gado *bacum*» (xiv, 461), *vaccum*. Temos aqui outra vez *b* por *v*.

carreteiro, o homem que conduz o carro (xxx, 1817).

Derivado de *carreta*. Cf. hesp. *carretero*.

charqueirão: «hum *charqueirão* que avia anos estava seco» (xxxv, 1180). A forma mirandesa devia ser *charqueirõu* ou *charqueirôu*. Derivada de *charco*, como o port. *poceirão*, de *poço*. Os dictionarios portugueses tambem citão *charqueirão*, mas a palavra não é geralmente usada.

conceilho, concelho (xiii, parte i, 215-217). Do lat. *concilium*. A forma mir. mod. é *cunceilho*, e já de certo o era no sec. xviii, mas o parocho só representou em mirandês a terminação *-eilho*.

dismos, dizimos (xli, 1865).—Deu-se syncope do *i* postonico: cf. GRAMMATICA, § 70.

Estevo, *Estevão* (XIII, parte I, 215-217): < lat. *Stephanus* = *Στέφανος*, com -v- < -b-, ainda que em mirandês a palavra deve ter -b- (cf. a GRAMMÁTICA, § 99), mas o parocho fez um mixto de lingua litteraria e lingua popular. A fôrma *Estevo*, quanto á sua terminação, é analoga ás pop. port. *Cristóvo* < (por *Christovão*) **Christophanu* = *Christophorus* (cf. ital. *Christofano*), e *orfo* < *orphanu*- (litter. *orphão*).

faceira: «os linhares ahonde chamão a *Faceira*» (II, 1180). Nesta expressão é *Faceira* nome proprio, mas a cima, s. v. *alcaceres*, vimos outro texto, em que ella é nome commum. De facto *faceira* existe ainda hoje em mirandês, e por toda a raia trasmontana (muitas vezes ouvi lá tal palavra); não posso dar uma definição rigorosa, mas de modo geral direi que *faceira* é um campo com bom chão para frutos, situado ordinariamente, como creio, junto das povoações. Quando fiz uma das minhas viagens pela raia trasmontana, e ia a cavallo no meu burrinho, aconteceu muitas vezes perder-me; o meu guia, logo que avistava uma *faceira* de trigo, dizia que era isso signal de que ficava perto uma povoação. Uma variante de *faceira* é *faceiro*, que encontro no «Vocabulario trasmontano» de Augusto Moreno, in *Revista Lusitana*, v, 88: «*faceiro* (subst.),—quasi o mesmo que veiga; em geral, campos fecundaveis e planos, cêrca das povoações».—Quanto ao etymo, talvez *faceira* e *faceiro* fossem na origem adjectivos derivados de *face*: (terra) *faceira*, (campo) *faceiro*,—em *face* das povoações; cf. *fundeiro*, «o que está no fundo»; *deanteiro*, «o que está adeante». Todavia *face* não póde ser palavra da origem da lingua, como tambem o não é em português: cf. hesp. *haz* < *facie*-, port. *az* < *acie*-.

freiguesia, freguesia (xvi, 634). — Fôrma corrente em português antigo. Em mir. mod. *fraguefia*; de origem portuguesa, senão em mir. devia haver o *l* correspondente ao hesp. *feligresia*.

horto: «nos *hortos* particulares ha hortaliça» (xxxiv, 911). Em mir. diz-se *orto*; significa «quintal». — Lat. *hortu-*. Cf. hesp. *huerto*, port. ant. *orto* (horto).

labrantia: «terra *labrantia*» (xiv, 471), isto é, lavradia. Cf. hesp. *labrantio*. Lat. **laborantiv-*, sobre o th. *laborant-* do participio do presente de *laborare*; cf. *lavandeira*, também formada de participio.

linhar, terra onde se cria linho: vid. o texto citado a cima, s. v. *faceira*. Em português actual diz-se *linhal* ou *linhar*. A fôrma mir. mod. é *lhinal*, de *lhino* < lat. *linu-*. Em hesp. ha *linar*. No onomastico port. *Linhares*.

mare, mar (xiii, parte 1, 215-217). Sobre o *-e* vid. GRAMMATICA, § 119. Noutra cacographia mirandesa, também do sec. xviii, encontrei *mari*.

muloens, melões (v, 757 sqq.). Em mir. consta-me porém que se diz *melones*, sing. *melõũ*; o *u*, devido a influencia da labial vizinha, é comtudo phenomeno muito natural.

Ourreta da Silva, (xiii, parte 1, 215-217). Nome proprio de sítio. Cf. supra.

paramio: vid. o meu vol. 1, p. 140 sqq.

raça de sol, restea de sol (xiii, parte 1, 215-217). Ainda hoje em mir. se diz *raça de sol*. Na Beira-Alta e Baixa diz-se *reça*. Em Mogadouro e Lagoaça «*raça de sol*», «*raçada de sol*»: vid. *Revista Lusit.*, v, 102 (artigo de Augusto Moreno). Em hesp. *raza*, fôrma analoga á mirandesa. — O etymo do port. *reça* será o lat. *restis*, na fôrma derivada **restia*; o hespanhol e o mirandês experimentariam influencia de *raça*, *raza*,

ou tem $a < e$, por influencia do r vizinho. O grupo $sr + i$ póde dar ζ (ζ): cf. *moço* (*mozo*) $< *musteu-$ (*mustus*), *Çaragoça* = *Zaragoça* $< *Caesaraugustea$ ou $*Caesaraugustia$.

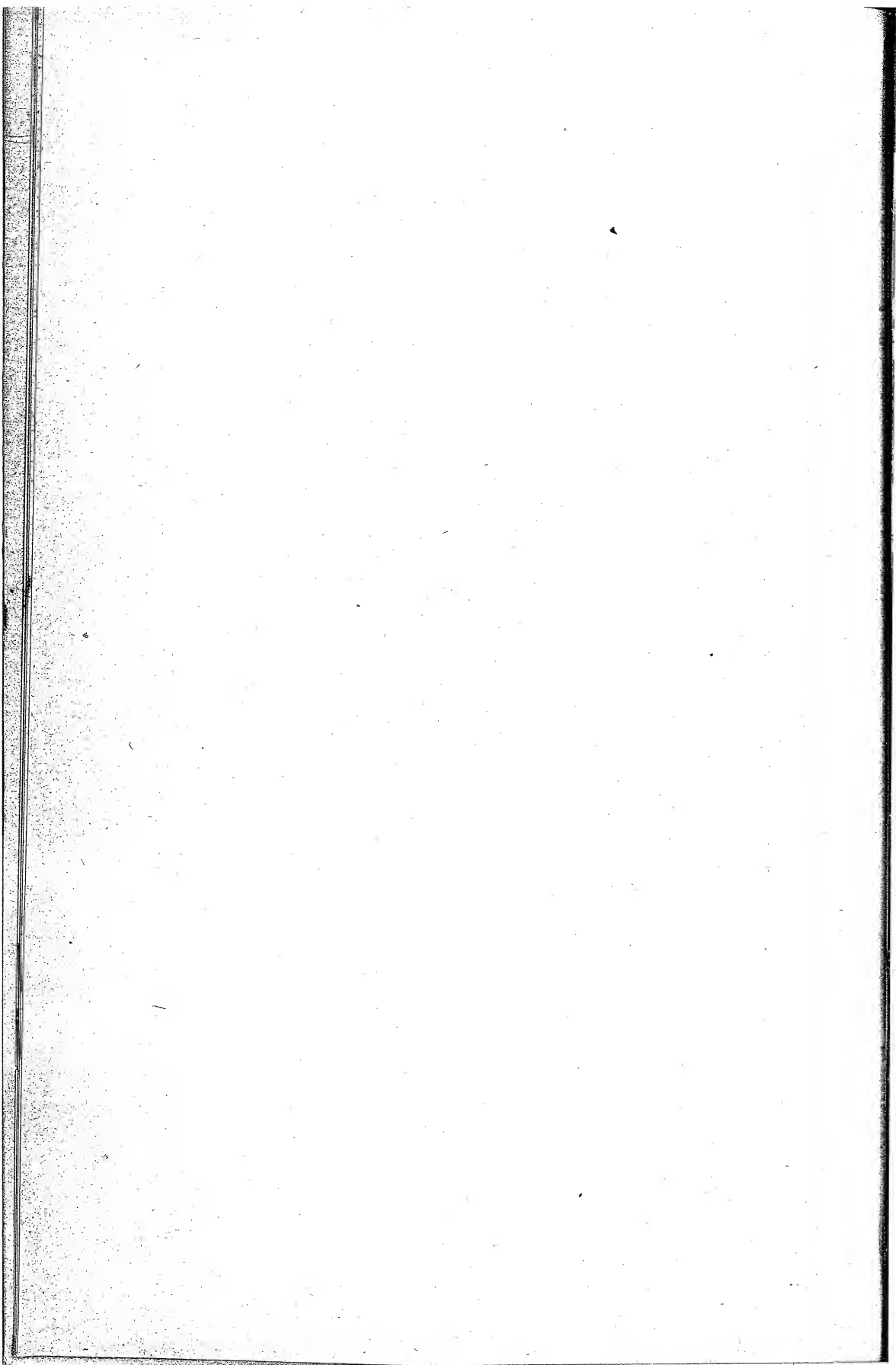
reluzes: «cristaes a que chamam *reluzes*» (xxx, 1937 sqq.). Parece que estes *crystaes* não serão aqui mais do que estalactites e estalagmites, porque o parocho falla d'elles referindo-se a uma gruta. O etymo está em *reluzir* (*reluzes* é substantivo verbal); todavia em mir. diz-se *relhuzir*.

sebada, cevada (v, 757 sqq.). A palavra está mal escrita quanto ao s por c . O b por v é phenomeno mirandês que já encontrámos a cima.

sentir: «nem sinto que nella haja privilegio» (v, 757 sqq.), onde *sinto* está no sentido de *consta-me*, *creio*, como succede na lingoagem familiar de outros pontos do país.

sirve, serve (xiii, parte 1, 215-217). Á cêrca de fórmulas mirandesas semelhantes vid. o meu vol. 1, p. 380.

Numa busca que algum dia farei em cartorios publicos e particulares da Terra-de-Miranda é provavel que maior número de palavras mirandesas colha, e talvez na maior parte mais características do que estas, pois na lista precedente nada se averiguou quanto á grammatica, a não ser o valor de b dado ao v primitivo, o desenvolvimento do i na terminação *-eilho*, a prothese de e ($-i$) em *mare* (*mar*i**), a acção da labial em *mulões*, e a fórmula verbal *sirve*; o mais tem apenas importancia lexicologica.



II

Variedades dialectaes do mirandês

O mirandês não se falla uniformemente em toda a Terra-de-Miranda. — Sub-dialecto central. — Sub-dialecto raiano. — Sendinês.

A palavra *mirandês* designa de modo geral o conjunto das fallas populares, e indigenas, da Terra-de-Miranda. O povo, porém, estabelece neste conjunto de fallas certos grupos, chamando *falla atravessada* á que se usa na raia sêcca (*atravessada*, entende elle, de *hespanhol*!); *sendinês* á de Sendim; e *mirandês* propriamente dito á do resto da Terra-de-Miranda. Esta distincção é razoavel, e representa até certo ponto a realidade; eu a adoptarei, substituindo apenas a primeira pela de *raiana*, e chamando á terceira *mirandês normal* ou *central*, — normal, por ser a que corresponde á maior parte do territorio, e a que tomei por norma na minha obra, e tambem por ser nelle que estão escritos quasi todos os trabalhos que ha em mirandês, — e central, por ficar entre a falla de Sendim e as da raia.

O sendinês tem caracteres phoneticos importantes, que lhe dão independencia dialectologica. O mirandês raiano parece offerecer sobretudo algumas differenças morphologicas em relação ao central. Diversidades lexicas ha-as, como é natural, por toda a Terra-de-Miranda: assim diz-se na Povia *abe-rapina*, e em Duas-Igrejas

abe-rapinha; diz-se *ruga* na Povia e Malhadas, e *riç* em Duas-Igrejas; uns dizem *beldre*, *beldro*, outros *be-lhöũ* (port. «vello»); em Villar-Sêcco diz-se *pa-li*, em Duas-Igrejas *pa-lhi*; em Especiosa diz-se *nosfôutros* e *bofôutros*, e em Duas-Igrejas *nós* e *bós*. Pelo menos são estas as informações que colhi.

Entremos agora mais particularmente no nosso assunto. Denominando *sub-dialectos* as referidas variedades dialectaes, temos pois: I) *sub-dialecto normal* ou *central*; II) *sub-dialecto raiano* ou *septentrional*; III) *sendinês* ou *sub-dialecto meridional*. Talvez possa ainda constituir-se um 4.º grupo com as fallas mirandesas do concelho de Vimioso,—mirandês occidental; mas faltam-me elementos para dizer se sim ou não. Por ora contentemo-nos com aquella divisão, que porventura eu ainda modificarei um dia, após novos estudos, e nova viagem á Terra-de-Miranda.

I. Mirandês central:

Os seus caracteres ficam superabundantemente discriminados na Parte II d'esta obra, onde tratei da GRAMMÁTICA MIRANDESA; não preciso pois de voltar ao assunto.

II. Mirandês raiano:

Já também na mencionada GRAMMÁTICA me referi aqui e alem ao mirandês raiano. Exporei agora todavia no conjuncto o pouco que me foi possível apurar.

A raia sêcca mirandesa é constituida pelas seguintes aldeias: Paradella, Ifanez, Constantim, Cicouro e S. Martinho de Angueira.

De modo geral dizem-me que na raia se usa *antonces*, ao passo que no Sul se usa *antóces* e no centro *antöũ*: vid. a GRAMMÁTICA, p. 450. É também da raia *abolo* (ou *abolo?*), e talvez o archaismo *q'redes*.

Um amigo meu escreve-me que em Paradella o mirandês é muito castelhanizado; provavelmente isto significa que os caracteres intermedios que o mirandês possui

em relação ao português e ao hespanhol, são lá mais proximos do hespanhol do que noutras localidades.

Em Ifanez, como lembrei na GRAMMATICA, p. 448, diz-se *pa'-lhina*, *po'-lhina*, *aquina*, por *quina*, ao passo que, por exemplo, em Duas-Igrejas se diz *alhi* e *eiqui*; e diz-se *calhe* (cf. hesp. *calle*), e não *ruga*, nem *rûg*; mas a linguagem d'esta terra tem muitos phenomenos grammaticaes em commum com o mirandês central, por ex.: *solo* < lat. *sōlo* (GRAMMATICA, § 58); *lhuç* e *lhume* com *lh-* < *l-* (GRAMMATICA, § 111); *andã* no indicativo, e *andê* no conjunctivo, como se viu na GRAMMATICA, pp. 420 e 422.

A linguagem de Constantim, a julgar do que observei, tambem não differe, senão no vocabulario, e pouco, da linguagem do centro. Á cêrca de Cicouro não tenho informações especiaes.

Em S. Martinho de Angueira estive de passagem umas horas, e colhi alguns factos linguisticos. Entre os pronomes ha: *ésto*, *éssô*, *aquésto*, *aquésta*, que não se usam em Duas-Igrejas, e parece que ha *mîu* (ou *mîçu*), a par de *mîu*. Fórmav avulsas que tambem ouvi: *tolho* por «lodo»¹, em mir. central *lhodo*; *lureiro*, em mir. central *lôureiro*; *solo*, em mir. central *chano*; *frol*, pl. *froles*, em mir. central *flor*—*flores*. Fórmav verbaes interessantes são: *yera*, no mir. central *era*; *caier*, no mir. central *caer* ou *cair*, e *dolgã*, a par de *dolã*. Na maioria dos phenomenos grammaticaes, a falla do povo de S. Martinho não differe da do centro da Terra-de-Miranda: *frie*, *Marie*, *tiç* (GRAMMATICA, § 56); *tiçerra*, *cîelo* (§ 50); *nohe*, *bono*, *posto*, *osso* (§ 58 e OBS. 2); *lhugo* [ou *lhöugo*?] (§ 58-OBS. 5); *carbôu* [ou *carböu*?], *tissôu* [ou *tissöu*?] (§ 110-b), no pl. *carbones*,

¹ Cf. hesp. *tollo*, *atolhar*, *atolladero*, *atolladal*, *atolladar*; port. *atolar-se*, *atoleiro*. Temos assim a conhecida correspondencia de -ll- mir. e hesp. a -l- português.

tissones (§ 165); *mãno*, *rãna* (§§ 3-b e 109); *queifo*, *beifo* (§ 44), *yẽ*, *yẽrba* (§ 51-d); nos pronomes, *you* (*yõu*?), *nós*, *bós*, e como pronome atono *mos* (p. 354); nos verbos observa-se o mesmo que em Duas-Igrejas em *amã*, *jantórũ*, *fúrũ*, *dižẽ*, etc.; na syntaxe, ao passo que em mir. central se diz *bõn'*, com *n*, antes de vogal (GRAMMÁTICA, § 307), em S. Martinho diz-se *bõ* ou *bũõ* mesmo antes de vogal (em pausa porém *bũõno*). Como espécimẽ da falla do logar de S. Martinho aqui transcrevo o Padre Nosso e Ave Maria, d'onde se verá melhor que ella não offerece differenças phoneticas em relação á do centro:

Padre nõsso que stáis no ciẽlo, santificado seia l bõsso nome, beng' a nós l bõsso reino, seia feita la bõssa buntade, assi na tiẽrra como no ciẽlo; l pã nõsso de cada diẽ mos dáí oije; perdonái-mos, Sinhor, las nõssas dibdas, assi cumo nós perdonamos a los nõssos debedores; nũ mos deixeis caiér ã tẽtaciõu [tentaciõu?], mas lhibrai-mos de todo l mal, amẽi Jẽfus¹.

Abe Mariẽ, chena de gracia, l Senhor yẽ cum bós, benta sodes antre las molheres [*molhiẽres*?], bento yẽ l fruto² de l bõsso bentre, Jẽfus³; Santa Mariẽ, máí de Dũs, rogai por nós pecadores, agora i na ora de la nõssa morte, amẽi, Jẽfus.

O Rev.^{do} P.^e Francisco Meirinhos, venerando reitor de Avellanos, teve a bondade de me offerecer, entre outras, a seguinte composiçãõ mirandesa de sua lavra, a qual aqui transcrevo, tambem como texto comprova-

¹ Ou *Jafus*, como em Duas-Igrejas?

² Ou *fruto*, como em Duas-Igrejas?

³ Vid. nota 1.

tivo da linguagem que se falla em S. Martinho de Angueira, d'onde elle é natural. Apesar dos seus 76 annos de idade (1899), o Sr. Reitor de Avellanos dedilha ainda a lyra, como qualquer joven árcade. — Para deixar á linguagem do Sr. Reitor toda a espontaneidade, publico o texto tal qual m'o enviou, e reproduzo-o ao lado com a orthographia phonetica que nesta obra adopto. — Na transcripção feita pelo Sr. Reitor ha as incertezas naturaes de quem por um lado tenta reproduzir do melhor modo uma lingua que não tem tradições litterarias, e do outro luta com a orthographia portugueza e com a hespanhola.

LA NINA

PERDIDA NO CAMPO, E ACHADA NO LHOGAR

Original

Transcripção phonetica

1

1

Y-era num daqueilhes meses,
quando cantava la rolha,
e a certas ninas pequenhas,
qualquier cousa se le entolha.

Yera ũ d'aqueilhes me^ses,
Quando cantaba la rolha¹,
I a estas ninas pequenhas
Qualquie^r cou^fa² se l' antolha.

2

2

Havi-e comprado mieu pai
um tagalhico⁴ de ouveilhas,
e fumos y-o-u, e la nina
alha pal monte com eilhas.

Habi^e cumprado mi^eu³ pai
Um tagalhico⁴ d' oubeilhas⁵,
I fumos, you⁶ i la nina,
Alhá pa l monte cū eilhas.

¹ Em Duas-Igrejas ouyi dizer 'róla.

² Melhor talvez *cōufa*. E assim tambem *ouveilhas*, *sōus*, *yōu*, *ōutro*, *rōuca*, *passōu*, nas quadras 2, 5, 8, 10, 11 e 12.

³ Ou *miu*.

⁴ = *tagalh-ico*, diminutivo de *tagalho*, «conjuncto de sete ovelhas»; *tagalhico* significa tambem, em geral, pequena porção de ovelhas.

⁵ Vid. nota 2.

⁶ Vid. nota 2.

3

Lhevemos nussa merenda,
i-era de trigo bien goapo,
para cenar a la nuíte.
Las castanholas num saco.

3

Lhebémós nõssa merenda
(Yera de trigo biç guapo!)
Para cenar a la nuíte.
Las castanholas¹ num saco.

4

El die estava muy cralo
el monte cheno de froles.
Los paxaricos cantavam
las su-os cantigas d'amores.

4

L dię staba mui cralo²,
L monte cheno de froles;
Los paxaricos³ cantabã
Las sũes cantigas d'amores.

5

La nina apanhava froles,
e arranjava sous ramicos,
e cantava su-os cantigas
a par de los paxaricos.

5

La nina apanhava froles,
I arranjava sous⁴ ramicos,
I cantaba sũes cantigas
A par de los paxaricos.

6

Cada couza que fazi-e
la palombica innocente
como eram sin malicia
fartava de rir la gente.

6

Cada cou/a⁵ que fazię
La palombica⁶ einocente,
Como erã si malicia,
Fartaba de rir la gente⁷.

¹ «Castanhetas».

² Em Duas-Igrejas ouvi dizer *claro*, como em português. Em port. ant. também se encontra *cralo* (dissimilação). Esta palavra é de origem literária em português; e em mirandês é de origem portuguesa: senão em ambos estes idiomas os *cl-* lat. estariam representados por *ch-*.

³ *Paxaricos*, «passarinhos». Cf. gall. *paxaro*.

⁴ Vid. nota 2 da pagina precedente.

⁵ Vid. nota 2 da pagina precedente.

⁶ «Pombinha». — Cf. hesp. ant. *palomba*. Também em cantigas populares portuguesas se encontra *palomba*. Diz-se em mirandês *palumbica*?

⁷ Na redacção d'esta quadra commetteu-se um anacolutho, devido á significação vaga do pronome *cada*. O sentido é: «como eram sem malicia as cousas que a pombinha fazia, a gente fartava (ou fartava-se) de rir».

7
Y-a quage al anuitecer
eilhi al valhe del pino,
emponteila para casa
e perdi-o-se no camino.

7
Yá quaije al anuitecer,
Eilhi al balhe de l pino¹
Ampuntei-la² para ca/a,
E perdiu-se no camino.

8
Y-o-u cuidei queilha abrie ido
dreitica a tener a casa
num-me tornei acordar
De la buona la rapaza.

8
You cuidei qu' eilha habriẽ ido
Dreitica³ a tener a ca/a;
Nũ me tornei a 'cordar⁴
De la bõna la rapaza⁵.

9
Mie mai coidando que estava
comigo bien recolhida,
e elha lalma de Dios
toda la nuite perdida.

9
Miẽ mái, coidando⁶ que staba
Comigo biẽ recolhida;
E eilha, l alma de Dios,
Toda la nuite perdida!

10
Ai... Ai... mie nina del alma?...
para dezir la verdade
solo de y-o-u lo contar
dame muita senhardade.

10
Ai... ai... miẽ nina de l alma!
Para dezir la berdade,
Solo de you⁷ lo cuntar
Dá-me múita senhardade⁸.

¹ «Alli ao Valle do pinheiro» (talvez nome de sítio).

² «Encaminhei-a». Também se usa em tal sentido *empontar* na nossa linguagem familiar.

³ «Direitinha».

⁴ = a acordar. Vid. GRAMMÁTICA, § 38.

⁵ Em port. «da boa da rapariga». A expressão *la bõna la rapaza* está por *la bõna de la rapaza*, onde a preposição *de* serve de designar o que grammaticalmente se chama apposto definitivo: cf. Epiphânio Dias, *Gramm. port. elementar*, 9.^a ed., § 154. A preposição *de* perdeu-se por processo analogo a outros mirandeses que vimos no vol. I d'estes *Estudos*, pp. 473-475.

⁶ Em Duas-Igrejas ouvi dizer *cuidar*. Em gallego também se diz *coidar*, com o. — Lat. *cogitare*. — Todavia na quadra 8 o Sr. Reitor escreve *cuidar*.

⁷ Vid. nota 2 da p. 31.

⁸ Significa: «pena, tristeza». — Tendo eu perguntado ao Sr. Reitor se haveria engano na escrita d'esta palavra, elle por duas vezes

11

Aparciu al outro die
arrimadica a u-a esquina
toda rouca de chorar
la cuitadica la nina.

11

Aparciu a l oútro¹ die
Arrimadica a ãa² squina,
Toda rouca³ de chorar,
La cuitadica la nina⁴.

12

Naide deixe asi angicos
solos al Dios temedou,
pude suceder amuitos
Lo que a esta le passou.

12

Naide deixe assi anjicos
Solos al Dios te me dou⁵:
Pode soceder a múitos
Lo que a esta le passou⁶.

Este trecho vem confirmar o que já disse a cima:
que as diferenças da linguagem da aldeia de S. Mar-
tinho em relação às do centro são morfológicas (em
pequeno número) e lexicológicas.

III. Sendinês:

No pequeno opusculo, que em 1886 publiquei no Porto
com o título de *Línguas raianas de Tras-os-Montes*, dei
já uma notícia, embora imperfeita, d'este sub-dialecto.
Como estive em Sendim em 1884; como aqui em Lis-
boa falei por vezes com um soldado da guarda-fiscal
natural da lá, e perfeito conhecedor do sendinês; e

m'a confirmou. A palavra, de facto, explica-se phoneticamente
muito bem pelo lat. *singularitate* - > **sing'lar'dade* (GRAM.,
§§ 70 e 103) > *senhardade* (GRAM., p. 285). Vem, pois, *senhardade*
a significar na origem o sentimento d'aquelle que está só: tristeza
e soledade! como diria Herculano.— Cf., quanto á evolução pho-
netica, o port. arch. *senhos* < singulos.

¹ Vid. nota 2 da p. 31.

² Ou melhor *ũã*.

³ Vid. nota 2 da p. 31.

⁴ Em português: «a coitadinha da menina». Sobre a omissão
do *de* vid. a nota 5 da p. 33.

⁵ Ou melhor *dõu*.— A expressão «a l Dios te me dou» significa
em português: «ao Deus dará». O artigo tem por fim determinar,
não o substantivo seguinte, mas toda a phrase.

⁶ Vid. a nota 2 da p. 31.

como o Sr. Francisco Maria Guerra, a quem já me referi no vol. I, pp. IX e 407, teve a amabilidade de me oferecer muitas notas: posso aqui tratar um pouco mais amplamente d'este sub-dialecto do que do raiano.

As diferenças essenciaes entre o sendinês e o mirandês do resto da região são as seguintes, quanto á phonetica:

a) em sendinês o *l* latino inicial não se palatizou como em mirandês, conservou-se intacto como em português; ex.:

lat. *lana* { mir. central e raiano: *lhana*
send. *lana*.

vid. GRAMMATICA, § III.

b) em sendinês o *e* aberto latino deu *i*, ao passo que nos restantes sub-dialectos deu *ie*, nas condições estudadas na GRAMMATICA, § 50; ex.:

lat. *fēsta* { mir. central e raiano: *fiēsta*
send. *fista*.

d) A *-ie* mir. corresponde também *-i* em send.; ex.:

Send.	Mir. central e raiano
<i>ti</i>	<i>tiē</i>
<i>tis</i>	<i>tiēs</i>
<i>mi</i> ¹	<i>miē</i>
<i>di</i>	<i>diē</i>
<i>jantari</i> (1. ^a pess.)	<i>jantariē</i>
<i>jantaris</i>	<i>jantariēs</i>
<i>jantari</i> (3. ^a pess.)	<i>jantariē</i>
<i>jantarimos</i>	<i>jantariēmos</i>
<i>jantarides</i>	<i>jantariēdes</i>
<i>jantari</i> (= <i>jantarim</i>)	<i>jantariē</i>
<i>bi</i>	<i>biē</i> («via»).

vid. GRAMMATICA, §§ 56 e 231-232.

¹ Mas no masculino diz-se *miu* como em mirandês normal.

c) A *o* (*ũo*) mir. corresponde em send. *u*; ex.:

lat. hortu- { mir. central e raiano: *orto* (*ũorto*)
send. *urto*.

vid. GRAMMATICA, § 58.

d) A *-ũe* mir. corresponde em send. também *-u*; ex.:

Send.	Mir. central e raiano
<i>ru</i>	<i>rũe</i> (a par de <i>ruga</i>)
<i>tu</i>	<i>tũe</i>
<i>su</i>	<i>sũe</i>
<i>dus</i>	<i>dũes</i> .

vid. GRAMMATICA, § 64.

e) Á syllaba final mirandesa *-iẽ*, que é accentuada no 2.º elemento (ditongo crescente), corresponde em send. *-iẽ* ou *-iẽ*¹, com o accento no 1.º elemento; ex.:

Send.	Mir.
<i>quíẽ</i> ou <i>quiẽ</i>	<i>quíẽ</i>
<i>bíẽ</i> ou <i>biẽ</i>	<i>bíẽ</i>
<i>cíẽ</i> ou <i>ciẽ</i>	<i>cíẽ</i> .

mas se estas palavras se tornam proclíticas, os digraphos reduzem-se a simples vogaes,—*quĩ*, *bĩ*, *cĩ*: vid. GRAMMATICA, § 50 e OBSS.

f) Parece que não existe em sendinês a terminação mir. *-õũ*: cf. GRAMMATICA, § 110. Nos meus cadernos encontro *rõuquidão*, *satisfação*, *são*²; o Sr. Francisco Maria Guerra cita-me também: *licião*, *tencião*, *determinação*, que, por causa do *i*, estão mais proximas da terminação lat. *-itione-*, do que as fórmulas portuguesas correspondentes. No plural, porém, diz-se *calções*, *botões*, *cundiciones*, sem *i*.

¹ Á cêrca d'esta differente orthographia vid. vol. 1, p. 220-nota.

² Todavía devo dizer que noutro caderno tenho *sõũ*.—Este ponto fica, pois, ainda para averiguar.

g) No fim de palavra, em syllaba atona, diz-se *-ẽ*, e não *-ẽ* (como succede em mirandês); por ex.: *tenẽ*, *debẽ*, *fujẽ*.

h) A cêrca de certo valor do *i* vid. adeante, p. 40, nota 4.

Creio serem estas as principaes differenças phoneticas. Pelos §§ *e*, *f* (se os factos mencionados neste último são bem exactos) o sendinês assemelha-se mais ao português do que ao mirandês central e raiano. No restante o sendinês é igual á falla vizinha: é assim que mantem o *L* e *N* latinos intervocalicos, por ex.: *cuneilho*, *bino*, *cheno*, *tronar*, *arena*, *corona*, *sano*, *buno*, *maçana*, *benir*, *escalada* («escada»), *pala* («pá»), *malo*, *salir*, *colubra* («cobra»), *cilo* («ceu»), *molino*; tem *õu*, por ex.: *õubir*, *lõugo*, *yõu*, *stõu*, *rõuca*, *sõu* («seu»), *tõu* («teu»); tem *miu*, *tiu* («tio»), *iuga* («egoa»); tem *marĩ*, *torrĩ*, *famiĩ*, *partiĩ*; tem *deixã*, *séiã*, com *-ã*; tem *mái* e *múito* (sem nasal); tem *ũ* atono em *cundiciones*, *cumprei*.

As differenças phoneticas imprimem, já se vê, certo character á morphologia: é assim que as fórmulas verbaes que em mir. tem *-ig*, tem *i* em send., como mostrei; á forma *yẽ* do verbo *ser* corresponde em send. *yi*. Vid. sobre isto a GRAMMATICA, p. 418.—Á cêrca de *deira* vid. a GRAMMATICA, p. 431.—Em vez do mir. *trago* e *traço* diz-se em send. *tráio* [*trayo?*]; cf. hesp. arch. *trayo*.—O plural do pronome pessoal *él* é, não *eilhes*, como em mir., mas *eilhos*; cf. hesp. *ellos*. Outros pronomes interessantes são: *esto*, e os que já citei na GRAMMATICA, p. 355, *comeyo* («comigo») e *cunteyo* («comtigo»), onde eu disse que elles correspondiam aos antigos pron. port. *meço*, *teço*, *começo*; não sei porém se esta affirmacão é exacta, poisque encontro nos meus cadernos tambem *ameio* [*ameyo?*] < *amicu-*, e *feio* [*feyo?*] < *ficu-*, factos que nos mostram não só *ei* por *i*, mas syncope de *g* secundario (isto é, nascido de *c* latino depois de vogal palatal: *amicu-* > *amigo* > *ameio*); outro exemplo d'esta syncope está (sem fallar

em *fieira*, «figueira»), em *dia* («diga» < dica-) e *diã* < *dicant*. — Entre os advérbios noto *antoces* (GRAMMÁTICA, pp. 450-451). — Correspondentemente ao mirandês *ne* diz-se em sendinês *no*, como em português, e parece que *nel*. — Em vez do mirandês *até* o Sr. Guerra escreve *ata* (vid. adeante, p. 41) e *atal*, em ligação com o artigo.

Como facto de phonetica syntactica cito este, que também se dá em S. Martinho de Angueira (vid. supra, p. 30): o adj. *buno* em próclise torna-se *bū*, pelo menos antes de consoante, por ex.: *bū pai*.

As diferenças grammaticaes correspondem, como é natural, diferenças lexicologicas, sem fallar naquellas que dependem das diferenças phoneticas; por exemplo: «collete» diz-se em send. *sartū*, com accentu no *ū* (cf. dialecto gitano *serta*, «camisa»), ao passo que em Duas-Igrejas se diz *jaleco*; «flor», em mir. central *flor*, é em send. *fról*, no pl. *fróles*, formas que também apparecem em port. arch., da última das quaes veio, quanto a mim, o nosso appellido *Froes*, que é propriamente o pl. port. de *frol*; «jaqueta» diz-se em Duas-Igrejas *béstia*, e em send. *rabona*, palavra derivada, parece, de *rabo*¹. Mas não posso dar aqui a lista completa de todas as diferenças.

Já na GRAMMÁTICA MIRANDESA eu havia indicado os pontos de separação que ha entre o sendinês e o mirandês normal; aqui porém repeti-os em globo para maior commodidade dos leitores, e augmentei-os.

¹ Se ha alguma semelhança entre esta palavra e o adj. hesp. *rabon*, fem. *rabona*, que se applica «por antifrasis al animal á quien se ha cortado el rabo» (*Dicc. da Acad. Hesp.*), póde a designação de *rabona* ser na origem um diminutivo em *-on*; cf. port. pop. *coixão* (de *coixa*); o diminutivo em *-on* é frequente em francês. — Cf. na mesma ordem de ideias *rabona* em Mogadouro e Lagoaça, onde significa «enxada de cabo curto»: vid. *Revista Lusitana*, v, 102 (artigo de Augusto Moreno).

Trancreverei agora alguns textos neste sub-dialecto: o primeiro texto (canções) foi colligido por mim da bôca do povo, em Sendim, em 1884; os outros foram-me enviados pelo Sr. Guerra.

a) *Canções:*

Yirba cidreira no mόνte
Yi regalo de los pastóres:
Deixá l ganado na yirba
I bã a bér los sôus amóres.

Miu canibete de prata
Caiu no mar, afogôu-se:
L amor que tu me tenís
Era pôuco i acabôu-se.

Se la parréira nuba déira
Bei/ós cumo dá abraços,
Tódo l timpo gastará,
Amór miu, ã seguir tóus passos.

Yôu hei d'ir a l cilo ã bida,
Solo por ber nusso Senhór,
Que me deixôu néste mundo
Cumo ôubeilha sî pastór.

Quî me déira d' eiquí bér
Quî yôu tráio no sentido:
Fracisco i Antonho...
I Manúl l mais q'rído.

Los mius ulhos que são dôus botones,
São colhidos na frol de l tóu rostro;
Las tûes faces são tã carmelindas
I tu sós ũña dama de gusto¹.

¹ Não parece ser de origem popular. Tem, porém, como todas as outras, o merito da lingoagem.

Las tûes faces mimosas
 I los tûos ulhos cristalinos
 Desanquietá la mi' alma,
 Cau/a-me¹ grandes de/atinos².

L sol, que se báí disponendo
 Alhá pela bena de Chabes,
 Di-le a l miu amor
 Que benga, qu' yôu murro de saludades.

Saludades de três dies
 Para mi³ são três somanas:
 Quĩ chegará a l Domingo⁴
 Cum saludades tamanhas?

Fustes a dezir mal de mi
 A quĩ miu peito adora:
 Se múito me q'ri d'antes,
 Múito mais te quiro agora!

b) *Carta*:

Amiio⁵ Manul: Nel domingo po la manhana tengo tencião de iir⁵ fazer-te ũa bejita, por esso nũ báias co las bacas, manda ũ rapaç culhas⁶, que yôu tengo gana de falar cumtiao⁵, e para esso debo star ende a las nube de manhana temprano. Bôu alhá nũ solo por bér-te, mas tamĩ para te pedir ũ fabór, porque bĩ sabes que yôu tamĩ serĩ capaç de te lo fazer ã tales cundiciones.

¹ = *caufã-me*, tendo-se absorvido a nasal do *a* no *m* seguinte.

² Esta quadra não é de origem popular.

³ O *i* aqui tem certo som especial.

⁴ Parece que o *i* d'esta palavra, e em *cumtiao*, se pronuncia differentemente do *i* ordinario, talvez tendendo para *e*; mas nada posso agora adeantar a isto. Terão alguma relação com esse phenomeno as fórmãs *cunteyo*, *comeyo*, *ameio* e *feio*, por «comigo», «comtigo», «amigô», «figo», citadas a cima? Nem o *i* na primeira palavra será rigorosamente *i* nem o *e* nas segundas será *e*. Cf. no § b) d'estes textos a graphia *amiio*.

⁵ Á cêrca do *ii* vid. supra, nota 4.

⁶ «Com ellas».

Cumo te dixei l' öütro di, cumprei a Antonho Grigüiro la cafa que tení ã ru de las Frangas por nube libras; cumo yôu solo tengo site, tenes de m'amprestar dus ata¹ el brano, que benda el centeno u el biino², i antoce te las pago. Fui acupar-me cû Francisco Binhão, i nû me las quiço emprestar; yôu bî sabî que las tení, mas acá l' aspero. Ata l' domingo. Dá-le múitas bejitas a la tu ti, i tóus armanos i mái.

c) *Phrases e adagios:*

Quí múito durme pōuco aprende.

Anque diã que nó, l' home fui criado por Dîus.

A los rapazes hái que dá'-le pã nûa mano i palo nõutra.

Los que fûrẽ sanos de corpo i alma nû são probes.

Pã d'oje, carne d'onte i bino de l' öütro brano
Fázẽ l' ome sano.

Quí cena i lõugo se báí a deitar
Mala nuíte ha-de passar.

Náide faga mal cû sentido que l' ha-de benir bî.

Que l' amporta a náide las bidas de náide?

Múito i bî
Nû háí quí.

Bunos dis, armano!

Bunas núites!

¹ Sôa *atã*?

² Vid. p. 40, nota 4.

*

Outros pequenos textos foram insertos no vol. I, pp. 355 e 414-nota (cantigas), e no citado opusculo *Línguas raianas*, p. 12.

Deixo ao Sr. Francisco Maria Guerra o cuidado de profundar o estudo científico do sendinês, como seu idioma natal que é. Creio que ninguém como elle pôde dar-nos desde já uma grammatica desenvolvida e um vocabulario extenso d'este sub-dialecto.

III

Caracteres e classificação do mirandês

Relações linguísticas do mirandês com os idiomas vizinhos. — Dialecto trasmontano-raiano. — Português em geral. — Guadramilês. — Rionorês. — Fallares de Ermisende e Castromil. — Gallego em geral. — Berciano. — Fallares de Boal, Franco e Navia. — Asturo-leonês. — Comunidade dos phenomenos linguisticos. — O que se entende por lingua e dialecto. — Logar do mirandês no quadro dos idiomas do Noroeste da Iberia.

Quando na GRAMMATICA expus os factos phoneticos, morphologicos e syntacticos do mirandês, tive o cuidado de os ir comparando, sempre que isso vinha a proposito, e eu o pude fazer, com os factos semelhantes dos idiomas vizinhos; ao mesmo tempo vimos os caracteres d'aquelle, quer em relação ao latim, quer em relação a estes ultimos idiomas. Convém agora, para que melhor se comprehenda em que consistem as peculiaridades e as differenças, considerar em grupo o que primeiro se estudou avulsamente, e ampliar as comparações. D'este novo exame se evidenciará qual o lugar que o mirandês occupa no quadro dos idiomas do Noroeste da Iberia, pois são taes idiomas os unicos que tem de entrar na discussão.

Em Portugal o mirandês confina unicamente com as fallas que constituem o conjuncto que na classificação dos dialectos portuguezes chamo *sub-dialecto trasmon-*

*tano-raiano*¹; ellas rodeiam-no pelo Sul e Occidente. Só caminhando-se mais para NO. se encontrarão, dentro ainda do nosso país, em Rionor (ou Riodonor) e Guadramil, outras fallas que se afastam dos dialectos portugueses propriamente ditos.

Ao Sul da Terra-de-Miranda fica o concelho do Mogadouro. Ao Occidente fica toda a parte do concelho do Vimioso que não está incluída na moderna área geographica do mirandês.

O mirandês tem maiores semelhanças com as fallas de Vimioso do que com as do Mogadouro; todavia é á região do Mogadouro que pertence o documento medieval que citei no vol. I, p. 127, e onde se lê *sou*, «seu», correspondente ao mir. mod. *sõu*, e *soum*, «são» (do verbo *ser*), correspondente ao mir. mod. *sõl*. As linguas modificam-se com o tempo; se se pudessem obter mais documentos com textos dialectaes, descobrir-se-hiam certamente outros pontos de contacto. No «Vocabulario trasmontano» publicado pelo Sr. Augusto Moreno na *Revista Lusitana*, vol. V, e que contém palavras de Mogadouro² (e Lagoaça³), encontro *alcacél* (p. 24),

¹ O povo trasmontano chama á lingoagem portuguesa popular da raia *falla chamorra*, por opposição á *falla politiga* ou portuguesa culta: assim ouvi, por exemplo, em Montezinho, cuja lingoagem offerece bastantes particularidades, taes como preteritos em *-érũ* na 1.ª conjugação (por analogia com a 2.ª), *cheu* por «cheio» (gallêgo meridional *cheo*), *teis* por «tens», como em berciano, *muto* a par de *munto*, tratamento de *vós*, etc.

² Num doc. do sec. XIII (vid. APPENDICE I, doc. n.º 3) o nome d'esta terra é *Mogodoyro*. Se Mogadouro não ficasse tão longe do Douro, eu perguntaria se a fôrma *Mogodoyro* poderia decompor-se em *Mogo-Doyro*. Como é sabido, *mogo* em português antigo significa «marco». No emtanto, se a villa fica longe do rio, o concelho péga com elle.

³ A fôrma antiga do nome d'esta terra é *Lagõaça* (vid. APPENDICE I, doc. n.º 5) = *lagõ-aça*, de **lagõa*, o que está de accôrdo com o que á cêrca de *lagõa* disse no vol. I, p. 123: effectivamente o fem. de **lagão* devia ter sido **lagõa*, antes de ser *lagõa*.

canhona, «ovelha» (p. 35), *raça* de sol (p. 102), que são palavras da Terra-de-Miranda; encontro mais: *faceiro* (p. 88), variante do mir. *faceira*; *malhão* (p. 96), que parece também ser mirandês; *rabona* (p. 102), que se relaciona com a palavra mirandesa que tem a mesma fôrma; *palanco* (p. 99), que é de certo o etymo de *Palancar*, aldeia do concelho de Miranda (vid. o vol. I d'estes *Estudos*, pp. 93-94); *peina* e *peinaços* (p. 100), que se relacionam com o mir. *peine* «pente»; no mesmo Vocabulário lê-se ainda *cochina* (adj.: «çuja»), que tem como fôrma paralela em mir. *cochino* «porco», *cochina* «porca» (subst.); e *aterlondar* «atordoar», que talvez se relacione com o mir. *stelondro* «estrondo». Pela minha parte ouvi empregar na falla de Meirinhos, do mesmo concelho, *ourifeiro* «ourivez», palavra a que corresponde a mir. *ouribeiro* (cf. *Revista Lusitana*, v, 52 e nota). Os factos mencionados, porém, uns por serem em pequeno número, outros por não serem especiaes da região em que foram colligidos, não bastam para só de elles se concluir que o mirandês se estendia outr'ora mais para o Sul; se isso succedia, o que não é improvavel, faltam as provas: hoje em Mogadouro falla-se português.

Entre o mirandês e as fallas do concelho de Vimioso ha, em certos casos, muitas analogias. Á cêrca d'estas fallas vid. os meus «Dialectos trasmontanos» publicados na *Revista Lusitana*, II e III; ainda porém não publiquei tudo o que tenho colligido. Na Matella, por exemplo, diz-se *fai* «faz», como em mirandês; na villa de Vimioso póde ouvir-se *tôu*, *sôu*, que são também pronomes mirandeses. Em Campo de Vibora ouvi: *lougo*, cf. mir. *lhôugo*; *sou*, cf. mir. *sôu*; *stubiisse*, como em mirandês; *pujo*, cf. mir. *pufo*; *iou*, cf. mir. *yôu*; *rifa*, «riso», como em mir. (cf. hesp. *risa*); *sentar*, *sacramentado*, *bender*, com *ẽ*, como em mir.; *muntôu*, com *ũ* < *õ* atono, como em mir.; *naquestas* «em estas», cf. mir. *aquesto*; *Joã*, como em mir.; *houbo*, em mir.

hõubo; tēnē, cf. mir. *tēnē*; *bēuē*, cf. mir. *bēnē*; *iba*, como em mir.; *haba*, como em mir.; *-ábã* no imperf. dos verbos da 1.^a conj., como em mir.: todavia ha na lingoagem de lá muitos phenomenos que são contrarios á grammatica mirandesa, como a terminação *-ia* (*dezia*, etc.), *beu* «veiu», *screbeu*, *bô* e *bõu* «bom», *bēi* ou *bāi* (com *ā*) «bem», etc. Ou no Campo de Viboras, que é povoação que logo se encontra quando se sae da Terra-de-Miranda por S. Pedro da Silva, se fallou algum dia mirandês, e d'isso ficaram uns restos, ou a lingoagem d'aqui constitue um dos pontos de transição do mirandês para o português.

Quem vae do concelho de Miranda pelo NO. para o de Vimioso¹, a primeira povoação a que chega fóra da Terra-de-Miranda é Avellanos, na margem esquerda do rio Angueira. Em Avellanos falla-se português, como tive occasião de verificar quando lá estive, mas os phonemas grammaticaes da falla de lá analogos aos do mirandês são muitos: *oufar* «usar», *oubrigado*, *oubdecer*; *Einés* «Ignês», *einemigo*, *Eigito*; a terminação *-éilho* (que não ouvi nas povoações vizinhas fóra da área mirandesa); *rõi* «ruim»; *quēi*; *bubimos*, *bubistes* «bebemos», «bebestes»; *diçē*, *quérē*, *bénem* «vem», *iba* «ia»; *faleito* «feto», como em mirandês, do lat. *filectu*, com o *-l-* caracteristico do mirandês, *mulo*, com o mesmo *-l-* caracteristico,—em port. ant. *muo* (cf. *Serra do Mu*), lat. *mulu-*; *xórdo* «surdo», como em mirandês e gallego; o phenomeno syntactico mirandês que estudei no vol. I, pp. 473-475, encontra-se igualmente no onomastico de Avellanos: *Ourreta la' cer-*

¹ A fôrma antiga d'esta palavra é *Vimeoso* (vid. APPENDICE I, doc. n.º 5), que provavelmente no sec. XIII se pronunciava *Vimēoso*, pois no mesmo doc. alatina-se a palavra em *Viminoso*. De facto o etymo é **viminosu-*, do th. *vimin-* (nomin. *vimen*, «vime»).—O nosso onomastico contém outras palavras da mesma familia: *Vimeira*, *Vimeiro*, *Vimieira*, *Vimieiro*.

*vas*¹, *Ourreta*² *l inferno*, *Peinha la pala*, onde ao mesmo tempo se vê, como que petrificado, o *l* que corresponde ao do artigo mirandês; no referido onomastico se encontra ainda *Lameirona* (cf. *-ona* em mirandês no vol. 1, p. 123). Comparando-se a propria palavra *Avellanos*,— que vem do lat. *avellana*— «avellã», como *Pedroso*, de *pedra*, *Salgueiroso*, de *Salgueiro*, *Nagoso* = **No-goso*, de *nuc*e- «noz» —, com as fórmulas irmãs *Aveloso*, *Velloso*, *Vellosos*, *Avellosa*, *Vellosa*, que se repetem no onomastico português, nota-se que a primeira se differença das outras pela manutenção do *-n-* latino intervocalico, o que constitui um ponto de separação radical entre mirandês e português: póde pois asseverar-se que *Avellanos* é até certo ponto uma fórmula petrificada, uma especie de meio termo entre a fórmula genuinamente mirandesa d'esta palavra, isto é, *Abelhanoso* ou *Abilhanoso*, e as fórmulas genuinamente portuguesas, isto é, *Avellosa* e *Velloso*³. É por estas razões que supponho, como

¹ *la'* por *las*, porque o *-s* foi absorvido pelo *ç*- seguinte; cf. GRAMMATICA, § 38.

² É provavel que nesta palavra e em todas as outras com o ditongo *ou* este se pronuncie *ou*.

³ Como disse no vol. 1, p. 333, ha em português certos nomes derivados que conservam o *n* que caiu nas respectivas fórmulas primitivas, como *canito*, no Sul, — cf. *cão* < *cane* —; por tanto parecerá a alguém que *Avellanos* estará neste caso, e será pois um exemplo pertencente a uma classe geral, e não um facto de valor puramente local, como eu creio que é: a isso objectarei que a circumstancia de *Avellanos* se encontrar uma só vez no onomastico (representado pela *Corographia moderna*, de J. M. Baptista, que tem um rico indice onomatologico), ao passo que *Avellosa* e as outras fórmulas irmãs, que citei, se encontram pelo menos doze vezes, sem fallar noutras fórmulas da mesma familia, e numerosissimas, como *Avellada*, *Avellaes*, *Avellal*, *Avellar*, *Avelleda*, *Avelleira*, *Avelleiras*, *Avelheiro*, *Avellino*, *Vellal*, *Velledo*, *Velledos*, *Vellida*, todas igualmente sem o *-n-* originario, e algumas pertencentes tambem ao N. de Tras-os-Montes, é sufficiente para fazer pôr de parte tal ideia. — A palavra *Avellanos* está para o espirito do povo bastante afastada de *avellã*, para que

disse no vol. I, p. 475-nota, que em Avellanos se fallou algum dia mirandês, ou pelo menos um idioma intimamente apparentado com elle, supposição aliás perfeitamente verosimil, pois que o termo d'esta povoação péga com o termo de S. Martinho de Angueira, povoação já mirandesa.

Continuando a nossa viagem pelo NO., passamos por Valle-de-Frades, e, para lá do rio de Maças, por Paradinha, Rio-Frio, Quintanilha, Deilão, Petisqueira. Vejamos algumas semelhanças e diferenças entre as linguagens da maior parte d'essas terras e o mirandês.

Em Valle-de-Frades diz-se *bubiste, öubo, cumprêste*, como em mirandês, mas apresenta a linguagem de lá bastantes diferenças, taes como o ditongamento de *o* ao pé das labiaes, *puoço, muoço, buote, fuoste, fuogo* (mas *roto, dote*¹), e o ditongamento, com labialização, do *a* accentuado, tambem ao pé das labiaes, *rapuãos, capuãos, puota*.

Em Paradinha não estive; a linguagem porém não deve differir da das vizinhas.

Sobre a falla de Rio-Frio ha um excellente artigo do Sr. Gonçalves Vianna na *Revista Lusitana*, I, 158 sqq.;

este pudesse pôr em connexão uma com a outra; já não assim *avellanal*, que entra perfeitamente na categoria que estudei no cit. loc. (vol. I, p. 333),—poisque na formação dos nomes significativos de sítios plantados de arvores ou abundantes de frutas o suffixo *-al* (e aqui quasi *-nal*) é vivaz, ao passo que *-oso* não: por isso desde o momento que o suffixo *-oso* passou á classe dos suffixos mortos (cf. GRAMMATICA, §§ 177 e 178), *Avellanos*, se fosse palavra portuguesa, tinha perdido o *n*, como o perdeu *Aveloso, Velloso*, etc.—É curioso que num texto português do sec. XIII, que cito no APPENDICE I, doc. n.º 5, se leia *Avelaoso*, que talvez se pronunciasse *Avelãoso*. Temos assim ao lado da fôrma, que supponho mir., isto é, *Avellanos*, a fôrma port. *Avellaoso*, que ia a caminho de se tornar *Avelloso* e *Velloso*, mas que o não chegou, porque a fôrma indigena prevaleceu. Este documento confirma o raciocinio precedente.

¹ Este ditongo *uo* differe do mir. *üo*.

nessa falla se encontra: *iba*, como em mirandês; *öuvo* (ou *öubo*), cf. mir. *öubo*; *aende*, cf. mir. *ende*; *bubela* «poupa», cf. mir. *böubiêlha*; *canhona*, como em mirandês; *tagalho* «rebanho», como em mirandês (vid. supra, p. 31, nota 4),— embora as diferenças entre o português de Rio Frio e o mirandês sejam muitas, pois os phenomenos característicos d'este, como *-l-*, *-n-*, *uø* ou *ø*, *iê*, etc., não apparecem lá.

Em Quintanilha *buber* faz no pret. *bubistes*, cf. mir. *bubiste*; o pret. de *ser* é *fumos*, *fusteis*, cf. mir. *fumos*, *fustes*; diz-se *rõi* «ruim», cf. mir. *rõi* ou *rõi*; *qualquera*, cf. mir. *qualquiêra* e *qualquera*. É difficil decidir se a palavra *Quintanilha*, pela manutenção do *-n-*, pois esta palavra vem de *quintana* (cf. port. *quintãa*, *quintã*), tem um resaiço da phonetica mirandesa, ou se este *-n-* entra na categoria de que fallei no vol. I, p. 333 (*botanico*, de *botão*, etc.) e a cima, p. 47, nota 3; o facto de no onomastico do Sul existir *Quintanilha* póde apoiar a primeira hypothese, mas este nome, por se applicar a uma quinta, quem sabe se terá origem no de um antigo proprietario? No onomastico de Leão e noutros da Hespanha apparece repetidamente *Quintanilla*. Apesar das semelhanças que citei a cima entre a linguagem de Quintanilha e o mirandês, existem muitas diferenças: assim o pret. da 1.^a conj. é *cortárũ* ou *cortáro* (mir. *-órũ*), usa-se a terminação *-elho* (mir. *-eilho*), diz-se *têi* ou *tãi*, etc.

Deilão¹ pertence ao territorio chamado *A Lombada*, que consta de mais outras povoações. Os habitantes

¹ Para o estudo da etymologia da palavra *Deilão* note-se que não só ha em Portugal, na Beira, outro lugar com este nome, mas que ha nas Asturias *Deilan*.—Talvez o etymo esteja num derivado de *Dellius*, por ex.: *fundus Dellianus*. Como é sabido, ha muitos exemplos analogos. No *Onomasticon* de De Vit citam-se varios *fundi Delliani*.—Nas inscrições romanas da Peninsula tambem se encontra o gentilico *Dellius*.

d'este territorio chamam-se *lombardeses*, e a sua linguagem *falla lombardesa*. De Deilão escreve Pinho Leal no *Port. ant. e mod.*, II, 466: «fica proximo da raia, e a gente d'aqui já falla mais hespanhol do que português». A última affirmação não é exacta, comquanto a linguagem de Deilão contenha certas particularidades notaveis: ahi ouvi *soi* «sou», hesp. *soy*, mir. *sõu*; *binhisté*, mir. *beniste*; *fui*, *fuste*, *fumos*, *fustes*, como em mir.; *fago*, *fáis*, *fai*, como em mir.; *si*, *assi*, como em mir.; parece que ha a terminação *-om* e *coraçom*, etc. (pl. *corações*). A linguagem de Deilão é o português-popular (raiano) de Tras-os-Montes.

Na Petisqueira¹, que fica no extremo da raia, ha phenomenos um tanto especiaes, como: *fuxe* «foge», com *x* por *j*, como no gall. *fugir* (mas diz-se *Joã*); *acá*, *ũa*, *fuste*, *dizê*, *fórũ*; o conjuncto da linguagem d'essa terra differença-se porém muito do mirandês.

Até aqui tenho comparado o mirandês unicamente com fallares portuguezes da raia sêcca, mais ou menos seus vizinhos, e pertencentes á mesma latitude geographica. Se estendermos a comparação a outros fallares, ou mesmo á linguagem geral portuguesa, e ainda ao gallego, que está tão intimamente relacionado com o português, acharemos tambem, ao lado de differenças essenciaes, semelhanças palpaveis. Nesta pequena excursão dialectologica fazemos alto na Petisqueira, porque para lá ficam duas zonas linguisticas que não pertencem ao português; d'ellas me occuparei mais a baixo.

Entre o mirandês e o português geral do N. de Tras-os-Montes ha outras analogias, alem das citadas, como: o ditongo *õu*, que se ouve por extensos territorios; o o

¹ A palavra *Petisqueira* parece, pelo suffixo, significar sítio onde ha abundancia de quaesquer productos naturaes. Existe, pelo menos, mais um lugar e um quinta, com este nome, em Portugal (na Beira, e em Tras-os-Montes). Cf. ainda o nome de de um casal no Algarve *Petisques*.—Mais não posso adeantar.

e e abertos; o ditongo *iu*, ex.: *fríu*, *ríu*; e os sons *ch*, e *b* = *v*, e a distincção entre *s* e *ç* de um lado, e *f* e *ç* do outro,—tudo isto observavel em grande parte de Portugal. Algumas das semelhanças e diferenças phoneticas mais sensiveis entre o mirandês e a nossa lingua commum constam das seguintes tabellas:

a) Semelhanças:

Sons originarios	Port.	Mir.
-A(V)I	<i>amei</i>	<i>amei</i>
-AV-	<i>ouro</i>	<i>öuro</i> ¹
F-	<i>fazer</i>	<i>fazer</i>
-T-	<i>amado</i>	<i>amado</i>
N-	<i>nu</i>	<i>nudo</i>
PL-	<i>cheio</i>	<i>cheno</i>
CL-	<i>chamar</i>	<i>chamar</i>
FL-	<i>chamma</i>	<i>chama</i>

e alem d'isso: o modo de tratar as vogaes atonas finaes (-o = -u, etc.); a existencia de vogaes nasaes provenientes das syllabas -ANE-, -ENE-, -INE-, -ONE-, -VNE- (vid. GRAMMATICA, p. 257); o *l* gutturalizado; a sonoridade do *f* e do *ç*; as palataes sonoras *x* e *j*.

b) Diferenças:

Sons originarios	Mir.	Port.
Ë	<i>tierra</i>	<i>terra</i>
Ö	<i>fũnte, fonte</i>	<i>fonte</i>
-N-	<i>rana</i>	<i>rãa, rã</i>
-L-	<i>malo</i>	<i>mau</i>
-L	<i>lhobo</i>	<i>lobo</i>
-LL-	<i>galhina</i>	<i>galinha</i>
-NN-	<i>panho</i>	<i>pano.</i>

¹ Aproximo estes sons por causa do ditongo. Em hespanhol av deu o.

A par das semelhanças e diferenças phoneticas, ha outras, quer de grammatica, quer de lexico. Pela maneira de formar o plural dos nomes acabados em *l* e em nasal o mirandês separa-se tambem radicalmente do português: o primeiro diz normalmente *caracol* — *caracoos*, *fim* — *fins*; o segundo *caracol* — *caracoles*, *fĩ* — *fines*. As diferenças dos artigos definidos — *l* em mirandês, *o* em português —, são capitalissimas. Os verbos mirandeses do typo de *balanciar* não se encontram em português. Os preteritos mirandeses em *-órũ* constituem outro ponto formal de separação. Pelo contrario, o processo de formar o plural dos nomes acabados em vogal, os artigos indefinidos, grande parte das flexões verbaes, são communs ao português e ao mirandês. Quanto ao lexico encontramos ora as mesmas palavras nos dois idiomas, como *braço*, *faca*, *mal*, *monte*, *nuca*, *obra*, *ser*, — abstrahindo, já se vê, das minudencias da pronúncia, — ora palavras diversas, como *ambelligo* «umbigo», *argolha* «argola», *atlontrar* «atroar», *chano* «chão», *çada* e *eixada* «enxada», *ceridonha* «celidonia», *fatila* «fatia», *lhunar* «luar», *moncas* «monco», *trebo* «favo».

Antes de passarmos ao gallego, que, apesar de já ficar fóra de Portugal, está tão estreitamente relacionado com o português, devemos estacionar um pouco em Guadramil, Riodonor, Ermisende e Castromil, para observarmos as lingoagens d'estas quatro aldeias, as duas primeiras das quaes pertencentes a Portugal, e as duas últimas já a Hespanha.

Riodonor (ou Rionor) e Guadramil acham-se situadas no extremo Nordeste de Tras-os-Montes, concelho de Bragança, logo a seguirem á Petisqueira. Ahi existem duas interessantes ilhotas linguisticas de que dei noticia no meu opusculo *Lingoas raianas de Tras-os-Montes*, Porto 1886. A historia d'estas povoações ascende já, pelo menos, á idade-média. O meu erudito amigo Pedro de Azevedo, official da Torre do Tombo, desenterrou

neste rico archivo a respeito d'ellas umas valiosas noticias, que teve a bondade de me resumir assim: «No Livro das Inquirições, que se diz ser o Livro 2.º das Inquirições de D. Affonso III, vem a cópia de uma em latim que tem a data (a cópia) de 1301 (era de 1339). Nesta encontram-se os dois nomes de Rio de Onor e Guadramil orthographados, o primeiro: (fls. 160 v.) *Barrio de Riulo d'oor*, (fls. 165) *Rio d'oor*; e o segundo: (fls. 115 e 165) *Galdramir*, (fls. 160 v.) *villar de Galdramiro*». D'este documento vê-se que, se as povoações são hoje pequenas, — em 1884 Rionor tinha 26 fogos, e Guadramil 20, — não eram também muito grandes na idade-média, pois que Rionor não passava de um *bárrio* ou *bairro*¹, e Guadramil de um *villar*. Tratemos separadamente de cada uma das povoações, e comecemos por Guadramil, que é, como disse, a que primeiro se nos depara.

A palavra *Guadramil* acha-se sob diferentes fórmulas no onomastico do vizinho reino: *Gardamil* e *Gradamil* na Galliza; *Guadramire* na provincia de Salamanca. Em Portugal encontra-se no Minho *Guardamilo*. Foi na origem talvez nome de homem, em genetivo, como *Constantim*, que estudei no vol. 1, p. 76 sqq.; de facto no *Port. Mon. Hist.* encontra-se como nomes de homens, no sec. x: *Vidramiro*² e *Vedramiro*³, — de certo nomes germanicos, como outros muitos terminados em *-miro*, v. g., *Ramiro*, *Theodemiro*, *Ranimiro*, etc.; a consoante v- < > w- está várias vezes representada por *g(u)* em romance, em palavras de origem germa-

¹ *Bárrio* é palavra ainda usada em Tras-os-Montes para significar divisão de uma povoação: cf. *Revista Lusitana*, II, 116 (hisp. *barrio*). Com effeito só metade da povoação de *Rionor* ou *Rio-donor* é que é portuguesa; a outra metade é hespanhola; e já o mesmo se diz no citado documento medieval.

² *Dipl. et chartae*, pp. 89 e 100.

³ *Ibid.*, pp. 100 e 109.

nica, por exemplo no port., hesp., ital. e prov. *guerra* < *wërra*, no fr. *guérir*, port. *guarir* < *warjan*, no port., hesp., prov. *guardar*, fr. *re-garder* < **√warda* = *warta*, etc. Por tanto parece-me provavel a aproximação que faço, e isto vem em apoio do que fica dito a p. 9 á cêrca de ser povoada a raia trasmontana na alta idade-média.—Entre o quadramilês (assim chamo á lingua de Quadramil) e o mirandês ha semelhanças e diferenças, umas e outras fundamentaes. Vejamos algumas.

a) Semelhanças:

Sons originarios	Guadr.	Mir.
Ē	<i>tamiĕ</i>	<i>tamiĕ</i>
Ō	<i>būno</i>	<i>būno</i>
-N-	<i>manhana</i>	<i>manhana</i>
PL-	<i>chano</i>	<i>chano</i>
-L-	<i>solombra</i>	<i>selombra</i>
EV	<i>mīu</i>	<i>mīu</i>

e alem d'isso -ū- e -ē-, ex.: *cumparancia*, *bentana*; *ou* < AV; *ou-*, ex.: *ourrieta*; *l* gutturalizado; *nasaes*; -ū; muitas fôrmas pronominaes e verbaes.

b) Diferenças:

Sons originarios	Mir.	Guadr.
L-	<i>lhabar</i>	<i>labar</i>
-LL-	<i>abelhana</i>	<i>abelana</i> ¹
j	<i>jardī</i>	<i>xardī</i>
-ia	<i>diē</i>	<i>dia</i>
f	<i>Jafus</i>	<i>Xassús</i>
-lh-	<i>coneilho</i>	<i>coneyo</i>

¹ Não tenho senão este exemplo e *galina*.

e além d'isso numerosas diferenças morfológicas, pois, ao passo que o artigo mir. é *l*, o quadr. é *ðu*, e nos verbos ha preteritos terminados no pl. em *-onē*, como *punióñē*, *labónē*, *saliónē*.—Incidentemente se vê que o quadramilês, se tem pontos de contacto com o mir., os tem também com o gallego (*x* <> *j*, *ss* <> *f*) e com o asturo-leonês (*y* <> *lh*), distinguindo-se d'estes ao mesmo tempo.

Riodonor é a fôrma official; *Rionor* a popular (mas também ouvi popularmente a primeira); àquella corresponde a medieval *Riodoor*, que provavelmente se pronunciava em português *Riodóor*. Como disse a cima, metade da povoação é portuguesa, e a outra metade é hespanhola. D'esta diz Madoz, *Dicc. Geogr. de España*, xiii, 1849, denominar-se também *Rionor*, e dá-lhe naquella data apenas 12 vizinhos e 42 habitantes. O Riodonor português tem lá o nome de *Riodonor-de-Baixo*; o Riodonor hespanhol tem o de *Riodonor-de-Cima*. As lingoagens das duas localidades differem pouco entre si. Aqui occupo-me só da da povoação portuguesa. Chamar-lhe-hei *riodonorês*, ou, mais brevemente, *rionorês*. Vejamos também as relações que existem entre mirandês e rionorês:

a) Semelhanças:

Sons originarios	Rionorês	Mir.
Ē	<i>bĩē</i>	<i>bĩē</i>
Ō	<i>bũosso</i>	<i>bũosso</i>
PL-	<i>chober</i>	<i>chober</i>
-L-	<i>ciēlo</i>	<i>ciēlo</i>
ĒV	<i>mũu</i>	<i>mũu</i>
-ia	<i>diē</i>	<i>diē</i>

e além d'isso *-ũ-*, *-ē-*, *-y-*, muitos pronomes e muitas fôrmas verbaes (entre estas, por exemplo, preteritos perfeitos do indicativo em *-órũ*).

b) Diferenças:

Sons originarios	Mir.	Rionorês
L-	<i>lhabar</i>	<i>labar</i>
-LL-	<i>galhina</i>	<i>galina</i>
-N-	<i>mano</i> <i>cheno</i>	<i>man</i> <i>chē</i>
-d-	<i>passado</i>	<i>passau</i>
j	<i>birje</i>	<i>birxe</i>
-lh-	<i>bielho</i>	<i>bieyo</i>
-ASIV	<i>beifo</i>	<i>beisso</i>

sem fallar nas que existem na morphologia, por exemplo, no pl. dos nomes em -ô, que é -ôs, sem *n*. — Ainda assim, as diferenças entre as flexões verbaes rionoresas e as mirandesas são menores que as que ha entre estas e as quadramilesas (me parece). Vê-se implicitamente que o rionorês se aproxima do gallego e do asturo-leonês pelos mesmos caracteres que observámos no quadramilês, e alem d'isso pela syncope do -d-, mas se distingue tambem, por exemplo, do gallego neste último phenomeno, no modo de tratar o -lh- e na ditongação de ã e õ; juntamente vimos que ha diferenças entre o rionorês e o quadramilês, e fundamentaes, quaes são as que resultam da maneira differente de tratar o -N- e o -d-.

Ermisende (tambem se escreve *Hermisende*; a pronúncia local é *Ermesende*) fica no partido juridico de Puebla de Sanabria, provincia de Zamora, diocese de Orense,— antigo reino de Leão. D'ella escreve Madoz, no *Dicc. Geogr. de España*, ix, 1847, p. 503: «situada entre unas sierras en la raya de Portugal». O mesmo A. attribue-lhe 142 vizinhos e 559 almas. — Estive lá em 1884, e fallei com diversas pessoas. A lingoagem é fundamentalmente portuguesa¹, pois tem *j*, *f*, *z* e

¹ Os proprios Ermesindenses me diziam: «nós fallamos portugûes».

vogaes nasaes, syncopa o -L-, ex.: *moinho* < *moli-nu-*, transforma o -N- em resonancia nasal, ex.: *chão* < *planu-*, representa o *ẽ* e *õ* pelas simples vogaes *e*, *o*, e não por *o* ou *u* e *i*, como o mirandês; todavia tem em commum com este e com o gallego vários phenomenos phoneticos e morphologicos, ex.:

Port. de Ermisende	Gall.	Mir.
<i>pã</i>	<i>pan</i>	<i>pã</i>
<i>trais</i>	<i>tras</i>	<i>trais</i>
<i>trai</i>	<i>trai</i>	<i>trai</i>
<i>iba</i>	<i>iba</i>	<i>iba</i>
<i>dixo</i>	<i>dixo</i>	<i>dixo</i>
<i>báia</i>	<i>vaya</i>	<i>báia</i>
<i>faga</i>	<i>faga</i>	<i>faga</i> ;

tem alem d'isso como o mirandês, os preteritos da 2.^a conj. em *-iste*, ex.: *bendiste*. Como phenomenos proprios possui, por exemplo, preteritos da 1.^a (por analogia com os da 2.^a) em *-érũ*, ex.: *scapérũ*, imperfeitos do conjunctivo em *-ésse*, ex.: *toquésse*. Tambem lá ouvi *c* e *z* hespanhoes, por vezes, a par de alguns vocabulos da lingua do vizinho reino, como *Ostede* = Vd., *chacha* = muchacha, *juez*, *perdonar*.

Castromil-de-Castella é povo parochialmente annexo a Ermisende; fica no mesmo partido juridico que este. Segundo Madoz, *Dicc. Geogr. de España*, vi, 1847, p. 230, tinha naquella data 39 vizinhos e 151 almas. Ha na Galliza várias povoações com o nome de Castromil; por isso esta se chama *de Castella* (isto é, *de Castilla*).— Não estive lá, mas fallei em Tras-os-Montes com gente de lá.— As semelhanças da lingoagem de Castromil são antes com o gallego do que com o mirandês. Phenomenos caracteristicos communs ao gallego e á lingoagem de Castromil são, por ex.: *x* <> *j*, ex.: *xente*, *birxe*; *ss* <> *f*, ex.: *cassa* «casa», *coussa* «cousa»; preteritos em *-che*, como *fizeche*, *fuche*, *binheche*; como no gal-

lego do Sul, diz-se em Castromil *mau* «mão», *irmau* «irmão», com syncope do -n- das formas lat. *manu-*, *germanu-*. Com o mirandês tem em commum, por exemplo, os preteritos fortes em -o, por ex.: *stobo*, mir. *stubo*; *fezo*, mir. *fiço*; e certos phenomenos avulsos, por ex.: *mái*, *ũa*, *mui* «muito» (em próclise). A lingoagem de Castromil é pois fundamentalmente gallega.

De facto o gallego não está circumscriito á Galliza actual. Ultrapassa-lhe os limites, ainda que ás vezes por graus insensíveis. A historia do gallego pôde fazer-se a começar da idade-média: ha já algumas palavras gallegas num documento em latim barbaro do sec. viii, publicado na *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*, iii, 585 sqq., se este documento é authenticico, ou pelo menos da epocha a que o attribuem¹. Na *España sagrada*, de Florez, acham-se tambem varios documentos medievaes. Na *Revista critica de historia y literatura*, ii, 301 sqq., publicou o Sr. D. A. Martinez Salazar um texto do sec. xiii. Produccões propriamente litterarias, a começar da idade-média, abundam: alem do que se encontra nos Cancioneiros portugueses, temos as *Cantigas* de Affonso X (sec. xiii), a *Estorea Troyana* (principios do sec. xiv, que o Sr. André Salazar vae imprimir)², as poesias de Macias (sec. xv). Para o estudo do gallego moderno ha igualmente numerosos elementos: textos e estudos lexicologicos e grammaticaes. O Sr. D. A. Martinez Salazar, illustre director da *Biblioteca gallega*, tem sido incansavel na publicação de obras a respeito da Galliza, e do gallego em especial; esta *Biblioteca*

¹ Cf. *Revue Hispanique*, vi, 518.

² A cêrca d'este texto publicou em 1898 na Coruña uns *Apuntes gramaticales* o Sr. R. Rodríguez: trabalho, em verdade, imperfeitissimo.—O Sr. J. Cornu publicará brevemente num volume consagrado ao philologo italiano Ascoli, e collaborado por diversos especialistas, uns extractos da *Estorea*; em Julho de 1900 vi eu em Praga, em casa do Sr. Cornu, as provas typographicas do trabalho.

conta já 40 e tantos volumes, parte dos quaes escritos em gallego. A par d'esta *Biblioteca* muitos trabalhos avulsos se tem publicado, litteratura amena, jornaes, etc. Como trabalhos grammaticaes posso citar, entre outros, *El habla gallega*, de Cuveiro Piñol, Barcelona 1876, 2.^a ed., e a *Gramatica gallega*, de Saco Arce, Lugo 1868, que, se pécca em parte pelas doutrinas philologicas, encerra comtudo excellentes materiaes e observações. O Sr. Francesco d'Ovidio, professor da Universidade de Napoles, publicou um extracto d'esta grammatica no vol. II dos *Manueletti d'introduzione agli studj neolatini*, Insola 1881, pp. 50, sqq. Como dictionarios temos: o de Javier Rodriguez, Coruña 1863¹; o de Cuveiro Piñol, Barcelona 1876; e o, superior a todos, de Valladares y Nuñez, Santiago 1884, cuja posse devo á amabilidade do seu auctor. Um livro bastante curioso é *A gaita gallega tocada por o gaitero*, Pontevedra 1853, 2.^a ed.² A Liga Gallega publicou em 1898 na Coruña um *Catálogo de obras escritas en gallego*, onde o leitor encontrará indicação de tudo o que sobre o assunto viu a luz até áquella data: poesia, theatro, prosa, jornaes. Em virtude da bondade de que tem usado para comigo os escriptores gallegos, sobretudo os Srs. Martínez Salazar, Galo Salinas, Carré Aldao, e Garcia Ferreiro, possuo na minha livraria particular grande número de trabalhos litterarios gallegos.—O pouco que conheço do idioma gallego tenho-o adquirido pela leitura, pois ainda me não foi possivel ir á Galliza; apenas uma ou outra vez tenho observado a pronúncia de gallegos vindos para Portugal.—Entre o mirandês e o gallego ha muitas das semelhanças que existem entre o mirandês e o portuguez, como: represen-

¹ Creio que raro. Comprei um exemplar em Madrid em 1899.

² Muito raro. Adquiri um exemplar em Madrid em 1899. Apesar de ser livro pequeno, e em 2.^a edição, custou-me 4 duros.

tação do ditongo lat. *av* pelo ditongo *ou*, com ou sem modificação do *o*; *A(v)I* > *ei*, *PL-*, *CL-* e *FL-* representados por *ch-*; e também ha diferenças analogas ás que citei a cima, p. 51, entre estes dois ultimos idiomas. Ao passo que o mirandês tem *f* e *j*, o gallego representa estes dois sons por *s* e *x*, o que constitue distincção muito característica. Na morphologia as semelhanças e as divergencias correm parallelas: nos preteritos *-o*, ex.: mir. *pufô*, gall. *puxo*; *-st-* no mir., e *-ch-* no gall., ex.: mir. *puniste*, gall. *puñeche* ou *puxeche*.

Por motivo da extensão e constituição geographica da Galliza, o gallego offerece ao observador numerosas variedades. Já Saco Arce assignalou algumas na *Grammatica gallega*, pp. 231-232, em capitulo especial, intitulado «Subdialectos del gallego», e no decurso d'ella, por exemplo, pp. 32, 76. Uma das diferenças mais importantes entre o Norte e o Sul consiste no modo de tratar o *-n-*: *mañan* no gall. septentrional, *mañá* no meridional; *cans* no primeiro, *cas* no segundo. A cima, quando fallei de Castromil, cuja falla se relaciona com o sub-dialecto meridional, vimos *mau* < *ma n u* -, que pertence á mesma categoria.

Na provincia de Leão ha um territorio bastante extenso, circumdado de serras, que o separam do resto da provincia e das Asturias e Galliza, chamado o Bierzo ou Vierzo, dividido em Bierzo-Alto, e Bierzo-Bajo; ahi também se falla um sub-dialecto gallego,—o *berciano*. Os meus textos para o conhecimento d'esta lingoagem são os *Ensayos poeticos en dialecto berciano*, de Fernandez y Morales, com uma introdução de Cubí y Soler, Leon 1861; não sei até que ponto elles representam, como se diz a p. 5, o *baixo-berciano*, porque seu auctor, comquanto educado no Bierzo, é natural de Astorga¹. Ahi acho com effeito phenomenos contra-

¹ Vid. a INTRODUÇÃO, p. 7.

dictorios, por exemplo, a manutenção de -l- em *malo*, *solo*, *volar*, e syncope em *doer*, *feito*. Como diz Fernandez y Morales, o berciano «se castellaniza á medida que los pueblos del país..... se van acercando á Castilla, ó se galleguiza completamente segun que sus opuestos confines van tocando la Galicia»¹. Neste sub-dialecto, se ha phenomenos que são inteiramente gallegos, ou galleco-asturianos, como -*che* na 2.^a pess. do preterito, *che* < > port. *te*, e, em commum com o português e até certo ponto com o mirandês, os ditongos *ei*, *ou*, ha outros que são mais asturianos, como a frequencia do deminutivo -*in*, por ex.: *pobrin*, a syncope do -*d*- secundario, isto é, proveniente do lat. -*t*-, ex.: *láo*, *contáo*, phenomeno que tambem é normal no castelhano ordinario e no andaluz. Phenomenos bercianos curiosos são estes: *peis*, pl. de *pé*, < lat. *pe(d)es*; *teis* < lat. *te(n)is*; *condiciois* < lat. *condicio(n)es*, *maldiciois* < lat. *maledictio(n)es*, *razois*,—ao passo que no sing. se tem -*ón*². Em berciano a 1.^a pess. sing. acaba muitas vezes em -*ein*, tanto no preterito, como no futuro, por ex.: *faréin* «farei», *pagaréin* «pagarei», *atopéin* «atopei», *brinquéin* «brinqueei». O gallego não é inteiramente estranho a este phenomeno, porque Sarmiento escriptor, gallego do sec. xviii, empregava com frequencia as terminações -*ein* e -*eim* na 1.^a pessoa: *paseim*, *direim*, *cheguein*, *verein*³; no gallego moderno é corrente *estiven*, *andiven*, e mesmo se acha *falín*, *gardín*, etc.

¹ P. 4.

² Estes pluraes bercianos correspondem de algum modo aos catalães: pl. *excursions*, sing. *excursió*. Tanto em catalão como em berciano elles dependem das leis phoneticas. Em catalão é de regra cair o *n* final depois de vogal (por isso *excursió*); mas o *n* mantem-se antes de *s* (por isso *excursions*). Em berciano os phenomenos passam-se de outra maneira: *n* intervocalico cae (por isso *razois*), *n* tornado final fica (por isso *razón*).

³ Vid. Saco Arce, *Gramatica gallega*, pp. 77 e 177.

Outra localidade, fóra de Galliza, e de Leão, onde se encontram particularidades gallegas é Boal, no partido de Castropol, nas Asturias Occidentaes. Conheço alguns factos da lingoagem d'esta localidade pelo livro de B. Acevedo, *Boal y su concejo*, Oviedo 1898. Diz o A.: «Tiene el lenguaje de este concejo participación en el carácter de los dialectos de Galicia y de la Asturia Oriental» (pp. 57-58). Em confirmação d'isto encontro ahi effectivamente: *oveyas* «ovelhas», *llugar* «lugar», *mias* (como em mir. *miēs*), *meu*, *Antóniu*, *Xuán*.

Pouco mais ou menos nas mesmas circunstancias está a lingoagem de Franco, perto do mar, tambem no Occidente das Asturias. Para o estudo d'ella sirvo-me do livro de Fernandez y Fernandez, *El Franco y su concejo*, Luearca 1898. Phenomenos analogos aos gallegos são, por exemplo, a terminação *-eira*, tambem port. e mir., o ditongo *ou*; phenomenos do asturo-leonês são o *ll-*, por *l-* (tambem mir.), ex.: em *lluar*, *lleña*, e *-y-* por *-ll-*, ex.: em *muyer* < lat. *muliere-*, *ayéu* < lat. *alienu-*.

Noutros pontos das Asturias a lingoagem muda, como é natural. Quando estive em Madrid em 1899, tive occasião de fallar com um asturiano¹, e de observar muitos phenomenos phoneticos e morphologicos da lingoagem do concelho de Nabia, que fica ao Occidente de Franco, tambem perto do mar. Para o meu fim, poucos factos importa citar aqui: *ō* ditonga-se em *uo*, excepto antes de nasal: *nuosu*², *nuobo*, *nuobu* (mas *fonte*, *ponte*), phenomeno que é o protótypo do que se observa em mirandês, onde ha *uō* (*o*); a *o-* atono corresponde *ou-*, como em mir. *oumano*, *oubeya*, *oureira*; um dos phenomenos

¹ O Sr. D. Antonio Graiño, da Livraria de D. Victoriano Suarez, Calle de Preciados.

² Não posso deixar de seguir a orthographia hespanhola: por isso *s* corresponde aqui a *ss* em português; escrevo *-u* em vez de *-o*, etc.

phoneticos mais interessantes d'esta lingoagem, já notado pelo Sr. Munthe no seu estudo sobre o asturiano occidental¹, é a correspondencia da africata *ʃs-* a *l-* e *-ll-*, ex.: *ʃsougū* < *locu-*, *ʃsargū* < *largu-*, *ʃsobu* < *lupu-*, *eʃsa* < *illa-*, *baʃsena* < *ballaena-*, africata que, segundo tive occasião de verificar na Catalunha, corresponde como surda á africata sonora *dʒ* do cat. *dotze*, *tretze*, *setze*, cujo *t* aqui soa *d* (*dodze*, etc.).

É-me impossivel indicar todas as variedades do asturiano; nem isso importa ao fim que tenho em mira. A proporção que se caminha para Occidente apparecem novos phenomenos. Na lingoagem de Lena, estudada num bem elaborado opusculo pelo Sr. D. Ramón Menéndez Pidal² encônta-se um facto,—a syncope do *-g-* secundario, isto é, proveniente de *-c-*, depois do ditongo *ui*, ex.: *chuiu* < *locu-*, *fuui* < *focu-*,—que faz lembrar o que, como vimos a p. 37, se observa em sendinês, ex.: *dia* < *dica-*. No asturiano oriental ha phenomenos verdadeiramente notaveis, como estes de Llanes e Parres, citados no *Vocabulario bable* de Rato de Argüelles, p. v: *jijo* < *filiu-*, *jacer* < *facere-*. No seu conjuncto o astur. offerece certas semelhanças com o mirandês: *ll-* < *l-*; *ch-* < *fl-*, *cl-*, *pl-*; o ditongo *ou*; *-u*, etc.; mas ha em asturiano phenomenos que não se observam em mirandês, como a syncope do *-d-* secundario, a correspondencia de *y* a *l* palatal, a de *x* a *j*, etc.

Para se encerrar esta digressão linguistica, resta fazer uma referencia ao leonês, pelo qual chegamos outra vez a tocar a Terra-de-Miranda. O reino de Leão, que no sec. xiii foi encorporado definitivamente no de Castella, era a princípio muito extenso; no seu último estado cor-

¹ *Anteckningar*, etc., Upsala, p. 1887, § 35.—Vid. na *Revista Lusitana*, I, 278, uma desenvolvida notícia bibliographica d'este opusculo feita pelo Sr. Gonçalves Vianna.

² *Notas sobre el bable hablado en el concejo de Lena*, Gijón 1899.

respondia pouco mais ou menos, indo-se de N. para S., ás modernas provincias de León, Palencia, Valladolid, Zamora e Salamanca. Neste longo tracto de terra a linguaagem não póde ser uniforme: «las palabras generalmente son castellanas castizas; pero no deja de haber según los parages, algunas voces exóticas y de origen desconocido, cuyo significado solo se comprende en ciertos distritos; si a esto se añade el uso inmoderado que en algunos se hace de los diminutivos, la estraña pronunciación de otros, y la variedad de acento en todos, se sabrá sin sorpresa que á duras penas se entienden entre si los habitantes de los extremos de la provincia»¹. Difficil cousa sería dizer em que consistia o antigo leonês, e as differenças que havia entre elle e o asturiano, mesmo tomando em conta os trabalhos importantes que citei no vol. 1, pp. 262 e 386, nota 1. Muitos phenomenos eram communs ás fallas das duas regiões, como $\gamma < > l$ palatal, o ditongo *uo*. É pena que na Hespanha não se façam estudos desenvolvidos sobre os modernos fallares d'estes sitios. No livro de versos intitulado *Querellas del ciego de Robliça*, publicado anonymamente por um professor da Universidade salamanquina, que teve amabilidade de me offerecer um exemplar d'elle, por intermedio do Sr. D. Miguel de Unamuno, quando estive em Salamanca em 1897, representam-se alguns phenomenos da actual falla popular d'aquella cidade, taes como: *los sus hijos*, com o artigo a preceder o possessivo, como em hesp. antigo e em mir.; *jui < lat. fui*, com o assignalado phenomeno, de $j < f$. Nas «Locuciones» e «Zamorismos» que acompanham as *Memorias historicas de la ciudad de Zamora*, IV, Madrid 1882-1883, encontro tambem *el mi sombrero* (o artigo a preceder o possessivo), e os suff. *-ico*, *-ica*, tão usuaes em mirandês; ahi se en-

¹ Madoz, *Diccionario geografico de España*, x, 151.

contra $\tilde{n} < n$ -, como em asturiano, mas não como em mirandês: por este lado o mirandês separa-se do asturianò-leonês. Em Sayago, e certamente no resto da provincia, e ainda noutros pontos vizinhos, usa-se o tratamento de *vós*, como em mirandês. O $ll < l$ -, que, como vimos no vol. I, pp. 261-263, apparece no asturianò-leonês, aproxima d'elle a lingoagem de Miranda.

D'estas comparações conclue-se que, se entre o mirandês e os idiomas seus vizinhos ha muitas diferenças, ha tambem muitas semelhanças, contactos intimos; ha casos em que se passa de uns para outros quasi insensivelmente. Vê-se que a rede linguistica do Noroeste da Iberia tem malhas inextricaveis. Foi-me preciso citar ao mesmo tempo as semelhanças e as diferenças, porque, se citasse só aquellas, poderia parecer que as lingoagens constituíam uma unica, e, se citasse só as diferenças, poderia parecer que as lingoagens eram no todo radicalmente antitheticas. Poucos phenomenos haverá no mirandês que não se descubram em idiomas vizinhos. O mesmo succede em todas as lingoas romanicas, quer por causa da communidade da sua origem, quer pelo parallelismo das condições em que se desenvolvem: assim o *f*- dá *h* em hespanhol e em gascão, ex.: *femina* > *hembra*, *hemne*; *cr*- está representado por *ch* no hesp. *nueche*, no prov. *nuech*; o mesmo grupo está representado por *it* no port. *fruito* (arch.), no fr. *fruit*, e ainda no prov. *fruit*; o lat. *integra*- deu *enteira* em provençal e em português; *ca*- no Norte da região provençal póde dar *ch*-, como em francês; o verbo *stare* deu *estar*, tanto em provençal, como em português; *aequale* deu *egual* nos mesmos dois idiomas; *luna* deu *lhuna* (*lluna*) em catalão, em mirandês e em asturianò-leonês; *bonu*- tornou-se *bo* em catalão, em gallego e em português popular; *longe* tornou-se *lueñe* em hesp. (arch.), e *luen*h em prov.; *gn* tornou-se *nh* (*gn*, \tilde{n}) em português, italiano e hespanhol, ex.: *lenha*, *legna*, *leña* < *ligna*; *sum* tornou-se *son* em prov.,

som em port. (arch. e ainda pop.); -p- permanece em italiano e romeno, deu -b- em port., hesp., prov., cat. e sardo, e deu -v- em fr. e ladino. São factos muito conhecidos. Não é preciso insistir mais nelles.—D'isto pôde concluir-se que é verdadeira, em certo sentido, a theoria do Sr. Paulo Meyer, segundo a qual, «aucun groupe de dialectes, de quelque façon qu'il soit formé, ne saurait constituer une famille naturelle, par la raison que le dialecte (qui représente l'espèce) n'est lui-même qu'une conception assez arbitraire de notre esprit.... C'est que les phénomènes linguistiques que nous observons en un pays ne s'accordent point entre eux pour couvrir la même superficie géographique. Ils s'enchevêtrent et s'entrecourent....»¹. Effectivamente, raro se encontrará numa língua um phenomeno que lhe seja especial, e não se encontre, realmente ou em germen, noutras da mesma familia. D'ahi a difficuldade de definir, de modo absoluto, em que consiste uma língua, com relação a outra semelhante.

Mas, como toda a gente tem consciencia de que, quando falla certa língua, falla essa determinada, e não outra; como ninguém confunde, por exemplo, um texto francês com um italiano; como existem no uso geral não só a palavra *língua*, com a sua congenera *idioma*, mas as palavras *dialecto*, *co-dialecto*, e ainda *sub-dialecto*, etc.: não é menos verdadeira a theoria do Sr. Ascoli, de que o que separa um idioma de outro não são os phenomenos característicos em si, mas a contemporaneidade ou concorrência d'estes com outros que são communs a idiomas com os quaes pôde haver confusão: «il distintivo necessario del determinato tipo sta appunto nella simultanea presenza o nella particolare combinazione di quei caratteri»². Quando na falla de

¹ In *Romania*, iv, 294.

² In *Archivio glottologico italiano*, ii, 387.

certo povo se encontram os phenomenos $a + b + c + d = A$, que sempre apparecem relacionados uns com os outros, diz-se que este povo se serve do idioma A; quando na falla de outro povo apparecem os phenomenos $c + d + e + f = B$, sempre tambem relacionados entre si, diz-se que este povo se serve do idioma B; mas os idiomas A e B tem em commum, como se vê, os phenomenos $c + d$, o que succede nas lingoa que citei a cima, em relação aos factos apontados. Não ha distincção absoluta nesses phenomenos e leis de A e B; ha porém differença radical entre A e B quanto ás circumstancias do apparecimento de $a + b + c + d$, pois de um lado estão sempre em relação $a + b + c + d$, e do outro $c + d + e + f$. D'este modo, quando $a + b + c + d$ se encontram circumsritos em certa nacionalidade, em certa região, em certo país, constituem a lingoa A d'esta nacionalidade, d'esta região, d'este país: o mesmo se pôde dizer da lingoa B, constituída por $c + d + e + f$.

Suppondo que

$$\begin{aligned} a + b + c + d &= A \quad \text{é o português,} \\ c + d + e + f &= B \quad \text{é o hespanhol,} \\ a + b + e + f &= C \quad \text{é o mirandês:} \end{aligned}$$

achamos que o mirandês tem $a + b$ em commum com o português, e $e + f$ em commum com o hespanhol; apesar d'isso fórma unidade linguística, porque não só $a + b$ estão em desaccôrdo com o hespanhol, e $e + f$ em desaccôrdo com o português, mas porque $a + b + e + f$ apparecem sempre relacionados entre si. O mirandês mantem o L e N intervocalicos, como o hespanhol, e neste caso é hespanhol; transforma em certos casos CE e CI em $-ɣe-$ e $-ɣi-$, como o português, e neste caso é português; mas differença-se do português e do hespanhol em que, quando apparece o -L- e o -N-, tam-

bem apparece o *-ze-* e o *-zi-*, o que não acontece nem em hespanhol, nem em português. Se ouvirmos um individuo dizer avulsamente *salir* e *rana*, sabemos que não está fallando português, mas não podemos distinguir se está fallando hespanhol, se mirandês; se o ouvirmos dizer, tambem avulsamente, *fazendo* e *rezar*, sabemos que não está fallando hespanhol, mas não podemos distinguir se está fallando português, se mirandês: todavia, se o ouvirmos dizer concomitantemente *salir*, *fazendo*, *rana* e *rezar*, ficamos conhecendo que a falla de que se serve é a mirandesa, porque d'entre os tres idiomas, hespanhol, português, mirandês, é este o unico em que *rezar* e *fazendo* coincidem com *salir* e *rana*.

Sem dúvida, muitas diferenças que existem entre o mirandês e o hespanhol não apparecem quando ascendemos ao passado: o som *f*, que hoje caracteriza o mirandês a respeito do hespanhol moderno, onde só existe *s*, existia em hespanhol antigo; palavras hespanholas que hoje tem *h* inicial, proveniente de *f*- latino, o que constitue outra distincção actual entre hespanhol e mirandês, tinham tambem *f* em antigo hespanhol; e assim por deante, já fallando propriamente do castelhano, já de outros dialectos hespanhoes. Mas d'aqui não ha de inferir-se que o mirandês é hespanhol, porque para isso tornava-se necessario demonstrar que *coincidencias d'estas se davam em toda a linha ao mesmo tempo*, o que não póde admittir-se, ou pelo menos não póde demonstrar-se. Tambem, quando comparamos entre si os outros fallares neo-latinos, achamos factos parallellos: o francês archaico possuia, por exemplo, o ditongo *ui*, que possui agora ainda o português, e possuia a palatal explosiva sonora, que possui agora ainda o italiano. Quanto mais antigos são os documentos que examinamos, tanto mais vizinhas nos apparecem do latim todas as lingoas da Romania. As diferenças que se notam são pois sempre relativas, e não absolutas.

Pois que no mirandês ha phenomenos que ficam entre os do português e os do hespanhol, e pois que taes phenomenos constituem a *unidade linguistica* C, procuremos agora saber se esta unidade linguistica é *lingoa*, idioma, dialecto ou co-dialecto, pois que taes palavras correspondem a outras tantas *unidades linguisticas*, e de todas essas maneiras se tem chamado ao mirandês.

A palavra *lingoa* toma-se em accepção geral e em accepção particular. Em accepção geral é qualquer maneira de fallar, e tem como synonyma a palavra *idioma*, que nesse sentido se presta menos a confusão que *lingoa*. Assim os Mirandeses dizem *la nossa lhengoa*, e todos nós dizemos a *lingoa de Vergilio*, a *lingoa de Barros*, para significarmos a maneira de fallar dos povos a que pertencem estes auctores. Resta pois considerar a accepção particular, ou de *lingoa* propriamente dita.

Se a noção de *unidade linguistica* resulta da concomitancia de certos phenomenos, a noção de *lingoa*, *co-dialecto* e *dialecto* resulta do número e importancia d'estes phenomenos, em opposição aos de uma unidade linguistica vizinha.

Um phenomeno linguistico é tanto mais importante quanto fôr mais raro e mais amplo: por exemplo, a syncope do L intervocalico é phenomeno raro em romance, porque entre todas as lingoas romanicas de certa importancia é a portuguesa a unica em que elle se observa; e é phenomeno amplo, porque não lhe conheço realmente excepção nenhuma¹: por tanto essa

¹ Nas lingoas romanicas ha duas classes especiaes e principaes de vocabulos:—os de origem estrictamente popular, que datam do tempo dos Romanos; e os que foram introduzidos posteriormente, por intermedio da litteratura. Claro está que só entro aqui em consideração com os da natureza da primeira; entre os da segunda especie ha muitos em que o L se mantem. Só os primeiros estão sujeitos á lei apontada. Por ex.: *dor*, *door* < *dolore*-, *doer* < *dolere*, *doente* < *dolente*- são palavras de origem popular; *doloroso*, *dolente* são palavras de origem litteraria. Quando

syncope constitue phenomeno importante. Quanto maior fôr o número e importancia dos phenomenos que formam uma *unidade linguistica*, tanto mais razão haverá para que ella represente uma lingua propriamente dita. O hespanhol é *lingoa*, porque ha nelle muitos phenomenos raros, como são, por ex.: *ll-* proveniente de *pl-* e *cl-*, *ch* proveniente de *ct*, manutenção de *-n-* e *-l-*, valor do *j* e do *z*; e todos estes phenomenos são amplos: contém pois muitos phenomenos importantes. Comprehende-se, porém, que para avaliar a importancia de um phenomeno linguistico variem os criterios, e que o que baste a uns philologos para elles chamarem *lingoa* a certa unidade linguistica não baste a outros. E isso dá-se effectivamente. As dúvidas cessam no entanto, em casos, como o do português e o do hespanhol, porque, alem de o número e importancia dos seus respectivos phenomenos caracteristicos serem grandes, cada uma d'essas lingoagens serve de órgão a uma litteratura rica, e a uma nação autonoma.—Tambem se chama *lingoa* a uma *unidade linguistica*, quando esta se encontra completamente insulada, sem parentesco algum conhecido com outras, como o vasconço (lingoa viva) e o etrusco (lingoa morta).

A palavra *dialecto* toma-se igualmente em várias accepções: umas vezes significa a particularidade local de uma lingua nacional, como o andaluz a respeito do hespanhol ou castelhano; outras vezes a resultante da transformação de uma lingua, como o português a respeito do latim, o indo-português de Ceilão, o macaista, e os crioulos de Africa, a respeito do português continental; outras vezes uma lingua irmã e vizinha de outra que, por circumstancias politicas, etc., se tem como prin-

em glottologia se falla de uma lei, sem mais explicação alguma, entende-se que se trata de factos da natureza dos da primeira serie.—Cf. sobre o assunto o vol. I d'estes *Estudos*, pp. 310-312.—Tudo isto são factos elementarissimos em glottologia.

cial, por exemplo, o picardo a respeito do francês. Em qualquer d'estes casos a noção de *dialecto* resulta da comparação com uma lingua mais nobre a que está subordinado, e da qual differe mais ou menos. Se differe pouco, o dialecto é pouco notavel, se differe muito, é muito caracterizado, e então aproxima-se de *lingoa*, no sentido que expus a cima. Tambem neste caso o criterio da delimitação varia. Póde auxiliá-lo a consideração da ideia da litteratura, do povo ou da região: os franceses chamam *patois* ao dialecto inculto, isto é, sem litteratura, e chamam *dialecto* propriamente dito ao dialecto litterario; na Grecia os dialectos *dorico* e *eolico*, por exemplo, denominavam-se assim em virtude dos nomes dos povos que os usavam; na Italia o dialecto *calabrês* tira o seu nome da Calabria, onde domina. Tanto o criterio da delimitação varia que, como vimos a cima, ha philologos que são levados a não admittirem a existencia de dialectos, e a considerarem apenas os phenomenos avulsamente, porque numa área, cuja lingoagem se convencionou chamar *dialecto*, podem existir phenomenos de outra, que está nas mesmas circumstancias. Em todo o caso a noção de dialecto é commoda, para nos entendermos melhor, e corresponde á realidade dos factos, no sentido da concomitancia d'estes.

Muitas vezes num dialecto ha peculiaridades que constituem unidades linguisticas de terceira e quarta ordem: são os *sub-dialectos* e as *variedades*. A lingoagem do Baixo Minho, com o seu *áur* por *al*, o seu *ẽ*, etc., representa um sub-dialecto no conjuncto das fallas de Entre-Douro-e-Minho, as quaes denomino, segundo uma antiga nomenclatura, *dialecto interamnense*; e a lingoagem do Porto, com o seu *s* (ou *ç*) especial, representa uma *variedade* neste sub-dialecto: de facto, tanto o *áur*, como o *ẽ*, como o *s* ou *ç*, são phenomenos importantes (isto é, raros e amplos).

O mirandês será *lingoa*, na accepção especial, ou será *dialecto*? No sentido de lingua insulada, já se vê

que não, porque está aparentado, de um lado com o asturianò-leonês, do outro com o galleco-português. Como não é instrumento de uma litteratura propriamente dita, pois o que nelle se tem escrito, e só ha pouco tempo, não passa de mera curiosidade philologica; e como não é orgão de uma nação, mas só de um povo circumscrito numa limitada zona geographica, a *Terra-de-Miranda*: póde tambem por este lado não merecer o nome de lingua, embora, se os seus phenomenos fossem extremamente importantes, a consideração da ideia de litteratura e de nação nada valesse, como acontece ao vasconço, que é lingua, e de nenhum modo dialecto. No meu opusculo *Flores mirandesas*, publicado em 1884, disse eu a p. 29: «o mirandês é uma lingua fundamentalmente diversa das outras linguas peninsulares». Com a palavra *fundamentalmente* eu quis significar *essencialmente*, isto é, que o mirandês tinha phenomenos que lhe davam independencia a respeito d'aquellas linguas; e esses havemos nós visto que os tem. Comtudo, pois que a muitas pessoas este nome de *lingua* pareceria ambicioso de mais, e pois que o mirandês, ao lado de phenomenos que contrastam com os do português, contém outros que são característicos da nossa lingua, por exemplo, as nasaes, o valor de *j* e *z*, adoptei em 1886, no opusculo *Linguas raianas de Tras-os-Montes*, publicado pois posteriormente ás *Flores mirandesas*, a designação de *co-dialecto português*, para definir o mirandês. No primeiro opusculo que publiquei sobre elle, isto é, n-*O Dialecto Mirandês* (1882), eu tinha-lhe chamado *dialecto*, mas em relação ao latim, e pouco mais ou menos no sentido de *co-dialecto*, como digo *ibidem*, pp. 38-39. A questão de nome não faz muito ao caso para a comprehensão historica do mirandês; no entanto, *co-dialecto* é porventura a melhor das designações.

Com a expressão *co-dialecto português* quero significar que a unidade linguistica chamada *mirandês* goza de certa independencia glottologica, a bastante para que

ella occupe lugar entre as fallas de Hespanha e as de Portugal, e não seja mero dialecto nem do português, nem do hespanhol, mas que ao mesmo tempo, em virtude principalmente de causas de ordem geographica e sociologica, está mais subordinada á lingua nacional de Portugal, do que á de Hespanha.

Só quem conhece as fallas todas de um país é que pôde comprehender bem a essencia de uma classificação como esta. Para mim, que conheço sufficientemente, na sua grammatica, as fallas de Portugal, desde a foz do Minho até á do Guadiana, desde o recanto de Miranda do Douro até o Cabo de S. Vicente, a noção de *co-dialecto*, attribuida ao mirandês, é clara. Não lhe posso chamar *dialecto* (a não ser em relação ao latim, como, segundo disse a cima, tambem lhe tenho chamado), porque em tal caso ficavam sem nome conveniente as particularidades de lingua-gem do resto do país, as quaes estão incomparavelmente em mais íntimas relações com o português normal, do que o mirandês, apesar de não se poderem chamar *sub-dialectos*, porque nessas mesmas particularidades ou dialectos ha *sub-dialectos*.

Sem me preocupar muito com a nomenclatura, o que desejo frisar é o seguinte: o mirandês não é variante do português, porque encerra bastantes phenomenos em contraste com os d'este, e muitos mais do que os que bastam para se delimitar um dialecto português; e, não obstante ter alguns vocabulos muito proximos de antigos vocabulos portuguezes, não é de modo algum uma fôrma archaica do português, porque de muitos factos caracteristicos mirandeses, como *lhuma*, *zinolho*, *anielho*, *tenhir*, não podiam vir as palavras port. *lua* (ou *lũa*), *joelho* (ou *geolho*), *anel*, *tingir*, que obedecem a outras leis, e tiveram pois outras evoluções.— Logo o mirandês não é propriamente português. Pelas razões expostas a cima, é idioma *sui generis*, muito vizinho d'este, e pôde considerar-se seu *co-dialecto*.

Pessoas ha a quem custará acceitar a palavra *dialecto* applicada a factos portugueses; sendo sabido, como é, que um aldeão do Alto-Minho entende, á parte algumas expressões, a lingoagem de um aldeão do Algarve. Essas pessoas suppoem que, para haver dialectos, é necessario que as particularidades que os constituem sejam muitas, que os individuos que vivem numa zona geographica não entendam os que vivem noutras. Mas não devem pensar assim, já porque a palavra *dialecto* se tem applicado historicamente a fallares pouco diversos uns dos outros, como são, por exemplo, os dialectos gregos (e foi até dos Gregos que veiu para nós, por intermedio do latim, a palavra e a noção de *dialecto* = *διόλεκτος*!), já porque o que importa não é propriamente o nome, mas sim a cousa em si mesma. Ora a cousa em si mesma é esta:— em Portugal ha certas particularidades locaes de lingoagem, que podem chamar-se *dialectos*¹; ha outras menos extensas, que podem chamar-se *sub-dialectos*²; ha outras ainda menos, que podem chamar-se *variedades*³; e ha finalmente idiomas que não cabem nestas categorias, e que por isso devem receber o nome de *co-dialectos*, se se prefere este termo ao de *lingoas*. Entre os ultimos conto o mirandês⁴.

Quando a cima comparei o mirandês com os idiomas vizinhos, não procedi com ordem rigorosa, como se exigiria numa grammatica historica ou comparada, mas citei os factos mais ou menos ao acaso, embora esco-

¹ São as fallas: de Entre-Douro-e-Minho (*dialecto interam-nense*); de Tras-os-Montes (*dialecto trasmontano*, que poderá comprehender certas fallas raianas do reino de Hespanha); do principado da Beira (*dialecto beirão*); e do Sul (*dialecto meridional*, que comprehende tambem a lingoa de Olivença).

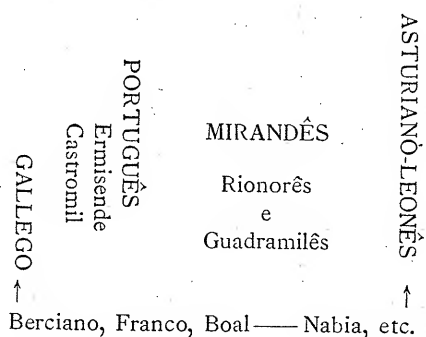
² Por exemplo o *algarvio*, ou falla do reino do Algarve.

³ Por exemplo, como vimos a cima, a lingoagem do Porto.

⁴ Os outros co-dialectos portugueses, dentro de Portugal, são: o *rionorês* e o *quadramilês*, de que fallei a p. 52 sqq. Fóra de Portugal é de modo geral o gallego.

lhendo de ordinario os mais expressivos, e não evitei mesmo continuadas repetições; quis assim deixar no animo dos leitores inculcada melhor a noção do parentesco que une esses diversos idiomas entre si, e que faz que ao primeiro exame seja difficil descriminar o dominio de uns do dominio dos outros. Os idiomas do Noroeste da Iberia offerecem á primeira vista o aspecto de uma campina coberta de flores variegadas, e ao mesmo tempo tão parecidas, que quem pretendesse formar com ellas ramalhetes uniformes se veria embarçado ao principio na colheita. E comtudo a uma campina analoga o botanico vae, e delimita o que pertence a diversos generos naturaes. Assim tambem a respeito das lingoas procede o philologo.

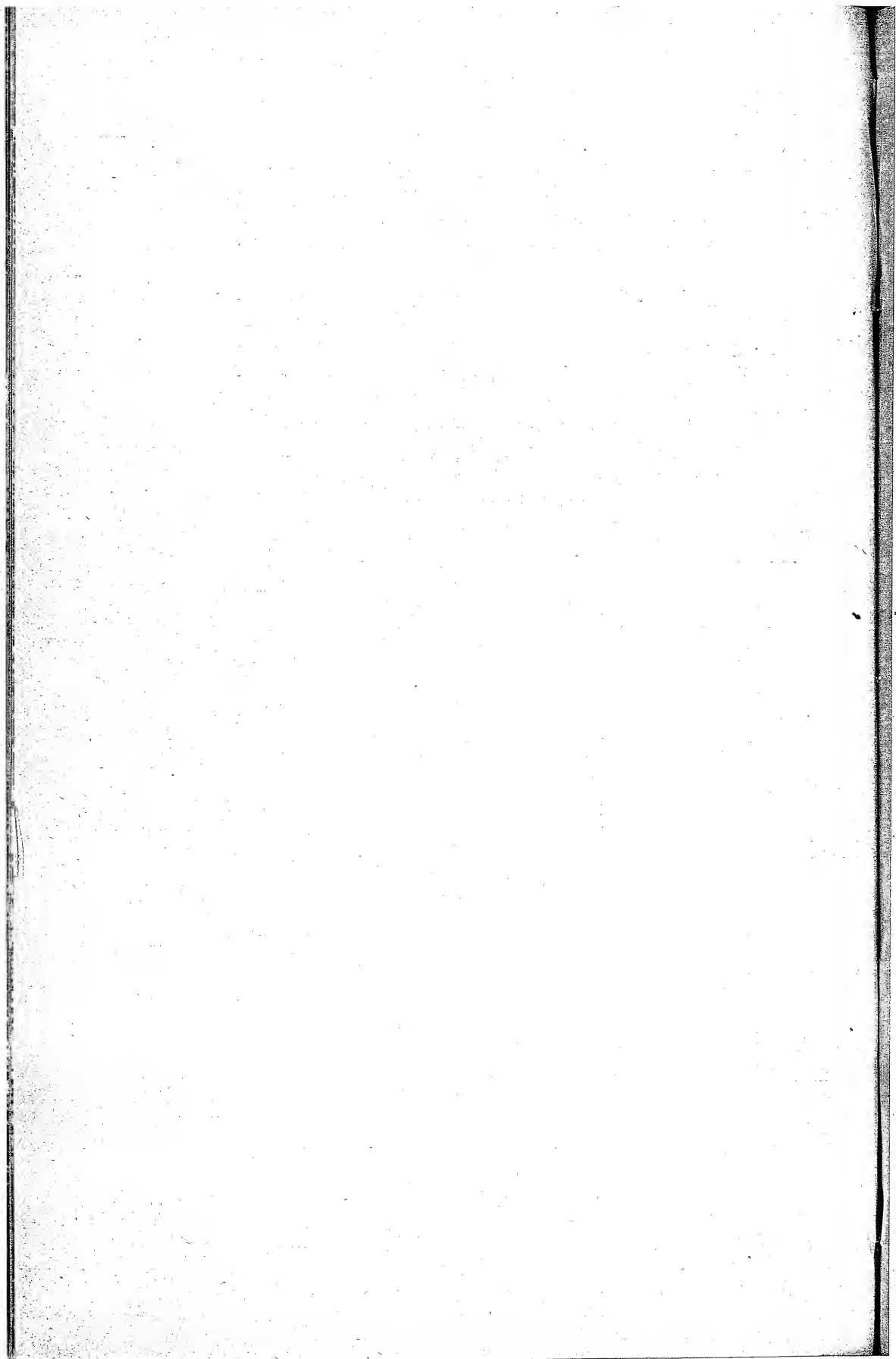
Na excursão dialectologica que os leitores e eu fizemos por aquella extensa zona territorial, achámos que o mirandês estabelece transição do portuguez e gallego para o asturianò-leonês. Incidentemente vimos que, se o rionorês e o quadramilês estão nas mesmas circumstancias que o mirandês, tem comtudo phenomenos que os aproximam muito do gallego; e vimos finalmente que ha uma serie de idiomas secundarios entre o gallego e o portuguez, de uma parte, e o asturianò-leonês, da outra, ora mais vizinhos, ora mais afastados dos idiomas principaes. O que tudo sobresaie mais claro no seguinte eschema:



O latim fallado pelos Romanos no Noroeste da Iberia experimentou ahi certo numero de modificações, a principio tenues, mas que augmentaram com o andar dos tempos: essas mudanças foram, num lugar as que posteriormente constituíram o *galleco-português*; noutro as que posteriormente constituíram o *rionorés-guadramilés*; noutro as que constituíram o *mirandês*; noutro as que constituíram o *asturianò-leonês*. Caminhando mais, encontraríamos as que constituíram o *castelhano*, o *atalão*, o *gascão*, o *provençal*, os idiomas do Norte da França, etc. Achamos assim desenvolvendo-se parallelamente aos outros fallares da Romania, e em particular aos outros do Noroeste iberico, os fallares cujo conjuncto hoje se chama *mirandês*. O mirandês não é lingua mixta de português e de hespanhol¹, mas idioma intermedio, que se constituiu de per si só, desde a epoca romana até hoje, no territorio a que pertence. Nem pela sua grammatica, nem pela historia da sua região se comprehende que pudesse ser lingua mixta. Em toda a Romania pululam idiomas intermedios como este: o valdense liga o

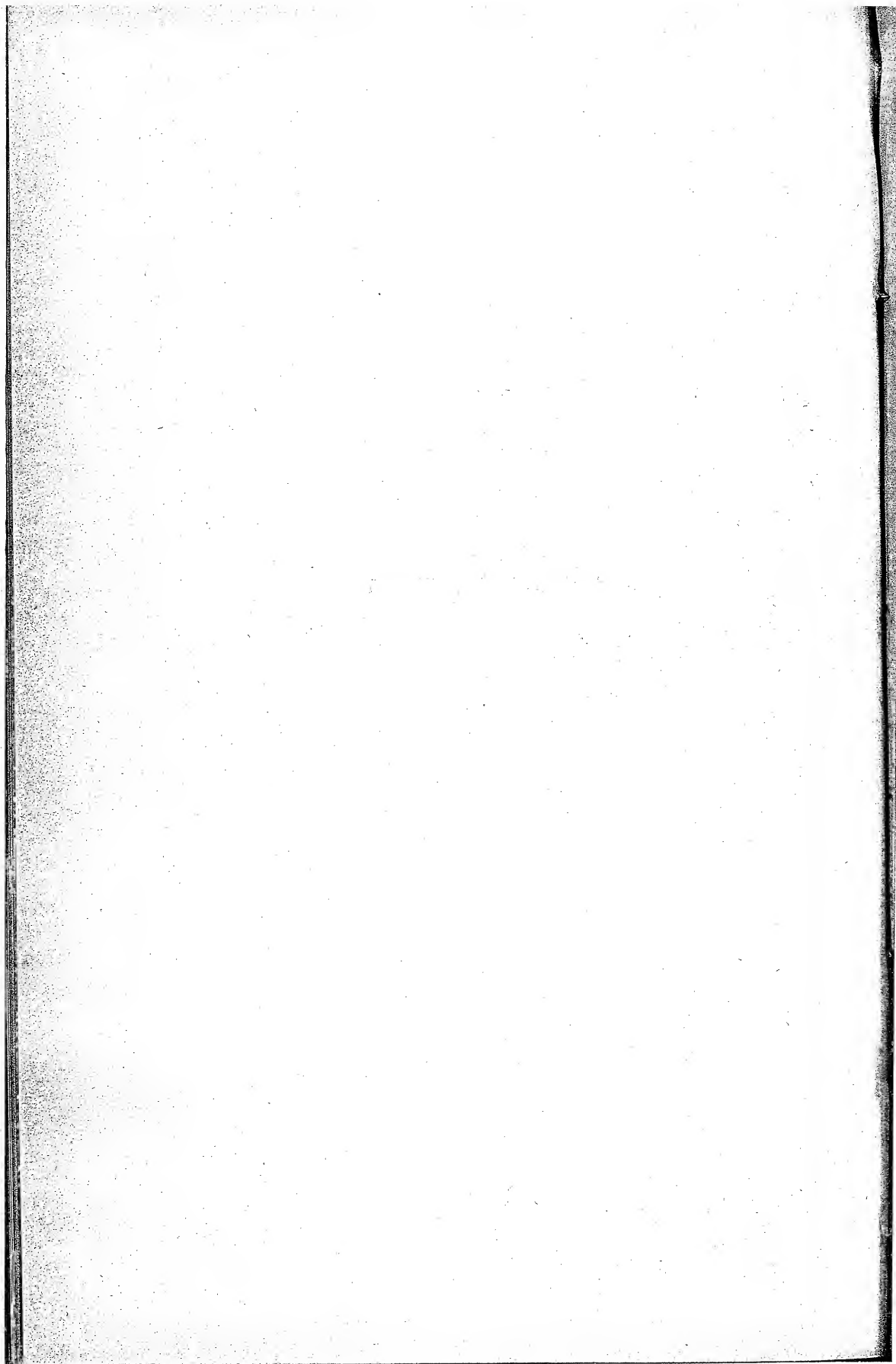
¹ A algumas pessoas alheias aos estudos glottologicos assim o tenho ouvido dizer. Quando se compara, por exemplo, o mir. *tierra*, *cenar*, *delor*, *melones*, *podo*, *quejiste*, *bengo*, *iba*, com as palavras hespanholas que correspondem a estas; ou quando se compara o mir. *outro*, *nũ*, *prumeiro*, *ne*, *sõũ*, *fala* com as respectivas palavras portuguesas, quer da lingua litteraria, quer da lingua popular: póde effectivamente ser-se levado a fazer tal suposição; ella porém carece de fundamento, como vimos nos §§ da GRAMMATICA, onde deduzi as leis a que obedecem as referidas ou semelhantes palavras. Em todas as linguas da mesma familia ha phenomenos iguaes entre si ou parecidos, embora numas mais do que noutras: se é por em mirandês se dizer *tengo* e *mieĩ* que se classificaria como hespanhol, tambem como italiano se poderia classificar, pois que nesta lingua se diz *tengo* e *miele*; e se é por em mirandês haver *abeilha* e *hei* (em *hei-de*) que seria português, tambem se poderia dizer que era provençal, porque nesta lingua ha parallelamente *abelha* e *ei* ou *ey*. Mas não vale a pena repetir aqui as considerações que já fiz supra, pp. 65 e 66.

provençal ao piemontês; o lyonense liga o franco-provençal ao francês; o franco-provençal liga entre si, como o seu nome indica, os dois grandes idiomas românicos da França; o gascão tem phenomenos que como que estabelecem transição do provençal para o hespanhol. *Natura non facit saltus*.—Para avaliarmos mais profundamente as relações de parentesco que existem entre o mirandês e os idiomas seus vizinhos, tanto de lá, como de cá da fronteira, devemos transportar-nos pelo pensamento aos primórdios da idade-média, em que não havia ainda Portugal propriamente dito, e em que as diversas comarcas do Noroeste da Iberia estavam entre si em identicas circumstancias sociaes, a que a criação do reino de Leão, nos principios do sec. x, deu ainda maior cohesão e uniformidade, pois chegou a conglobá-las.



PARTE IV

CAMONIANA MIRANDESA



ADVERTENCIA

Traduzir é sempre difficil. Lá dizem os italianos: *traduttore, traditore*. . . Na traducção, de mais a mais, de uma obra poetica, do valor dos *Lusiadas*, e das outras do nosso epico, e para uma lingua meramente popular, sem nenhuma tradição litterarias, como a mirandesa, a difficuldade augmenta, porque ao trabalho de interpretar com fidelidade o pensamento do poeta, e de não destruir totalmente a fórma artistica, — tanto quanto isso se póde conseguir em prosa, poisque foi em prosa que fiz quasi todas as minhas versões —, accresce o de representar com os acanhados recursos do vocabulario e da phraseologia vulgares o que está expresso com sublimidade num idioma de si opulento, e alem d'isso enriquecido e cultivado, com labor incessante, por várias gerações de escriptores, — qual era já o portugês no tempo de Camões.

Abalancei-me, porém, a esta empresa ardua, porque, como o mirandês está destinado a desaparecer, mais tarde ou mais cedo, segundo a terrivel sorte que per-

segue os idiomas que vivem nas condições d'elle, pretendi, á sombra de Camões, torná-lo lembrado dos vintouros, dotando-o com uma obra que, embora de pobre execução, tem contudo necessariamente de ser compulsada por todos os que se occuparem do nosso epico.

Sem dúvida um individuo natural da Terra-de-Miranda achava-se para isso em melhores condições do que eu, que não sou mirandês, e apenas me interesso por este idioma, como me interesso por tudo o que se refere á glottologia e ethnologia nacionaes; mas, como antes de que me lembrasse de realizar uma traducção d'esta especie, ninguém, que eu saiba, se havia lembrado de tal¹; resolvi-me eu a metter mãos á obra.

Podia ter escolhido, em verdade, outras obras mais facéis de traduzir, e que, pelo seu merito, pudessem tambem contribuir para perpetuar a memoria do mirandês. Decidi-me no emtanto pelas de Camões, porque isso me agradou mais, — *trahit sua quemque voluptas* —, e porque, quando primeiro pensei no caso, andavam um pouco em moda as traducções camonianas: e quem vae com a moda, é do seu tempo...

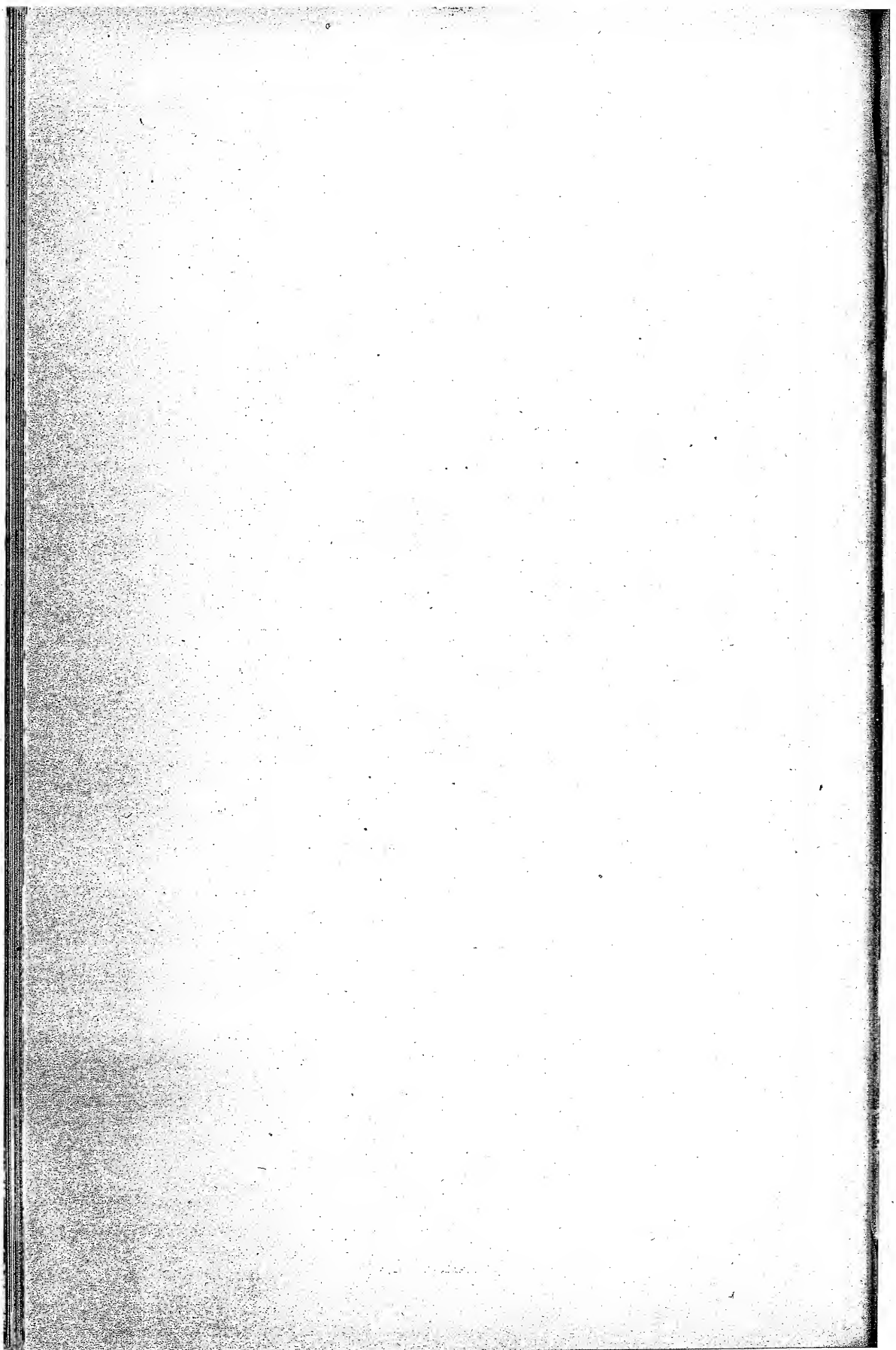
Os trechos que traduzi pertencem a todas as classes das obras de Camões, ás da poesia e ás da prosa:

- I. *Genero lyrico;*
- II. *Genero epico;*
- III. *Genero dramatico;*
- IV. *Cartas.*

¹ A *Camoniana mirandesa* está annunciada desde 1884: vid. *Flores mirandesas*, p. 30. Nesse opusculo publiquei já, a pp. 19 e 20, a traducção metrificada de duas estancias dos *Lusiadas*.

No genero lyrico escolhi algumas das poesias mais lidas e estimadas em Camões, como o soneto da *Alma minha* e as *Endechas a Barbara*, e outras que não offereciam grande embaraço na traducção. No genero epico escolhi, alem da proposição e de várias estancias sentenciosas, duas séries: episodios, como o acto heroico de *Egas Monis*, a *morte de D. Inês*, a *batalha de Aljubarrota* e a *aventura de Velloso*; e estancias que constituem outros tantos traços autobiographicos do poeta. No genero dramatico escolhi trechos interessantes de *El-rei Seleuco* e do *Filodemo*. Nas cartas escolhi a primeira.

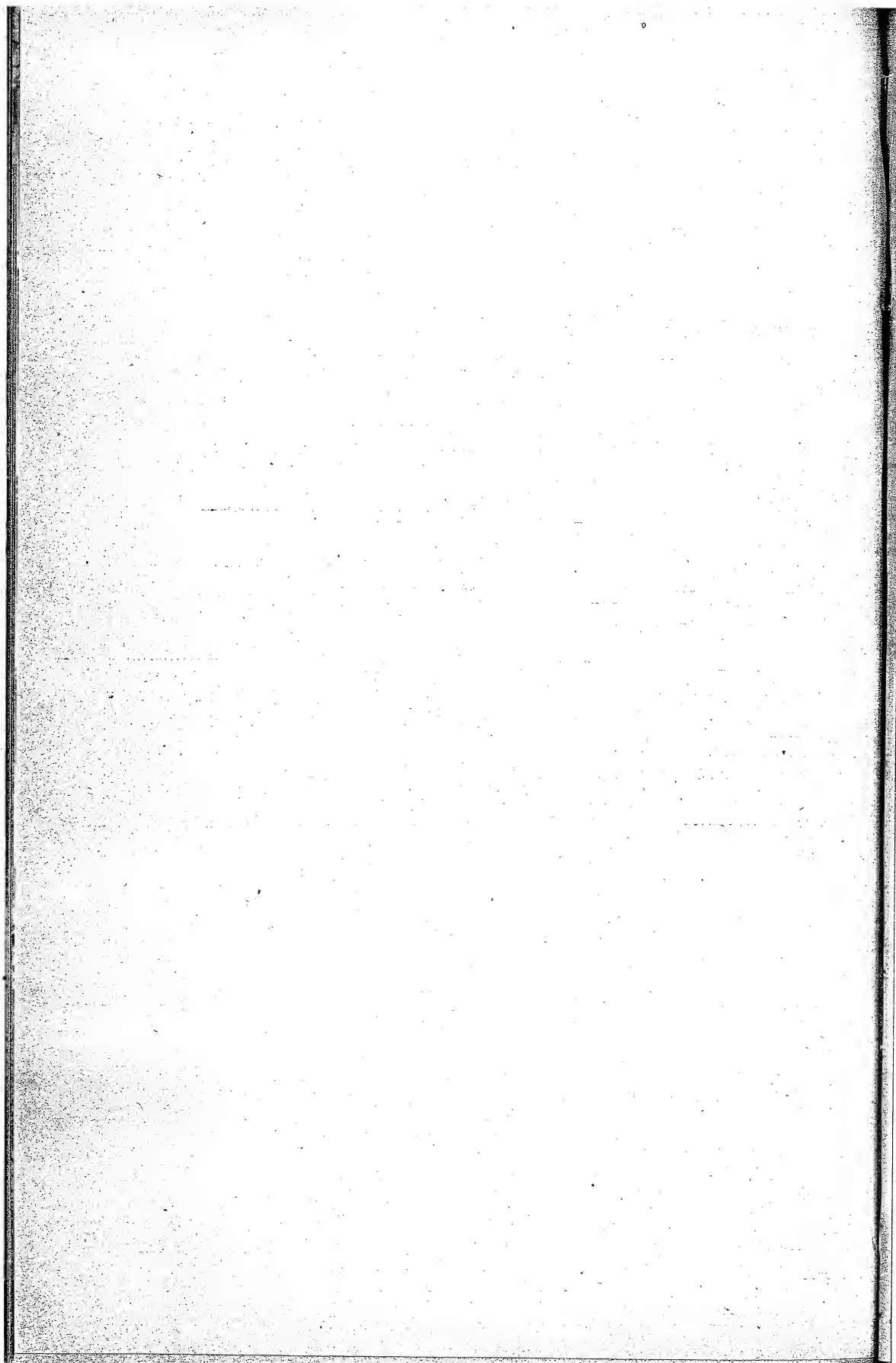
As referencias bibliographicas são feitas á edição que das *Obras de Luis de Camões* deu em seis volumes, impressos em Lisboa, de 1860 a 1869, o fallecido Visconde de Juromenha.



I

GENERO LYRICO

(EXCERPTOS)



I

(Vol. II, p. 10)

Tu q' eras la mię alma, i me fugiste
Tã cedo, d' este mundo desgusto/a,
Bibe siępre ne cięlo, ah branca ro/a!
I yõu qued' acá na tięrra siępre triste.

S' alhá, nesse lhugar donde chubiste,
Põde chegar d' la bida deloro/a
Ũj' alhęmbrança, lhembra-te piado/a
De l puro amor que nes mius olhos biste.

I s' antędires que podrá mercer-te
Algo este miu delor que me quedõu
Po la grande desgracia de perder-te,

Pid' a Dius, que ls tõus anhos ancurtõu,
Que me lhiębe d' acá tã brebe a ber-te
Cummo el de pię de mi t' a ti lhebõu.

II

(Vol. iv, p. 59)

Quiẽro que me r ubeis l' alma, i quanto
y u tub r, c  tanto que me deiseis ls
 lhos pra bos ber.

N  tengo nada que n  s ia bosso; depois de me
tirar la bida, tirai-me tam  la m rte; s'inda tengo algo
que perder, quiẽro que me lhebeis, c  tanto que me
deiseis ls  lhos pra bos ber.

III

(Vol. IV, p. 61)

Pus ls mius ȝlhos nũȝa funga, i atirei ũ tiro
co' eilhes a las grades d' ũȝa janela.

Ũȝa fidalga, por maldade, pegõu nes ȝlhos na mano, i
atirõu-m' ũȝa pedrada co' eilhes a l coraçõũ. Apuis mirei
par' eilha, armei la miȝ funga, acertei-le na janela, i
bumba! cobreia-la.

IV

(Vol. iv, p. 73)

Hái ũ biẽ que chega i fuge,
I chama-se este biẽ tal:
«Tener biẽ pa sêntir mal».

Quiẽ bebiu siẽmpre nũ ser,
Indasque sêia ã pobreza,
Nũ biu l biẽ de la riqueza,
Nĩ l mal de s' ampobrecer;
Êl nũ ganhõu pa perder,
Mas ganhõu cũ bida eigual
Nũ t'ner biẽ, nĩ sêntir mal.

V

(Vol. iv, p. 75)

Os bons bi-os sempre passar ne mundo grandes
trementos; i, para más me spantar, bi sempre ls malos
nadar nũ mar de cuntentamentos.

Cuidando alcançar assi l biẽ, tã mal õurdenado, fui
malo, mas fui castigado. De modo que solo para mi
anda l mundo cuncertado.

VI

(Vol. iv, p. 79)

Perdigõu perdiu la pruma,
Nũ hái mal que le nũ benga.

L perdigõu, que pufo l pensamiẽto nũ lhugar mui alto, perde las prumas cũ tanto bolar, mas ganha la pena de l tremiẽto¹: yá nũ tẽ alas para se teñer nẽl aire, nĩ nẽl biẽto: nũ hái mal que le nũ benga.

Quijo bolar par' ũna torre mui alta, mas achõu-se defalado, i, quando se biu assi deprimado, morriu cũ mui to delor... el ampeçab' a queixar-se: quanto más se queixaba, el más se sũtiũ, i nũ hái mal que le nũ benga.

¹ No texto português ha um trocadilho entre *penna* e *pena*, que o mirandês não pôde reproduzir, pois á *penna* corresponde aqui, como vemos, «pruma».

VII

(Vol. iv, p. 85)

Inda nũ podo coincer
Este grande de/farranjo:
Que bós, sinhora, sendo anjo,
L. Diabro bos querga tanto...
Bĩẽ beio que dais sinal
De la miç muita firmeza,
Porque ls Diabros quiẽrẽ mal
A ls anjos por natureza.

Ũa gracia biba
 Que neilhes le mora,
 Par' eilha ser sinhora
 De quiẽ yẽ cõutiba . . .

Tã negro l sôu pelo . . .
 Nĩ l pobo eignorante
 Yá diç arrogante
 Que l lõuro q' yẽ belo!

Negrura d' amor
 ã doce figura!
 La niẽbe le jura
 Trocar la quelor.

A quiẽ neilha bira
 Mansidõu tamanha
 Biẽ parcira strana,
 Braba¹ nũ parcira.

Sumbrante animado,
 Que l delor amansa:
 Neilha ã fĩ descansa
 Todo l miu cuidado.

Esta yẽ la cautiba
 Que me trái cautibo:
 I, yá que neilha bibo,
 Neçairo yẽ que biba!

¹ O trocadilho imaginado por Camões não póde reproduzir-se em mirandês com perfeição, pois que o adjectivo feminino é *barbera* (melhor mirandês é *mala*, *prubersa*, *braba*) e o nome de mulher é *Bárbela*. Cf. estes *Estudos*, vol. 1, pp. 28 e 29, nota.

Tradução em prosa da poesia antecedente

Aqueilha cõutiba que me tẽ cõutibo, porque bibo neilha, yá nũ quiẽr q' yõu biba.

Yõu nunca bi nũ ramo de flores ãña ro/a que fusse más guapa de l q' eilha pa ls mius olhos.

Nĩ las streilhas nẽl ciẽlo, nĩ las flores nẽl campo me parecẽ tã fromo/as cumo ls mius amores: ã rosto sĩ eigual, olhos sossegados, negros i cansados, mas nũ cansados de matar... ãña gracia biba que hái neilhes, par' eilha ser la sinhora de quiẽ yẽ cõutiba... L pelo de la sũẽ cabeça yẽ tã negro, que l pobo, que nũ sabe l que diç, yá nũ cuida, a l bê-lo, que l pelo lõuro q' yẽ lindo.

Negrura d' amor... la cara tã doce, que la niẽbe jura que por eilha trocariẽ la sũẽ quelor.

Assi tã alegre i tã mansa, i a l mesmo tiẽmpo cũ tanto tino, biẽ parece strana, mas nũ parece prubersa. La sũẽ pre/encia yẽ grave, i fai abrandar la tremiẽta: todo l miu delor descansa neilha.

Esta yẽ la cõutiba que me trái cõutibo; i, yá que bibo neilha, yẽ neçairo que yõu nũ deixe de beber.

X

(Vol. IV, p. 130)

Berdes sōũ ls campos,
De q'lor de limōũ:
Assi sōũ les ȝlhos...
De l miu coraçōũ.

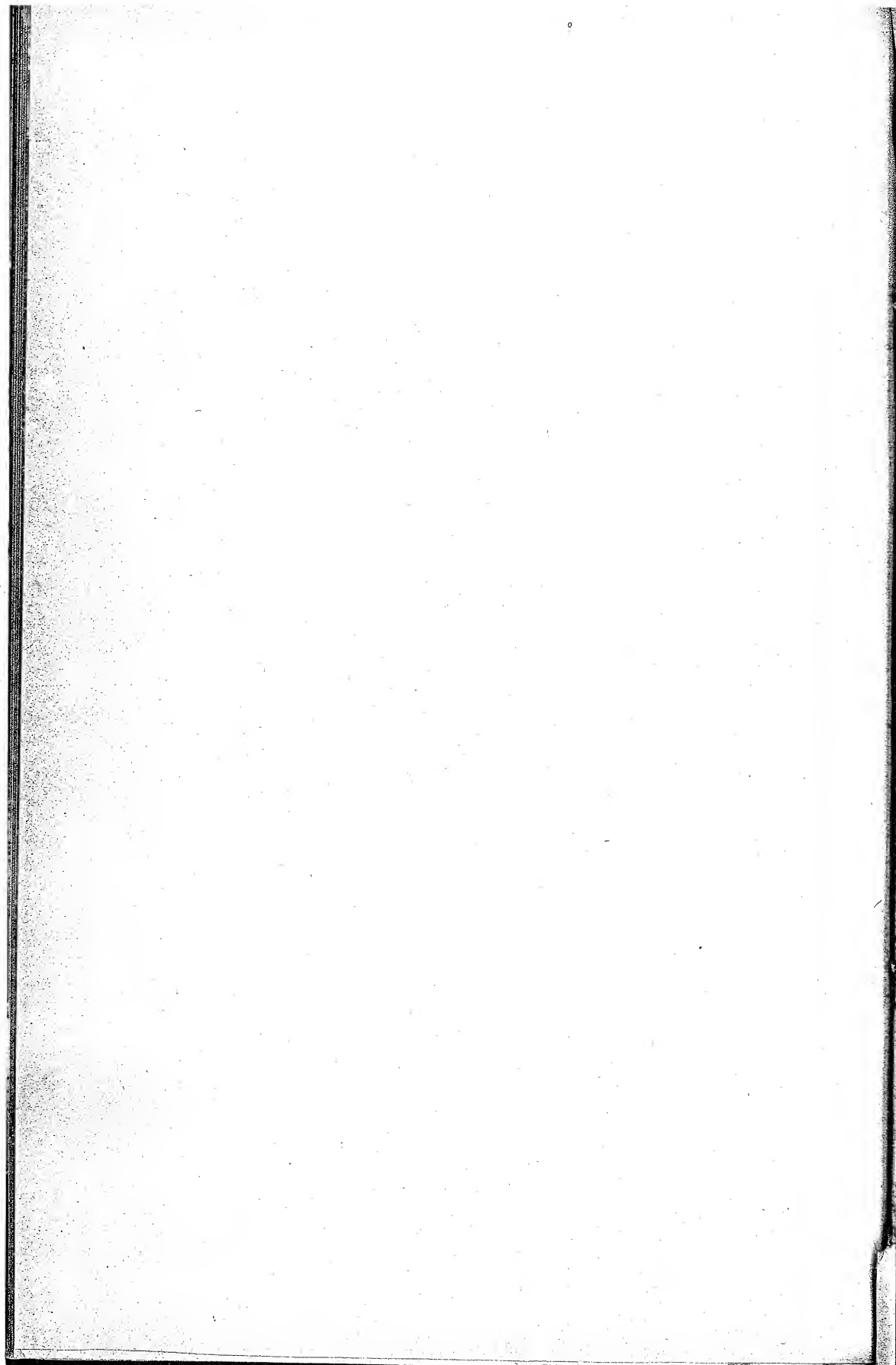
Campo, que te stendes cū guapa berdura; öubei-
has, que neilha teneis pástio: manteneis-bos de las
yērbas que l brano trái; i yōu de las lhēmbanças de
l miu coraçōũ.

Ganados, que paceis cuntentos, nu' antēdeis l bōsso
pástio: isso que comeis nũ sōũ yērbas, nó; sōũ gracias
de ls ȝlhos... de l miu coraçōũ.

II

GENERO EPICO

(EXCERPTOS)



PROPOSIÇÃO DOS «LUSIADAS»

(Lus., I, 1-11)

I

Las armas i les omes afamados
Que fúrũ de la tięrra Lu/itana,
Por mares d' atrás nunca nabegados,
Inda pr' alhá de l' ilha Taprobana,
Ã peligros i guerras bię sforçados,
Más de l que prometię la fôrça öumana,
I antre gente de lōge stablecírũ
Nōbo reino que tanto angrandecírũ ;

2

I tamĩę las lhęmbranças glorio/as
D' aqueilhes Reis que fúrũ alhargando
Fé, amperio, i las tięrras becio/as
D' Africa i d' A/ia andórũ arra/ando ;

I aqueilhes que por obras balero/as
 De la lei de la morte bã scapando:
 Todo isso agora bengo eiqui cantar,
 Se l' arte, más l angeinho, m' ajudar.

3

Nũ fale l sabio Grego nĩ l Troiano
 Nas sũes grandes biaiges que fazirũ;
 Calhe-se de Lixandre i de Trajano
 La fama de las guerras que bẽcĩrũ:
 Q' yõu canto l peito unrado Lu/itano,
 A quĩẽ Netuno i Marte õubedecĩrũ:
 Fine quanto la Mu/a antiga canta,
 Q' õoutro balor más alto s' alhebanta.

 Traducção em prosa

I

Las armas i ls omes afamados que salirũ de las
 bordas de l mar pertués, que queda a l Ponĩente, i
 passórũ ind' alhá de la Taprobana, más baliẽtes pa
 rejestir a ls peligros i a la guerra de l q' era d' asprar
 de l ome, i stablecĩrũ antre gente de mui longe ã reino
 nõbo que tanto angrandecĩrũ;

I tamiẽ la glória deixada por aqueilhes reis que fúrũ stendendo la fé i l amperio, i andórũ arrafando las tiẽrras pecadoras d' Af'ia i d' Africa; i aqueilhes que por obras de balor se lhibrá de la lei de la morte: cantando, los farei lhẽmbrados por tódalas partes, se l angeinho i l' arte m' ajudárẽ a tanto.

Nũ se fale más de las grandes biaiges que l sabio Grego i l Troiano fazirũ por mar; acabe la fama de las bitórias de Lixandre i de Trajano,—porq' yõu canto l nobre peito de ls Pertue/es, a quiẽ õubede-cjũ Netuno i Marte: acabe todo l que la Mu/a antiga canta, porque s' alhebant' agora delante de nós õutra balantiẽ maior.

EXCERPTOS VARIOS

I

(Lus., I, cvi)

Ne mar siẽpre tanta tremẽta i tanto danho, tantas bezes pruparada la morte! Na tiẽrra tanta guerra, tanto anganho, tanta necidad' anfadonha! Adonde pod' arri-mar-se l ome fraco? Adonde tenerá segura la suẽ bida tã curta, que l ciẽlo nũ s' arme i nũ s' amofine contra ũ bicho tã pequinho de la tiẽrra?

2

(Lus., VI, lxxxiii)

Ah! felizes aqueilhes que pudirũ morrer antre las lhanças aguçadas de ls Africanos, ã quanto defendirũ cũ balor la santa Fé nas tiẽrras de ls Möuros! De quiẽ se söubirũ nobres aciones, de quiẽ quedã lhẽm-branças múi grandes, de quiẽ la bida se ganha cũ perdé'-la, a l mesmo tiẽmpo que las onras alcançadas neilha fáĩẽ doce la morte!

(Lus., VII, m)

Bós, Pertue/es, que sodes tã pöucos canto sodes fortes, que nũ pe/faes l fraco poder bõsso; bós, q' a la custa de bõssas numaro/as mörtes, spalháis la lei de la bida eítorna: assi las sörtes sõu botadas po l ciêlo,—que bós, por múi pöucos que séiades, fágades múito na santa crestiandade: que tanto, ah! Cristo, alhebantas ls pequéinhos!

FAÇANHA DE EGAS MONIZ

(Lus., III, xxxv-xli)

I

Nũ passa muito tẽmpo, quando l forte Princepe ă Guimarăis stă cercado de muitissema tropa; que d' esta maneira l einemigo frido fui pruparar-se de nõbamente; mas l Princepe quedõu lhibre, porque l sõu fiel mestre Egas õufreciu-s' a la dura morte; si assi nõ fusse, podiẽ-se perder, por nõ star biẽ prebenido.

2

Mas l bassalho fiel, coicendo que l sõu amo nõ podiẽ rejezir, bai a star cul Castelhana, prometendo q' el fariẽ cũ que l Princepe beniss' a õubedecer-le. L einemigo alhebanta l circo õurrendo, cunfiado na promessa i na cuncencia d' Egas Moniz; mas l peito de l nobre moço nõ cunsinte star sujeito a õutra persona.

3

Tenê chegado l prázio prometido, ã que l rei castelhano yá aguardaba que l Princepe, sujeito a las sùes órdenes, le disse l òubediença 'sprada. Egas, bendo que quedaba por mintiro/fo,—l que l Castelhana nũ cuidaba d' él—òubriga-se a dar la doce bida ã troco de nũ tener cumprido la palabra.

4

I bai-se culs filhos i la mulhiç a 'lhebantar la fiança, descalços i desnudos, de tal modo que más fáiç piadade de l que píde bingança. I deziç: «Grande Rei, se pretendes bingar-te de la miç astrebida cunfiança, eiqui bengo òufrecer-me a pagar cula bida l prometido.

5

Bés, eiqui tráio las bidas einocentes de ls filhos sã pecado, i de la mulhiç: se peitos genero/so i bonos quedã sastifeitos cula morte cruel de ls fracos. Bés eiqui las manos i la lhengua cremino/as: dá-l' a eilhas solas todo' ls malos tratos i la morte, cumo faziç Cinis i l touro de Perilo».

6

Cumo delante de l algôç l cundanhado, q' yá bubiu la morte na bida, pô l cachaço ne cepo, i yá antregado aspéra po l golpe temible: assi delante de l Princepe anreibado Egas staba òufrecido a todo; mas, bendo l rei aqueilha rala lialdade, tubo más força la cumpaixõ de l que la ira.

Era grande la fedlidade pertuefa de l bassalho que s' öubrigab' a tanto! Que más fizo l Persa naqueilha öuca/iöü ã que cortaba l rostro i las narizes? Dariu agoniaba-se tanto cû isto, que, suspirando, dizia mil bezes q' antes qrię melhor l söu Zopyro sano de l que ser senhor de binte Babilonias.

MORTE DE D. INÊS DE CASTRO

(Lus., III, cxviii-cxxxvi)

I

Adespis d' esta feliz bitória, bulbendo Afonso pa la
tierra lusitana a gozar de la paç cū toda la glória q'
él sōubo ganhar na dura guerra, acunteciu [a] aqueilha
miserable i desgraciada, que depois de ser morta fui
rainha, l causo triste, i que biẽ merece publicar-se, que
de/anterra ls omes de l barranco.

2

Só tu, Amor puro, co' essa força cruda que tanto
cōutiba ls corações õumanos, fuste l cau/ante de la
sua morte anfeliz, cumo s' eilha fura ũna enemiga falsa.
Se dizẽ, Amor faróz, que la tua sede nũ abrandá nĩ
cū lhágrimas tristes, yẽ porque quĩeres, tirano i malo,
lhabar ls tōus altares ã sangue õumano.

3

Tu stabas, guapa Inés, a gozar á paç l fruto de ls tōus anhos, naqueilhe anganho ciego de l alma, que la sorte nū deixa durar por múito tiẽpo, nes campos de l Mundego, que fáiz suidades, i que las lhágrimas de ls tōus q̃lhos nunca deixórū anxugar,—ansinando las muntanhas i las yerbas a dezir l nome que tu teniẽs screbido ne tōu peito.

4

Respundiẽ-t' eilhi las lhẽmbranças que l tōu Princepe teniẽ de tí, i que te traiẽ siẽpre delante de ls sōus q̃lhos, quando eilhes s' apartábã de ls tōus fromofos: de noite ã sonhos doces que te mintiẽ, i de diẽ ã pensa-miẽtos que bolábã; todo aqueilho ã q' él pensaba i todo aqueilho q' él biẽ érá lhẽmbranças de prazer.

5

Él nū quijo òutras fidalgas i Princefas de/iadas por múitos, porque tu, Amor berdadeiro, despréziã todo ã fĩ quando ũ bõ sumbrante te prende. Mas l biẽlho pai sefudo, que daba õubidos a l pobo, i õusserbaba l eideia de l filho, que se nū q'riẽ ca/ar: quando biu las bõubadas q' él faziẽ por cau/a de l amor,

6

mandõu matar Inés, pa le tirar l filho q' eilha teniẽ pre/o,—porque cuidaba d' apagar l bibo fogo de l amor

cul sangue d' ũna mōrt' anjusta. Él siẽpre staba mui bōubiẽlho, pa deixar alhebantar contr' ũna rapaza tã fromofa i tã fraca la spada cū q' él bẽnciu la raiba de ls Mōuros de la Mōurama!

7

· Ls berdugos malōs traĩẽ-la delante de l rei, q' yá staba quaij' a perdoná'-le; mas l pobo, cū rezones falsas i farozes, anteimaba ã le dezir que le disse la mōrte cruel.

Eilha staba triste, dando ais piadofoos, cū suidades i pena de l sōu Princepe, i de ls filhos q' eilha deixaba, i por quĩẽ tenĩẽ más pena que de morrer.

8

Antōũ, alhebantado pa l ciẽlo ls q̃lhos chenos de lhágrimas, ls q̃lhos, porq' ũ de ls menistros l stab' atando las manos; i adẽspuis, mirando pa ls ninos, q' eilh' amaba tanto, i q' érá tã mimofoos, i q' eilha tenĩẽ pena de deixar tã solĩcos, dezi' assi pa l purberso pai-abó:

9

«—Se ls bichos brabos de l mōnte, que sōũ malos por natureza, i las abes-rapinhas, que solo pẽnsã ã rōubar, tubĩrũ cumpaixōũ de crianças pequeinhas, cumo eilhes mostrórũ cula mai de Nino i culs dōus armanos que fazĩrũ la cidade de Roma:

10

«bós, que tenéis peito i rostro d' ome (s' yę d' ome matar ũna dunzeilha fraca i sī fęřa, solo por tener preŕo l coraçõu de quię se namorõu d' eilha), perdonai a estes pequerricos, yá que nũ perdonais a la mai: oxalá que bós téngades dęlo de mi i d' eilhes, puis que nũ bos abalha la culpa que nũ tengo.

11

«I se, bęncindo la rejistencia de ls Mõuros, sabeis dar la morte cũ fięrro i fogo, daí tamię la bida cũ caridade a quię nũ fizo mal niũ pa la perder: mas, s' estes ninos bo' l merecę assi, mandai-me pra sięmpre tristemente degradada pa la Citia frię, õu alhá pa la Libia calięte, dond' yõu biba sięmpre ã lhágrimas.

12

«Ponei-me donde s' uŕe toda la maldade, antre liones i tigres: i brei se pędo achar neilhes la cumpaixõu que nũ achei ne coraçõu de ls omes: alhi, cul miu amor profundo i culs deŕeios de ber aqueilhe por quię yõu męrro, hei-de criar estas sũę relícas, qu' eiqui bistes, i q' hã-de ser le cunsęlo de la triste mai».

13

L rei bundo/o qrię perdoná'-le, cumbęncido d' aqueilhas palabras que l' antristecię; mas l pobo teimo/o, i la sũę sorte, q' assi l quijo, nũ l' perdóná. Ls que jul-

gábã q' isto era biẽ feito puxórũ po las spadas d' aço fino. Ah! peitos carniceiros, cumo bos astrebeis a mostrar-bos farozes i cabalheiros contra ãña mulhiẽr?

Assi cumo l duro Pirro se purpara cula spada contra Policsena, q' era rapaza mui guapa, i l redadeiro cun-solo de la mai biẽlha, porque la selombra d' Aquiles la cundena; mas eilha, botando pa la mai, q' ambõubece, ls õlhos cũ q' abranda l aire, õufrece-s' a l duro sacra-ficio, cumo ãña õubeilha mansica i múi õumilde:

assi ls brutos matadores s' ancarnicábã de/anfrenados contra Inés, ansopando ne sangue de l culho d' alhabasto (adond' eilha teniẽ las obras cũ que l Amor matõu d' amores aqueilhe q' adespui la fizo rainha) las spadas i las brancas felores, q' eilha regaba culas lhágrimas de ls sõus õlhos. Cuitados! nũ adabinábã l castigo que los aspraba.

Ah sol! tu biẽ podiẽs scunder naquel diẽ ls tõus raios, cumo de la me/a desõumana de Tiestes, quando él comiẽ ls filhos po la mano d' Atreu. Bós, ah! fõndos balhes, q' õubistes la redadeira boç de la sũẽ boca friẽ, por ã grande rato de tiẽpo repetistes l nome de l sõu Pedro, q' eilha deziẽ.

17

Assi cumo la rofa branca i guapa, quand' yê cortada antes de l tiêmpo, i maltratada de las manos de/an-quietas de la rapaza que la truxo nũa crona, perdiu l cheiro i tẽ la quelor demudada: assi stá mōrt' aqueilha nina desbotada, culas felores de la cara secas, i tenendo perdida cula doce bida la quelor biba i branca.

18

Las filhas de l Mundego, chorando por múito tiêmpo, lhembrórũ aqueilha mōrte desgraçada: i, por uũa lhembrança nunca squecida, fazirũ de las lhágrimas uũa «fōnte»: ponirũ-le l nome, q' inda dura, «de ls amores» d' Inês alhi passados. Bede que fōnte tã fresca rega las flores: las lhágrimas sōũ l auga, i ls amores sōũ l nome.

19

Nũ passōu múito tiêmpo que Pedro nũ bisse la bingança de las fridas mortales, porque lhōugo q' aco-çōu a goberná' l reino, la tomōu de ls matadores q' habiẽ fugido; agarrōu-los de las manos d' òutro Pedro múi cruel, porq' ambos estes reis, einemigos de las bidas õumanas, fazirũ antr' eilhes l cuntrato anjusto i duro q' Àgusto fizo cũ Lépedo i Antonho.

A BATALHA DE ALJUBARROTA

(Lus., IV, xxviii-xlv)

I

La trumpeta castelhana döu sinal öurrendo, faróc,
grande i medonho. L monte Artabro öubiu-lo; i l Gua-
diana tornöu p' atrás culas ondias, amedrancado; l
Döuro l' öubiu, i la tierra alantjana tamíe; l Teijo corriu
dubido/o pa l mar: i las mais, que scuitórü l söü terri-
ble, apertórü ls felhicos a ls peitos.

2

Quantos rostros eilhi se béie sã quelor, porque l san-
gre amigo fuge pa l coraçöü, porque nes peligros gran-
des l mïedo yê múitas bezes maior que l peligro: i se
nũ yê, parêce-lo, porque l gusto d' öufender u bencir l
duro einemigo fai-mos nũ sentir que la perda de ls nem-
bros corporales i de la qrida bida yê grande i rala.

3

Ampeça la batalha ancierta; d' ambos ls lhados se bõbe la prumeira fila: ùs bã lhebados pra defender la tierra; ötros bã culas sprancias de la ganhar. Lhõugo l grande Preira, ã quiẽ stá todo l balor, yẽ l prumeiro que s' amostra: derrúi i ataca, i finalmente sembra la tierra co' aqueilhes que tanto la de/éiã, sendo eilha alhena.

4

Yá bólá po l aire mûitos tiros. La tierra tembra de-baixo de ls piẽs duros de ls cabalhos brabos; õubẽ-se strondos po ls balhes alantre; las lhanças spedáçã-se, i las caídas repetidas culas armas pe/adas atlóndrá todo; ls einemigos bénẽ ã maior númaro contra la põuca tropa de l baliẽte Nuno, que ls bá apõucando.

5

Sõus armanos bénẽ contra él (cau/õ feio i cruel!); mas él nũ se spanta, porque quiẽ s' arma contra l rei i contra la patria inda tẽ más culpa de l que se matasse ù armano. Mûitos d' estes desquemungados stá ne prumeiro squadrõũ, que s' adelantra contra armanos i pa-riẽtes, —cau/õ stordinairo—, cumo nas guerras cebiles de Julio i Manho.

6

Ah! Sertorio, ah! nobre Coriolano, Catelina, i bós ötros de ls antigos, que bos fazistes einemigos cũ malo

coraçõu contra las bõssas patrias: s' alhá ne reino scuro de Sumano recebirdes grandessissemos castigos, dezí-le que tamîẽ de ls Pertue/es hõubo algũas bezes algũs treidores.

7

Rompe-s' eiqui la prumeira fila de ls nõssos; tantos de ls einemigos bã contra eilhes! Stá eilhi Nuno, cumo nes montes de Ceita stá [1] liõu mî forte, que se bei cercado de ls cabalheiros que bã a correr po ls campos de Tetuã: persiguẽ-lo culas lhanças, i él, andinado, stá ù põuco subressaltado, mas nũ cû mîẽdo.

8

Bei-os cula bista subressaltada; mas la Natureza faróc i la raiba nũ cunsintẽ que fuja; antes po l cuntrairo s' atir' a l meio de las lhanças, q' õumentã: assi stá l cabalheiro que tenhiẽ la berdura de l chano cul sangue alhenõ; eilhi mõrrẽ algũs de ls sõus, porque l' alma balẽnte perde la coraige contra tanta gente.

9

Joã sentiu l' afronta que Nuno passaba, porque cumo capitã sabio corriẽ i biẽ todo, i daba a todos coraçõu cula sũe prefencia i culas sũes palabras: cumo la liona parida, faróc i braba, ã quanto busca pástio pa ls filhos, que stã solos ne nial, sinte que l pastor de Massilia le los roubára,

10

corre anraibada, i ruge i atelondra i fai tembrar cū
bramidos ls montes Sięte-Armanos: assi Joā, co' ötros
scolhidos de ls söus, correndo acude a la prumeira fila:

«Ah! fortes cumpanheiros, ah! grandes cabalheiros,
a quię naide se cumpara! defendei la bõssa tięrra, por-
que la sprancia de la libardade stá na bõssa lhança!

11

Bós me bedes eiqui bõsso Rei i bõsso cumpanheiro,
que corro i söu l prumeiro a ir antre las lhanças i las
ötras armas de ls einemigos: lhuitái, berdadeiros Per-
tue/es!»

Isto dixo l grande guerreiro; i, tomando l peço a la
lhança quatro bezes, joga-la cū força, i, d' ũ solo tiro,
múitos dórũ l suspiro redadeiro.

12

Lhöugo ls söus, anflamados nõbamente d' ũna nobre
bergonha i fogo d' onra, porfiá qual bęncera cū animo
más balięte ls peligros de la guerra; l sangue ardiente
tinhe las armas; ā prumeiro rompę ls bestidos de fięrro,
i adespuis ls peitos: assi juntamente recebę i dá fridas,
cumo pessonas a quię nũ l' amporta perder las bidas.

13

Mandá a ber la lhagona de l Stigio a múitos, fazendo
antrar nes söus corpos la morte i l fięrro; eilhi morre

l Mestre de Sã Tiago, que lhuitaba fortissemamente;
morre tamẽ, cõu/ando grande strago, õtro Mestre ba-
liẽte de Calatraba; ls Preiras desquemungados tamẽ
morrẽ, amaldiçonando l ciẽlo i la sorte.

14

Muitos tamẽ de la gente baixa i descoincida, i tamẽ
muitos de ls fidalgos, bã pa las profundas de l anfiẽrno,
adonde bibe l perro de tres cabeças, que stá siẽpre cõ
fame de las almas que bã d' este mundo; i pa que se
amãsie i adome la soberba de l einemigo danhado, la
bandeira castelhana, q' ib' alhebantada, fui derribad' a
ls piẽs de la pertue/a.

15

La faroç batalh' acende-s' eiqui cõ mortes, gritos,
sangre i spadagaços; la muita gente que morre tẽ las
felores de la sũe quelor mudadas. Yá fugẽ i dã la bida;
yá falta la fõrça, i hái lhançadas de más; yá l rei de
Castiẽlha se bei bẽcido, i mudado de la sũe õupeniõ.

16

Bai deixando l campo a l bẽcedor, cuntento de nũ
le deixar la bida; ls que quedõrũ acumpãnhã-lo; i l
mĩedo nũ le dá piẽs pra fugir, mas dá-l' alas. Ancúbrẽ
n' anterior de l sũu peito l delor de la morte, de las
despe/as que fazirũ, de la pena, de la de/õnra i triste
descunsõlo por ber õtro quedar se cul q' eilhes dei-
xõrũ.

17

Algũs bã maldezindo i amaldiçonando l prumeiro que fizo guerra ne mundo; òutros bã acu/ando la sede dura de l peito codiço/o i assedilhado, que fai cū que l pobo desgraçado, pra tomar l alhenos, s' arrisque a ir pa las profundas de l anfierno, deixando mi/arables tantas mais i tantas sposas, sũ filhos i sũ maridos.

18

Joã, bençedor, stubo ne campo, ã grande fięsta, ls dięs aquestumados; adespuis, co' õufięrtas i romaiges, dõu gracias a quĩę le dõu la bitória.

AVENTURA DE VELLOSO

(Lus., V, xxvii-xxxvi)

I

Beio benir rodiado de ls mius cumpanheiros ũ ome
stranho, de çamarra negra, q' eilhes agarrórũ a la fôrça,
ã quanto apanhaba ne monte ls doces trebos de miêl.

2

Bẽ culs ôlhos spantados, cumo aqueilhe que nunca
se biu ã tales apiêrtos. Nĩ él mos antende a nós, nĩ nós
l' antendemos a él, q' inda era más salbaige que l bruto
Polifemo. Ampeço-l' a amostrar l guapo i suprior metal
de l rico beldre de Colcos, la prata fina, la pumiênta
i la canela que quémã. A l bruto nu' amportaba nada
d' isto.

3

Mando amostrá'-le piêças de menos balor, sartas de
cristal relhuziênto, algũs cascabeles pequinhòs que stábã

a telincar, ù gorro burmeilho, quelor biba. Lhöugo bí, por sinale i aceinhos, que s' alegra grandemente co' isto; mándo-lo ir¹ ambóra cū todas las cōu/as; i assi camina pa l lhugar que le quedaba múi acerca.

4

Mas lhöugo n' öütro² dię ls söus praceiros, todos desnudos, i de la quelor de la nuíte scura, bénę baixando po ls montes ásparos a baixo, a buscar pięas cumo las que l öütro lhięba. Mostrá-se-mos yá tã mansicos i afeitos, que fázę cū que Fernã Belofo s' astreba a ir a ber la tięrra, i partir-se cū eilhes po l mato.

5

Belofo cunfia ne söu braço, i, por ser arrogante, cuida que bai seguro; mas, habendo yá passado ù grande cacho de tięmpo, ã que precuro saber algū sinal bono, stando yöu cula bista alhebantada, cū cuidado naqueilhe astrebido, de repente aparece él ne mōnte brābiu; i, caminando pa l mar, benie cū más prięssa de l que fui.

6

La barca de Coelho fui de brebe pa l receber; más antes d' acá chegar, ù negro astrebido botöu-s' a él,

¹ Ou melhor *mánde-lo ir* (dissimilação).

² = *ne öütro*.

pa que nũ se le scapasse; ötro i ötro le salirũ;
 Belo/ö bei-s' ã peligro, sĩ que naide eilhi l' ajudasse;
 yöu acudo lhöugo, i, anquanto döu a l remo, mostra-s' ũ
 muntöũ de negros desnudos.

7

Ũa grande nubre de piẽdras i de setas sĩ cõta chube
 subre nós; i eilhas nũ fũrũ atiradas ã bano a l aire, porq'
 yöu truxe frida esta piẽrna d' eilhi: mas nós, cumo pes-
 sonas peno/as, demos-le la repõsta tã lharga, que se spõ
 q' eilhes lhiẽbã d' esta beç quelor burmeilha sĩ ser nes
 gorros...

8

E quando Belo/ö yã staba fõra de peligro, lhöugo mos
 arrecollimos pa ls nabius, bendo la malicia feia i ls ruis
 pensares d'aqueilha gente bestial, bruta i mala, de quiẽ
 nũ podemos tener melhor noticia de la de/ĩada Índia,
 senó que stábamos mui lõge d' eilha: i assi tornei a dar
 las belas de ls nabius a l aire.

9

Antöũ ũ cumpanheiro dixo a Belo/ö (ampeçando-se
 todos a rir): «Ölá, amigo Belo/ö, aqueilhe monte ye
 melhor de baixar que de chubir?» — «Si, ye, responde
 l astrebido soldado; mas, quando yöu bi benir pr' acá
 tantos d' aqueilhes perros, bení ũ pöuco mas de brebe,
 por me lhembrar que bós stábades acá sĩ mi...».

Cuntõu antõũ, que lhõugo que passórũ aqueilhe monte,
ls negros, de quiẽ falo, nũ l' deixórũ passar más alantre,
qrendo-l' eilhi matar, se nũ bõlbe: i quando él bulbiu,
lhõugo s' anfruscorũ, pra que, salindo nós [a] arrece-
bi'-lo, mos pudissẽ mandar a l reino scuro de la morte,
pã mos rõubarẽ sĩ corrérẽ peligro.

TRAÇOS AUTOBIOGRAPHICOS DE CAMÕES

1. Nasce Camões junto do Tejo.

Começando por cultivar na poesia o genero lyrico, passa a cultivar o epico,
e emprehende a composição dos «Lusiadas»

(Lus., I, iv e v)

I

I bós, miçes Tágides, yá que teneis criado ã mi ù
nôbo angeinho ardiente, se siẽmpre ã berso òumilde l
bosso riu fui múi lomiado por mi alegremente: dai-m'
agora ù sôũ alto i grande, ù stilo de fala que seia guapo
i natural, pra que Febo tremine que las bõssas augas
nũ tengã ambeija d' las d' Eipocrene.

2

Dai-m' agor' albelidade pra tocar, nó ùna fraita rui,
mas ùna trumpeta de guerra i biẽ afinada, q' anima l
coraçõu i muda la quelor a l rosto; ansinai-me ù cán-

tigo eigual a las acciones de la bõss' afamada gente, a quĩẽ Marte ajuda tanto: pra q' eilha seia coincida i cantada por todo l mundo, se tã grande balor se le põde dar ã berso.

2. Falla das suas viagens em geral, e desgraças

(Lus., VII, LXXVIII-LXXXII)

I

..... Mas ah! ciẽgo. Q' heide yõu fazer, tonto i astrebido, sĩ bõs, Ninfas de l Teijo i de l Mundego, por caminos tã malos d' andar, tã lhargos i tã defrentes ùs de ls õutros! Pido-bos que m' ajudeis, porq' ando a nabegar ne mar alto, cõ aire tã cuntraio, que, se me nũ ajudais, arrecelo mũito que la miẽ fraca barca s' incha d' auga de brebe.

2

Mirai, q' hai tanto tiẽmpo que la sorte me trai po l muõdo a cantar l bõsso Teijo i ls bõssos Lu/itanos, i a passar por nõbos trabalhos i nõbos danhos: ùñas bezes a sofrer l mar, õutras bezes a sofrer ls peligros de/õumanos de la guerra (cumo Canace, que se cundanhõu el mesmo a la morte), tenendo siẽmpre nũna mano la spada, i na õutra la pena de screbir;

3

õutras bezes, ã pobreza anfadõnha, degradado por ca/as alhenas; õutras bezes bendo, más que nunca, per-

didás de nõbo las sprancias q' yõu teniẽ; õutras, sca-
pando de la mörte, lhebado a las cõstas, de tal modo
que salbar-se la miẽ bida, que dependiẽ d' õ filõ tã del-
gado, fui õ milagre inda maior de l que acrecentar-se
la de l rei judiu.

4

I inda nõ era bastante, ah! Ninfas miẽs, q' yõu me
bisse ne meio dẽ tamanhas mi/erias, quanto mãs inda
ã riba darẽ-me tal pago de ls miũ bersos aqueilhes
omes q' yõu andaba cantando: ã troca de ls descansos
q' yõu aspraba, i de las cronas de lõureiro que me
dissẽ onra, õumentorũ-me trabalhos descoincidos, cõ
que me ponirũ neste stado.

5

Bede, Ninfas, q' angeinhos de fidalgos balero/õs cria
l bõsso Teijo, q' assi cõ tales fabores sabẽ stimar a quiẽ
cantando le dá glõria! Qu' ei/emplos a ls que benirẽ
adespuis de nõs i quergã screbir cõ de/feio de cuntar las
cõu/as que mercirẽ glõria eiterna!

3. Naufraga no rio Mecom, na costa de Camboja

(Lus., X, cxxvii e cxxviii)

I

Stás bendo l riu Mecom, que passa por Camboja: l sõu
nome quiẽr dezir «capitã de las augas»; tantas arrecibe
d' õtro solo ne brano, q' alhaga i anquieta ls campos

lhargos; tē las anchenas cumo l Nilo friu. La gente d' él cuida, cumo eignorante, que ls brutos animales de toda la calidade tenē pena i glória apuis de la mōrte.

2

Est' ha-d' arrecebir, assossegado i brando, ne sōu rugaço, l lhibro que bē molhado de l nōufraiço triste i anfeliç, scapado de las tēpestades de l mar, de las fames, i de ls peligros grandes, quando fur cumprida la órdene anjusta naqueilhe que tenerá más alomiada que bēntura.

4. Continúa escrevendo o poema.

Difficuldades do assunto. — Só cantará a honra e a glória

(Lus., VII, LXXXIII-LXXXVII)

I

Puis q' yê neçairo, Ninfas, q' ã tantos males só l bōsso fabor me nū falte, principalmente eiquí, que cheguei a ũ punto ã que debo angrandecer bárias aciones, dai-me-lo bós solas, porq' yōu tengo yá jurado que nū l hei-de empregar ã quĩē l nū mereça, nĩ hei-d' agabar, sĩ cuncencia, algū grande ome, cū pena de nū ser agradecido.

2

Nĩ pēseis, Ninfas, q' yōu disse fama a quĩē fur einemigo de la lei debina i òumana, i antes quejir l sōu antresse de que l bĩē de todos i l de l sōu rei.

Nū cantarei ningū ambeciofo, que quejissee chubir a grandes ampregos, solo porque podisse, por maneiras bergonhofas, meter-se más lhargamente nes sōus bícios;

3

ningū que se bala de l sōu grande poder pa serbí ls sōus feios defeios, i que p' agradar al pobo tonto, se muda ã más figuras que Proteio; nī tamīē, Camedas, cuideis q' yōu cante quīē biēno cū traige õunesto i grabe a desnudar i rōubar l probe pobo, solo para cuntēntar l rei ne nõbo cargo;

4

nī quīē acha q' yē justo, i q' yē de dereito guardá'-se biē la lei de l rei, i nū acha q' yē justo i bõ respeito que se pague l suor de la gente que fai serbícios; nī quīē siēmpre cū pōuca sprenchia aprende rezones (cuidando q' yē prudente) pra julgar cū mano rapinheira i garunha ls trabalhos alhenos q' él nū passa.

5

Falarei solo d' aqueilhes q' arriscorū la sūē qrida bida po l sōu Dius i po l sōu rei, adonde, a l perdé'-la, la delatorū ã fama, sendo eilha tã biē mercida po las sūē obras. Apolo i las Mu/as, que me acumpanhorū, me dobrará l õudac que yá me dorū, anquanto yōu tomo aliēnto i descanso, para tornar más fulgado a l miu trabalho.

5. Epocha em que conclue o poema

(Lus., X, viii e ix)

I

.....
Agora, miç Caliope, chamo por ti ne fĩ de l miu
trabalho, pra que, ã paga de l que scribo i de l q' yõu
quiçero ã bano, me tornes a dar l gusto que bõu per-
dendo de screbir.

2

Os anhos bã passando, i desde l brano até l õutõho
hai põuco que passar. La sorte fai-me l angeinho friu,
i d' él yá nũ m' agabo. Os desgustos bã-me lhebando a
l riu de l squecimento. Mas tu, ah! grande Rainha de
las Mu/as, cunsinte-me q' yõu acabe l que de/eio fazer
a la miç tiçrra.

6. Desanimos ao terminar os «Lusiadas»

(Lus., X, cxlv)

Nũ más, Mu/a, nũ más, porque tengo las cõrdas des-
tempradas, i la boç rõuca, nó de cantar, mas de ber
que bengo cantar a gente xorda i ruda. La patria nũ dá,
nó, l premio cũ que l angeinho más s' acende, porq'
eilha stá toda chena de codicia i d' õũa tristeza bil, apa-
gada i selumbriç.

7. Synthetiza os factos capitaes da sua vida,
e offerece-se ainda para cantar as acções futuras de D. Sebastião

(Lus., X, CLIV-CLVI)

I

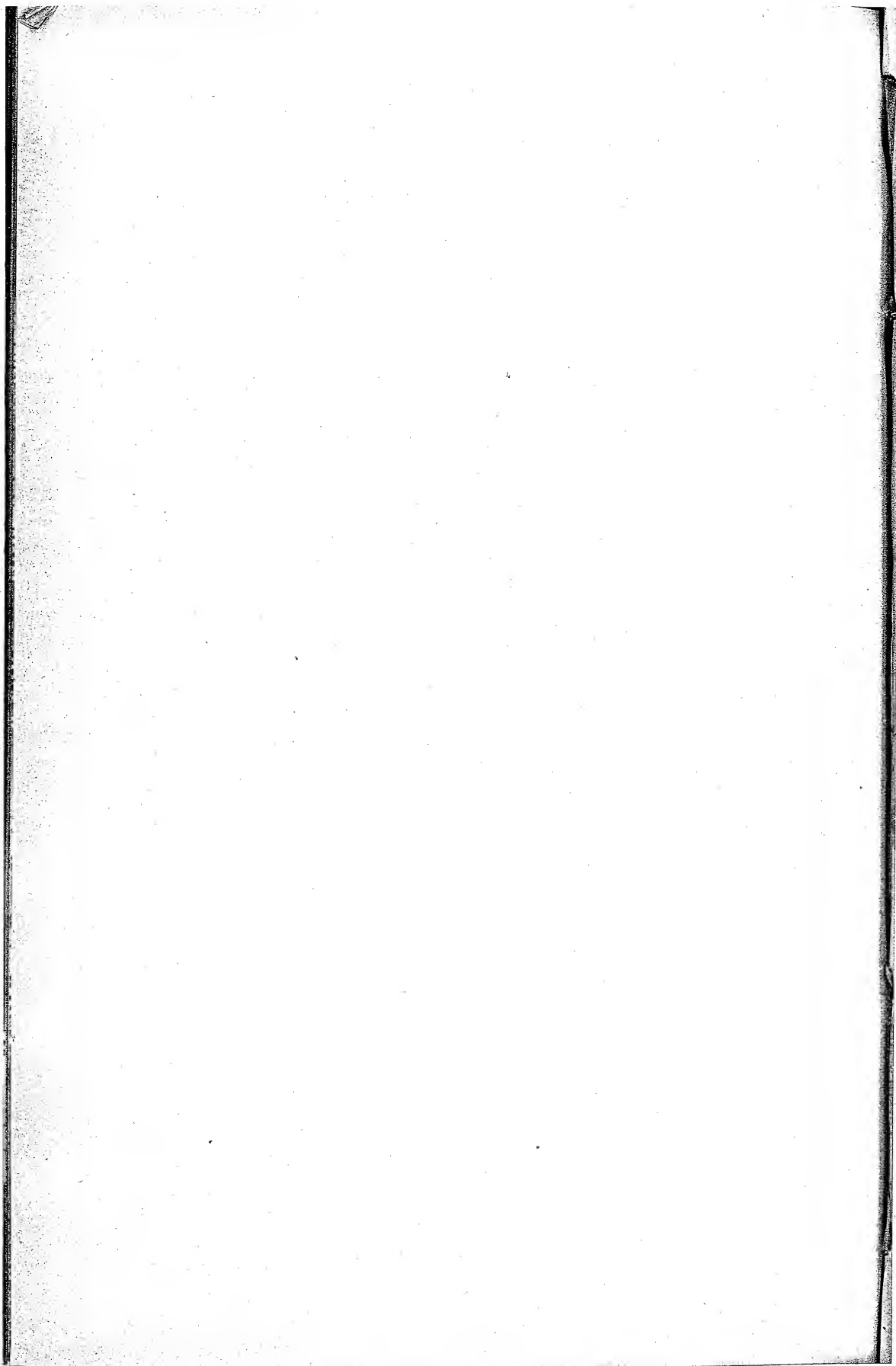
Mas que stôu a dezir, yôu ôumilde, baixo i basto?
Sei cû todo que l lôubor sal a las bezes cumpleto de
la boca de ls pequinhos. Nû me falta na bida studio
ôunesto, misturado cû muita sprençia, nĩ angeinho, q'
eiquí breis agora pre/ente,—côu/as estas que ralas bezes
s' achã juntas.

2

Para bos serbir, l miu braço stá afeito a las armas;
i para bos cantar, stôu aquestumado a fazer bersos; só
me falta ser recebido por bós, que debeis stimar la ber-
tude. Se l cêlo me purmetir isto, i bós quejirdes ser
cantado, cumo la bôssa debina anclinaciõu me fai ada-
binar;

3

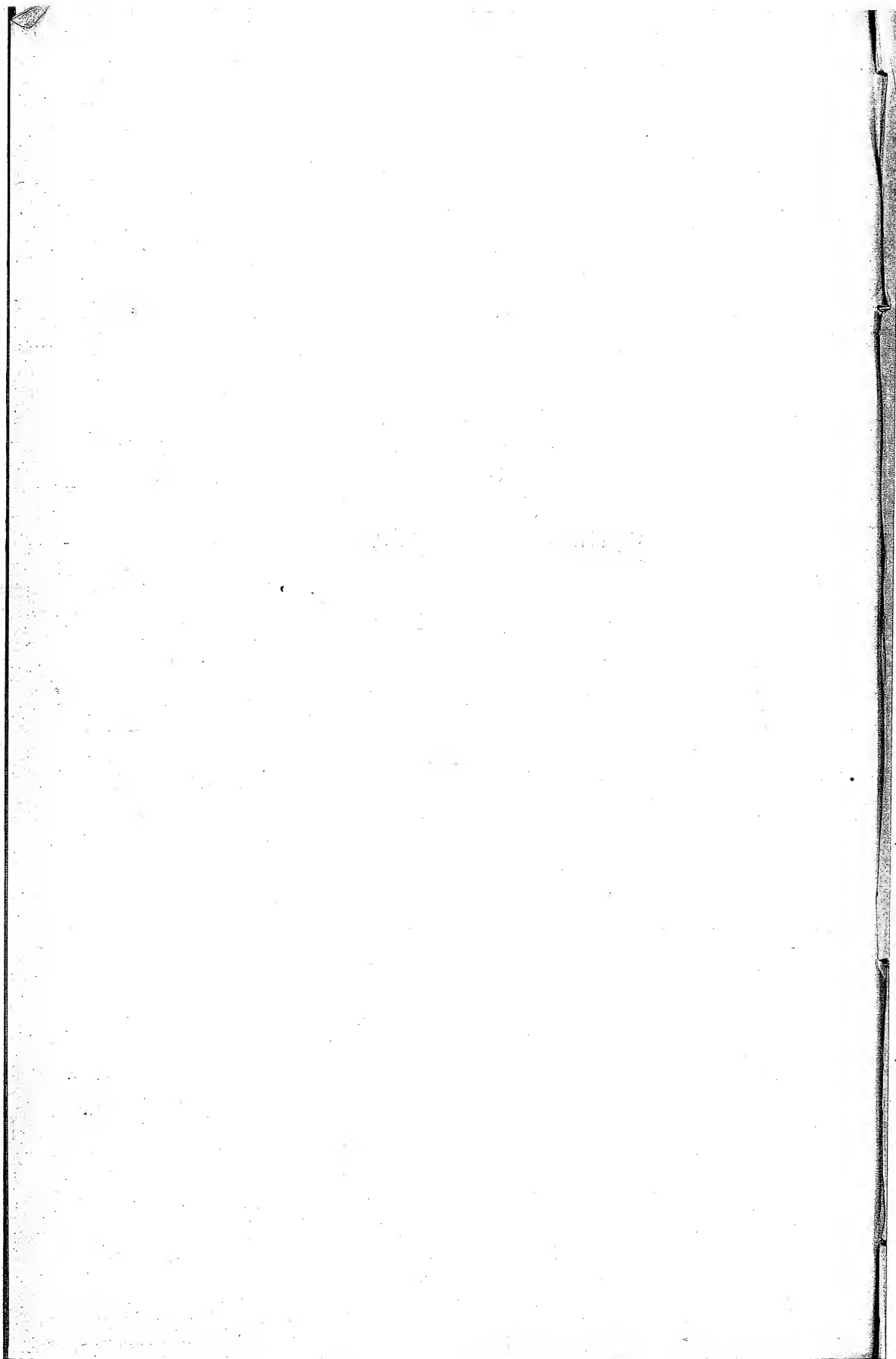
u fazendo que l monte Atlante tenga más miêdo de
la bôssa bista de que de la de Medu/a, u bencendo nes
campos d' Ampelu/a ls Môuros de Marrocos i de Tru-
dante: pormeto que la mię stimada i alegre Mu/a ha-de
cantar-bos ã todo l mundo, de tal modo, que Lixandre
se beia ã bós, sĩ tener ambeija de la fertuna d' Aquiles.



III

GENERO DRAMATICO

(EXCERPTOS)



DO AUTO DE «EL REI SELEUCO»

(Vol. IV, p. 204 sqq.)

REI

Sinhora, adespis que la sorte me quiço dar-bos a mi por mulhiçr, sinto-me tornar de biçlho a nõbo; porque na bõssa formeçura perde la belhéc l sõi sér. Û ome biçlho i cansado nõ tẽ fõrça nĩ bigor para sentir amor ã si; senõ yç que, por ser bõsso, stõu mudado ã õutra quelor. Muito grande fçcidade tẽ la mulhiçr q' yç fro-mo/a!

RAINHA

Sinhor, grande! mas se la tal mulhiçr yç bertuo/a, la sorte quiçr-le más biç.

REI

Si, mas nunca bemos la natureza smerá'-s' adond' haba algũa nota, porque quando eilha quiçr fazer ãũa cõu/a purfeita, fai-la purfeita ã todo. Yõu falo cumo quiç

acha esta calidade ã bós, po l que beio eiqui pre/ente ;
i se me minte est' amostra, minte-me la mesma ber-
dade. Tengo só ûña tristeza que la meninéç nũ tẽ: que
ne maior prazer l trabalho de la belhéc m' ambaraça
l coraçõũ.

RAINHA

Sinhor, tales nobidades fazẽ-me crer, na berdade...

DO AUTO DE «FILODEMO»

(Acto II, sc. VIII)

CAÇADOR

Perdiu-se por estas tôças Venadôro, miu Senhor, sî
 yôu tener notícias d'él. Querga Dîus que d' esta perda
 nû bengá òutra maior. Corriu por este lhado d' eiqui
 atrás d' û benado. Lhõugo de/aparciu. Tanto que l'
 perdi de bista, perdi l' gusto. Yôu i ls òutros caçadores
 corrimos mōntes i balhes; falemos co' aradores d' esta
 ôurriêta, i cû pastores, sî ancuntrarmos rastros d' él.
 Quiêro ber nestes ca/ales, que stã debaixo d' aqueilhes
 alborados, s' acharei òutros pastores que me dêiê algûs
 sinais cû q' yôu pōda quedar más cuntento. (*Bozêia*).—
 Ah de ls casales! ah bós d' alhá! ah pastores! nû falais!

PASTÓR

Quiê sodes! Q' andais a buscar?

CAÇADOR

Ôubis? Chegai-bos pr' acá.

PASTÓR

Q' yę que bós q'reis!

BÓUBO

Nũ báíades adonde bos chamõu, pai, sĩ saberdes
quię yę.

PASTÓR

Porquei?

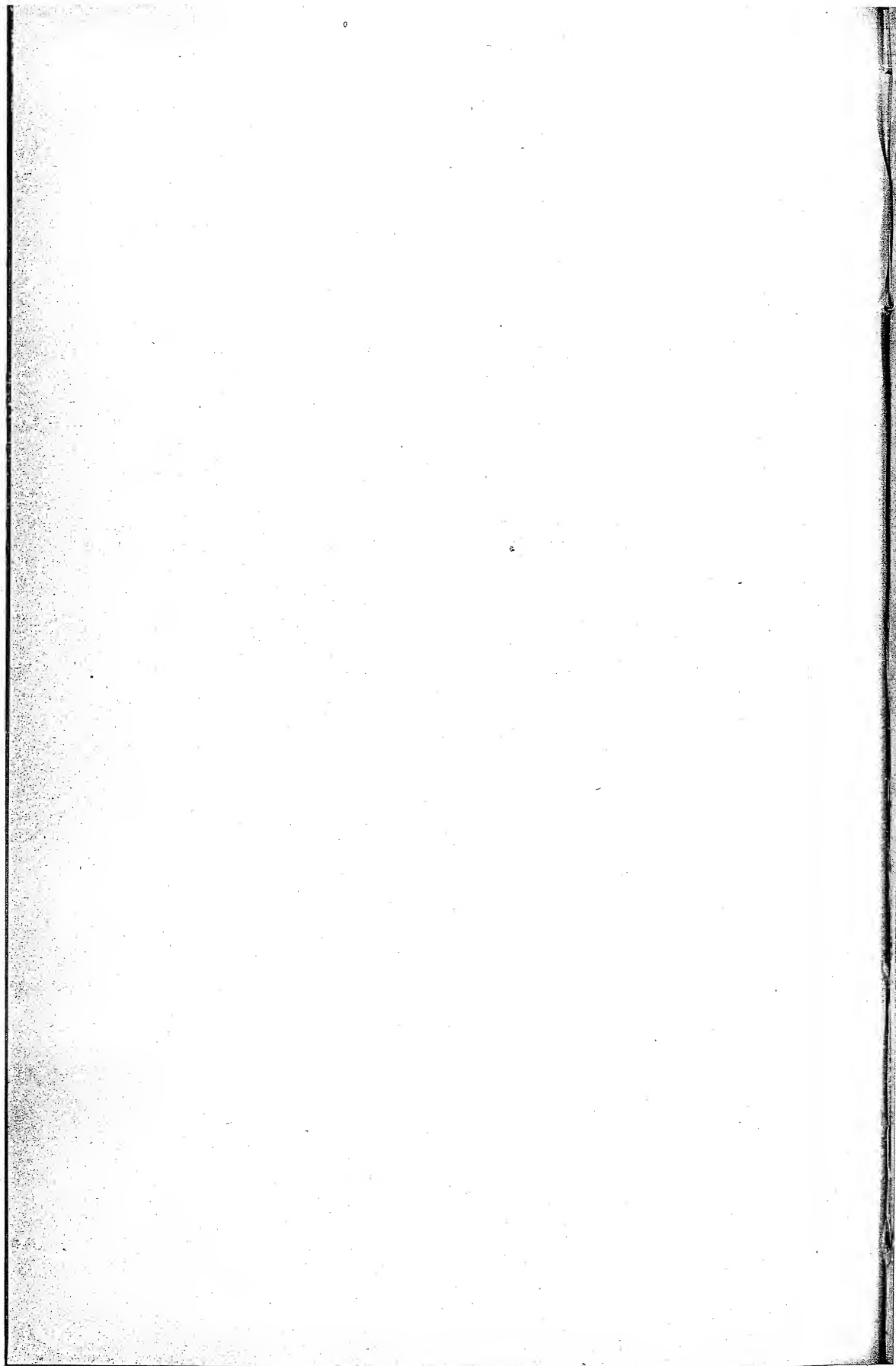
BÓUBO

Porq' est' yę aquel lhadrõũ que furtõu l burro de l
Pertués. Y se báíades adonde eilhes stã, jur'-bos po l
cõrpo sagrado de S. Pisco i S. Joã que tamĩę bos fur-
tãrã, porque sodes burro, mas unrado!

IV

CARTAS EM PROSA

(EXCERPTO)



CARTA

(A 1.^a na ed. de Juromenha, vol. v, p. 219 sqq.)

De/iei tanto ũña carta bõssa, que cuido que, po la de/iar mûito, nũ la bi, porq' este ye l más cïerto questume de la fertuna, cunsentir que más se de/ieie l que más de brebe ha-de negar. Mas, para que õutros nabius me nũ fágã tamanha õufénsia, cumo ye fazérẽ-me des-cunfiar que bós nũ bos lhembraís de mí, treminei a screbir-bos agora esta pra que tamĩẽ bós me screbíssedes; neilha breis põuco más u menos l que quiẽro que me screbéiades d' essa tĩerra. ã paga d' isso, dõu-bos notícias d' est' adelantradamente; eilhas nũ serã malas ne fõndo d' ũña arca pr' abifo d' algũs bagamundos, que cúidã que *todo o mato he ouregãos*¹, i nũ sabẽ que *cá e lá más Fadas ha*².

Apuis que salí d' essa tĩerra, cumo quiẽ saliẽ pa l õutro mundo, mandei anforcar cũ pregõũ público, *por falsifi-*

¹ Em mir.: *todo l mato ye õuriẽganos.*

² Em mir.: *acá i alhá malas Fadas hái.*

cadoras de moneda, toda' las sprancias a quiẽ yõu dei de comer até antõũ. I defanganhei esses pensamiẽtos, que traie por ca/a, pra que ã mi nũ quedasse piẽdra subre piẽdra. I assi posto ã stado que me nũ biẽ senõ por antre lhusques-fusques, las redadeiras palabras que dixe nel nabiu fũrũ las de Cepiõũ Africano: *Ingrata patria, non possidebis ossa mea*. Porque, quando cuido que, sĩ tener cometido pecado, que m' õubrigasse a tres diẽs de purgatorio, passei tres mil de malas lhenguas, piores antenciones, danhadas buntades, solo nacidas de l ambeija de bẽrẽ *su amada yedra de si arrancada, i en otro muro asida*. . . D' eilha tamẽ ami/ades más brandas que la cera s' acendẽ ã odios que chiçpabã lhume que me deitava más pingos ne credito q' ã riba de l couro d' õ lheitõũ.

Antõũ ajuntõu-s' a isto achárẽ-me siẽmpre na çamarra la bẽrtude d' Aquiles, que nunca pudo ser curto, a nũ ser po las sõlas de ls piẽs; cumo nunca me las bĩrũ, tube yõu que bẽ' las de mũitos, i nũ despreziar cumbersaciones de la mesma ampressiõũ a personas a quiẽ fracos poniẽ mal nome, bingando cula lhengua l que nũ podiẽ cul braço. ã fĩ, senhor, yõu nũ sei cũ que m' hei-de pagar, por saber tã biẽ fugir a cantos lhaços nessa tiẽrra m' armábã ls acuntecimĩentos, cumo cula miẽ benida pr' esta tiẽrra, adonde bibo más benerrado que ls tõuros de Merceana, i más sossegado que l quarto d' õ frade prẽgador. De la tiẽrra bos sei dezir q' yẽ mai d' omes rũis, i madrastra d' omes unrados. Porque ls que s' acá lhançã a buscar dinheiro, siẽmpre se sustentã subr' auga cumo bexigas mas aqueilhes; a quiẽ la sũẽ õupeniõũ deita *a las armas Mouriscote*, cumo la marẽ çõrpos mõrtos a la praia, sabe que se sécã

antes que amadurẽ. Yá estes que tomábã esta õupeniõu
de ballẽtes a las cõstas, acreditai que nunca

*Riberas de Duero arriba
Cavalgaron Zamoranos,
Que roncás de tal soberbia
Entre si fuesen hablando*

i quando bẽ al fĩ de l' obra, sálbã-se dezindo que nũ se
põdẽ fazer dũes cõu/ás tamanhas, cumo yẽ pormeter i
dar. Anformado d' isto biẽno a esta tiẽrra Joã Toscano,
que, cumo se achaba ã algũ magosto de rufiones, berda-
deiramente eilhi era:

*Su comer las carnes crudas,
Su beber la viva sangre!*

Calistro de Siqueira biẽno acá más õumanamente,
porque assi l prometiu ã ãũa tremiẽta grande ã que
se biu. Más ã Manõl Serrõu que, *sicut et nos*¹, tẽ falta
d' ãũa bista, tẽ acá dado de si probas arrezonados, por-
q' yõu fui tomado por juiç de ciẽrtas palabras, de q' él
fizo desdezir a ã suldado, l qual po la postura de la
sũẽ persona er' acá tenido ã bona cõta.

Se greis saber nobidades de las sinhoras de la tiẽrra,
las quales sõu tã neçairas nũũa carta, cumo marinheiros
na fiẽsta de Sã Frei Pedro Gunçales², sabei que las
Pertue/ás todas cáigẽ de maduras, que nũ hái filo que
le tenga ls puntos, se le quejirẽ lhançar pedaço. Puis
las que la tiẽrra dá? ã riba de sérẽ de la quelor de

¹ Em mir.: *cumo tamẽ nõs*.

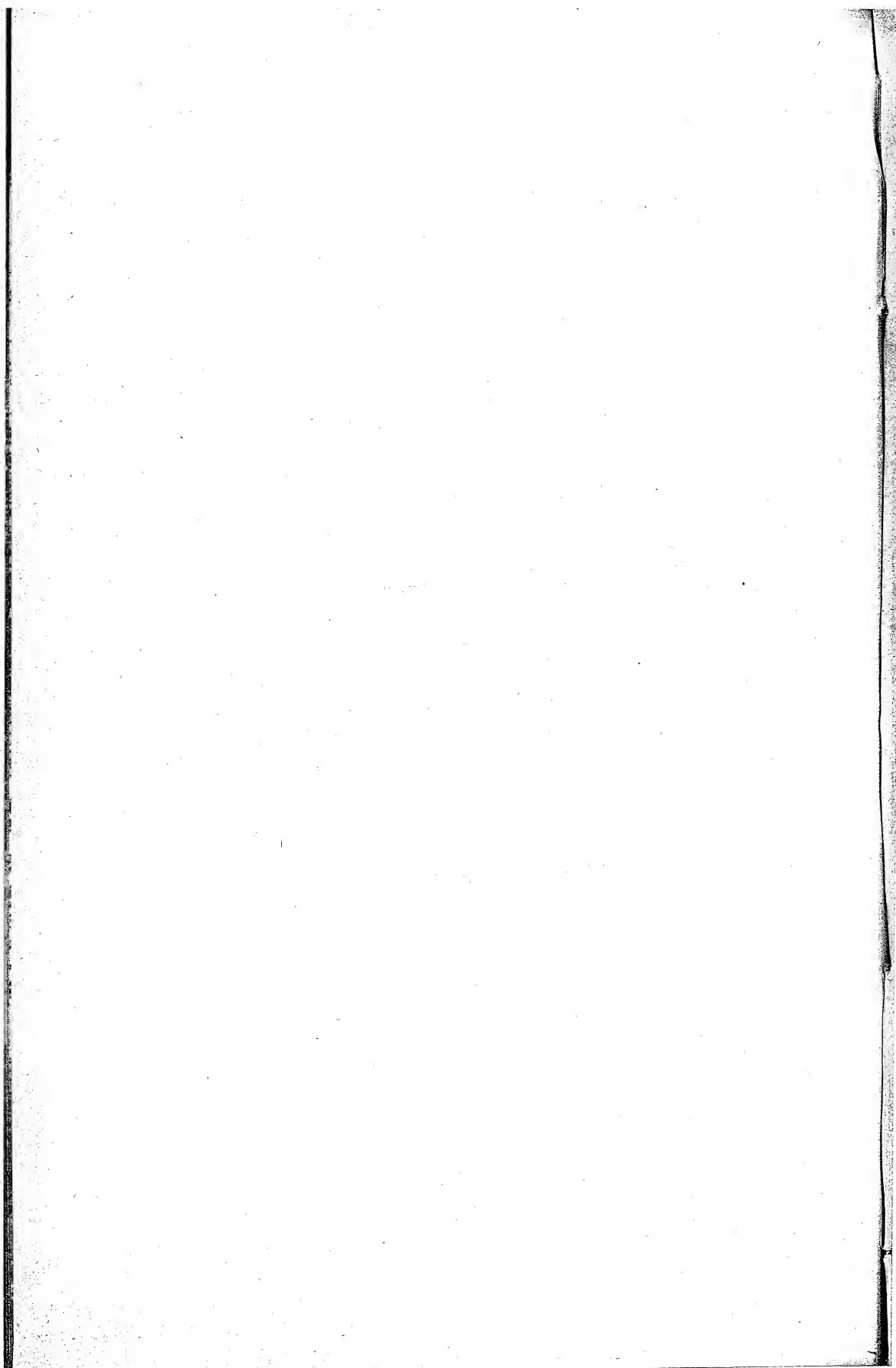
² Não ouvi -ç no fim, mas -s, como indico.

l pã negro, fazei fabor de le falar ã algũs amores de Petrarca u de Boscã, respondẽ-bos ûña linguaige am-bolta ã arbulhaca, q' amarga na garganta de l anten-dimẽto, la qual bos bota auga na ferbura de la maior calentura de l mundo. Ora, julgai, Senhor, le que sen-tirá û stamago aquestumado a rejestir a las falsidades d' û rostrico de *tauxia* d' ûña sinhora de Lisboa, que chia cumo pucarico nõbo co' auga, bendo-se agora antr' esta carne salgada, que niũ amor dá de si. Cumo nũ chorará las memorias de *in illo tempore*! Por 'mor de mi dezi a las mulhiẽres d' essa tiẽrra que, s' eilhas quẽrẽ anteiramente tener jurdiçõũ cũ baraço i pregõũ, nũ arrecelẽ seis mefes de mala bida por esse mar, q' yõu las 'pero cũ precissõũ, pálio, rebestido ã *ponti-fical*, adonde estas senhoras l' irã antregar las chabes de la cidade, i recoincerã toda l õubediença, a que por sũe mũata eidade sõũ yá õubrigadas. Por agora nũ más, senó que este *Soneto* q' eiqui bai, que fiç a la morte de D. Antonio de Noronha, yõu bos lo mando ã sinal de toda la pena que tube d' eilhe. Ûña *Egloga* fiç subre la mesma cõu/a, la qual tamẽ trata algo de la morte de l Principe, que me parece la melhor de todas las que fiç. Tamẽ bos la mandára pa la mostrardes ende a Miguel Dias¹, que, po la mũata ami/ade de D. Anto-nho, stimariẽ mũato bé'-la; más l õocupaciõũ de screbir mũatas cartas pa l reino me nũ dõu tiẽmpo. Tamẽ alhá scribo a Luis de Lemos, ã repõsta d' õutra que bi sũe: se le la nũ dirẽ, que saba q' yẽ la culpa de la biaige, na qual todo se perde. —*Vale*.

¹ Ouvi *Dias*, e não com -ç final.

PARTE V

VOCABULARIO ETIMOLOGICO

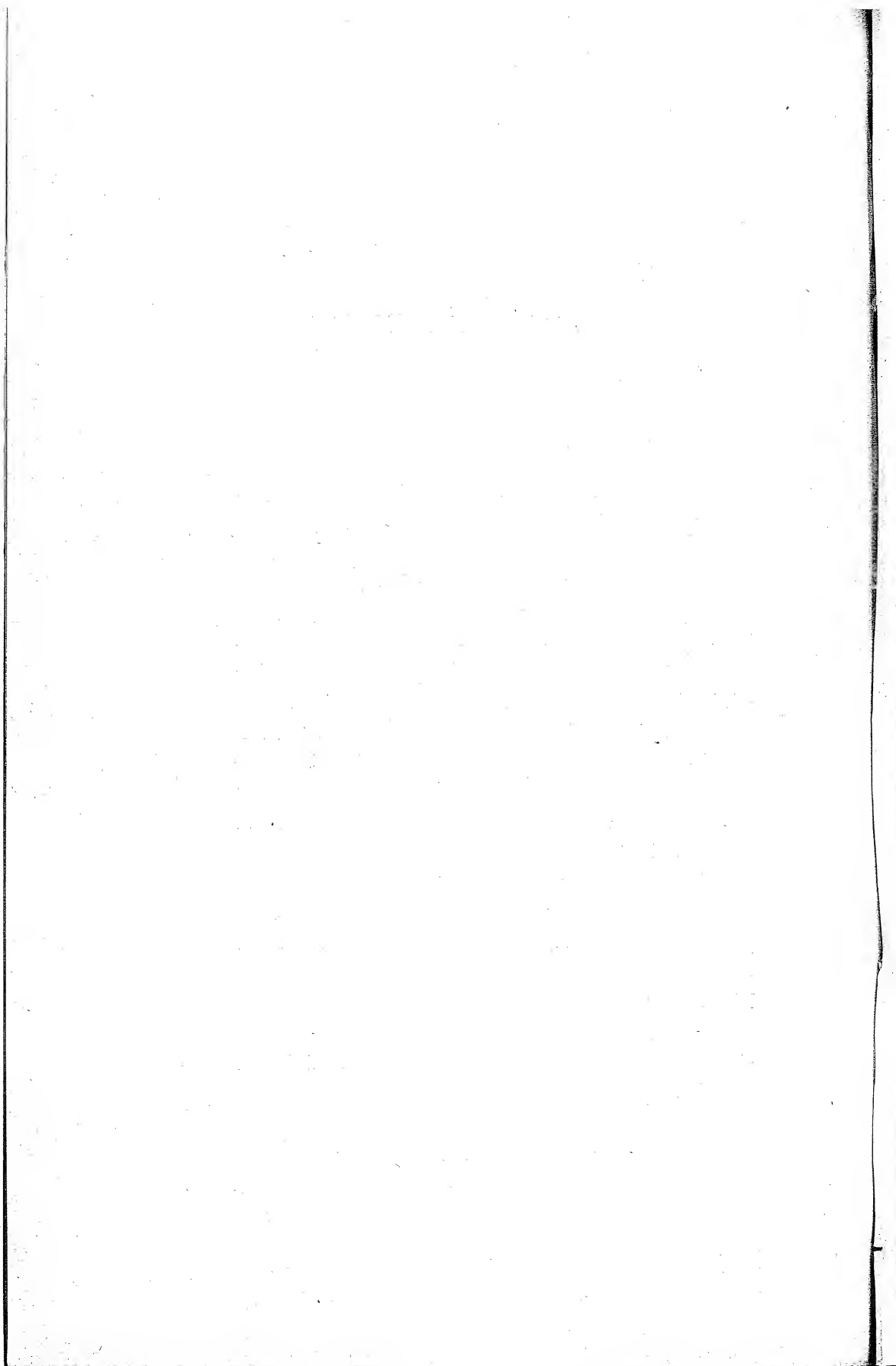


OBSERVAÇÃO PRELIMINAR

Como os phenomenos linguisticos se operam segundo leis, não sendo a grammatica historica senão a codificação d'essas leis, o ideal de quem fizer um vocabulario etymologico consistirá em, para a explicação de cada vocabulo, se limitar a remetter o leitor para os respectivos §§ da grammatica, com o que dará ao seu trabalho fórma até certo ponto mathematica. No VOCABULARIO que se segue procurei, tanto quanto pude, realizar tal *desideratum*. É evidente que o não consegui por completo, em virtude do atraso em que ainda está a philologia mirandesa; mas fique ao menos consignada a tentativa. — Os numeros postos entre () são os dos §§ da GRAMMATICA MIRANDESA, que constitue a Parte II da presente obra.

Inclui no VOCABULARIO todas as palavras que na fórma ou no sentido differem das que lhes correspondem em portuguez. A transcrição rigorosa, a que no vol. I, p. 194, me referi, adoto-a só em relação àquellas palavras cuja leitura possa offerecer alguma dúvida.

Entenda-se que o VOCABULARIO o é unicamente da CAMONIANA MIRANDESA, que fórma a Parte IV d'estes *Estudos*.



A

ã — em.

HIST. Lat. *in* > *en* (52) > *ẽ* (110) > *ã* (75). —

A fôrma *en* está ainda representada pela hesp. *en*; a fôrma *ẽ* pela port. *em*.

abalhar — abalar, mover.

HIST. Lat. *evallare*. — Cf. Cornu, *Die portugiesische Sprache*, 92. Quanto a *-ll-* > *-lh-* vid. § 141-a.

abe-rapinha — (= *abe-rapinha*) ou *abe-rapina* «ave que nas rapinas aereas tem o intento».

HIST. Vid. GRAMMATICA, § 301. Cf. hesp. *rapinha* (verbo *rapinhar*).

abiço — aviso.

HIST. Subst. verbal de *avisar*: *visu-*. Quanto ao *b* vid. § 101.

abó — avô, avó. — Esta palavra veio do português.

HIST. Cf. GRAMMATICA, p. 329. — Na raia diz-se *abolo*, *abola*, segundo informações que ultimamente colhi.

acá — cá.

HIST. Em hesp. *acá*. Em português antigo também *acá*, escrito por vezes *aquí*; ex.: nos *Ineditos de Alcobaca*, de S. Boaventura; na *Demanda*

do *Santo Graall*, edição de Reinhardstoettner: «tanto gram tempo *aca*» (p. 11), «por al nom uym *aqua*» (p. 16); em D. Dinis, *Cancioneiro*, ed. de Lang, v. 1580:

mais, amigo, *acá* tornade.

Do lat. *eccu'hac*; o *-c* apocopou-se (125); a geminação *cc* deu *c* (139). O *a* inicial talvez seja anterior ao período propriamente mirandês.
aceinho (= açeinhũ) — aceno.

HIST. Em hesp. ant. ha *aceñar*, palavra com que se relaciona o ital. *ceno*.—A etymologia d'estas palavras é obscura.

acender — accender.

HIST. Lat. *accendere* (139, 152-c).

a cerca — perto.

HIST. Vid. GRAMMATICA, p. 446.

achar (= atxar) — achar.

HIST. Lat. *afflare* (142-g, 152-c).

aciõũ — acção, acções. No pl. *aciones*.

HIST. Lat. *actione*- (87).

acomeçar (= açumeçar) — começar.

HIST. Em gall. *comezar*; noutras lingoas porém a palavra apresenta *n*: port. arch. *començar* (se não é hespanholismo: *Cancioneiro da Ajuda*, p. 105, v. 6), hesp. *començar*, ital. *cominciare*, fr. *commencer*, etc.:—do lat. **cominitiare* (cum + *√initium*). A fôrma port. *começar*, que corresponde á gallega, e á mirandesa, póde já documentar-se com um texto do sec. xiii: *comezar-la-hei* (apud Teixeira de Aragão, *Descrição das moedas portuguesas*, 1, 344), onde porém *z* = *ç*. A falta da nasal em português levou o Sr. Meyer-Lübke a suppôr que *começar* resultaria de *començar* por influencia da terminação de *empeçar*, que é synonyma (*Gram-*

matik der romanischen Sprachen, I, § 485); mas não me parece isso, porque a palavra que resultou da influencia de *empeçar* foi *começar*, que também se usa em dialectos portugueses (a *empeçar* corresponde em mir. *ampeçar*). Talvez a ausencia do *n* nas formas citadas se possa explicar phoneticamente: *cominitiare daria por metathese con'meçar, d'onde, por absorpção regular do *n* no *m*, *começar*.—Sobre o *a* prosthetico de *acomeçar* vid. GRAMMATICA, § 151-a.

acrecentar — accrescentar.

HIST. Do thema do lat. *accrescente*- (partic. de *accrescere*) + suff. -ar.

acumpanhar — acompanhar.

HIST. Vid. *Revista Lusitana*, II, 33.

acuntecer (= *acūntēçér*) — acontecer.

HIST. Lat. *ac-contingescere?: vid. Körting, *Lateinisch-romanisches Wörterbuch*, § 91. Nos verbos inchoativos a terminação -scere foi nas linguas da Peninsula reduzida a -cere: cf. em mir. também *nacer*.—Á cêrca do *un* de *acuntecer* vid. § 80.

acuntecimīento (= *acūntēcimīentu*) — acontecimento.

HIST. Do thema de *acuntecer* + suff. -mīento < -mentum. Sobre -un- vid. § 80; sobre -iento vid. § 52-OBS.

acusar — acusar.

HIST. Lat. *accusare* (115, 139, 152-c).

adabinar — adivinhar. Também se diz *dabinar* e *adebinar*.

HIST. Em hesp. *adivinar*.—Do lat. *divinare*. A cêrca do *a* prosthetico vid. § 151-a; do *i* atono mudado em *a*, § 70; da apócope do -e, § 152-c. A forma *adebinar* está representada pela port. arch. e pop. mod. *adevinhar*; no *Cancioneiro da Ajuda*, edição de D. Carolina

Michaëlis de Vasconcellos¹, p. 39, v. 18, «que punhan en *adevinhar*», p. 869, v. 10, «non vo'lo poden *adevinhar*», etc.

adelantradamente — adeantadamente.

HIST. De *adelantrada* + *-mente* (293).

adelantrar — adeantar.

HIST. Do thema de *delantre* + suff. *-ar*.

adespuis — depois.

HIST. Vid. vol. 1, p. 449.

adomar (= *adumar*) — domar.

HIST. Lat. *domare*. Palavra talvez vinda porém por intermedio do português. Sobre o *a-* cf. § 151-a; sobre a apócope do *-e* vid. § 152-c.

adonde — onde.

HIST. Vid. GRAMMATICA, p. 448.

agabar — gabar.

HIST. Palavra de origem germanica, com a terminação romanica *-ar*: nord. arch. *gabb*. Vid. Körting, *Lat.-rom. Wb.*, § 3549. — Sobre o *a-* vid. § 151-a.

Agusto — Augusto.

HIST. Lat. *Augustus*. — Palavra de origem litteraria; a forma propriamente pop. é *Agosto* (mês). — Já em português popular se diz tambem *Agusto* (nome), por dissimilação de *au* — *u*: cf. lat. vulg. *ascultare* < *auscultare*, *agurium* < *augurium*.

aire — ar, vento.

HIST. Lat. *aëre-* (cf. § 154 e vid. 152-c). Na significação do português «ar», tem o mirandês tambem *ar*. Em português não conheço

¹ Sempre que me referir ao *Cancioneiro da Ajuda*, entenda-se que é a ed. da Sr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos. Posto que a obra ainda não esteja publicada, possuo, por obsequio da mesma Senhora, um exemplar das folhas já impressas.

fôrma que corresponda phoneticamente a esta, mas ha derivados: *airado* < *aëratu, *airoso* < *aërosu-.

ala — — asa.

HIST. Lat. *ala*-. — A fôrma correspondente em português archaico é *aa*, pela syncope normal do -l-; como a contracção, que tinha fatalmente de se operar, se a palavra continuasse a viver, daria *à*, que se confundia com outra palavra da lingoa, foi *aa* substituida por *asa*, que vem do lat. a(n)sa- (metaphora). Em hesp. *ala*, como em mirandês.

alantjano — alemtejano.

HIST. Corresponde á fôrma portuguesa popular *alantejano*, e não a *alentejano*, senão -en- não daria -an- (76); parece que a mudança do -en- em -an- no port. *alantejano* é devida á influencia do l: cf. pop. *Alamquer* (se esta fôrma não é primitiva) <> *Alemquer*, popular *lançol* <> *lençol*.

alantre — adeante.

HIST. Vid. GRAMMATICA, p. 448.

albelidade — habilidade.

HIST. Vid. GRAMMATICA, § 151-b.

alboredo — arvoredo.

HIST. Lat. arboretu- > *arboredo* (103) > *albo-redo* (149-b). As fôrmas *arboredo* e *alboredo* são tambem do português popular. A dissimilação que se deu em *alboredo* deu-se de outro modo no mir. *árbole*, que corresponde d'essa maneira ao hesp. *árbol*. Tambem em mirandês se diz *arbe*, como no português popular.

algo — alguma cousa.

HIST. Vid. GRAMMATICA, p. 361.

algóc — algoz.

HIST. Do arabe *al-Gozz*: vid. Dozy & Engelmann, *Glossaire*, p. 128; e Diez, *Etym. Wb.*, II-b, s. v.

algũa — alguma.

HIST. Vid. GRAMMATICA, p. 361.

alhá — lá.

HIST. Vid. GRAMMATICA, § 141-a.

alhabasto — alabastro.

HIST. Vid. GRAMMATICA, p. 299. — Parece que também em mirandês se diz *alabasto* e *alhabastro*. A primeira d'estas fórmas será de origem portuguesa.

alhagar — alagar.

HIST. Deriv. do thema de *lhago* < lat. *lacu-* (III) + suff. *-ar*.

alhargar — alargar.

HIST. Deriv. do thema de *lhargo* (III) < lat. *largu-* (III) + suff. *-ar*.

alhebantar — alevantar, levantar.

HIST. *Alhebantar* = *a-lhebantar*; *lhebantar* < *lhevantar* < *levantar* (III), do thema do partic. lat. *levante-*, de *levare* (cf. *acrecentar*, também derivado de um participio). A mesma explicação tem as correspondentes palavras portuguesa e hespanhola.

alhembrança — lembrança.

HIST. Deriv., por meio do suff. *-a-nça*, do thema de *alhembrar* = *a-lhembrar* < *lembrar* (III) < *nembrar* (port. arch.) < **mem'rare*. — Cf. GRAMMATICA, § 142-h. — Vid. neste Vocabulário *lhembrar*.

alhenio — alheio.

HIST. Do lat. *alienu-* (87-a, 109). Cf. hesp. mod. *ajeno*, arch. *alleno*; port. arch. *alhẽo* (sec. xiv), gall. *alleo*.

alhi — alli.

HIST. Vid. GRAMMATICA, p. 447.

alento — alento.

HIST. Lat. vulg. **alenitu-* < *anhelitus*.

Aquella fórma do latim vulgar é também pos-

tulada pelo hespanhol *aliento* (sardo *alenu*): cf. Körting, *Lat.-rom. Wb.*, s. v. **alenitus*.

alomiada (= *alumiada*) — nomeada, fama.

HIST. Deriv., por meio do suff. *-a-da*, do thema do verbo *alomiar*, que é de origem portuguesa < *nominare*; se *alomiar* não fosse de origem portuguesa, o *n* ter-se-hia mantido em mirandês (109). Na nossa linguagem popular é frequente ouvir estas duas fórmulas: *alomiar* e *alomiada*, no sentido mencionado; o *n* mudou-se em *l* por dissimilação de *n* — *m*, como em *lembrar* < arch. *nembrar*, e em arch. *nembro* < *membro*.

amaldiçonar (= *amaldiçunar*) — amaldiçoar.

HIST. Deriv. do thema de *maledictione* - (109) + suff. *-ar*.

amansiar — amansar.

HIST. Do thema de *manso*, com o suff. *-iar* = *-ear* (GRAMMATICA, p. 459).

ambaraçar — embaraçar.

HIST. < > port. *embaraçar*. À cerca de *am*- vid. § 75.

ambeciofo (= *āmbeciōfū*) — ambicioso.

HIST. Lat. *ambitiosu* -.

ambeija — inveja.

HIST.: *invidia* - > **invidia* (52) > *enveja* = *enveja* (87) > **anveja* (75) > *ambeija* (101).

As fórmulas *enveja* e *enveja* = *inveja* estão representadas no português.

ambolto, *-a* — envolto, envolvido, meado.

HIST. Corresponde ao participio port. *envolto* < **in-voltus*; cf. Körting, *Lat.-rom. Wb.*, s. v. **voltus*.

ambóra — embora.

HIST. De *em boa hora* (cf. *Revista Lusitana*, I, 274) > *embora* (154-bis) > *ambora* (75). A forma *embora* está representada no português.

amböubecer — enlouquecer.

HIST. Do thema de *böubo*, com o suffixo *-ecer* < *-escere* (208). — *Böubo* < lat. *balbus* (p. 286). — Cf. gall. *bouba*, «mentira jocosa». — A existencia do ditongo em gallego e mirandês leva-me a crer que a fórma portuguesa *bobo* não vem directamente do lat. *balbus*, mas é de origem hespanhola, tendo sido para cá transmittida por intermedio do theatro ou da côrte, onde havia os famosos bobos: de facto em hespanhol diz-se *bobo*; e, se a palavra fosse originariamente portuguesa, devia conservar o ditongo que ainda existe em gallego e mirandês. Julgo pois sem fundamento o que a proposito d'ella diz o Sr. F. Adolfo Coelho no seu *Diccionario etymologico*: «devia escrever-se *boubo*, do mesmo modo que se escreve *outro*, em que o *u* representa um *l* latino»; o citado philologo não viu que em *outro* o *u* se pronuncia, em quanto na pronúncia de *bobo* não existe *u*, e que não ha-de ser a pronúncia que deve sujeitar-se á orthographia, mas o inverso. Outro argumento em apoio da origem hespanhola de *bobo* está no facto de, por exemplo, na Beira-Baixa, se dizer *gôgo de comedia*: a palavra *bobo*, por estranha, foi ali substituida, em virtude da influencia da etymologia popular, pela mais conhecida *gôgo*. — O Sr. Candido de Figueiredo no seu *Novo Diccionario da lingua portuguesa*, s. v., *bobo*, pergunta se o etymo do port. *bobo* estará em *balbus* ou em *pupus* (!); no Appendice do mesmo Diccionario decide-se porém afoitamente por *balbus*. Como se vê, nada adeanta ao que diz o Sr. Adolfo Coelho, e tambem, como este, não viu as difficuldades que offerece o etymo *balbus*, difficuldades que com a minha explicação ficam resolvidas.

amedrancado — medroso.

HIST. Deriv. do thema de *medranco*, que existe em mir. na mesma significação: *medr-anco*; sobre o suff. *-anco* cf. GRAMMATICA, p. 459. O elemento thematico *medr-*, que corresponde ao de *medo*, existe no port. *medroso*, *medrica*, *amedrontar*, e no hesp. *medroso*, *medrosia*, *amedrentar*; o *-r-* poderá explicar-se pelo de *temor*: assim, por ex.: *medroso* por **mederoso*, **medoroso* como **temoroso*, d'onde veio o port. *temeroso*, como *valeroso* de *valoroso*, *fermoso* de *formoso*; cf. catal. *temerós*.

amifade (com *f*, e não com *z*) — amizade.

HIST. Vid. p. 312.

amor, 'mor, na phrase *pôr 'mor de*, «por amor de», «por via de», «por causa de».

HIST. De *amore-* (152-c). Também no português popular se diz abreviadamente *por 'mór de*. A palavra *amor* tomou o sentido de *causa*. *ampeçar* (= *ãmpęçar*) — *começar*. — Vid. *acomeçar*. *Ampelusa* — *Ampelusa*. Forma unicamente empregada nesta traducção camoniana.

ampério — imperio.

HIST. Forma de origem portuguesa. Sobre a syllaba *am-* vid. o § 75.

ampobrecer (= *ãmpubreçér*) — *empobrecer*.

HIST. Deriv. do thema de *pobre* com o suff. *-ecer* < *-escere*. A cerca do *am-* vid. § 75, e da apócope do *-e* o § 152-c.

amportar (= *ãmpurtar*) — *importar*.

HIST. De *im-portare* (75, 152-c), com alteração de significação.

ampregar (= *ãmpregar*) — *empregar*.

HIST. Palavra vinda do port. *empregar* (75), que é também forma relativamente moderna < *implicare*. Com effeito, aqui o grupo lat. *-mpl-* tanto em port. como em mir. (p. 283) daria *-ch-*.

ampressiõũ (ãmpressiõũ) — impressão.

HIST. Lat. *impressione-* (75, 110-b).

ancantar — encantar.

HIST. Lat. *incantare* (75, 152-c).

ancarniçar-se — enfurecer-se.

HIST. *en-carn-iç-ar* (75), palavra representada ainda pelo português. A base é *carne* < lat. *carne-*.
anchena — cheia (de rio).

HIST. Substantivo verbal que faz presuppôr a existência do verbo **anchenar* = **en-chen-ar* (75), cuja base é *cheno* < *plenu-* (p. 283). — Cf. hesp. *llenar*.

ancierto, a — incerto, a.

HIST. Lat. *incertu-* > *ancierto* (50, 75).

anclinaciõũ — inclinação.

HIST. Forma de origem portuguesa: *an-* (75); -*õũ*, pela correspondência que usualmente ha entre as palavras portuguesas acabadas em -*ão*, e as mirandesas acabadas em -*õũ* (110-b).

ancobrir (= *ãncubrir*) — encobrir.

HIST.: *en-cobrir* (75); *cobrir* < **coprire* < *cooperire* (90 e 152-c).

ancortar (= *ãncurtar*) — encurtar.

HIST. *en-curtar* (75), do thema de *curto* + suff. -*ar*.

ancuntrar — encontrar.

HIST. *en-contr-ar* (75), de *contra* + suff. -*ar*.

andinado — indignado.

HIST. De origem portuguesa; *an-* (75). Com effeito, em port. arch. ha *dino*, «digno»; e se a palavra mirandesa não fosse de origem portuguesa, o -GN- do lat. *dignus* teria dado no nosso dialecto -*nh-* (GRAMMATICA, p. 288).

anfadonho — enfadonho, aborrecido.

HIST. *en-fad-onho*, do thema de *enfadar*, com o suff. -*onho* (298-a). — A cêrca do etymo de *enfadar* vid. Körtling, *Lat.-rom. Wb.*, n.º 3169 e Appendice na col. 802, sob igual número.

anfeliç (= *āfelīç*) — infeliz.

HIST. Lat. *infelice*- (75, 128).

anfierno (= *āfiernu*) — inferno.

HIST. Lat. *infĕrnu*- (75, 50).

anflamar — inflamar.

HIST. De origem portuguesa: de facto o -FL- do lat. *flamma* teria dado em mir. -ch- (GRAMMÁTICA, p. 284). Sobre *an*- vid. § 75.

anforçar (= *āfurcar*) — enforçar.

HIST. *en-forc-ar* (75); do thema de *forca* + suff. -ar e prefixo *en*-.

anformado (= *āfurmado*) — informado.

HIST. Lat. *informare* (75, 152-c); ou do port.

anfruscar-se — emboscar-se.

HIST. Cf. hesp. *enfroscarse* = *enfrascarse*, «meter-se en una espesura» (*Diccionario da Academia Hespanhola*). Tanto o mirandês como o hespanhol parece terem por base **frosco* ou **frusco*, que em tal caso se relacionaria com o ital. *frusco*, «raminho», sobre cujo etymo muito se tem dissertado.

anganho — engano.

HIST. Sobre o etymo vid. Körting, *Lat.-rom. Wb.*, § 3589; *an*- (75). — Cf. hesp. *engañar*.

angeinho (= *ājeinho*) — engenho.

HIST. Lat. *ingeniu*-. Á cêrca de *an*- vid. § 75; á cêrca de -nh- § 87-a.

angnorante (= *āgnurante*) — ignorante. Outra fôrma é *eignorante*.

HIST. Tambem em port. se diz *in-gnorante*, que é a base da palavra mirandesa *angnorante*; *an*- (75). A outra fôrma mirandesa vem da port. *ignorante* (73).

angrandecer (= *āgrāndēçér*) — engrandecer.

HIST. *en-grand-ecer* (75). Do thema de *grande*.

anho — anno.

HIST. *annu*- (141-b). — Cf. hesp. *año*.

anjusto — injusto.

HIST. Lat. *iniustu-*. À cêrca de *ã-* vid. § 75.
anquanto (= *ãquātu*) — em quanto.

HIST. *an-quanto*; *an-* < > *em-* (75); *quanto* < *quantu-*.

anquietar — inquietar.

HIST. Do port. *inquietar* (75).

anraibado, -a — enraivado, -a.

HIST. *an-raib-ado*. Do thema de *raiba* «raiva»; *an-* (75).

ansinar — ensinar.

HIST. De origem portuguesa (75). No sub-dialecto sendinês diz-se *ansinhar* < lat. *in-signare* (142-*k*); cf. hesp. *enseñar*.

ansopar (= *ãsupar*) — ensopar.

HIST. — *en-sop-ar* (75), do thema de *sopa*.

anteimar — teimar.

HIST. *an-teim-ar*, do thema de *teima*; *an-* (75).

anteiramente — inteiramente.

HIST. *anteira-mente* (293): sobre *anteiro* vid. GRAMMÁTICA, p. 288.

antenciõũ — intenção, tenção.

HIST. Lat. *intentione-* ou do português (75, 76).

antender — entender.

HIST. *intendere* (75, 152-*c*).

antendimiẽto — entendimento.

HIST. Do thema de *antender* < lat. *intendere* (75) + suff. *miẽto*.

anterior — interior.

HIST. Lat. *interiore-* (75, 152), ou do português.

Antonho — Antonio.

HIST. Em português popular igualmente *Antonho*; palavra de origem ecclesiastica. — Cf. mir. e port. *Demonho*; em Santander (Mugica, *Dialectos castellanos*, p. 22) também *Demoño*.

antõũ — então.

HIST. Vid. p. 450.

antrar — entrar.

HIST. Lat. *intrare* (75, 152-c).

antre — entre.

HIST. Vid. p. 446.

antregar (= *antregar*) — entregar.

HIST. Lat. *integrare* > **intergar* > *entregar* (154) > *antregar* (75).

N. B. É preciso admitir a forma intermedia **intergar*, senão *gr* daria *ir* (142-k). Esta explicação vale também para o português.

antresse — interesse.

HIST. Lat. *interesse* > *intresse* (152-b) > *antresse* (75).

antristecer (= *ântristecér*) — entristecer.

HIST.: *en trist-ecer*. Verbo inchoativo formado do thema de *triste*, com o prefixo *en-* > *an-* (75) e o suff. *-ecer*.

anxugar — enxugar.

HIST. Lat. *ex-sucare*. Sobre o *-g-* vid. § 124; sobre a apocope do *-e* § 152-c. Ha outros exemplos de a *exs-* corresponder *ãx-*: cf. *anxame* < *exame-*; em port. temos *ẽx-* e em hesp. *enj-*. Creio dever admitir-se que houve confusão com o prefixo *in-* no começo da palavra; de outro modo não póde explicar-se a nasal: isto vê-se melhor quando se compara, por exemplo, o port. *enxame*, *enxuto*, o mir. *auxame*, *auxuto*, o hesp. *enjambre*, *enjuto*, com o catal. *aixam*, *aixut*, onde não se introduziu o sobredito prefixo; no mesmo caso está o astur. *exame*.

apierto — aperto.

HIST. Subst. verbal de *apertar* (300).

apöucar — apoucar.

HIST. Propriamente *a-pöuc-ar*, do thema de *pöuco* < lat. *paucu-* (69-a).

apuis — depois.

HIST. Vid. GRAMMATICA, p. 449.

aquél — aquella.

HIST. Vid. GRAMMATICA, § 194.

aqueilhe, -a — aquella, -a.

HIST. Vid. GRAMMATICA, § 194.

aqueilho — aquillo.

HIST. Vid. GRAMMATICA, § 194.

aquestumar (= *aquestumar*) — acostumar, costumar.

HIST. Propriamente *a-questum-ar*, do thema de *questume* (vid. GRAMMATICA, p. 280).

arador — lavrador.

HIST. Do thema de *arar* < *arare* (152-c) + suff. -dor < -tore- (152-c).

arbulhaca — ervilhaca.

HIST. *arbulhaca* < *arbilhaca* (150-a), que parece poder decompôr-se em *arbilh-aca*: o primeiro elemento será a mesma palavra que o latim *ervilia*, que deu em mirandês *arbilha*, «ervilha»; o suffixo -aco apparece tambem em *poçaco* (GRAMMATICA, p. 459), postoque seja de origem obscura (cf. Meyer-Lübke, *Grammatik der romanischen Sprachen*, § 499-Obs.). Palavras portuguezas ou gallegas em que ha o mesmo suffixo são, por exemplo, além de *Poçacos* (terra transmontana no districto de Villa-Real), plural de uma palavra correspondente á mir. *poçaco*, as seguintes: *velh-aco* (que não vem porém de *velho*, como poderia parecer, mas talvez de *vilis*), *fam-aco* (de *fame* < lat. *fame-*, cf. *faminto*), *varr-aco* ou *verr-aco* (de *verres*). Na Beira-Baixa diz-se *favaco*, que talvez porém seja a mesma palavra que *alfavaca*, onde não entra o suffixo de que me estou occupando.

ardiente — ardente.

HIST. Lat. *ardēnte*- (50).

armano — irmão.

HIST. Lat. *germanu-*. Cf. hesp. *hermano*. —
Vid. § 73.

arrafar — arrasar.

HIST. *a-rraf-ar*, do thema de *rafo* (que creio existirá em mirandês) < lat. *rasu-*.

arrecebir (= *arçeçbir*) — receber. Também em mirandês se diz *recebir*.

HIST. Lat. *recipere*, com mudança de conjugação (207); cf. hesp. *recibir*. A evolução da palavra em mir. foi: *re-cipere* > *recibir* (90) > *recebir* (149-a) > *a-(r)recebir* (151-a e Obs.). Deve admitir-se *re-cipere*, assim decomposto; o facto de se considerar *re-* como prefixo fez que o *-c-* intervocalico não se mudasse em *-ç-* (127), e fosse pois tratado como inicial (126). Esta explicação convem também ao português e ao hespanhol.

arrecelar — recear.

HIST. Cf. hespanhol *recelar*. Lat. **re-zelare*: cf. Diez, *Etym. Wb.*, I, 346. O *-l-* manteve-se (112), o *-z-* está representado por *-c-* = *ç* (cf. Cornu, *Die portugiesische Sprache*, § 175), e o *a-* foi accrescentado como em *arrecebir* = *a-(r)reçebir*.

arrezoadamente — arrezoadamente, arrazoadamente.

HIST. Do thema de *ratione-*. Vid. *reçõũ*.

arrumbar — arrombar, romper.

HIST. *a-(r)romb-ar* (80); deriv. do thema de *rombo*.

ásparo — aspero.

HIST. Lat. *asperu-* (150-c). Cf. em port. arch. *asparamente* (sec. x).

asprar — esperar.

HIST. Lat. **a-sperare* (talvez por analogia com *aspectare*) > *asperar* > *asprar* (152-b, 152-c). — A palavra não é especial ao mirandês: em astur. ha *asperar*, segundo o *Vocabulario de Colunga*,

de B. Vigón. Em port. ant. ha *asperança*, *asperar* e *desasperar*. Exs. de *asperança*:

vosso bem que mui servid' ei,
mais nom com *asperança*
d'aver de vós bem

mais nom com *asperança*
que aja do mal que mi vem
por vós nem galardom

mais nom com *asperança*
que sol

vid. *Cancioneiro de D. Dinis*, ed. de H. Lang, Halle 1894, p. 26-27, — onde a repetição da palavra mostra que não ha ahí fusão do artigo *a* com o subst. *sperança*. — Ex. de *asperar*:

Non am' eu mia senhor, par Deus,
por nunca seu bem *asperar*:

vid. *Cancioneiro da Ajuda*, p. 836, vv. 1-2. — Ex. de *desasperar*:

..... e viv' assi por én
sen conselho, e del *desasperado*:

vid. cit. *Cancioneiro da Ajuda*, p. 23, v. 7.
assedilhado (= *assedilhadu*) — sequioso.

HIST. Deriv. do thema de *sêde*: vid. vol. 1, p. 458.
assi — assim.

HIST. Vid. GRAMMATICA, p. 452.

assossegar (= *assussegar*) — sossegar.

HIST. Cf. gall. *asosegar*, *asosego*, hesp. mod. *sosegar*, hesp. arch. *asesegar*, port. arch. *sessegar*, *assesegar*; nos *Inéditos de Alcobça*, 1, 152, lê-se *desassesego*, em Viterbo, *Elucidario*, lê-se *sessega*. O etymo d'estas palavras é, como demonstrou a Sr.^a D. Carolina Michaëlis, o verbo latino popular **sessicare* (derivado do latim

sessu-, combinado com a preposição *sub*: vid. *Studien zur hispan. und port. Wortdeutung*, § 39).

N.B. A pronúncia do hespanhol e do mirandês, as nossas antigas graphias e a etymologia da palavra mostram que é erro escrever *socegar*, em port., com *c*; a boa graphia é unicamente *sossegar*, com *ss*.

astreber-se — *atrever-se*.

HIST. Cf. em port. pop. *astrever-se* e *astreber-se*; em port. arch. *astrevimento* e *estrevimento* (Viterbo, *Elucidario*, s. v.); em hesp. arch. *estrever*, que se lê no *Fuero d'Avilés*, v. 53 (ed. de F. Guerra): «et si s'*estrivir* lidiar», e no *Libro de Alexandre* cit. *ibidem* a p. 154. Diez, *Etym. Wb.*, 427, também cita o hesp. arch. *treverse*. Este philologo deduz *atrever-se* de *attribuere*. O mir.-port. *astreber-se* (*astrever-se*) poderá explicar-se pelo cruzamento de *atrever-se* + *estrever-se*, sendo *estrever-se* < **ex-tribuere*.—Cf. o que se disse no vol. I d'estes *Estudos*, pp. 462-463.—O partic. *astrebido* emprega-se substantivamente.

atelondrar — *atroar*. Também, por syncope, se diz *atlondrar*.

HIST. Relaciona-se com *stlondro*: vid. vol. I, p. 295.

A base é o lat. *tonitru-*. Propriamente: **a-tonitrare* > **a-trondrar* (vol. I, p. 298 e § 103) > *atlondrar* (149-b) = *atelondrar*.

atlondrar — *atroar*. Vid. *atelondrar*.

atrás, d'atrás — d'antes.

HIST. Vid. GRAMMATICA, p. 449.—Esta palavra, que na origem era preposição, tornou-se adverbio de tempo, como *depuis*, etc.

auga — *agua*.

HIST. Lat. *aqua*. Cf. p. 61. A cerca de *g* < -*q*- vid. § 124.

B

bã —vão. Flexão do verbo *ir* (288).

bagamundo —vagabundo.

HIST. Cf. hesp. e port. pop. *vagamundo*, port. *vagamundear*. O mir. *bagamundo* vem do port. ou do hesp., e nestas línguas a respectiva forma tem origem litteraria no lat. *vagabūdu-*, senão o *g* caía: cf. *vádio* < **vagativu-*. — O *m* resulta de influencia de *mundo*, segundo os processos da etymologia popular (pp. 303 sqq.).

bai —vae. Flexão do verbo *ir* (288).

báíades —vades. Flexão do verbo *ir* (288).

baixar —descer. «*Baixar* ũa scalada» (descer uma escada).

HIST. Deriv. do thema de *baixo* + suff. *-ar*.

bala —valha. — Forma do verbo *baler*: vid. § 271.

balantię —valentia.

HIST. Lat. *valente-* + suff. *-ię* < *-ia* (56).

O *-en-* parece ter-se mudado em *-an-* por influencia do *l*, senão soaria *-ęn-* (76).

baler —valer. Vid. § 271.

balerofo (= *balerófu*) —valeroso.

HIST. Do port. *valeroso*, também na ling. arch. *valeroso*, com dissimilação vocalica (149-a).

balhe —valle.

HIST. Lat. *valle-* (101, 141-a).

baliente —valente.

HIST. Lat. *valēte-* > **valiente* (50) > *baliente* (101).

balor —valor.

HIST. Lat. *valore-* < *valor* (152-c) > *balor* (101).

bano —vão. *Ā bano*, «em vão».

HIST. Lat. *vanu-* (101).

bárbela —barbara.

HIST. Vid. vol. 1, p. 295.

bário — vário.

HIST. Do port. *vario* (101).

barranco — sepultura aberta no chão.

HIST. Especialização da significação mais generica que tem em port. e hesp. a palavra *barranco*.

bassalho — vassallo.

HIST. Celtico **vassallos* > *vassallo*- > *vassalho* (141) > *bassalho* (101). A fôrma **vassallos* é hypothetica; mas em celtico é conhecido o thema *vasso*-, que existe em *Dago-vassus* por *Dego-vassos* («optimus puer»); a esse thema corresponde o irl. *foss*, «domestico» (o thema *dego*- está representado pelo irl. *dech*). O suff. -*allos*- póde effectivamente ser celtico: cf. Thurneysen, *Keltoromanisches*, Halle 1884, p. 82.— A fôrma *vassalho* está representado pela hesp. *vasallo*; a fôrma *vassallo* pela portuguesa correspondente, que se documenta com textos de diferentes idades, por ex. do *Cancioneiro da Ajuda*, p. 15, v. 14:

De vosso *vassallo* seer.

basto — rude, grosseiro.

HIST. Cf. hesp. *basto*, «grosero, sin pulimento».

bebir — viver.

HIST. Lat. *vivere* (101, 152-c) com mudança de conjugação: vid. vol. 1, p. 366.

beciofo — vicioso.

HIST. Do port. *vicioso*, ou do thema de *bicio* + suff. -*ofo*.

beç — vez. Pl. *bezes*.

HIST. Lat. *vīce*- = **vece* > *vez* (128) > *beç* (101).

bei — vê.—Fôrma do verbo *ber*: § 272.

béiẽ — vêem.—Fôrma do verbo *ber*: § 272.

béio — vejo.—Fôrma do verbo *bér*: § 272.

bela — vela.

HIST. Lat. *vela*- (pl. de *velum*).

beldre — vello (de *lã*).

HIST. Lat. **vellere*- > **vell're* (cf. fr. arch. *velre*) > *beldre* (101, e cf. vol. 1, p. 298).

belhéc (= *belhéc*) — velhice. Também ouvi dizer *belhice*.

HIST. Do thema de *velho* com o suff. *-ec* < lat. *-itie*-, como em *mininéc*, que também soa *mininece* ou *meninéce*. Cf. hesp. *vejez*, *niñez*, port. *meninez*.

bemos — vemos. De *ber* (272).

benado (= *benádu*) — veado.

HIST. Lat. *venatu*- (101, 103).

bencedor — vencedor.

HIST. Do português ou do thema de *bencir* + suffixo *-dor*.

bencir — vencer.

HIST. Lat. *vincere* (101, 152-c), com mudança de conjugação (207), e mudança de *-in-* em *-en-* (76).

bénẽ — vem (no pl.). De *benir* (285).

benerado (= *benegradu*) — venerado.

HIST. Lat. *veneratu*- > *venerado* (103) > *benerado* (101).

benga — venha. — Forma do verbo *benir*: § 285.

bengo — venho. — Forma do verbo *benir*: § 285.

benida — vinda.

HIST. Do thema de *benir* com o suff. *-i-da*, que se encontra também em port. em *ferida*, *ida*, e nos verbos de outras conjugações em *corrida*, *andada*; em hespanhol em *salida*, etc. O port. *vinda* deve explicar-se do mesmo modo; corresponde á forma arch. *vinda* (cf. *vĩir*, *avĩir*), que representa a prehistorica **venida*, ainda existente em hesp. e mir. (neste último idioma *benida*). — No *Elucidario* de Viterbo cita-se *vĩnte* (partic. do pres.), e *vĩir*, que, se não

está por *vīir*, constitue a forma intermedia entre *vīir* e *vir*; no *Cancioneiro da Ajuda*, p. 35, v. 4, *avīir*; nos *Ineditos d'Alcobaça*, I, 148, *viir* (= *vīir*); Innocencio da Silva, na edição que fez do *Elucidario* de Santa Rosa de Viterbo, transcreve do Glossario dos *Ineditos d'Alcobaça*, *viites*, que está incorrectamente por *vīites*.

As formas portuguesas archaicas *verrá* («virá») e *averrá* («avirá», «advirá») presuppõe tambem a nasal: *vūirá*, *avūirá*.

benir — *vir*. — Vid. § 285.

benisse — *viesse*. De *benir* (285).

bentura — *ventura*.

HIST. Lat. *ventura* - (76, 101), que é propriamente participio de *venire*.

bér — *ver*. — Vid. § 272.

berdade (= *berdade*) — *verdade*.

HIST. Lat. *veritate* - > **veridade* (103) > *verdade* (152) > *berdade* (101).

berdadeiramente — *verdadeiramente*.

HIST. De *berdadeira* + suff. *-mente* (293).

berdadeiro — *verdadeiro*.

HIST. Do thema de *berdade* + suff. *-eiro*.

berde — *verde*.

HIST. Lat. *vīr(i)de* - (52, 101).

berdugo — *verdugo*.

HIST. Lat. **viriducu* -; cf. Körtling, *Lat.-rom. Wb.*, s. v.

berdura — *verdura*.

HIST. Do thema de *berde* + suff. *-ura*.

bergonha (= *bergónha*) — *vergonha*.

HIST. De *verecundia* - > **verecondja* (61, 87-a) > **veregonha* (124 e p. 282) > *bergonha* (101).

bergonhofo (= *bergunhófo*) — *vergonhoso*.

HIST. Do thema de *bergonha* + suff. *-ofo*.

berso — verso.

HIST. Do port. *verso*, que tem origem litteraria: lat. *versu-*; senão *rs* teriam dado *ss* tanto em mirandês (142-*h*), como em português.

bertude (= *bertude*) — vertude.

HIST. De *virtude* > *vertude* (103) > *bertude* (101). A forma *vertude* está representada pelo português arcaico e pelo alemtejo; cf. francês *vertu*, provençal *vertut*.

bertuoso, -a — virtuoso, -a.

HIST. Do port. *virtuoso* (101).

bestido — vestido.

HIST. Participio substantivado de *bestir* < lat. *vestire* (101, 152-*c*).

biaije — viagem.

HIST. Do port. *viagem* em ling. pop. também *viaige* e *biaige*.

bibo, -a — vivo, -a.

HIST. Lat. *vivū-*: vid. § 101-Obs. 2.

bicho (= *bitxu*) — bicho.

HIST. Lat. *bestiū*.—Vid. a bibliographia em Körting, *Lat.-rom. Wb.*, s. v.

bicio — vicio.

HIST. Do lat. *vitium* ou do port. *vicio*.

bida — vida.

HIST. Lat. *vita-* (101, 103).

bię — via. De *ber* (272).

bię — bem.

HIST. Lat. *bēne* (50 e 110-*b*).

bięlho — velho.

HIST. **vě'clu-* (vol. I, p. 284) > **vięlho* (50) > *bięlho* (101).

N. B. O hesp. *viejo* tem de se explicar pelas formas anteriores *viciō*, *viello*.

bięno — veiu. — Forma do verbo *benir*: § 285.

bięnto — vento.

HIST. Lat. *věntu-* (50, 101)

bigor — vigor.

HIST. Do lat. *vigore-* (101, 152-c) ou do português.

bil — vil.

HIST. Do lat. *vile-* (101, 152-c) ou do português.

bingança — vingança.

HIST. Do thema de *bingar* + suff. *-a-nça*.

bingar — vingar.

HIST. Lat. *vindicare* > **vindigar* (124) > *vin-d'gar* (152-b) > *vingar* (150-bis).

binte — vinte.

HIST. Vid. GRAMMATICA, § 189-OBS. 1.^a

bisse — visse. De *ber* (272).

bista — vista, olho.

HIST. Relaciona-se com *visto*, cujo etymo estudei in *Revue Hispanique*, IV, 211.

bitória — victoria.

HIST. Do português, onde é de origem litteraria.

bõ — bom. Em proclise. Vid. *bõno*.

boç — voz.

HIST. Lat. *voce-* (128 e 101).

bolar — voar.

HIST. Lat. *volare-* (112, 152-c, 101).

bolber (= *bulbér*) — volver, mover. Flexão: *bolbe*.

HIST. Lat. *volvere* (101, 152-c), com mudança de conjugação (207).

bõno, em proclise *bõ* — bom.

HIST. Lat. *bõnu-* (58, 109). — Cf. § 58-OBS. 1.

borda — borda.

HIST. Germanico *bord-*: vid. Körting, *Lat.-rom. Wb.*, s. v.

bos — vos.

bós — vós.

Vid. vol. I, p. 352. — *Bós* < lat. *vos* (101); *bos* < > lat. *vobis* como forma atona.

bosso — vosso.

HIST. Vid. vol. I, p. 365.

botar — deitar.

HIST. O etymo é germanico: **bōtan* (+ suffixo -ar); vid. Körtling, *Lat.-rom. Wb.*, § 1296.

bôubada — loucura.

HIST. Deriv. do thema de *bôubo*, com o suff. -ada (vol. 1, p. 459). Cf. *ambôubecer* neste VOCABULARIO.

bôubiêlho, -a — louco, -a.

HIST. Do thema de *bôubo* + suffixo -iêlho < latim -ëllu- (vol. 1, p. 458). A cêrca de *bôubo* vid. *ambôubecer* neste VOCABULARIO.

boziar (= *buziar*) — vozear.

HIST. Do thema de *boz* < lat. *voce-*, com o suff. -iar < > port. -ear.

brabiũ — bravo.

HIST. De *brabo*, com o suff. -iũ < -iõ < -ivu- (101).

brabo — bravo.

HIST. Cf. Cornu in *Romania*, XIII, 110.

brano — verão.

HIST. Lat. **veranu-* (deriv. de *ver*) > *berano* (101) > *brano* (152-b).

brebe — breve. De *brebe*, «de pressa».

HIST. Do lat. *breve-* (101).

breis — vereis. Do verbo *ber*. Vid. § 272.

buber — beber.

HIST. Lat. *bibere* (152-c, 150-a).

bundofo — bondoso.

HIST. < > port. *bondofo* (80).

buntade — vontade.

HIST. Do port. *vontade* (80); senão teria -l- a palavra mirandesa (112): cf. hesp. *voluntad* < lat. *voluntate-*.

burméilho — vermelho.

HIST. Lat. *vermiculu-* > **vermeilho* (52) > *burmeilho* (101, 150-a).

C

cabalheiro — cavalleiro.

HIST. Lat. *caballariu* - > *cabalheiro* (44, 141-a).

N.B. A palavra port. *cavalheiro*, como o mostra o -lh- < lat. -ll-, vem da hesp. *caballero*, por aportuguesamento do suff. -ero.

cabalho — cavallo.

HIST. Lat. *caballu* - (141-a).

cacho — pedaço. «*Cacho* de tempo», como «rato de tempo». Emprega-se em diversas circumstancias. É palavra muito usada em Tras-os-Montes; até a ouvi applicar no sentido de quadras ou cantigas, por estas serem pequenas!

HIST. À cerca da etymologia cf. Körting, *Lat.-rom. Wb.*, s. v.

caída — quéda.

HIST. Do thema de *caír* ou *caér*, com o suff. -ida, como *benida*; cf. hesp. *caída*.

calentura — quentura.

HIST. Do thema do lat. *calente* - + suff. -ura.

calhar-se — calar-se.

HIST. Cf. hesp. *callar*; a etymologia que d'esta palavra se tem proposto offerece difficuldades por causa do ll.

calidade — qualidade.

HIST. Ou do lat. *qualitate* (103), ou do português, onde tambem em lingoagem popular se pôde ouvir *calidade*.

caliente — quente.

HIST. Lat. *calēte* - > *caliente* (76).

Calistro — Callisto.

HIST. Gr. *Καλλιστος*. Tambem na lingoagem popular portuguesa se diz como em mirandês. À cerca do r da syllaba -tr- vid. GRAMMATICA, § 151-b.

caminar — caminhar.

HIST. Deriv. de *camino*.

camino — caminho.

HIST. Vid. Körting, *Lat.-rom. Wb.*, § 1538.

cansado — cansado.

HIST. Muita gente escreve em port. *cançar*, com ç, mas, não só pela pronúncia da palavra mirandesa, e pela da hesp. *cansar*, como pela etymologia, a boa graphia é com s. Com effeito o etymo está no lat. *camp sare*: vid. Körting, *Lat.-rom. Wb.*, § 1549.

cántigo — canto. Sobre tudo emprega-se *cántigo* no sentido de musica vocal.

HIST. L. *cantĭcu-* > *cántigo* (124). — Cf. port. do Norte e gall. *cántiga*.

canto — quanto.

HIST. — Variante de *quanto*: § 204-b.

capitã — capitão.

HIST. De origem portuguesa ou hespanhola. Tanto o port. *capitão* como o hesp. *capitan* (ital. *capitano*) são de origem litteraria: **capitanus*; cf. Körting, *Lat.-rom. Wb.*, s. v.

cafa — casa.

HIST. Lat. *ca sa-* (115).

cafal — casal.

HIST. Lat. medieval **ca sa le-* (115). — Sobre a história d'esta palavra vid. Alberto de Sampaio in *Portugalia*, I, 303.

cascabel — guiso pequeno que anda ao pescoço dos cães e dos cordeiros (cascavel).

HIST. Cf. hespanhol *cascabel* e *cascabillo*, provençal *cascavelh*.

Castiella — Castella.

HIST. Lat. *Castĕlla-* (50, 101). O hesp. *Castilha* passou primeiro pela forma ditongada *Castiella* (vid. vol. I, p. 221).

caufante — causador, causa.

HIST. Participio primitivo de *caufar*; ou directamente do port. *causante*.

caufar — causar.

HIST. Do port. *causar*, que é forma de origem litteraria: lat. < *causare*.

caufo — caso.

HIST. Cf. § 295-b.

cautibo e *cõutibo* — cativo.

HIST. Do port. *cautivo*, que é forma semi-litteraria.

cebil (= *çebil*) — civil.

HIST. Do português: o *i* mudou-se em *e* por dissimilação (149-a), e o *v* normalmente em *b* (101).

chabe (= *txabe*) — chave.

HIST. Lat. *clave-* (vol. 1, p. 284; e § 101).

chamar (= *txamar*) — chamar.

HIST. Lat. *clamare* (vol. 1, p. 284; e § 152-c).

chano (= *txanu*) — chão.

HIST. Lat. *planu-* (142-g).

chegar (= *txegar*) — chegar.

HIST. Lat. *plicare* (vol. 1, p. 283; § 152-c).

cheiro (= *txeiru*) — cheiro.

HIST. Deriv. de *cheirar* < lat. *flagrare* (vol. 1, pp. 284 e 288). Derivação regressiva (300).

cheno (= *txenu*) — cheio.

HIST. Lat. *plenu-* > *cheno* (142-g).

chicpar (= *txicpar*) — chispar.

HIST. Assim se pronuncia, com *ç*, apesar de em hesp. ser *chispar*.

chober (= *txubér*) — chover.

HIST. Do thema de *chuba* > lat. *pluvia-*. Escreve-se com *o*, tanto em português como em mirandês, por causa da flexão, *chobe*, *chove*, onde ha *o*.

chorar (= *txurar*) — chorar.

HIST. Lat. *plorare* (vol. 1, p. 283; § 152-c).

chubir (= *txubir*) — subir.

HIST. Cf. § 114.

ciêgo — cego.

HIST. Lat. *caecu-* > *ciêgo* (69-b, 124).

cielo — *ceu*.

HIST. Lat. *caelu* - > *cielo* (69-b).

cierto — *certo*.

HIST. Lat. *cĕrtu* - (50).

circo — *cêrco*, assedio.

HIST. Do hesp. *círco*, forma litteraria < lat. *cír-cus*. O hesp. e port. *cerco* é que são de origem popular.

climencia — *clemencia*.

HIST. Do port. *clemencia*.

co', por *cũ*, antes de vogal.

HIST. Vid. p. 446.

codicia (= *cudícia*) — *cobiça*.

HIST. Lat. **cupiditia* - (< > *cupiditas*) > **cobdicia* (representada pelo hespanhol arch. *cobdicia*) > *codicia* (com assimilação seguida de absorpção). Cf. § 53. — O português *cobiça* tem a mesma origem; sem embargo, o Sr. Candido de Figueiredo no *Novo Diccionario da lingua portuguesa* dá-lhe como etymo o latim *cupiditas*!

codiçofo (= *cudiçófu*) — *cobiçoso*.

HIST. Por *codicioso*, do thema de *codicia*.

coincer (= *cũçér*) — *conhecer*.

HIST. Vid. § 109-OBS. 2.

conta — *conta*.

HIST. Do thema de *cuntar*, por derivação regressiva (300). Cf. hesp. *cuenta*.

coraçõũ (= *curaçõũ*) — *coração*. No pl. *corações*.

HIST. Cf. port. *coração*, hesp. *coraçon*. À cerca da etymologia vid.: Diez, *Et. Wb.*, s. v. «*corazon*»; J. Cornu in *Romania*, IX, 129; e A. Thomas *ibidem*, XXVIII, 177.

coraije (= *curaije*) — *coragem*.

HIST. Do português.

corda — *corda*.

HIST. Lat. *chōrda* - (58). — Cf. hesp. *cuerda*.

corpo — corpo.

HIST. Lat. *cōrpus* (58).

cōsta — costa.

HIST. Lat. *cōsta* > *cōsta* (58).

cōufa — cousa.

HIST. Lat. *causa* (69-a).

cōutiba. Vid. *cautiba*.

cōutibar — cativar.

HIST. Deriv. do thema de *cōutibo* < lat. *captivus*-. A fôrma intermedia anterior de *cōutibo* é *cautibo*. A origem é semi-litteraria, senão o -v- da terminação -ivv- não se conservaria (101).— Cf. vol. I, p. 279.

creminoso (= *creminófu*) — criminoso.

HIST. Do português, com dissimilação (149-a).

crestiandade (= *crestiãndade*) — cristandade.

HIST. Lat. *christianitate* > **cristianidade* (103) > *cristiandade* (§ 152-b).— Cf. hesp. *cristiandad*.

crona — coroa.

HIST. Lat. *corona* - (152-b).

crudo — cru.

HIST. Lat. *crudus* -.

cũ, em proclise — com. Antes de vogal toma a fôrma *co*'. Em ligação com o artigo definido: *cul*, pl. *culs*; *cula*, pl. *culas*.

HIST. Vid. p. 446.

cubrar (= *cubrar*) — quebrar.

HIST. Também na linguagem popular portuguesa ha *cubrar*, com *o* por *e* (150-a). Lat. *crepare* > **crebar* (90) > *quebrar* (154) > *cubrar* ou *costrar* (150-a).

cuiro (= *cúiru*) — coiro.

HIST. Vid. § 59.

cuitado — coitado.

HIST. Corresponde ao port. *coitado*, participio do verbo archaico *coitar*, que se lê a cada passo

nos nossos Cancioneiros. Ao verbo *coitar* corresponde também o português arcaico *coita* como substantivo: «dor», «pena», etc. Tanto o verbo como este substantivo tinham antigamente também, em certos documentos, o ditongo *ui* (*uy*), como em mirandês é normal: *cuita*, *cuitado*, *cuyta*, *cuytado*. Lat. *cogitare*, d'onde igualmente veio o port. e mir. *cuidar*, embora por via diferente.

cul — com o; no pl. *culs*. — Vid. vol. 1, § 199.

cula — com a; no pl. *culas*. — Vid. vol. 1, § 199.

culho — collo.

HIST. Vid. § 58-OBS. 4.

culidade (= *culidade*) — qualidade.

HIST. Ou do lat. *qualitate*-, ou do port., onde popularmente também se diz *culidade*, como *curessma* < quaresma, *curenta* < quarenta, etc. Cf. port. *coirella* < **quadrella* < > *quadrola*, e neste VOCABULARIO *calidade*.

cumbencido — convencido.

HIST. Do lat. *convincere* com mudança de conjugação (§ 207, 101, 80), ou do português.

cumbersaciõũ — conversação.

HIST. Do lat. *conversatione*- (87, 101, 80), ou do port., com correspondência do suff. *-iõũ* a *-ãõ* (arch. *-om*).

cumo e *cume* — como (conj. e adv.).

HIST. Lat. *quomodo*, com syncope do *-d-* (106); para o mais vid. § 63. — A forma *cume* corresponde a port. arch. *come*, ex.: «*come* melhor poderdes», do sec. XIII (in *O Instituto*, XLVI, 943); *come* no *Elucidario*, s. v.; «achasse *come* de quanto servi» (*Cancioneiro da Ajuda*, 278, v. 2, e passim); «*come* cada huũ», sec. XIV (*Ineditos da Academia*, IV, 585); «*come* son postos (*Port. Mon. Hist.*, *Leges et consuetud.*, p. 850). Cf. ital. *come*.

cumpaixõũ — compaixão.

HIST. Lat. *compassione-* (80, 110). Com -ssi-
+ vog. > *ix* cf. *baixo* < *bás'siu- < >
*bassu-.

cumpanheiro — companheiro.

HIST. Vid. s. v. *acumpanhar*.

cumparar — comparar.

HIST. Lat. *comparare* > *comparar* (152-c) >
cumparar (80).

cumpleto — completo.

HIST. Do port. (80).

cuncencia — consciencia.

HIST. Do port. (80).

cuncertado, — concertado.

HIST. *con-certado* (80).

cundanhar — condenmar. Flexão: *cundanho*, *cundanhas*, *cundanha*.

HIST. Do lat. **condamnare* (cf. Körting, *Lat.-rom. Wb.*, s. v.); -MN- > -nh- (vol. 1, p. 280).

Tambem se ouve *cundanar* e *cundenar*, que revelam influencia do português.

cundenar — condenmar.

HIST. Vid. *cundanhar*.

cunfiar — confiar.

HIST. *con-fiar* (80); *fiar* < **fidare* (106) < >
fidere.

cunfiança — confiança.

HIST. Do thema de *cunfiar* + suff. -a-nça (vol. 1, p. 459).

cunsentir e *cunsintir* — consentir. Flexão: *cunsinte*, «consente».

HIST. Lat. *consentire* > *consentir* (152-c) >
cunsentir (76, 80). — Á cêrca de *cunsintir* vid. tambem § 76.

cunsolo — consôlo.

HIST. De *cunsolar*, «consolar» < lat. *consolare* (152-c).

cuntar — contar.

HIST. Lat. *cōmp(u)tare* > **contare* (vol. 1, p. 279) > *contar* (152-c) > *cuntar* (80).

cuntentamieto — contentamento.

HIST. Do thema de *cuntentar*, «contentar».

cuntentar — contentar.

HIST. Deriv. do thema de *cuntento*.

cuntento, -a — contente.

HIST. Vid. vol. 1, § 80.

cuntino — contínuo.

HIST. Do português, senão o *ĩ* do lat. *contĩ-nuus* teria dado *e*. A fôrma portuguesa é de origem litteraria.

cuntrairo — contrário.

HIST. Do port. *contrário* (80), que é de origem litteraria.

cuntrato — contracto.

HIST. Do port. *contracto*, senão -*acto* teria dado -*eito* (44).

curto — cortado, ferido.

, HIST. Vid. § 249-OBS. 3.

Ç

çamarra — pelle.

HIST. — Cf. Körtling, *Lat.-rom. Wb.*, § 2776.

N. B. É curioso que na Beira-Alta se diga *ensamarrado* no sentido de «pessoa que tem coryza ou bronchite», sobretudo no último: a evolução sematologica partiu de «pessoa que por causa d'essa doença se envolveu numa pelle»; d'ahi *samarreira*, «bronchite», etc. — Na Beira-Baixa usa-se a palavra *samarrudo* no sentido de «mono», «que não falla»; parece relacionar-se essa palavra tambem com *çamarra*. — A melhor graphia d'essas palavras populares beirãs será pois com *ç*.

D

dabinar — adivinhar. Também se diz *adabinar* e *adebinar*.

HIST. Lat. *divinare* > *adevinar* (151-a, 152-c, 149-a) > *adabinar* (101). — A forma *adevinar* está também representada pelo asturiano moderno (B. Vigon, *Vocabulario de Colunga*). A mudança de *e* em *a*, de mais a mais ao contacto da labial, é difícil de explicar: cf. no entanto o port. pop. *Sabastião* < Sebastião.

danhado — danado.

HIST. Lat. *damnatu-* (vol. I, p. 280, 103).

danho — damno.

HIST. Lat. *damnu-* (vol. I, p. 280).

debino — divino.

HIST. Lat. *divinu-* (149-a, 101).

defender — defender.

HIST. Lat. *defendere* (com mudança de conjugação: § 207) > *defender* (152-c) > *defender* (76).

defrente — diferente.

HIST. Lat. *different-* (70, 152-b).

dêiç — dêem. Do verbo *dar*. Vid. § 270.

delantre — deante.

HIST. Vid. vol. I, p. 448. Em hesp. arch. *delantre* e *adelantre*, in *El Fuero d'Avilés*, ed. de Fernandez Guerra, p. 139.

delatar — dilatar.

HIST. Do port. *dilatar*, que é de origem litteraria: lat. *dilatare*. Na linguagem popular portuguesa também se usa *delatar*.

delor — dôr.

HIST. Lat. *dolore-* > *dolor* (152-c) > *delor* (149-a). — A forma *dolor* está também representada no hespanhol.

deloroso (= *deḷurófu*), -a — doloroso, -a.

HIST. Deriv. do thema de *delor* (459).

depende — depender.

HIST. Ou do lat. *de-pendēre*, ou do port. *de-pender*, o que julgo mais provavel.

deprumado, -a — sem *prumas* (pennas).

HIST. Deriv. do thema de *pruma*; propriamente a palavra decompõe-se em *de-prum-ado*. — Cf. *defalado*.

depuis — depois. Vid. vol. 1, p. 449.

dereito — direito.

HIST. Lat. *directu-* (vol. 1, p. 287) <> *directu*; cf. hespanhol *derecho*, português archaico *dereito*.

defalado — sem *alas* (asas).

HIST. Do thema de *ala*; propriamente: *def-al-ado*.

Cf. o participio *de-prum-ado*.

desanfrenado (= *deʃāfrenadu*) — desenfreado.

HIST. Em virtude do § 76, poder-se-hia esperar *desanfrenado*; mas a palavra é formada de *anfrenado* <> port. **enfrenado*, com *an-*, segundo o § 75. A base é *freno* < lat. *frenu-*, «freio». Propriamente: *def-an-fren-ado*.

desenganhar — enganar.

HIST. Formada de *enganho*. Propriamente a palavra decompõe-se em *def-anganh-ar*.

desanquieto — inquieto.

HIST. Vid. vol. 1, p. 461 (onde se lê *desanquieto* em vez de *desanquieto*). A forma primitiva é *quieto*, também com *iê*, correspondente ao send. *quito*. O mir. *quieto* rima com *prieto*, «preto»; o send. *quito* rima com a palavra port. *mosquito*. Na origem devia dizer-se *quieto*, com o dissyllabo *ie*, que depois se condensou em *iê*; condensações analogas offerece-as o português a cada passo na pronúncia familiar, por ex.: *âu* = *a + o*, *éu* = *é + o*.

defanterrar — desenterrar.

HIST. Propriamente *def-an-terr-ar*. A base é *terra*.

Cf. quanto á phonetica *desanfrenado*.

desaparcer — desaparecer.

HIST. <> port. *desapparecer* = *des-apparecer*, do lat. *apparecere*.

defarranjo (e *defarrãijo*?) — desarranjo.

HIST. Formado de *arranjo*. Propriamente temos: *def-arranjo*.

descoincer (= *descoĩcer*) — desconhecer.

HIST. Formado de *coincer*. Propriamente a palavra decompõe-se em *des-coincer*.

descunfiar — desconfiar. Em linguagem descuidada pôde dizer-se *dscunfiar*, com syncope de *e* (cf. 152).

HIST. Formado de *cunfiar*. Propriamente temos: *des-cunfiar*.

descunso — desconsolo.

HIST. Propriamente: *des-cunso*. Vid. s. v. *cunso*.

desdezir — desdizer.

HIST. Propriamente: *des-dezir*. Vid. s. v. *dezir*.

desditofo — desditoso.

HIST. Do port. *desditoso*.

defeio — desejo.

HIST. Vid. *defiar*.

desgracia — desgraça.

HIST. Formado de *gracia*. Propriamente temos: *des-gracia*.

desgraciado, -a — desgraçado, -a.

HIST. Deriv. de *desgracia*.

desgusto — desgosto.

HIST. Propriamente: *des-gusto*. Vid. s. v. *gusto*.

desgustofo, -a — desgostoso, -a; descontente.

HIST. Do th. de *desgusto* + suff. -ofo (vol. I, p. 459).

defiar — desejar.

HIST. Esta palavra postula como base *defeio*: cf. hesp. *desear*, de *deseo*; todavia em mir. ouvi

dizer *desseio*, com *ss*, a par de *deſeio*, *deſjar* e *deſioſo*. Em português antigo encontra-se também *dessejar* (a par de *desejar*). Diz o Sr. Epiphânio Dias na sua bella edição das *Obras* de Christovão Falcão, a proposito da forma *dessejar* empregada por este auctor: «A graphia *dessejar* representa, em nosso entender, a pronuncia originaria conforme á etymologia (do latim popular *dissidium* por *desiderium*)»: p. 31 nota. Todavia é preciso admittir também **desĩdium*: cf. J. Cornu, *Die portugiesische Sprache*, § 111; Körting, *Lateinisch-romanisches Wörterbuch*, n.º 2521; e ainda outros AA. (Diez, Meyer-Lübke).— Quanto a *deseio* > **desĩdium* cf. § 87-a.

desnudar — despir.

HIST. Do th. de *nudo*. Propriamente: *des-nud-ar*.
desnudo — nu.

HIST. Cf. *desnudar*.

defonra — deshonor.

HIST. Propriamente: *def-onra*. Quanto a *onra*, port. e hesp. mod. *honra* (em hesp. ant. *ondra*, em port. pop. *honlra* = *hōlra*), esta palavra creio ser substantivo verbal tirado do verbo *honrar* < *honorare*.

deföumano — deshumano, inhumano.

HIST. Propriamente: *def-öumano*. Vid. s. v. *öumano*.

despeſa — despesa.

HIST. Lat. *dispensa*, lat. vulg. **dispesa* ou **despesa*.

despreziar — deprezar.

HIST. Lat. **dispretiare*: vid. Körting, *Lat.-rom. Wb.*, s. v. Quanto á phonetica cf. § 87-a.

despuis — depois.

HIST. Vid. vol. 1, p. 449.

desquelorado — descòrado.

HIST. De *quelor*. Propriamente: *des-quelor-ado*.

desquemungar — excommungar.

HIST. Vid. vol. 1, p. 461. Formado do lat. *de-ex-communicare (152-b, 124, 103). — Substantivamente: *desquemungado*. — Cf. nos *Port. Mon. Hist.*, Leges et consuet., p. 850: «todo christiano que auer dere a renouo seia *descomungado*». Em hespanhol ha tambem *descomulgado*.

destemprar — destemperar.

HIST. Propriamente: *des-temprar* < lat. *de-ex-temperare (152-b, 152-c).

dezi — dizei. Do verbo *dezir*. Vid. § 287.

dezir — dizer.

HIST. Lat. dicere (127) com mudança de conjugação (207).

Diabro — Diabo.

HIST. Lat. Diab'lu- (vol. 1, pp. 283-284).

diç — diz. — Flexão do verbo *dezir* (287).

dię — dia.

HIST. Vid. vol. 1, § 54-d.

dirę — derem. Flexão de *dar*. Vid. § 270.

disse — désse. — Flexão do verbo *dar* (270).

dissę — dessem. Flexão de *dar*. Vid. § 270.

Dius — Deus.

HIST. Vid. vol. 1, 51-a, 159.

dixe, dixo — disse (1.^a e 3.^a pess.). — Flexões do verbo *dezir* (287).

dolo — dó.

HIST. Substantivo verbal correspondente ao latim dolere. Cf. hesp. *duelo*, port. arch. *doo*, mod. *dó* (lat. vulg. iberico *dölu-); cf. ainda fr. *deuil*.

donde, adonde — onde, aonde.

HIST. Vid. vol. 1, p. 448. — Lat. *unde* (161).

dórũ — deram. Flexão de *dar*. Vid. § 270.

döu — deu. — Flexão do verbo *dar* (270).

döus — dois. Vid. vol. 1, p. 348.

dues — duas. Vid. vol. 1, p. 348.

dunzeilha — donzella.

HIST. Lat. *dom'nicella- (49, 80, 127, 141).

E

idade — idade.

HIST. Lat. aetate- (103, 73).

eideia — ideia (phantasia).

HIST. Do port. *ideia* < lat. *idea*, accentuado como o gr. *idéa*.

eignorante — ignorante. — Também se diz *angnorante* e *einorante*.

HIST. De origem portuguesa (73).

eigual — igual.

HIST. Lat. aequale- > *egual* (124, 152-c) > *eigual* (73).

eilha — ella.

HIST. Vid. vol. 1, p. 352 sqq.

eilhes — elles.

HIST. Vid. vid. 1, p. 352 sqq.

eilhi — alli.

HIST. Vid. vol. 1, pp. 447-448.

eimortal — immortal.

HIST. Lat. immortale- (73), ou do português.

einemigo — inimigo.

HIST. Lat. inimicu- > *inemigo* (149-a) > *enemigo* > *einemigo* (73). — A *enemigo* corresponde a palavra hespanhola que tem a mesma forma.

N. B. A palavra portuguesa *inimigo*, na pronúncia ordinaria *inemigo*, é de origem moderna, refeita sobre o lat. *inimicus*; a genuina palavra port. ant. é *enmigo*, *imigo*, esta ultima conservada ainda na poesia até tarde.

einocente — innocente.

HIST. Palavra de origem ecclesiastica (cf. «os Santos Innocentes») ou portuguesa, porquanto no latim

innocente- os *-nn-* dariam *-nh-* em mir. (141).

À cêrca de *ei-* vid. § 73.

Eipocrene — Hippocrene.

HIST. Não fiz mais que amirandesar o português

Hippocrene < lat. Hippocrene = gr. ἵππο-
κρήνη. Tal palavra é desconhecida em Miranda.

eiqui — aqui.

HIST. Vid. vol. 1, § 292.

eifemplo — exemplo.

HIST. De origem portuguesa, como o prova a con-
servação do grupo *-mpl-* (GRAMMÁTICA, p. 283).

eiterno, *-a*, — eterno, *-a*.

HIST. De origem ecclesiastica (cf. «Padre Eterno»)
ou portuguesa, senão no lat. aeternu- o *-t-*
teria dado *-d-*. À cêrca do *ei-* cf. § 73.

el — elle.

HIST. Vid. vol. 1, p. 352 sqq.

ende — ahi.

HIST. Vid. vol. 1, p. 447. A significação primitiva é
«d'ahi», e, por extensão de significação, «d'isso»:
cf. no *Cancioneiro da Ajuda*, ed. de D. Caro-
lina Michaëlis, p. 8, v. 23:

E o que m'*ende* guardar não podr...

É essa a significação do lat. *inde*, conservada
no fr. *en*, etc.; mas, assim como *unde*, que
significa «d'onde», passou a significar «onde»,
tambem *inde* passou em mirandês a ter o
significado de «ahi». — Forma port. arch. pa-
rallela é *en*.

F

fabor — favor.

HIST. Do lat. *favore-* (101), ou directamente do
português.

fágã — façam.

fágades — façaes (277).

fai — faz (277).

fáiz — fazem (277). — Flexão do verbo *fazer* (277).

fame — fome.

HIST. Vid. vol. 1, p. 216, n. 1. — A palavra *fame* é, como lá digo, também portuguesa arcaica. Por exemplo, vid. *Ineditos d'Alcobaça*, de Fr. Fortunato S. Boaventura, 1, 135, 142, 146, 162. No *Cancioneiro* de Rêsende, 1, 184:

Sobre todos vem doença,
Sobre todos vem tal *fame*.

Cf. prov. *fam*, port. *faminto*, etc.

fantesia — phantasia.

HIST. Do port. *phantasia*, que tem origem litteraria: lat. *phantasia*, accentuado como o gr. *φαντασία*. Em ling. pop. port. também se diz *fantesia*.

faróz — feroz. Pl. *fazores*.

HIST. Lat. *feroce* > *feroç* (128) > *faróz* (150-c).

fazirũ — fizeram (277).

fazistes — fizestes. Do verbo *fazer* (277).

fedlidade — fidelidade.

HIST. Do port. *fidelidade*, que tem origem litteraria: lat. *fidelitate* - (senão -d- ter-se-hia syncopado como em *fel* < fidele-).

felcidade — felicidade.

HIST. De origem portuguesa. O port. *felicidade* é de origem litteraria: *felicitate* -.

fellhico — filhinho.

HIST. Deminutivo com *-ico* (174 sqq.). Propriamente: *fillh-ico* > *fellhico* (149-a).

feliç — felis.

HIST. Do lat. *felice* -, ou do port. *feliç*, que é forma de origem litteraria; a forma portuguesa popular que lhe corresponde está hoje ainda representada pelo appellido *Fins* = *Fiiç*, e pelo nome geographico *Saufins* = *Sã Fins*.

felor — flor.

HIST. Do port. *flor*, que é forma litteraria provinda do lat. *florē* > *flor* (152-c) > *felor* (151-b). —

Cfr. *Revista Lusitana*, II, 371; e III, 327.

ferbura — fervura.

HIST. Subst. verbal de *ferber* < lat. *fervēre* + suff. *-ura*.

fermofo, -a — formoso, -a.

HIST. Lat. *formosu*- (149-a). — Cf. port. ant. *fermoso*, hesp. *hermoso*.

fertuna — fortuna.

HIST. Do lat. *fortuna*- (149-a), ou do português, que tem origem litteraria.

fiërro — ferro.

HIST. Lat. *fěrru*- (50).

fięsta — festa.

HIST. Lat. *fěsta*- (50).

filo — fio, cabo.

HIST. Lat. *fīlu*-.

finar — findar, acabar.

HIST. Lat. **finare* (152). — A forma latino-vulg.

**finare*, derivada de *finis* (<> litt. *finire*, que deu em port. arch. *fīir*, mal transcrita no *Elucidario* de Viterbo por *fīir*) é postulada pelo hesp. *finar*, ital. *finar*, etc. Cf. Körting, *Lat.-rom. Wb.*, § 3274.

fiço — fez. Do verbo *fazer* (277).

fondo, -a — fundo, -a.

HIST. Lat. *fūndu*-. Cf. prov. *fond*, fr. *fond*, ital. *fondo*, hesp. *hondo*, astur. *fondū*.

fonte — fonte.

HIST. Lat. *fōnte*- (58).

fōra — fóra.

HIST. Vid. vol. I, p. 448.

fōrça — força.

HIST. Lat. *fōrtia*- (58), plural neutro de *fortis*, empregado com função de substantivo femi-

nino, como tantos outros, por ex.: debita,
vir'dia, pigmenta.

formefura — formosura.

HIST. De *fermofo*. Propriamente: de **fermesura* (149-a), aparecendo depois *o* por *e* na primeira syllaba, por influencia da labial inicial, cuja accção foi de mais reforçada pela da labial seguinte (150-a).

forte — forte.

HIST. Lat. *förte* - (58).

fortissemamente — fortissimamente. Superlativo adverbial de *forte*.

fráita — flauta.

HIST. Tem-se proposto como base o verbo **flatuare*; cf. português antigo *fraita*, popular *fráuta*, hespanhol *flauta*, etc.—Vid. Körting, *Lat.-rom. Wb.*, § 3318. — Etymologia duvidosa.

frida — ferida (subst.).

HIST. De *ferir*, como *benida*, *caída*.

frîe — fria. Vid. *frîu*.

frîr — ferir.

HIST. Lat. *ferire* (152-c).

frîu — frio. Fem. *frîe*, em proclise *frî*.

HIST. *frigidu* - (57).

fromofo, -a — formoso, -a.

HIST. Variante de *fermofo*.

fruito — fruto.

HIST. Lat. *fructu* - (vol. 1, p. 287).

fui — foi. Do verbo *ser* (261).

fulgar — folgar. Também se usa *fölgar*.

HIST. Lat. *follicare* > **foligar* (124, 152-c) > *fölgar* (152-b) > *fulgar*.

funga — funda.

HIST. Vid. vol. 1, p. 304 (base lat. *funda* -).

fur — for (261).

fürû — foram (261).

fusse — fosse (261).

G

ganado — gado.

HIST. Cf. hesp. *ganado*.

garunho, -a — escasso, sovina. Também se diz *subino* e *apunhado*.

HIST. Cf. astur. *gorullo*?

generoso (= *jenērófu*), -a — generoso, -a.

HIST. Do port. *generoso*, que é de origem litteraria: lat. *generosus*.

grave — grave.

HIST. Lat. *grave* - (101).

gracia — graça, agradecimento.

HIST. Lat. *gratia* - (87).

grandessismo — grandissimo.

HIST. Vid. vol. I, § 186.

guapo — lindo.

HIST. Vid. Diez, *Etym. Wb.*, I, s. v. «guappo».

gusto — gosto.

HIST. Não directamente do lat. *gustus*, cujo *ũ* daria *o* (61), mas sob a influencia do verbo *gostar*, isto é, *gustar* < lat. *gustare*. Cf. hesp. *gusto*, catal. *gust*, que devem ter a mesma explicação.

H

haba — haja (260).

haber — haver (260).

hai — ha (260).

hōubo — houve (260).

I

i — e.

HIST. Lat. *ē* > *e*, que, por ser sempre proclítico, se tornou *i*. A mudança deu-se talvez primeiro só antes de vogal, generalizando-se em seguida. A mesma explicação convém ao português, onde *e* sôa hoje *i*; no *Cancioneiro da Ajuda* encontra-se por vezes *et* e *ed*.

incha — encha (no conjunctivo). Do verbo *ancher*.

HIST. Lat. *implere* > *incher* (283) > *encher* > *ancher* (75).

J

Joã — João.

HIST. Lat. **Joane-* (110-b) = *Johanne-*.

judiu — judeu.

HIST. Lat. *Iudaeu-* (69-b e 51-a).

juiç — juiz.

HIST. Do port. *juiç*, provavelmente.

jurdiçõũ — jurisdição.

HIST. Vid. vol. 1, p. 299.

L

l — o.

HIST. Vid. vol. 1, § 198.

la — a (art. fem. sing.).

HIST. Vid. vid. 1, 198.

ladrõũ — ladrão.

HIST. Lat. *latrone-*. Ao lado da fôrma *ladrõũ*, com *l-*, também se usa, segundo o § 111, *lhadrõũ* com *lh-*; assim como se usa *lhadra*, a par de *lhadrone*. — Em asturiano, onde, como disse (111-Obs. 3), a *l-* corresponde *lh-* como em mirandês, encontro a mesma incerteza: o *Diccionario* de Vigón cita *lladrón*; o de Rato cita *ladra*.

le — lhe, lhes.

HIST. Vid. vol. 1, § 193.

lhabar — lavar.

HIST. Lat. *lavare* > **lavar* (152-c) > *lhabar* (111, 101).

lhaço — laço.

HIST. Lat. *laqueu-* > (§ 87-a, pois que em lat. vulg. foi *-quẽu* tratado como *-cẽu*, *-cẽa*) > *lhaço* (111).

*lhad*o — lado.

HIST. Lat. *latu*- (III, 103).

lhadröü. Vid. s. v. *ladröü*.

lhagona — lagoa.

HIST. Vid. vol. I, p. 123.

lhágrima — lagrima.

HIST. Lat. *lacrima*- (124, III).

lhança — lança.

HIST. Lat. *lancea*- (87, III).

lhançada — lançada.

HIST. Do thema de *lhançar*, com o suff. *-a-da*.

lhançar — lançar.

HIST. Lat. *lanceare*- (152-c, 87, III).

lhargo, *-a* — largo, *-a*.

HIST. Lat. *largo*- (III).

lhebantar. Vid. s. v. *alhebantar*.

lhebar — levar. Flexão: *lhiębe* (leve).

HIST. Lat. *levare* (152-c, III, 101).

lheitöü — leitão.

HIST. Lat. **lectone* (142-j, 110-b, III). — Á cêrca de **lectone*- vid. o vol. I, p. 126, nota.

lhembrança — lembrança.

HIST. Deriv. do thema de *lhembrar* + suff. *-a-nça*.

Propriamente: *lhembra-nça*.

lhembrar — lembrar.

HIST. Lat. *memorare* > **mem'rar* (152-b, 152-c) > **membrar* (142-h) > *nembrar* (149-b) > *lembrar* (149-b) > *lhembrar* (III). — Á fôrma *lembrar* corresponde em português moderno fôrma igual; a *nembrar* corresponde tambem fôrma igual em português archaico, por exemplo no *Cancioneiro da Ajuda*, v. 6067:

Quando me *nembra* o prazer

e outros muitos passos podia aqui citar.

lhengua (= lhéngua) — lingoa.

HIST. Lat. *lingua*- (52, III).

lhibrar — livrar.

HIST. Lat. *liberare* (152-b, 152-c).

lhibre — livre.

HIST. Lat. **libre-* (111). — A forma **libre-* por *libru-* deve ter sido motivada pela analogia com outros adjectivos em *-e*; cf. *contente* (vol. 1, p. 242, n. 1 e p. 460).

lhibro — livro.

HIST. Lat. *lĭbru-* (111), com *i*, porém, em vez de *e* (52), porque a palavra é certamente de origem erudita, embora introduzida em epocha remota, como o mostra o *lh-*.

lhiona — Vid. *liona*.

lhogar — logar.

HIST. Lat. **locare-* (111) < > *locale-*.

lhöugo — logo.

HIST. Vid. GRAMMATICA, § 58-OBS. 5. Sobre *lh-* vid. § 111.

lhuitar — lutar.

HIST. Lat. *luctare* > (142-j, 152-c).

lhume — lume.

HIST. Lat. *lume(n)* (111).

lhusques-fusques — lusco-fusque. Também se diz *lhusque-fusque*, *lhósque-fosco* e *lhósque-fósques*.

HIST. Cf. port. litter. *lusco-fusco*, port. de Lisboa *lusque-fusque*, gall. *entre lusco e fusco*. — O gallego representa talvez a phrase primitiva, que se originou da rima de *lusco* com *fusco*; cf. *nem chus, nem buz*, onde *buz* foi pedido por *chus* («mais», do lat. *plus*). Vid. a respeito de factos semelhantes a GRAMMATICA, p. 309, n.º 7. Depois a expressão, ainda em virtude da rima, tornou-se uma palavra unica, *lusco-fusco*; cf. num ensalmo popular do Minho a fórmula *Pedro-Paulo foi a Roma* (rima allitterante), em vez de *Pedro e Paulo foram a Roma* (isto é, «S. Pedro e S. Paulo»). De *lusco-fusco* pas-

sou-se para *lusco-fusque*, *lusque-fusque*, por dissimilação dos *uu*; cf. na ling. fam. *tude-nada* por *tudo-nada*. A explicação até aqui convem ao português e ao mirandês, só neste o *l-* é *lh-*. De *lhusque-fusque* fez-se *lhusques-fusques*, por a expressão ter certo sentido adverbial, e ser frequente juntar *-s* aos advérbios; cf. na ling. pop. *entrementes*, *sòmentes*, ant. *mentes*, etc. É provável que antes de *lhusques-fusques* se dissesse **lhusque-fusques*, havendo propagação do *-s* final ao primeiro elemento da expressão. — As formas com *o* explicam-se pelo *ũ* do lat. pop. **lūscus* e **fūscus*: cf. Körtling, *Lat.-rom. Wb.*, s. vv. O latim classico tem *ū* nas duas palavras.

lialdade — lealdade. Também com *l-*, e não *lh-*, se diz *lial*.

HIST. Do português.

limöũ — limão.

HIST. Árabe *leimôn*: vid. Dozy, *Glossaire*, s. v., e Sousa, *Vestigios*, s. v.

linguaije — linguagem.

HIST. Do português.

liona — leoa.

HIST. Do lat. **leona* < > *leaena*. Com quanto me conste que em alguns logares da Terra-de-Miranda se usa *lhiona* (segundo o § 111), o Sr. Bernardo Fernandes Monteiro assevera-me que só conhece *liona*. — Cf. o que digo a respeito de *liöũ*.

liöũ — leão. Pl. *liones*.

HIST. Do lat. *leone-* (110-b). — Consta-me que também se usa *liöũ* (segundo o § 110), mas o Sr. Bernardo Monteiro só conhece *liöũ*, que, em todo o caso, é a forma usual. Não admira que se dê esta apparente infracção ás leis phoneticas do L- (§ 111), por isso que o leão é animal

estranho á Terra-de-Miranda, e só podia ahi ser conhecido por intermedio dos contos populares ou da Igreja.

Lixandre — Alexandre. Litt.

HIST. Vid. GRAMMATICA, § 152. — Em português popular tambem se diz *Lixandre*.

lo — o. Pronome.

HIST. Vid. GRAMMATICA, § 193.

lõje ou *lõije* — longe.

HIST. Vid. GRAMMATICA, § 142-f (mas a palavra, por causa do *l*, deve ser de origem portuguesa); em asturiano tem *ll*: *llonxe*, *lloñe*.

*lomi*ar (= *lumi*ar) — nomear.

HIST. Vid. GRAMMATICA, § 149-b (mas a palavra deve ser de origem portuguesa; do contrario o *n* do lat. *nominare* não cairia).

lõureiro — loureiro, louro.

HIST. Lat. **laurariu*-. — Cf. vol. 1, p. 260.

lõuro, -a — louro, -a (côr).

HIST. Etymologia obscura (vid. Körting, *Lat.-rom. Wb.*, s. v. «aureus»). — Cf. tambem o vol. 1, p. 260.

lufitano, -a — lusitano, -a.

HIST. Esta palavra não se usa em Miranda. Empreguei-a por necessidade da rima, mas d'accôrdo com os habitos do idioma mirandês.

M

magosto — magusto.

HIST. Cf. gall. *magosto*, astur. *magüestu*, *amagüestu*, *amagostar*. Na Beira diz-se *magusto*. — A etymologia é difficil; parece entrar nella a palavra lat. *ustus*: mas o que significa o elemento *mag*-?

mai — mãe.

HIST. Vid. vol. 1, p. 281.

mal — mau. Em proclise. Vid. s. v. *malo*.

malo — mau. Em proclise *mal*, ex.: «mal nome», «mal negócio» (cf. GRAMMATICA, p. 472, § 307).

HIST. Lat. *malu-*.

mano — mão.

HIST. Lat. *manu-*.

mansico, -a — mansinho, -a.

HIST. Deminutivo de *manso*.

mansidõũ — mansidão.

HIST. Vid. GRAMMATICA, § 110-b.

mantenêr-se — manter-se.

HIST. Lat. *manu-tenere*, com syncope do *u* (152-b).

más — mais, mas. No sentido de «mais», e «mas» também se diz *mais*.

HIST. Vid. vol. I, pp. 452 e 455. — É frequente *mais* por «mas» em português arcaico, como ainda hoje na língua vulgar; cf. no *Cancioneiro da Ajuda*, p. 28, v. 4 (e passim), «*mais* se o sei».

Medufa — Medusa.

HIST. Palavra desconhecida em Miranda. Empreguei-a para ser fiel á tradução, mas de accôrdo com os habitos phoneticos do mirandês.

medonho — medonho. Parece que também se diz *medunho*.

HIST. Derivado do thema de *medo* (298-a): propriamente *med-onho*.

meninêç — meninice. Em lingoagem descuidada pôde dizer-se *minêç*, por syncope do *e* (152-b).

HIST. Do thema de *menino* com o suff. -eç < -itie, variante do suff. -itia- (87-a). A terminação -tie teve o mesmo resultado phonetico que -ce (128).

mercida — merecida.

HIST. Participio de *mercer* < > português *merecer* < latim **merescere*, fôrma inchoativa de *merere*.

meſa — mesa.

HIST. Lat. *mensa* -, lat. vulg. **mesa* (vol. I, p. 283).

meſes — pl. de *mes*, «mes».

HIST. Lat. *mense* -, *menses*, em lat. vulgar **meſe*, *meſes* (vol. I, p. 283).

1. *mi* — mim.

HIST. Vid. GRAMMATICA, § 193. — A forma *mi* encontra-se a cada passo no português arcaico.

2. *mi* ou *múi* — mui.

HIST. Vid. vol. I, p. 452. A evolução foi: *muito* > *mui* > **múi* > *mi*.

mi em proclise por *mię* — minha.

HIST. Vid. GRAMMATICA, § 206.

mię — minha.

HIST. Vid. vol. I, p. 364.

międo — medo

HIST. Lat. *mētū* - (50).

mięl — mel.

HIST. Lat. *měl* (50), ou, se prefere, **mělle* - (152-c).

mięhor — melhor.

HIST. Lat. *meliore* (184, 87-b e 152-c).

mimoſo — mimoso.

HIST. Do th. de *mimo* + suff. -*oſo* (vol. I, p. 459).

mintir — mentir.

HIST. Lat. *mentire* <> *mentiri* (152-c, 76).

mintiroſo — mentiroso.

HIST. Do th. de *mintira* + suff. -*oſo* (vol. I, p. 459).

mirar — olhar.

HIST. Lat. *mirare* (152-c) <> *mirari* (209).

N. B. É do thema d'este verbo que vem a palavra *Miranda*, e por tanto o adj. *mirandês*, segundo o que se disse no vol. I, p. 33 sqq.

miſarable — miseravel.

HIST. Lat. *miserabile* - (150-c, 152-b). A palavra deve ter vindo por intermedio do português.

miſeria — miseria.

HIST. De origem portuguesa.

miu — meu.

HIST. Vid. GRAMMATICA, § 206.

'mor — Vid. s. v. *amor*.

morrer — morrer. Também se diz *morrer-se*, ex.:
«*morriu-se-m' ũa canhona*» (morreu-me uma ovelha).

HIST. O lat. **mórere* < > *mori*, — por isso que os depoentes receberam fórmulas activas em romance (209), e este verbo é da 3.^a conj. —, dava naturalmente em mir. (e port.) **morre* (cf. prov. *querre* < *quaérere*): por isso este infinitivo, que não tem a terminação usual, foi alongado em *morrer* (cf. ital. *essere* < *esse*). Tal é a explicação que pouco mais ou menos se tem dado d'este verbo. Todavia poderá pôr-se uma objecção: porque é que succedeu isto com *morrer*, e não com *querer*, que estava nas mesmas circumstancias?

morte — morte.

HIST. Lat. *mōrte-* (58).

morto, -a — morto, -a.

HIST. Lat. *mōrtu(u)-* (58).

Mourama — *Mourama*, terra dos mouros.

HIST. Tanto em português como em mirandês ha nesta palavra um suff. *-ama*, que parece ser o mesmo que se encontra em *courama* (*cour-ama*), e terá por origem o suff. lat. *-amen*, estudado pelo Sr. Meyer-Lübke na *Gramm. der roman. Sprach.*, II, § 444.

mouro, -a — mouro, -a.

HIST. Lat. *Mauru-* (69-a).

mos — nos.

HIST. Vid. vol. I, p. 354 e 407, nota 2.

mui — mui.

Vid. *mi*.

muitissem — muitíssimo.

HIST. Vid. GRAMMATICA, § 186.

muito — muito.

HIST. Lat. *multo* (142-g).

mulhier — mulher.

HIST. Lat. *muliére* - (147, 51-e, 87-a).

N. B. No hesp. mod. diz-se *mujer*; mas no hesp. arch. o *e* ditongava-se como em mirandês, pois se lê em mss. do «Fuero Juzgo» *mugier* (apud Galindo, *Idioma castellano*, p. 35; cf. p. 118, nota; outros exemplos de *mugier* no sec. xiv, *ibidem*, 148 nota). Usou-se *mugier* em hespanhol até o sec. xv (*ibidem*, p. 165). — Por isso ha correspondencia entre mirandês e hespanhol.

muntanha — montanha.

HIST. Lat. **montanea* - (87-a, 80).

N. B. A forma **montanea*, — que está para *mons*, como o lat. *campanea* (*campaneus*) para *campus* —, justifica-se tambem pelo prov. *montanha*, fr. *montagne*, etc.

muntõ — montão (magote).

HIST. Augmentativo de *monte*, que tanto pôde ser formação propriamente mirandesa (173), como ascender a um protótypo latinò-iberico **montone* - (vol. I, p. 126, nota): cf. hesp. *montón*.

Musa — Musa.

HIST. Palavra desconhecida em Miranda, mas que adoptei por fidelidade de traducção, e de accôrdo com os habitos phoneticos do mirandês.

N

nabegar — navegar.

HIST. Lat. *navigare* > *navegar* (70, 152-c) > *nabegar* (101).

nabiu — navio.

HIST. Lat. *navĭgiu* - (53, 135, 57).

uacer — nascer.

HIST. Lat. nascere (com mudança de conjugação §§ 207, 208 e p. 287).

nariç — nariz. Pl. *narizes*.

HIST. O Sr. Adolfo Coelho no *Diccionario etymologico* explica *nariç* pelo latim *naris*, mas o -ç do port. *nariç* e do hesp. *nariç*, e o -ç do mirandês *nariç* contradizem esta explicação; só uma forma como **narix*, **narice* pôde explicar aquellas palavras, e outras do romance (cf. Körting, *Lat.-rom. Wb.*, § 5541); assim se explica também o -g- do derivado português *narigão* (< **naricone*-) e *nariganga*. — O Sr. Candido de Figueiredo não segue o melhor caminho quanto á etymologia que propõe d'esta palavra; diz elle: «*nariç*... do baixo lat. *naricus* ou de outra forma análoga, do lat. *naris*». O lat. **narix* é postulado não só pelo consenso das linguas românicas, mas ainda pelo verbo lat. *naricare*, que tem o aspecto de derivado de um thema em -ic, qual é o de **narix*.

naide — ninguém.

HIST. Vid. GRAMMATICA, § 202 e OBS. 2.

n', ne — no. Pl. *nes*.

HIST. Vid. GRAMMATICA, § 199.

neçairo — necessario.

HIST. Vid. o vocabulo *necidade*, na GRAMMATICA, § 152-c. — Outra prova a juntar á que dei s. v. «*necidade*», de que esta palavra não data do latim vulgar, está na terminação -*airo* < -*ariu*, que, se fosse popular, devia ter-se tornado -*eiro* (44).

necidade — necessidade.

HIST. <> lat. *necessitate* - > *necessidade* (103) > *necidade* (152). Mas a palavra, tanto em mirandês como em português, é relativamente mo-

derna, senão a syllaba -ce- estaria representada nos dois idiomas por -ç- (127). Em mirandês deve ella ter origem portuguesa.

neilhe — *nelle*.

HIST. A fôrma *neilhe* é por analogia com *ne* (199), e tem a mesma explicação que o port. *nelle*, *nesto*, etc.: vid. o meu opusculo *As «Lições de lingoagem» do Sr. Candido de Figueiredo* (análise crítica), Porto 1893, p. 50 sqq.

nel — no (199).

nembro — membro.

HIST. A palavra é de origem portuguesa, e não ascende directamente ao lat. *mẽmbro* - cujo *ẽ* teria dado *iẽ* em mir. (50); cf. hesp. *miembro*. Em todo o caso, *nembro* (mir. e port. arch.) é dissimilação de *membro* (149-b); cf. tambem port. arch. *nembrar*.

nĩ — nem.

HIST. Vid. vol. I, p. 455.

nial — ninho.

HIST. Vid. vol. I, p. 458.

niẽbe — neve.

HIST. Vid. GRAMMATICA, § 54-c.

ningũ, a par de *niũ* — nenhum.

HIST. Vid. GRAMMATICA, § 202.

nino, -a — menino, -a.

HIST. Cf. Körtling, *Lat.-rom. Wb.*, § 5617.

niũ — nenhum.

HIST. Vid. GRAMMATICA, § 202. — Cf. port. arch. *nium* no *Cancioneiro da Ajuda*, p. 23, v. 6 (e passim); e *neum*, *ib.*, p. 25, v. 285.

nó, em pausa — não.

HIST. Vid. vol. I, p. 451.

noivamente (de) — novamente.

HIST. Locução adverbial. Sobre -mente vid. GRAMMATICA, § 293. O *o* conservou-se na syllaba inicial, por ahi recair o *accento secundario*;

em syllaba propriamente atona creio não haver
o (vid. GRAMMATICA, p. 177).

nobidade (= *nūbidade*) — novidade.

HIST. Lat. *novitate* - > *novidade* (103) > *no-*
bidade (101).

nobo — novo.

HIST. Lat. *nōvu* - (58 e 101).

nōufraijo — naufragio.

HIST. Do port. *naufragio* (154).

nu', por *nū* — antes de vogal e *y*.

HIST. Vid. vol. 1, p. 451.

nubre — nuvem.

HIST. Lat. **nubine*-. Cf. *sangre* < *sanguine*.

N.B. A forma **nubine*- é justificada também
pelo port. *nuvem*: vid. Meyer-Lübke, *Gram.*
der roman. Sprach., II, § 16.

nūite — noite.

HIST. Vid. GRAMMATICA, §§ 142-g e 59.

númaro — número.

HIST. Lat. *nume*ru- (150-c), por intermedio do
português *número*, que tem origem litteraria
(*numbro* é forma semi-popular).

numarofo — numeroso.

HIST. Do thema de *númaro* + suff. -oso (GRAMMA
TICA, p. 459), ou do port. *numeroso*.

nūña — nunca (200).

O

olho — olho.

HIST. Lat. *ōc'lu* - (58, 142-g).

ome — homem.

HIST. Lat. *homine*-. — No vol. 1, p. 280, expliquei
ome por **hom*e(ne); todavia pôde propor-se
outra explicação: **hom'ne* - > **hon'me* e
por assimilação: **omme*, *ome*. No hespanhol
antigo encontra-se de facto *onme* (*Fuero de Sa-*
lamanca, ed. de Ruano, pp. 1 e 6), mas encon-

tra-se no mesmo documento tantas vezes também *ome*, que pouco valor se pôde fazer pois ligar áquella fôrma.

ondia (= *ondja*) — onda.

HIST. LAT. *ũnda-* (61). — Cf. no port. pop. *ondia*, que provém de *onda*, por desenvolvimento da terminação *-a* em *-ja*, como em *Elysia* < *Elysa*; etc. Vid. vol. I, p. 488.

órdene — ordem.

HIST. LAT. *ordine* (152-b).

õubedecer — obedecer.

HIST. Na origem é inchoativo de *obedire*, propriamente **obedescere* (152-c, 78).

õubediência — obediência.

HIST. LAT. *obedientia-*, certamente por intermédio do port. *obediência* (78).

õubeilha — ovelha.

HIST. LAT. *ovīc'la* (142-g, 78).

õubido — ouvido. No pl. *õubidos*, «atenção».

HIST. LAT. *auditu-* (subst.). Cf., s. v., *õubir*.

õubir — ouvir.

HIST. LAT. *audire* > **auire* > **auwire* > *ouvir* (69-a, 152-c) > *õubir* (101). A epenthese (suarabacti) que se realizou nesta palavra realizou-se noutras em português; por ex.: *couve* > **cauwe* > **caue* < *caule-*, que está representada em mirandês no diminutivo *cõulina*. Todavia em português arcaico também ha *oir*.

õubrigar — obrigar.

HIST. LAT. *obligare* > **obligar* (152-c) > **obrigar* (142-g) > *õubrigar* (78).

õucafiõũ — ocasião.

HIST. LAT. *occasione-*, certamente por intermédio do port. *ocasião*, que é fôrma semi-popular; a fôrma popular portuguesa genuína é a antiga *cajom*.

öcupaciöü — ocupação.

HIST. Lat. *occupatione*- > **ocupaciöu* (110-b)
> *öcupaciöü* (78).

ödác — audacia, capacidade. «Tener *ödác* para todo»; «tener *öudaç* para cantar».

HIST. Lat. **audacie*- < > *audacia* (161) >
**oudác* (69-a, 128) > *öudaç* (78).

öufender — offender.

HIST. Lat. *offendere* > **ofender* (152-c) >
**ofender* (76) > *öufender* (78).

öufénsia — offensa.

HIST. Lat. *offensa* > **ofensa* (78) > **öufensa*
> *öufénsia* (vol. I, p. 488).

öufiërta — oferta.

HIST. Lat. **offërta*- < > *oblata*-, por analogia com outros participios em *-erta*, isto é, *-ertu-s* (ex.: *apertus, coopertus*) > **ofiërta* (50)
> *öufiërta* (78).

öufrecer-se — oferecer-se.

HIST. Lat. **offerescere* > **ofrecer* (152-c)
> *öufrecer* (78).

öuguardar — aguardar. «Öuguardar por F.» Também se diz *àguardar*.

HIST. **aguardar* > **auguardar* (cf. vol. I, pp. 61-62) > *öuguardar* (84). De *a-guardar*: do thema do germ. *warda*; cf. all. *warten*.

öumanamente — humanamente.

HIST. Do thema de *öumano* + suff. *-mente* (293).

öumano, -a — humano, -a.

HIST. Lat. *humanu*- (78).

öumentar — aumentar.

HIST. Lat. *au(g)mentare* (69-a, 152-c).

öumilde — humilde.

HIST. O *öu*- em relação ao port. (*h*)*umilde* explica-se pelo § 78.

öunesto — honesto.

HIST. Lat. *honestu*- (78).

öupeniöü — opinião

HIST. opinione-; por intermedio do português (78).

öurdenado — ordenado.

HIST. Lat. ordinatu- > *ordenado (103) > *öurdenado* (78).

öuriégano — ourégão.

HIST. Cf. port. *orégão*, hesp. *orégano*. Lat. *origānu-*. O *ou-* explica-se pelo § 78. O ditongo *ie* é porém irregular, como o é também o *e* em português e hespanhol:

öurrendo — horrendo.

HIST. Lat. horrendu- (78).

öurrieta — orreta, valle.

HIST. Vid. este volume, p. 20.

öutonho — outono.

HIST. Lat. autumnu- > *outom'no (84) > *öutonho* (142-c).

öütro, -a — outro, -a.

HIST. Lat. alt'ru- > *autru- (286) > *öütro* (69-a).

P

pa — para.

HIST. Vid. vid. 1, p. 446.

pã — pão.

HIST. Lat. pane- (110-b). Cf. hesp. *pan*, e o pl. port. *pães* < panes.

paç — paz. Pl. *paçes*.

HIST. Lat. pace- (128).

pacer — pascere, pastar.

HIST. Lat. pascere (207, 208).

pai-abó — avô (vol. 1, p. 329).

pariente — parente.

HIST. Lat. parēnte- (50).

pástio — pasto.

HIST. Vid. vol. 1, p. 308 (lat. pastu-).

perigo — perigo.

HIST. Lat. *peric'lu-* > **perigro* (142-g) > *perligro* (149-b). — Cf. hesp. *perigro*.

pelo — cabelo.

HIST. Vid. vol. 1, p. 65.

penofo, -a — magoado, -a.

HIST. De *pena* + suff. *ofo* (vol. 1, p. 459). *Pena* < lat. *poena* (§ 69-c), a que corresponde a forma ant. port. *pea* (ou *pēa*); a moderna *pena* é de origem litteraria.

pensamieto — pensamento.

HIST. Lat. *pensamentu-* (50, 76).

pensar — pensar.

HIST. Do português, onde é de origem litteraria < lat. *pensare*; se o não fosse, -NS- teria dado -s-, como deu no allótropo *pesar*.

pequeinho — pequeno.

HIST. Cf. Körting, *Lat.-rom. Wb.*, § 5912. O etymo parece dever ser **picquennu-*.

pequerrico — pequenino.

HIST. Propriamente: *peq(u)-err-ico*.

perdigõũ — perdigão.

HIST. Vid. § 110-b.

perdonar — perdoar.

HIST. Lat. **per-donare* (152-c). — O mirandês neste, como em muitos outros casos, representa uma phase prehistorica do português; de facto, entre o lat. **per-donare* e o port. mod. *perdoar*, houve *perdonar* (português prehistorico) e *perdôar* (português archaico); nos nossos textos antigos encontra-se a cada passo: *perdôar*, *perdô* (< *perdonet*).

pero = *spero*. De *sprar*. Vid. s. v.

perro — cão.

HIST. Vid. Körting, *Lat.-rom. Wb.*, § 6100..

pertuês, -esa — português, -esa.

HIST. Vid. vol. 1, pp. 272-273.

pefar — pesar.

HIST. Lat. *pensare* > **pesare*. Cf. *pensar*. —
Ou derivado de *pefo*.

pefo — peso.

HIST. Lat. *pensu-* > **pesu* > *pefo*. Cf. *pefar*.

peessoa — pessoa.

HIST. Lat. *persona-* (142-h).

piadofo, -a — piedoso, a.

HIST. Formação analoga á port. *piedoso*, na ling.
pop. também *piadoso*; como *saudoso*, *bondoso*,
cuidoso.

pide — pede (imperat.). De *pedir*.

HIST. Lat. *petere*; com mudança de conjugação:
**petire* (207) > *pedir* (103, 152-c).

pido — peço. De *pedir*. Vid. s. v.

pię — pé.

HIST.

pięca — peça.

HIST. Cf. Körtling, *Lat.-rom. Wb.*, § 6101.

piędra — pedra.

HIST. Vid. Körtling, *Lat.-rom. Wb.*, § 6101.

pięrna — perna.

HIST. Lat. *pěrna-* (50).

pior — peor.

HIST. Vid. § 184.

po — por. Só usado antes do artigo definido: *po l*;
póde também escrever-se *pul*, etc.

Pobo — povo.

HIST. Do port. *povo*, pois *popŭlu-* teria dado
outra fôrma: cf. *Proba* no vol. 1, p. 97.

poda — possa. De *poder* (279).

podo — posso. De *poder* (279).

poner — pôr.

HIST. Vid. § 280.

ponię — punham. De *poner* (280).

Ponięnte — Poente, Occidente.

HIST. Lat. *ponente-* (50).

ponirũ — puseram. De *poner* (280).

pormeter — prometter. Também se diz *prometer*.

HIST. Lat. *promittere* com mudança de conjugação (207) e metathese na syllaba inicial (154).

porquêi — porquê (interrogativo).

HIST. Vid. GRAMMATICA, § 205-b.

posto — posto. De *poner* (280).

põuco — pouco.

HIST. Lat. *paucu-* (69-a).

pra — para.

HIST. Vid. GRAMMATICA, p. 446.

praceiro — parceiro, companheiro.

HIST. Lat. *partiariu-* > **parcieiro* (44) > *parceiro* (*ti* + vog. > ç, cf. vol. I, p. 92) > *praceiro* (154).

prázio — prazo.

HIST. Lat. *placitu-* > **plázido* (127) > **plad(i)zo* (metathese, cf. *rezar* < **redzare* < *recitare*) > *prazo* (283) > *prazio* (vol. I, 308).

prebenido, -a — prevenido, -a.

HIST. De *prebenir* < lat. *prae-venire*, ou directamente do português, o que julgo mais provável, onde a palavra é de origem litteraria.

precissõũ — procissão.

HIST. Lat. *processione-* > **procissõũ* (110-b) > *precissõũ*, com troca de *pro-* por *pre-*, o que é frequente na linguagem popular. Palavra de origem ecclesiastica.

precurar — procurar.

HIST. Provavelmente do português *procurar* < lat. *pro-curare*. Na nossa linguagem popular este verbo tem a fôrma *prècurar*.

profundo, -a — profundo, -a. *Prefundas de l anfierno*.

HIST. Do port. *profundo* (149-a).

pregador — pregador.

HIST. *praedicatore-* > **predegador* (103, 124) > **preegador* (106) > **prègador*, e por

atenuação do *e* aberto, por ser atono, *pregador* (cf. *Revista Lusitana*, I, 245).

pregõũ — *pregão*.

HIST. LAT. *praecone*- (124, 110-b).

prefencia — *presença*.

HIST. LAT. *praesentia*- (115).

prefente — *presente*.

HIST. LAT. *praesente*- (125).

prefo — *preso*.

HIST. LAT. *praehensu*- > **prensu* > **presu*- > *prefo* (115).

priessa — *pressa*.

HIST. VID. vol. I, 450.

proba — *prova*.

HIST. SUBST. verbal de *probar* > lat. *pröbare*.

probe — *pobre*.

HIST. VID. GRAMMATICA, § 69-a.

pruberso, -a — *perverso*; *barbaro*, -a. Também se diz *purberso*.

HIST. DO PORT. *perverso*, onde a palavra é de origem literaria: lat. *perversu*-. Se a palavra não fosse de origem literaria, o grupo -rs- não se teria conservado. O *u* explica-se por influencia da labial vizinha (150-a).

pruma — *penna*.

HIST. LAT. *pluma*- (142-g).

prumeiro — *primeiro*.

HIST. VID. vol. I, p. 351.

pruparar-se — *preparar-se*.

HIST. LAT. *praeparare* = *prae-parare* > **preparar* (152-c) > *pruparar* (150-a). Ou o -p- não se abrandou em -b-, (90), por haver consciencia da independencia do segundo elemento da palavra; ou esta veio por intermedio do português.

pudirũ — *puderam*. De *poder* (279).

pudo — *pôde*. De *poder* (279).

puis — pois.

HIST. Vid. GRAMMATICA, p. 449-450.

pumięta — pimenta. Com a expressão «*pumięta i canela que queimã*» traduzi a expressão camoniana «quente especiaria» (*Lusiadas*, canto V, estância xxix).

HIST. pigmenta- > *pigmenta (142-k) > *pi-mięta* (50) > *pumięta* (150-a).

punto — ponto.

HIST. Lat. pūctu-. Ha outros exemplos de *ũ* seguido de nasal se tornar *u* em mirandês; por exemplo: *nunca, segundo, mundo, funga*; cf. GRAMMATICA, § 190.

purfeito — perfeito.

HIST. Lat. perfectu-, com *u* por *e* (150-a).

purmetir — permitir.

HIST. Do português.

purparar — preparar. *Purparar-se de nobamente*, «refazer-se».

HIST. Do lat. prae-parare, ou directamente do português, onde também existe *purparar* e *pruparar*, com *u* por influencia da labial (cf. GRAMMATICA, § 150-a).

puso — pôs (280).

Q

quaije — quasi.

HIST. Vid. GRAMMATICA, p. 452.

quedar — ficar.

HIST. Do thema de *quedo* < lat. *quetu- (103) < > *quietus* + suff. *ar*.

qrer — querer (281).

quejir — quiser (281).

quejissee — quisesse. De *qrer* (281).

quelor — côr.

HIST. Lat. colore- > *color (122-c) > *quelor* (149-a).

querga — queira (281).

questume — costume.

HIST. *costume* (vol. 1, p. 280) > *questume* (149-a).

quiẽ — quem.

HIST. Vid. GRAMMATICA, § 204.

quiẽbra — quebra. (Verbo?).

HIST. Lat. *crēpat* > **quẽprat* (metathese)
> *quiẽbra* (50).

quiẽr — quer. De *grer* (281).

quiẽjo — quis (281).

R

raiba — raiva.

HIST. Lat. **rabia* <> *rabie-*.

ralo — raro.

HIST. Lat. *raru-* > *ralo* (149-b).

rapaza — rapariga, menina, donzella.

HIST. De *rapaç*.

rapinheiro, -a — rapace.

HIST. De *rapinha*: vid. vol. 1, p. 463 e nota 2.

rastro — rasto, vestigio.

HIST. Lat. *rastru-*.

rato — espaço. «*Rato* de tempo».

HIST. Lat. *raptu-* (142-a).

rebestido — revestido.

recebir (= *reçebir*) — receber.

HIST. Lat. *re-cipere* com mudança de conjugação (207). Por haver consciencia da formação do prefixo *re-*, o -*ce-* tornou-se *ç*, sendo pois considerado como inicial (126).

HIST. De *bestir* < latim *vestire*, com o prefixo *re-*.

recoincer (= *reçuĩçér*) — reconhecer.

HIST. Propriamente: *re-coincer*.

redadeiro — derradeiro.

HIST. Vid. GRAMMATICA, § 154.

rejestir — resistir.

HIST. Lat. *resistere* com troca de conjugação (207): **resistire* > **resestir* (149-a) > *rejistir* (115-OBS. 1).

rejistencia — resistencia.

HIST. Formado do thema de *rejestir*.

relhuçiento, -a — reluzente.

HIST. Propriamente: *re-lhuçiento*. O elemento *lhuçiento* corresponde ao port. *luzente*, porque este adject., de uniforme, se tornou biforme, como *rudo*: o inverso se deu no port. *contente* < > mir. *cuntento* < lat. *contentu-*.

relica — reliquia.

HIST. Do port. *reliquia*, forma litteraria: lat. *reliquia* - (*reliquiae*).

reposta — resposta.

HIST. Lat. *re-pōsita*.

respunder — responder.

HIST. Lat. *respondere* > **responder* (152-c) > *respunder* (80).

rezõũ — razão. Pl. *rezones*.

HIST. *ratione-* > **razõũ* (87-a, 110-b) > *rezõũ* (149-a).

N. B. Em port. arch. *rezão*, por exemplo em Sá de Miranda, *Obras*, ed. de D. Carolina Michaëlis, pp. 172, 190, 197:

Pois contigo a *rezão* val ...
Abastem as *rezõis* velhas ...
I sua fraca *rezão*.

Em port. pop. também ha *rezão*. — É notavel que o lat. *ratione-* dêsse num caso *razão* e noutro *ração*, por dissimilação *reção*. Talvez *ração* corresponda antes a **racione-* do que a *ratione-*, tendo-se já no lat. vulg. *ti* + vog. tornado *ci* + vog. Ou é uma d'essas fórmulas semi-popular, e só a outra puramente popular?

riba — cima. *Ã riba de*, «em cima de».

HIST. Lat. *rīpa-* (90).

romaige — romagem, romaria.

HIST. A base etymologica é *Roma*, tanto do mirandês como do português; com ella se relaciona tambem o português moderno *romeiro* = *rom-eiro* e o port. ant. *romeu* = *rom-eu* <> gr. *Ῥωμαῖος* (cf. *Judeu*). — Suff. *-aige* <> port. *-agem*.

rofa — rosa.

HIST. Lat. *rosa-* (115).

rostrico (= *rustricu*) — rostinho. Deminutivo de *rostro*.

rostro — rosto.

HIST. Lat. *rostru-*.

röubar — roubar.

HIST. Germ. (alto-all. ant.) *roubôn*, em all. mod. *rauben*, — com a terminação romanica *-ARE*.

röuco — rouco.

HIST. Lat. *rauçu-* (69-a).

rudo, *-a* — rude.

HIST. Lat. *rude-* tornado biforme (cf. *relhu-ziênto*). É provavel que a mudança de terminação se dêsse já no latim vulgar da Iberia: cf. hesp. *rudo*, e tambem português archaico, e ainda popular, *rudo*.

rufiõũ — rufião. No pl. *rufiones*.

HIST. Cf. Körting, *Lat.-rom. Wb.*, § 7016.

rugão — regaço.

HIST. Cf. port. *regaço*, hesp. *regaço*. — O mirandês tem *rug-*, por influencia talvez de outras palavras começadas pelas letras *rog-* (*rug-*), como *rogar*.

rũi — ruim. Esta palavra pronuncia-se como no Minho, em um monosyllabo (às vezes mesmo em mirandês *rõĩ*).

HIST. Explica-se geralmente esta palavra pelo lat. *ruina*. — Port. ant. *roim*.

S

saba — saiba. De *saber* (283).

sacraficio — sacrificio.

HIST. Do port. *sacrificio*, que também tem forma popular *sacraficio*. A mudança de *i* em *a* explica-se por influencia do *a* de *sacramento*, *sacratissimo*. Palavra de origem litteraria: latim *sacrificium*.

sal — sae. De *salir* (216-OBS. 4).

salbar — salvar.

HIST. Lat. *salvare* (152-c, 101).

salbaige — selvagem.

HIST. <> port. *selvagem*, pop. *salvage* (ant. *salvagem*), hesp. *salvaje*, ital. *salvatico*. Do lat. *silvaticus*, com troca do suff. -aticus por -agem.

salir — sair.

HIST. Lat. *salire* (152-c).

sangre (masc.) — sangue.

HIST. Lat. *sanguine* > **sangne* > *sangre*; hesp. mod. *sangre*. Cf. hesp. ant. *sangne* no *Fuero d'Avilés*, ed. de Fernandez Guerra, p. 178; e o português *sangrar*, *sangrador*, *sangria*, *sangrento*.

sano — são.

HIST. Lat. *sanu-*.

sarta — conta (de vidro, etc.); «um rofairo de *sartas* de bidro», «ũa bõlta de *sartas*» (um collar de contas).

HIST. Em hespanhol também existe *sarta* na significação de «serie de cosas metidas por orden en un hilo, cuerda, etc.» (*Diccionario da Academia*, s. v.).—Em astur. ha *sates*, que significa «sarta, y sartas» (Argüelles, *Vocabulario*, s. v.).—Em port. ha *sarta* como termo nautico, enxarcia.—

Diez, no *Etym. Wb.*, II, s. v., explica o hesp. *sarta* pelo lat. *serta*.

scapar — escapar.

HIST. Lat. **ex-cappare* (152-c). Cf. Körting, *Lat.-rom. Wb.*, § 2894.

scolher — escolher.

HIST. Lat. *ex-colligere*, com mudança de conjugação (207).

screbir — escrever.

HIST. Lat. *scribere* com mudança de conjugação (207).

scuitar — escutar.

HIST. Lat. *auscultare* > lat. vulg. *ascultare* > *ascuitar* (142-g) > *scuitar* (152-a). — Entre *ascuitar* e *scuitar* póde admittir-se ainda a fôrma intermédia *escuitar*. Tanto esta como *ascuitar* se encontram em textos portugueses archaicos; exemplo de *escuitar*: em Sá de Miranda, *Obras*, edição de D. Carolina Michaëlis, pp. 909-910; exemplo de *ascuitar*: «vus faç' aver de m' *ascuitar*» (*Cancioneiro da Ajuda*, p. 50, v. 27); no Codice Alcobacense da Bibliotheca Nacional, n.º 328 (*Regra de S. Bento*), no princípio, *ascuytar*. Cf. *ascoytar* no *Cancioneiro Colocci-Brancuti*, p. 13, n.º 15.

scunder — esconder.

HIST. Lat. *abscondere* > *asconder* > *esconder* > *sconder* > *scunder* (cf. *scuitar*). A fôrma *asconder* está representada pelo português archaico; ex.: *asconderse* no Codice Alcobacense n.º 244, fl. 75, v.; *ascondudamente* nos *Ineditos d'Alcobaça*, I, 149; «por me vus *asconder*» no *Cancioneiro da Ajuda*, p. 568, v. 22. A syllaba atona inicial *-as* passou a *es-*, e d'esta phase a *s-*, como em *scuitar*; cf. tambem mir. *sturiano* < *esturiano* < *asturiano*, e o port. arch. *Estorga* < *Astorga* < *Astürica*.

scuro — escuro.

HIST. Lat. *obscuru-* > **oscuru* (150-bis) > *escuro* > *scuro*. A forma *oscuru* está representada pela ital. e pela hesp. ant. *oscuru*; a forma *escuro* pela hesp. mod. e pela port. *escuro* (nesta última língua porém *es-* soa como *is-*).

seia — seja. Do verbo *ser* (261).

seíades — sejaes. Do verbo *ser* (261).

selombra — sombra.

HIST. Propriamente lat. *su(b) (il)la- umbra-* > *solombra* (cf. hesp.) > *selombra* (149-a).—

O port. *sombra*, arch. *soombra*, está também por **solombra* = **so l'ombra*. O Sr. Candido de Figueiredo, no *Novo Dicc. da ling. port.*, deduz *sombra* de *umbra*; o *s* inicial ficou-lhe porém no tinteiro, por isso que o não explica.

selumbrüu, -iç, e *selòmbrüu*, -iç — sombrio. A forma *selumbrüu*, com -um-, é mais geral que a com -om-.

HIST. Deriv. de *selombra* com o suff. -iü < -io.

sempbrar — semear.

HIST. Vid. vol. p. 280.

senó — senão.

HIST. Vid. GRAMMATICA, p. 453.

sentie — sentia.

HIST. Lat. *sentire* > (152-c, 76).

serbicio — serviço.

HIST. Lat. *servitium*.

sefudo — sisudo.

HIST. Lat. **sensūtu-* > **sesūtu-*, do thema de *sensus*, com o suff. -ūtus, que se encontra, por exemplo, no port. *narigudo*, *carnudo*, *telhudo*, etc. Cf. port. arch. *sesudo*, por exemplo em Sá de Miranda, *Obras*, ed. de D. Carolina Michaëlis, pp. 161 e 169:

Sofre, que sofre o *sesudo*...
Falou-te como *sesudo*.

Este vocabulo conserva-se ainda hoje como substantivo na lingua popular («jogar o *sesudo*»). Em hesp. *sesudo*. Deduzo o mir. *sefudo* directamente do latim, porque o substantivo mirandês correspondente á fôrma primitiva é *sifo*, onde não ha *e*; em hesp. é que se diz *seso*; no *Cancioneiro da Ajuda* tambem por vezes se encontra *seso*, mas será hespanholismo.

sforçado (= *sfurçado*) — esforçado.

HIST. Deriv. de *força*.

sĩ — sem.

HIST. Vid. vol. 1, p. 447.

siempre — sempre, em verdade, effectivamente.

HIST. Vid. vol. 1, p. 449.

siete — sete (189).

sinhor — senhor.

HIST. Lat. *seniore* - (87-a).

sinhora — senhora.

HIST. Masc. de *sinhor* < lat. *seniore*.

smerar-se — esmerar-se.

HIST. Lat. **ex-merare*: Körtling, *Lat.-rom. Wb.*, § 2963.

sodes — sois (261).

sofrir — soffrer.

HIST. Vid. GRAMMATICA, § 207.

sola — sola.

HIST. Cf. hesp. *suela*. Comquanto haja em latim *sōlea*, que póde comparar-se com esta palavra pela significação, não está ahi directamente a origem da palavra mirandesa, nem da hespanhola e portuguesa correspondentes, porque *-lëa* daria nestes idiomas *-lha*, e não *-la*. Só uma fôrma como **sōla* podia explicar a palavras hespanhola e a mirandesa; a palavra port. *sola* veio talvez do hespanhol, o que creio aconteceu a *chinela*, palavra que, quanto ao sentido, se aparenta com *sola*.

solico (= *sulico*) — *sòzinho*.

HIST. Deminutivo de *solo*.

solo — só (adjectivo e adverbio), *sòmente*. — Também se usa *só* em mir. no sentido de «*sòmente*»; é portuguesismo.

HIST. Lat. *solu*.

sonho — sonho.

HIST. Lat. *sömniu*- (58 e p. 280).

sorte — sorte.

HIST. Lat. *sörte*- (58).

sossegado — sossegado. Vid. *assossegado*. — A palavra port. *sossegado* deve também escrever-se com *ss*, e não com *c*, como erradamente escreve quasi toda a gente.

HIST. Lat. **sessicare*, *√sessus*. O port. arch. *sessegar* representa a forma intermedia entre o latim e o mirandês (e português moderno); na produção da forma *sossegar* influiu o suff. sub. — Vid. s. v. *assossegar*.

sou — seu.

HIST. Vid. GRAMMATICA, § 65.

sõũ — som.

HIST. Do port. *som*.

sõũ — são [verbo] (261).

söubirũ — souberam. De *saber* (283).

söubo — soube [3.^a pess.] (283).

spada — espada.

HIST. Lat. *spatha* = *spata* (103).

spadagaço — espadagada, cutilada.

HIST. Vid. vol. I, p. 458.

spalhar — espalhar.

HIST. Lat. **ex-paleare* (152-c, 87-a), ou do thema de *palha*.

spantar — espantar.

HIST. Lat. **ex-paventare* > **spauentar* < *spantar*. — «Dizem os Portugueses *espantar*, os Italianos *espaventare*, os Franceses *espouvan-*

ter, que todos vão a hum»: Duarte Nunes do Lião, *Origem da lingua portuguesa*, Lisboa 1606, p. 89.

spedaçar — despedaçar.

HIST. Do thema de *pedaço*.

spō — supõe. Do verbo *sponer*.

HIST. Cf. GRAMMÁTICA, § 216-OBS. 4.^a — O português archaico offerece phenomenos semelhantes: assim no *Cancioneiro da Ajuda*, lê-se, p. 27, v. 3, «si Deus me *perdon*» (= *perdonet).

sponer — suppor. — Flexão: *spongo*, etc.

HIST. Lat. *supponere* > *s(u)poner* (cf. no Entre-Douro-e-Minho *stafeira* = sexta-feira).

spofa — esposa.

HIST. Lat. *sponsa* - > *sposa* - > *spofa* (115).

sprancia — esperança.

HIST. Lat. **sperantia* -.

sprar — esperar. Vid. s. v. *asprar*.

sprencia — experiencia.

HIST. Lat. *experientia* - (vol. I, p. 448, e GRAMMÁTICA, § 152-b).

squadrõ — esquadrão.

HIST. Lat. **exquadron* -; cf. ital. *squadron*, fr. *escadron*, port. *esquadrão*: √*quadrum*.

squecido, -a — esquecido, -a.

HIST. Partic. de *esquecer* < lat. *ex-cadescere*. A forma intermédia está representada pela portuguesa archaica *escaecer* (e *escaescer*): vid. *Elucidario*, s. v.; *Cancioneiro da Ajuda*, p. 93, v. 13, etc.

squecimento — esquecimento.

HIST. Do thema de *squecer* + suff. -*mento*, variante de -*mięto* (50-OBS. 4.^a).

stã — estão. De *star* (270).

stablecer — estabelecer.

HIST. Do português.

stado — estado.

HIST. Lat. *statu-* (103).

stamago — estomago.

HIST. Da forma pop. port. *stamago* (*istamago*).

star — estar.

HIST. Lat. *stare* (152-c).

stender — estender.

HIST. Lat. *extendere*, com mudança de conjugação (207).

stilo — estilo, modo de fallar.

HIST. Do port. *estilo*, forma litteraria: lat. *stylus*.

stimar — estimar.

HIST. Do lat. *aestimare* (152-c, 73), ou do português, onde a palavra é litteraria ou semi-litteraria; a forma portuguesa genuinamente popular é a arch. *esmar*, que existe a par de *osmar*.

stlondro e *strondo* — estrondo.

HIST. Cf. *atelondrar*.

stordinairo e *sturdinairo* — extraordinario.

HIST. Do port. *extraordinario*, com dissimilação de *r—r* (149-b), e metathese da terminação (154).

stôu — estou. De *star* (270).

stranho, -a — estranho, -a.

HIST. Lat. **extraneu-* (87-a).

streilha — estrella.

HIST. Lat. *stella* (141-a, e vol. 1, p. 305).

stubo — esteve (270).

stúdio — estudo.

HIST. Lat. *studiu-*.

subre — sobre.

HIST. Vid. vol. 1, p. 447.

subressaltado — sobresaltado, torvo.

HIST. Propriamente: *sobre-saltar*; *saltar* < lat. *saltare*.

süe — sua.

HIST. Vid. GRAMMATICA, § 206.

suidade — saudade.

HIST. Do port. *soidade* < *so(l)idade < lat. solitatem. Á cêrca de *ui* < > *oi* vid. GRAMMÁTICA, § 59.

suldado — soldado.

HIST. Lat. *solidatu- > *soldado*.

sumbrante — semblante, gesto (no sentido archaico).

HIST. Lat. *simulante*- ou *similante*- > **sem'lante* > **semente* (vol. 1, p. 285) > *sumbrante* (150-a).

sumbrar. Vid. *semente*.

sustentar — sustentar.

HIST. Lat. *sustentare* (152-c).

T

tã — tão.

HIST. Como o port. *tão*, sobre o qual vid. GRAMMÁTICA, § 97-OBS. 2.

tamiẽ — também.

HIST. Vid. vol. 1, p. 452. — Em dialectos hespanhoes igualmente se usa *tamién* (Mugica, *Dialectos castellanos*, pp. 13, 54).

Teijo — Tejo.

HIST. Do português.

teimofo — teimoso.

HIST. Do thema de *teima* + suff. -*ofo* (GRAMMÁTICA, p. 459).

telincar — tlintar (tilintar).

HIST. Vid. vol. 1, p. 461.

tembrar — tremer.

HIST. Vid. GRAMMÁTICA, § 142-g. Cf. na Bizcaia *tremblar* (Mugica, *Dialectos castellanos*, p. 51).

temible — temível.

HIST. Do português.

tempestade — tempestade.

HIST. Lat. *tempestate*- (103).

tener — ter (258).

téngades — tenhaes. De *tener* (258-259).

tengo — tenho (258).

tenhir — tingir. Flexão: *tinhe*.

HIST. Vid. vol. I, p. 282.

tenie — tinha. Do *tener* (258-259).

terrible — terrível.

HIST. Do lat. *terribile*- ou do português.

Tetuã — Tetuão.

HIST. Palavra aqui empregada, por fidelidade da tradução, pois ella é desconhecida em Miranda; adôtei esta fôrma por analogia com a hespanhola *Tetuán*, que no presente caso pôde servir-nos de guia.

tiempo — tempo.

HIST. Lat. *tēmpu*- (50).

tierra — terra.

HIST. Lat. *tērra*- (50).

tinhe — tinge. Do verbo *tinhir*.

todo — tudo.

HIST. Lat. *totu*- (103).

*tódo*los, -as — todos os, todas as.

HIST. Por *todos los*, *todas las*. Assimilação de -s a l-, seguida de absorpção (cf. 150-bis).

tôu — teu.

HIST. Vid. GRAMMATICA, § 206.

tôuça — mata, mato, matagal.

HIST. No onomastico português ha *Touça* (aldeia); em gall. ha *touça*, pouco mais ou menos no sentido mirandês; em hesp. *toza*, «pedaço de corteza del pino y otros arboles», e *tozal*, «lugar alto y eminente» (*Diccionario* de Barcia).

tôuro — touro.

HIST. Lat. *tauru*- (69-a).

trái — traz (284).

traie — trazia. De *traier* (284).

traier — trazer (284).

traige — trage, trajo.

HIST. Cf. Körting, *Lat.-rom. Wb.*, § 8300.

tráio — trago. De *traier* (284).

trebo — favo de mel.

HIST. Em mirandês é usual a expressão: *doce como ãya faba de miêl* (mais vulgar que *doce como ã trebo de miêl*). A palavra *faba* talvez seja de origem portuguesa, de *favo*: por etymologia popular (155-2).

treidor — traidor.

HIST. Lat. *traditore* > *traidor* (103, 106) > *treidor* (84).

tremiênta — tormenta.

HIST. Lat. *tormenta* > **tromiênta* (50) > *tremiênta*, onde *tro-* se mudou em *tre-*, por influencia de *tremar*: cf. na linguagem popular da Extremadura *atremizado*, deformação da palavra litteraria *atemorizado*.

tremiênto — tormento.

HIST. Lat. *tormentum*. Vid. *tremiênta*.

treminar — determinar.

HIST. Vid. vol. 1, p. 462.

truxe — trouxe (1.^a pess.). De *traier* (284).

truxo — trouxe (3.^a pess.). De *traier* (284).

tube — tive. De *tener* (258).

tubo — teve (258).

trumpeta — trombeta.

HIST. Por *trompeta* (80); cf. fr. *trompette*, port. *trombeta*, etc. Sobre todas estas fórmulas vid. Körting, *Lat.-rom. Wb.*, § 8381.

U

u — ou.

HIST. Vid. GRAMMATICA, § 295-a.

ũa — uma.

HIST. Vid. GRAMMATICA, §§ 200 e 202.

unrado — honrado.

HIST. Lat. *honoratu-* > *onrado* (103) > *unrado* (80). A forma *onrado* está representada no português *honrado*.

uſar — usar.

HIST. Do thema de *uſo* + suff. *-ar*.

X

xordo, -a — surdo, -a.

HIST. Vid. GRAMMATICA, § 114-OBS. I.

Y

yá — já.

HIST. Vid. vol. I, p. 449.

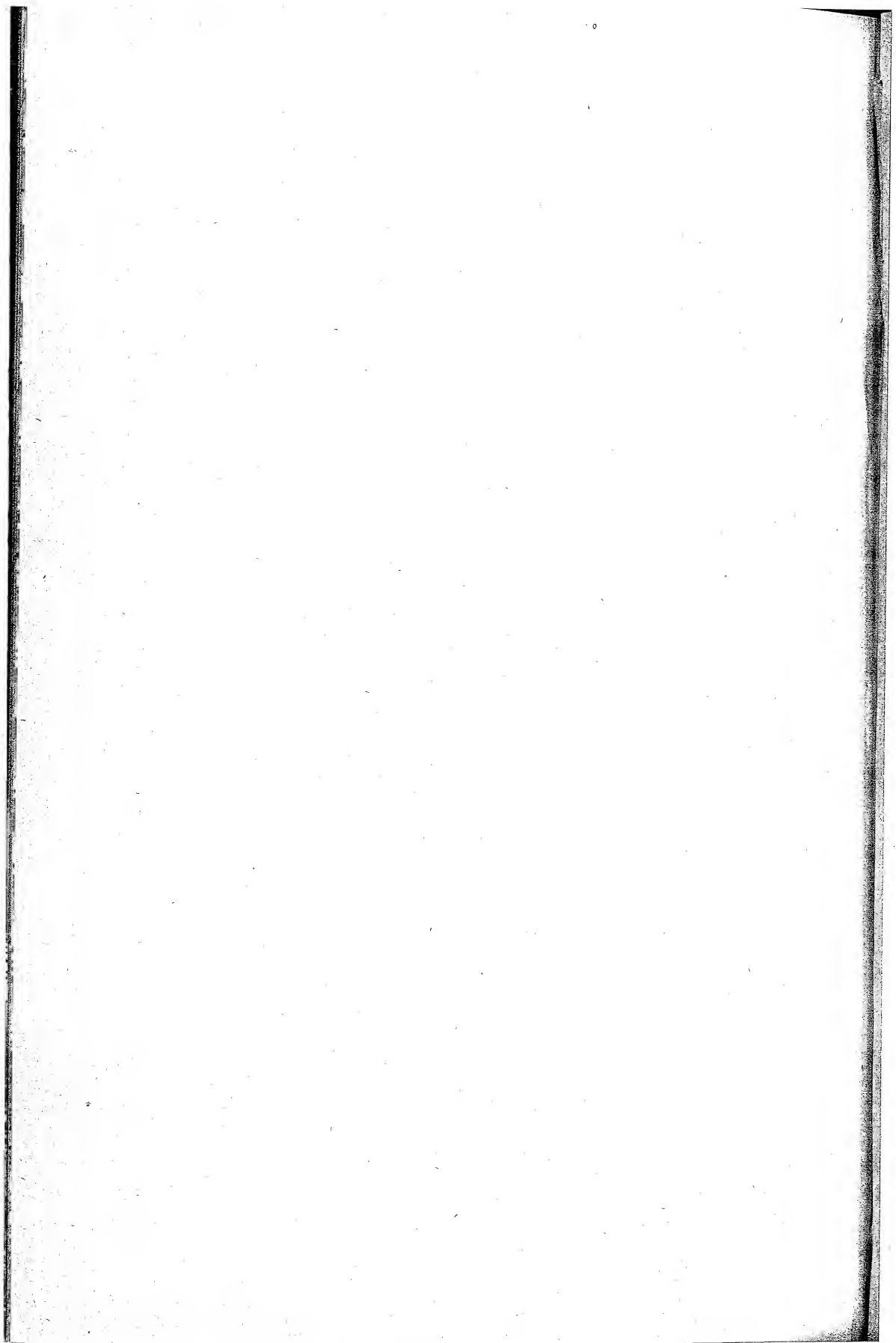
yę — é (261).

yęba — herva.

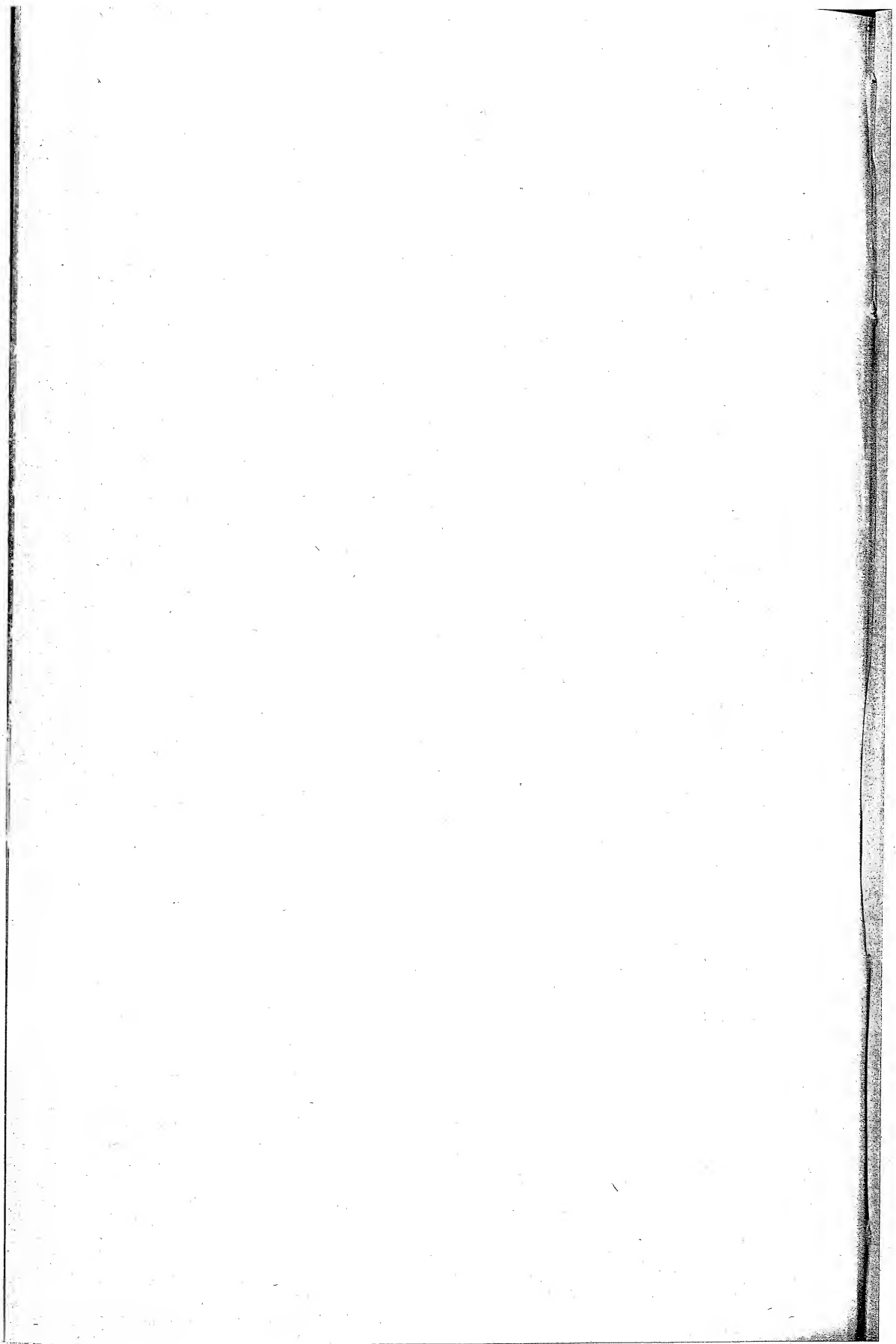
HIST. Vid. GRAMMATICA, § 51-d.

yöu — eu.

HIST. Vid. GRAMMATICA, § 193.



APPENDICES



APPENDICE I

Documentos antigos que se referem á Terra-de-Miranda

Os originaes de todos os documentos seguintes estão em Lisboa, no nosso Archivo Nacional. Publico-os aqui, por servirem de illustração ao que escrevi em varios lugares d'estes *Estudos*, sobretudo quando me occupei do onomastico mirandês, no vol. I, p. 61 sqq.

Foi o Sr. Pedro A. de Azevedo, official da Torre do Tombo e actualmente professor do Curso Superior de Bibliothecario-archivista, quem não só m'os descobriu, mas teve alem d'isso o incómodo de m'os copiar, o que lhes assegura a authenticidade, visto que elle aos conhecimentos historicos que possui, e de que, sem nenhum alarde, e com a maior modestia, faz constantemente liberalidade a todos os que frequentam a Torre do Tombo, reúne o merito de ser excellente paleographo.

-
1. *Ao mosteiro de Moreirola doaçam do Regemgo que se chama Infanys e Costantino acerca de Surraga em termo de Miramda etc. com encarrego de huñ aniversario em cada huñ anno.*

In dei nomine hec est carta donacionis et perpetue firmitudinis quam iussi fieri Ego Sancius dei grácia

Portugalensis Rex una cum filio meo Rege dono Alfonso et vxore eius Regina dona Vrraca et ceteris filijs et filiabus meis vobis dono Herberto Abbati de Moreirola¹ de illo nostro regalengo quod vocatur Infaneis² cum *Cōstantino*³ iuxta Surraga et sunt in termino de Miranda: Damus igitur uobis et Monasterio uestro predicta loca que sunt in nostro Regalengo cum omnibus que in eis ad ius nostrum pertinent et concedimus uobis et cunctis successoribus uestris ut eā habeatis atque possideatis absque omni callumnia et contradicione iure hereditario in perpetuū. Insuper do uobis .C. aureos in helemosinam pro remedio anime mée ad hedificandum supradictum locum scilicet Ifaneis cum Constantino. Quicumque igitur hoc nostrum factum integrum obseruauerit sit benedictus a deo. Amē. Facta fuit hec carta apud Sanctam Herenam. Mense Januario. E.^a M.^a CC.^a R.^a viij.^a (Era de 1249). Nos Reges qui hanc cartam fieri precepimus coram subscriptis testibus eam roborauimus et in ea hec signa fecimus. Qui affuerunt Donus Gonsaluus Mendiz maiordomus curie conf. Donus Martinus Fernandiz signifer domini Regis conf. Donus Martinus Petriz conf. Donus Gil Valasquiz conf. Valascus Martini dapifer domini Regis conf. Petrus bracarensis electus conf. Martinus Egitaniensis conf. Petrus colimbriensis conf. Suerius vlixbonensis electus conf. Suarus Elborensis conf. Julianus cancelarius curie. Ego frater Herbertus Abbas de Morerola una cum conuento nostro promitto singulis annis fieri aniversariū pro anima doni Sancij piissimi Regis Portugalie scilicet post obitum⁴.

¹ = Moreruela (provincia de Zamora).

² = Ifánez.

³ = Constantim.

⁴ Livro 2.^o de *Doações* de D. Affonso III, fl. 15 e Livro 2.^o de *Alem-Douro*, fl. 157.

2. *A Pero Memdez caualeiro doaçam do Regemgo de Miranda de Senhorio de Hulgoso .s. Atenor e Palaciola com tall condiçam, etc.*

In dei nomine et eius gracia. Noscant omnes homines qui hanc cartam audierint legere quod ego Alfonsus Rex Portugalensis una cum filio meo Rege Sancio et filia mea Regina Tharasia facio uobis nostro militi Petrus Menendiz et cognominatus Tyu karta donacionis et firmitudinis de nostro regalengo quod habemus in terra de Miranda¹ sub dominio de Ilgoso² scilicet Atenor et Palaciola³ cum omnibus suis terminis sed sciendum quod omnes homines cultores debent morari in Atenor et etiam in utraque laborare. Et concedimus tibi ut ubicumque volueritis ponere uillas uestras et sedes uestras construatis preter autarium de Palaciolo et caput de ipso auctario non populetur. Damus et concedimus uobis ipsum supradictum reganengum (*sic*) quomodo superius diximus cum omnibus suis terminis pro bono seruicio quod semper de uobis recepimus et adhuc recipiamus (*sic*). Igitur ab hac die in antea habeatis uos ipsum supradictum Reganengum cum omnibus terminis uos et quoscumque uolueritis et faciatis de eo quicquid uobis placuerit in perpetuum. Facta karta donacionis et firmitudinis mense Julio. Era M.^a CC.^a R.^a (Era de 1240)⁴. Ego Alfonsus Rex Portuga-

¹ O livro original diz de baixo do riscado: *Bragancia*. No livro da Leitura nova escreveram: *Miranda*.

² = Algoso.

³ = Palaçoulo.

⁴ No livro de *Doações* vem o x (ou R) aspado que representa 40. Reduzindo ao anno christão a era de 1240, fica 1202, anno em que reinava D. Sãncho I; tendo nós com isto de acceitar que houve um engano da parte do escrivão, que assentou o x aspado em vez do x simples. Lendo a era 1210 (anno de Christo 1172) tudo se harmoniza. Cf. João Pedro Ribeiro, *Diss. Chron.*, III, 202. (Nota do Sr. Pedro A. de Azevedo).

lensis una cum filio meo rege Sancio et filia mea regina Tarasia hanc kartam roboramus et concedimus tempore quo comes Ualascus erat meus maiordomus et Petrus Fernãdi maiordomus regis Sancij et Petrus Presbyter Feisaj (*sic*) meus scribanus coram bonis hominibus hoc signum facio. Petrus Odorij testis. Suarius Diaz Testis. Martinus Suaris (*sic*) Testis¹.

3. [*Extracto das Inquirições de D. Affonso III (sec. XIII)*].

«Incipit Judicatum de Vlgoso² que est in terra de Miranda. x.^a die decenbris»³.

«Petrus Cortes de Vlgoso iuratus et interrogatus dixit quod scit quod Vlgoso et totam terram de Miranda fuit domini Regis et scit quod Pena Roya fuit domini Regis sicut diuidit cum Legione per antas⁴ qui stant ultra Crasto de Latronis. ergo uillas de Malada etc.»⁵.

Didacus Didaci de Villa Plana de Barceosa iuratus et interrogatus dixit quod scit quod tota terra de Miranda fuit regalenga domini Regis sicut diuidit per Petram de Sandeu que stat in diuisio Regnj Port. et Legion. ultra uillam de Castro de Latronis et scit quod totas rendas de Miranda dabant domino Regi et modo non habent rendas de ipsa terra propter milites et ordines qui tenent totam terram de Miranda. Interrogatas unde ipsi

¹ Livro 2.º de *Doações* de D. Affonso III, fl. 15 v e Livro 2.º de *Alem-Douro*, fl. 157.

² = Algoso.

³ Livro 2.º de *Inquirições* de D. Affonso III, fl. 106 v e sqq.

⁴ *Antas* são monumentos sepulcraes dos tempos prehistoricos. Esta designação ainda hoje se usa no Alemtejo. Vid. as minhas *Religiões da Lusitania*, I, 252.

⁵ *Id.*, fl. 106 v.

milites et ipse Ordines habuerunt ipsam terram dixit quod nesciebat et scit quod Petrus Saluatoris arciprestes de ipsa terra populavit uillam de Biberes¹ in diebus Regis dñi. S. fratris istius et ipsa villa stat in termino de Miranda. Et ipse Arciprestes dedit eam in commenda dño Petro Poncij de Leon et modo tenent ipsam villam filij supradicti dñi P. Poncij et nichil inde habet dominus Rex et scit quod villa de Vime(o)so fuit domini Regis et scit quod dñus Ffernandus Fernandi populavit villam de Vimoso in tempore Regis dñj S. ffratris istius et ipse donus Ffernandus Fernandi dedit eam donno Petro Poncij de Leō et modo filij et vxor ipsius dñj Petri Poncij tenent ipsam villam et nichil inde habet donus Rex et scit quod Rodericus Pelagij et Ffernandus Pelagij milites populauerunt villam de Sancto Johane in Miranda in diebus istius Regis et nō faciunt inde forum domino Regi et dixit quod scit quod Monasterium de Moreyrolā inpetrauit et comparauit villam de Angueyra de filijs de dño Telo in tempore istius Regis et non facit inde forum dño Regi. et scit quod Monasterium de Sancto Martino de Castineyra que est in Legione populavit uillam sancti Martinj de Riparia² in terra de Miranda in tempore istius Regis et non facit inde forum domino Regi. et scit quod Rex dñus .S. senex dedit uillam de Maladas dño Nuno de Zamora et dño Petro Poncij et donno Michaeli et dño Andree et dño Saluatorj per tale pactum quod si ueniret cercum ad uillam de Bragancia quod ipsi intrarent ibi et quod defenderent eam; et post ea uenit en (sic) cercum ad ipsam villam e nō intrarunt ibi nec defenderunt eam. et modo filij de dono Nuno et Monasterium de Moreyrola habent ipsam villam et nichil inde habet dominus Rex. Interrogatus unde habuit eam

¹ = Campo de Viboras.

² = S. Martinho da Ribeira. Vid. o vol. I, p. 38, nota.

predictum Monasterium dixit quod audiuit dicere hominibus qui sciebant quod supradicti quibus Rex dederat eam ad supradictum pactum dederant eam supradicto Monasterio et non faciunt inde forum. et scit quod donus Nunus¹ populauit Crasto de Latronis citra Petra de Sandeus in terra de Miranda in termino Port. et modo tenent ipsam villam filij predicti donnj Nuni et nichil inde habet donus Rex. et nec ipsi obediunt sibi de ea. et scit quod Ifanes² fuit dominj Regis et populauit eam donus Fernandus Fernandj quando tenebat terram donj Regis et leixauit eam monasterio de Moreirola in diebus Regis doni .S. fratris istius et non faciunt inde forum dono Regi. et scit quod fratres de Moreyrola populauerunt villam de Costantj³ in Miranda in diebus istius Regis et non faciunt inde ei forum.

Saluator Bonus de Cerceo iuratus et interrogatus dixit sicut Didacus Didaci.

Stephanus Exeminis de Villa Chana de Barceosa. etc.⁴

«Petrus Maurus de Maladas iuratus et interrogatus dixit quod scit quod tota terra de Miranda fuit regalenga regis et scit quod milites domini Regis stabant in Ulgo de manu Regis et ipsi milites leuabant omnes rendas et montadigos de terra de Miranda pro ad dominum Regem. etc.»⁵.

«..... scit quod diuisio Regni Port. erat per Petram de Sandeus. villa de Crasto de Latronis stat in Regno Legion.»⁶.

¹ O mesmo que teve Malhadas.

² Ifanez já nos aparece no tempo de D. Sancho I.

³ Constantim já nos aparece no tempo de D. Sancho I.

⁴ *Id.*, fl. 108 v.

⁵ *Id.*, fl. 109 v.

⁶ *Id.*, fl. 109 v.

4. *Carta de foro duũ logar que chamã Villar en Terra de Mirãda que e chamado Lagoaça*¹.

Dom Denis pela graça de deus Rey de Portugal e do Algarue a todos quantos esta carta vyrẽ ffaço a ssaber que eu dou a .xiiij. Pobradores o meu villar que he ẽ terra de Mirãda que he chamado Lagoaça que o pobre áá tal preyto que façã foro e vezinhãça. assy como he conteudo eno foro de Mogodoyro e doulhys por termho como parte pela carreya que vay per o Freyxeo² e des y como parte pelo termho do Freyxeo apróo dereitamente como feryr vay ẽ Doyro e des y como parte per Doyro a festo e vay ferir eno térmo de Bruçóo e como parte cono³ termho de Braçóo (*sic*) e como sse vay dereitamente áá cabeça do Forno Telheyro e daly como sse uẽ dereytamente áá estante que sta a so a sculca e des y como sse uay áá Carualheyra grande que esta na carreya da esculca que sse parte da de Bruçóo e des y como sse vay ao Porto de Maçééinhas que esta ẽna carreya que vay pera Freyxeo. E essa Rybeyra de Maçééinhas nõ fazerem prado coutado nõ-huũ. Mays deuẽ a ffazer Moynhos de suũ conos de Lagoaça os da Esculca e os da Esculca conos da Lagoaça e pacerẽ e môtarẽ e cortarẽ todos de consum saluo seus prados anaes e sas façeyras. En testemõyo da qual cousa dey a eles esta mha carta. Dãte ẽ Lixbõa .xxvj. dias dabil. ElRey o mãdou pelo chãceler. Durã Perez a fez. Era M.^a e CCC.^a xxiiij.^a (1324)⁴.

¹ *Lagõaça*: contemporaneo.

² Isto ẽ, *Fréixeo*, ou talvez *Fréixẽo*, < lat. *fráxinu*-.

³ «Com o». Por *cõ lo*, tendo-se o *l* assimilado á nasal precedente, como em *eno* = *ẽ lo*, hoje «no».

⁴ Chancellaria de D. Dinis, liv. 1.^o de *Doações*, fl. 166.

5. *Carta per que El Rey fez merçee aos moradores e vizinhos do Côcelho de Mirãda. e per que os Caualeiros dEspada Cinta seiã seus uassalos e que aiã seus marauidis e outrossi como todos os vizinhos da dita vila seiã escusados de todo foro Real.*

(E)no nome de deus Amẽ. Sabham quantos esta carta virem como Eu dom Denis pela graça de deus Rey de Portugal e do Algarue. Querendo fazer bem e mercee aos moradores e vjzinhos e ao Concelho da mha vila de Miranda. Outorgo e tenho por bẽ. que os Cauakiros dEspada Cinta vjzinhos que moraren per seus corpos ena vila de Miranda sem outro engano cõ casas pobradas ena essa vila seiã. meus vasalos e aiã meus marauidis e que tenham Caualos e armas cõ que me seruhã e que nõ dem luitosa nẽ na leue eu deles. E outrossi outorgo e tenho por bẽ que todos aquelles que morarem na dita vila de Miranda cõ seus corpos sen outro engano cõ sas pobradas seiã escusados de todo foro real que soyam a dar e fora posto de darem e de pagarẽ per rrazõ da pobrança desa vila. saluo uoz e coomha que a pague o que fez por que. E outrossi outorgo e tenho por bẽ. que a dita vila de Miranda seja senpre mjnha e que a tenha a mha maõ. eu e os Reis que depos mjn ueeren e que a nõ de a nẽguũ en prestamo nẽ en doaço e que as Igrejas dessa vila e de seu termho feitas e por fazer seiã mjnhas e que eu ffaça bẽ e merçee aos Clerigos dignos naturaes moradores desse logar. E outrossi lhis outorgo que os vizĩos moradores dessa villa. nõ dem portagẽ en todos meus Reinos. En testemunho desta cousa dey aos moradores e aos vizinhos e ao Concelho de Miranda esta carta seelada do meu seelo do chũbo pendente. Dada en Miranda. vijnte sete dias de Setenbro. ElRey o mãdou Lourenço Affonso a ffez. Era M.^a CCC.^a e trijnta cinque anos (Era de 1335)¹.

¹ Chancellaria de D. Dinis, liv. 3.^o de *Doações*, fl. 1.

6. *[Inquirições que Fernão de Pina tirou em Miranda, para se lhe dar novo foral (o de 1510)].*

A vynte oyto dias doutubro de b^e bj (1506) na quamar da villa de Mirãda perante Joane Anes e Afonso Roiz Jujzes e Joã Vara e Joã Pirez vereadores e Martym Pirez procurador hofyciaes da dita villa e Luys Nunez prioll da dita villa e Alvaro Manhoz e Alvaro Mendez e Alvaro Fereira e Martym Vara e Afonso Barata e Giralldo Pirez homens boos da camara e Regimento da dita villa. Per Fernã de Pina caualeiro da casa delrrej nosso Sñor lhe foy dado e mostrado huũ mādado atras esprito e lhe foy dado Juramēto pello dito Fernã de Pina ē forma etc. aos quaes foy mostrado ho forall da dita villa e preguūtado pellos foros e cousas conteudas ē elle sēdo yso mesmo Lourenço Pimētell alquaide presente ē nome de Alvaro Pirez¹.

it. primeiramente preguntados se faziã deferença de quinze e vynte e vynte coatro solldos seguũdo forma do forall diserõ primeiramente que aos moradores da villa de dētro da çerqua nõ paguã nenhuũ foro asy dos beēs que tē na dita villa como nos do termo segundo forma de seu priuilegio o qual tem e vy cõfirmado per elRey e també da sisa aa villa.

it. disserõ que na villa nē no termo nõ avya nenhũa deferença na pagua dos soldos porque todos os moradores do termo da dita villa paguã nos termos do dito forall trinta e seys reaes por ano nas ditas duas paguas .s. a dezoyto por pagua e ystõ per Respeyto dos vynte soldos que se mādã pagar pello dito forall.

it. preguntados se avya aqui memorja quaes fosē as villas velhas de que se avyam de pagar os vynte e coatro soldos diserõ que o nõ sabyã em certo nē se vsaua ja soamente todos pagauã por huũa cousa a contia.

¹ De Tavora.

putados peras cousas da camara E asy estando hy todos Juntos eu sobredito Memdafonso de Resemde lhes amostrey a proujsão que trazia dell Rey noso senhor pera me darem conta da demarcaçã desta vjla E semdo per elles vista a dita proujsão lhes pèrgumtey loguo se esta vjla partya cõ Castella e cõ que lugares partia e se per o lugar cõ que partia estava o termo bem demarcado per marcõs e malhões dyuisões per que conste o termo está demarcado sem duujda dise-rão que ho termo desta vjlla partya cõ os lugares de Castella sygintes¹ .s. primeiramente parte cõ a vjla de Fermoselha que esta ao lógo do Doyro abaixo desta vjlla pello Doyro abaixo a quall vjla he do bispo de Camora camara do bispado e Jurdiçã e tudo. A quall vjlla estando é esta vjlla cõ ho Rostro pera õde ora nace o soll fyqua Fermoselha casy nas costas que he abaixo desta vjlla e que des esa vjlla ao Doyro aõde pello dito Ryo se partem os termos ábos .s. desta vjlla cõ ho de Fermoselha ha quatro legoas e do dyto Ryo do Doyro que he aRaia a vjla de Fermoselha ha dous tercõs de legoa e que começa esta vjlla a partyr cõ ho termo de Fermoselha pello Ryo do Doyro em o lugar õde entra no Doyro hũ Rybeiro que se chama o Redõdall o quall Rybeiro está entre o termo desta vjlla e o de Allgosõ e dahy pera cýma vẽ partymdo os termos per o meo e fyo dagoa do Ryo do Doyro o termo desta vjlla cõ termo de Fermoselha lègoa e mea e se acaba de partyr o termo entre hũas aldeas que estão em Castella que chamã Fornilho e Mamoles² e vão ao lógo do Doyro dapar dallem. E acabado de partir cõ termo de Fermoselha vem logo partymdo esta vjla seu termo dahy pello Doiro acyma cõ termo da cydade de Ca-

¹ *À margem por outra mão:* «Começa a partir Miranda com Castella ao longo do Douro de Fermoselha que he de Castella pello ribeiro do Redondal .s. de frôte delle».

² *À margem:* «Fornilho e Mamoles, aldeas de Castella».

mora¹ a quall cidade de Camora está do Ryo do Doiro dōde esta vjla parte cō Castella per elle ha dez legoas. A quall cidade de Camora he cydade Realenga e de Sua Magestade e cercada e forte e gramde e esta per syma (*sic*) desta vjlla² hū pouco ao nacente do soll e vay partymdo esta vjla seu termo pello Rio do Doyro acyma per o meo da vea dagoa cymquo legoas hymdo pelas volltas do Doyro asy como elle vay e que desta vjla ao Rio do Doyro ôde parte cō termo de Camora per o meo da vea dagoa os termos ha quatro tyros de besta e que do dito lugar dōde esta vjla comeca pello Doyro a partyr cō termo de Camora pello Doyro acyma vay partymdo o termo desta vjla³ cō termo de Camora ate ôde entra no Doyro a Rybeira do Crasto no Rio do Doyro e ffaz hy hūa ffoz o Ryo e da bāda dallem do Ryo do Doyro na parte de Castella está hū mojnho antigo que he de Castella e desta ffoz do Doyro esta hū marco⁴ que he a dyvysão dantre o termo desta vjla e o termo da vjla dAllcanjca que he de dō Francisco Anriquez que hora novamente⁵ he feito marquez (*sic*) dAllcanjcas e dahy do dito marco que está desta parte

¹ *À margem*: «Camora, cidade da coroa de Castella». *Camora* está por *Çamora*, que era assim que d'antes se escrevia, tanto em português, como em hespanhol.

² *À margem*: «Agoa acima».

³ *À margem*: «Parte Miranda cō Camora pollo Douro acima ate onde entra no Douro a ribeira de Crasto».

⁴ *À margem*: «Daqui comeca a demarcaçam dos regnos de Portugal e Castella per marcos em terra fora do Douro».

⁵ O adverbio *novamente* significa que D. Francisco Henriques era criado *novo Marquês* e não que elle fosse feito *de novo* ou segunda vez. Esta palavra, tão usada nas cartas de nomeação, póde prestar-se, e tem-se prestado, a equívocos. Haja em vista um documento sobre Bernardim Ribeiro, publicado pelo Sr. Visconde de Sanches de Baena no estudo que lhe dedicou. Vid. o artigo da Sr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos sobre a litteratura portuguesa de 1891 a 1894 no *Rom. Jahresbericht*, IV, 211. (Nota do Sr. Pedro A. de Azevedo).

do Doyro deyxá esta villa de partyr o seu termo cõ termo de Camora pello Doyro acima õde parte pello dyto Ryo per elle abayxo cymquo legoas como ja dyto tem e sempre vão partymdo os termos esta vjla cõ termo de Camora e Fermoselha pelo meo dagoa e a metade do dito Rio he termo desta vjlla e a outra metade he do termo de Castella e que ao lomgo do Ryo do Doyro desta parte de Portugall e termo desta vjlla ha allguas moendas de pessoas desta vila e termo sem contradyçã dos de Castella e que ho mesmo os de Castella tem outras moendas no dito Ryo do Doiro da parte de Castella por que esta vila está em pose pacyfica e Immo-riall de posoyr por seu termo a metade do dito Ryo do Doyro¹ de cento e dozentos annos e mais a esta parte té o dia doje sem nenhũa contradyçã e que aõde esta vyla começa partir cõ termo de Camora pello Ryo do Doyro anda hũa barqua² no dito Ryo que he toda desta vjlla o Rẽndymto della sem ter parte nella nenhũa Castella nem nunca a teve ate oje. E que ha doze moynhos e quatro açenhas ao lõgo do Doyro em quanto vay o Doiro partymdo o termo desta vjlla cõ Castella e estes estão no termo desta vjlla do meo do Rio do Doyro pera esta parte.

E que ahy no dito Ryo do Doyro a ffoz da Rybeira do Castro õde esta o marco a borda do Doiro da parte desta vjlla começa dahy pera dyante esta vjlla a partyr o seu termo per terra cõ termo da vjlla dAllcanjcas³ que he do Marquez dAllcanicas e nã parte majs o termo per o Ryo do Doyro que ja dahy pera cyma vay o Doyro per Castella asyma o quall Ryo do Doyro nace em huas serras que estão junto de Sorea⁴ abaixo das Manchas dAra-

¹ *À margem*: «Vea dagoa».

² *À margem*: «Barqua de Portugal onde Miranda começa a partir com termo de Camora».

³ *À margem*: «Demarcaçã per terra com Alcanices».

⁴ *À margem*: «Nace o Douro junto de Soria abaixo das manchas dAragão. E o Tejo nace da outra parte da serra».

gão e nasce em hũa serra de hũa banda e da outra parte da serra se diz que nasce o Tejo, que Camora¹ terá tres mjlly vizinhos e tem hũa ponte no Doyro cõ duas tores em ella e que a vjlly dAllcanicas he lugar que he cercado e tem hũa fortaleza boa e que terá a vila cento e vynte vizinhos fora o termo e que a vjlly dAllcanjcas² esta per cyma desta vjlly ao direito della contra o norte hũ pouco per cyma desta vjlly a mão esquerda que fyqua ao direito do norte, e que tem a dita villa dAllcaniças sesenta e duas aldeas no seu termo. E que desta villa ao marco aonde está a foz no Doyro que se chama de Paravella que he õde esta vjlly começa de partyr seu termo cõ termo da vjlly dAllcanjcas ha duas legoas e do dyto lugar e arraia a vjlly dAllcanicas ha tres legoas e do dito lugar pera diante deixando o Doiro a mão direita que se vay per dentro de Castella dõde elle vem vay dahy per terra esta vjlly partymdo seu termo cõ termo dAllcaniças quatro legoas até chegar ao termo de Vymjoso³ e chega o termo desta vila partymdo cõ Allcanicas ate ho lugar que chamã Vall de Frades que he ja a dita aldeia do termo da vjlly do Vymjoso, e esta outra aldeia do termo desta vjlly ahy pegado em a arraia que chamã Avelenoso (*sic*). E que per o termo desta vjlly ao lógo da arraia de Castella em quanto vay partymdo cõ termo dAllcanicas está as aldeas sygyntes⁴ .s. Paradella que esta da arraia dous tiros de besta. E mais ao

¹ *Á margem*: «Camora teraa iij vizinhos».

² *Á margem*: «Alcanizes he lugar cercado e tem boa fortaleza, teraa c.^{to} xx. vizinhos, mas tem grande termo, porque diz que teraa de termo lxij aldeas. He de dom Francisco Anríquez, Marquez do dito lugar».

³ *Á margem*: «Chega o termo de Miranda atee o Vimioso partindo com Alcanizes .s. ate aldeia de Auellanos de Miranda e Val de Frades do Vimioso».

⁴ *Á margem*: «Paradella, Infanes, Constantim, Cicoiro, Sam Martinho dAngueira, Auellanos, Todas estas aldeas sã do termo de Miranda e vam partindo ao longo da raya com Alcanizes».

dyante outra aldeia que chamã Infanes que esta da araiã hũ terço de legoa.

E outra aldeia que chamã Comstātym que esta da arraia o voo de hũa perdyz daçor que sera dous tiros de besta e mais não. E está outra aldeia que chamã Cycoiro que esta da raia outros dous tiros de besta.

E está outra aldeia que chamã Sã Martinho d'Angyra que está da Raia mea legoa.

E está outra aldeia que chamã Avelanoso que esta da Raia hũ terço de legoa.

E que em toda esta terra per onde esta vylla vay per terra partymdo os termos cõ Allcaniças vão sempre postos malhoes de hũ cabo ate o outro e ja ha anos que os de Castella mudarã hos malhoes e se tornarã a concertar e por em seu lugar, e que o Ano pasado hymdo esta vylla corer e prover os malhoes da aRaia como costumã fazer cada hũ ano acharã mudado hũ só marco ãtyguo que esta acyma daldeia de Paravella junto de hũa rrybeira e que este cõcelho tornou a cõcertar seu marco no proprio lugar ôde sempre esteve e despois os dAllcanica tornarã a desmãchar e espalhar as pedras do dito malhão e marco que estava no dito lugar. E que disto asy elles derã dyso conta a Fernão Lopes Corregedor que ora he desta comarca e não proveo niso nada. E estando o marco em termo desta vylla em o proprio lugar dôde esta dãtygo tempo e que os de Castella não meterão marco nenhuũ em outro lugar. E que isto causa allgũs castelhanos que tem comprado teras no termo desta vylla ao longo da araya e eles morão em Castella e quando lavrã as taes teras que estão no termo desta vylla se vão metendo e dã caso aos dAllcaniças quererẽ tomar o termo desta vylla como ora fizerã no dito marco que desmãcharão que se se provese per provysão forte que nenhuũ castelhano nã tyvese tera em este termo ao longo da aRaia de Castella nẽ lavrasẽ nella nã se farya a dita dyferença que se ora ffez e outra que já se fez á anos e seria proveitoso mãdar se que vendesẽ os cas-

telhanos as teras que tem ã este termo ao longo daraia em termo certo e nã lavrasẽ mais em elle¹ e que de como isto tudo asy pasa ha persoas em esta vila átygos que ho sabẽ que pesue seu termo per os lugares ja dytos os quaes lugares per õde vão os marcos não lhe sabem nẽ tem nomes que elles ao presente saybão os antygos cõ que se ffor ver esta terra da Raya lhe poderá dyzer os nomes por õde vay a malhoeyra. E que em a camara desta vjlla nã ha nenhuũ forall nẽ scryptura que diga por omde o termo della parte cõ Castella por que o forall antygo onde podia estar deve ser na Tore do Tõbo que se levava pera se fazer o forall novo e com elles Juizes e ofycyaes catey o cartoryo da camara todo e não lhes achey nenhuũs papes nẽ scripturas que fallẽ em nenhũa cousa de termos². E que nunca cõ Castella tyverão ate ora outras mais diferenças senão hũa que ha anos que se emendou e ora este marco que lhe desmãcharã e espalharã as pedras por se meterẽ mais pera dentro deste Regno e o lugar õde se desmãchou o dyto marco he terra boa de pão por que a mais terra dahy pera dyante he terra e vay a demarcaçã per hũa sera callva de pouco proveyto, e que os antygos e persoas que no termo auya que dysto sabyã parte se cataryã pera cõ elles hyrmos ver a demarcaçã desta vjlla cõ Castella e por verdade asynarã aquy todos. Mendafonso de Resende que ho scpreuy.=Antonio de Reuoreda=Pero Çapyquo=Luys Anrriquez=Francisco Fernandez=Diogo de Miranda=Fernam Pimentell.

Vista dos marcos com testemunhas ajuramentadas

E despois aos xbij dias do mes de Junho de mjl e bº e xxxbiiijº anos eu sobredito Mendafonso de Resende

¹ *À margem:* «Asy o tẽ Oliuença pẽr proujsão dellRey que deus aja».

² *À margem:* «Não se acharã papes na camara do Concelho».

estando naldea de Paravella¹ termo da villa de Miranda com Amtonio de Revoreda, cavaleyro da casa dellRey noso senhor, Juiz da villa de Miranda e cõ os vereadores e procurador da dyta villa e por testemunhas por parte do comcelho que pera jso me nomearão .s. Joã Pegas scripvão da camara e tabelliam em a dita villa e asy Affonso de Queiros e Gonçalo Roiz e Fernã Pymintell que sabyão por homde ora partia o termo desta villa cõ o termo dAllcanicas e asy certos moradores daldea de Paravella que tãbem sabyão a demarcaçam da parte que tocava ao lymyte da dita sua aldea de Paravella por que des ho marco que está a borda da rybeyra do Doyro a ffoz donde entra a rybeira do Crasto no Doyro ate õde estava o marco que os de Castella ho ano pasado desmancharão pera tomarẽ ho termo desta villa e lloguo aos marcos que estão desde homde está o marco a borda do Doyro na ffoz até hũ marco que está a borda da estrada que vay de Mirãda e say daldea de Paravella e vay pera aldea do Castro termo de Allcanicas e que são sete marcos des ho da foz do Doyro até o que esta a borda da dita estrada já dita e decrarada os quaes marcos mandey ver e os fforão ver Joã Affonso e Pero Migell e Francisco Ortega moradores em a dita aldea de Paravella que hos sabyão e por estarem em lugar tam aspero e fragoso de pynjdia que nã se podia ver per homes e pessoas que fosem a cavallo e por isso hos forão ver estes. E des que vyerão de os ver lhes dey aos ditos Yoã Affõso e Pero Migell e Francisco Ortega juramentos dos avãjelhos em que poserão as mãos direitas e por o Juramento lhes perguntey se os dytos sete marcos que forão ver des ho marco que esta a foz do Doyro des hõde esta villa de Myranda começa

¹ Por vezes o escrivão tem escrito Paradella, que logo foi emendado para Paravella.

partyr ho termo cõ ha vjla dAllcanicas per tera ate ho marco que esta a borda da estrada que vay da villa de Miranda e alldea de Paravella pera alldea de Castro se estavam os dytos marcos todos em seu propio lugar donde soem e estão des que se acordã a esta parte. E elles por o dito Juramento diserão que os forã hora ver os ditos marcos e que os vyrã e estavã alevantados no lugar propio opde soem destar sem estarem nenhũa cousa mudados e tanto que isto asy todos Jurarã nos ffomos todos direitos ter a huũ teso allto que se chama o dito cabeça do Reto¹ do Callvo. E no dito cabeça no meo delle em cyma estava hũ aryffe de pedra de comprimento de tres llanças e a borda do dito arryfe estava hũ marco de pedras cõ mujtas pedras darredor delle e ao de trás deste cabeça e marco em outro cabeça que fyqua logo atras antes deste que se chama a Pena do carquejall onde está no meio do cabeça outro marco e entre estes dous cabeços core hũ Regato per entre elles e nõ cabeça do Reto do Callvo onde esta ho marco ao pe do aryffe na testa da dita pynjdia e aryffe contra o Doiro e contra o marco que hy esta pegado cõ elle mamdey llogo ffazer hũas quynas que tem o rostro contra o Doyro. E ffeito asy as ditas quinas em a dita pedra junto do dito marco pera ficar pera llembança pera o dyante. E aas dytas testemunhas que se por parte da villa de Miranda que o Concelho deu e nomeou atras nomeados logo dey Juramento dos santos avanjelhos em que poserão as mãos direitas e por o dito Juramento lhes mãdey que disesem se era verdade do que lhes per my fose perguntado e elles asy o prometerã de dizer e ffazer e do costume diserã que erã da villa de Miranda e que diryão verdade e sendo perguntados

¹ É do Reto o que está escrito, mas nada impede que se interprete como *dorreto* ou *Urreto*. Cf. em dialecto transmontano *orreta* ou *urreta* (mir. *öurriêta*).

pella Rezão atrás dada na emformaçam do Concelho e
 do lugar por omde partia o termo desta villa cõ Cas-
 tella dyserão que des que se acordão ate ora de dez
 vynte trynta anos e mays a esta parte sabem e vyram
 sempre que Miranda do Doyro partyo e parte seu termo
 per o Ryo do Doyro per o meo e metade e fio 'dagoa
 do Rio do Doiro cõ terra de Fermoselha e cõ termo
 de Camora ate que começa partyr ho termo per terra
 cõ termo dAllcanicas e que sempre vyo que partya o
 termo cõ Castella per a metade do Ryo do Doyro e
 asy a seus paes e avos sempre ouuyrão dyzer que a
 metade do Rio do Doyro emquanto partia esta vlla cõ
 Castella per elle hera termo desta villa e que nunca
 sobre iso vyrã esta villa de Miranda ter nenhuũ debate
 contenda nem demanda e Refferta cõ Castella sobre o
 partyr dos termos per o Ryo do Doyro senã Miranda
 ter a metade do dito Rio do Doiro e a outra metade
 ser termo de Castella e que do Doyro a ffoz onde
 começa de partyr o termo desta villa cõ termo dAllca-
 nicas ssabê que ora vem os marcos desta villa des ha
 foz do Doyro corendo ate este marco que esta em este
 cabeça onde ora estavamos do Reto do Callvo atrás
 dito e decrarado. E do dyto marco do Reto do Callvo
 dyserão que dahy por diante me hyryão mostrando os
 marcos pello lugar per onde sabyão que esta villa po-
 soya o seu termo e me forão dahy mais ao dyante
 mostrando outro marco sobymdo hũ lombo e estava
 outro marco e dahy hymdo por diante amostrarão outro
 marco e mais ao dyante outro marco e mais a dyante
 outro marco e mais ao dyante outro marco e mais ao
 dyante outro marco e mais ao dyante outro marco acyma
 do rygeiro de Vall de Fontes e mais ao dyante amostrarã
 outro marco e mais amostrarã outro marco que he hũ
 sexo branco em a serra de Vall de Fontes. E ao dyante
 amostrarã outro marco a borda do caminho que vay
 pera Brandylanes e vẽ de Mjranda. E ao dyante vay
 outro marco aos Galegos aomde mandey no pé ffazer

as quynas. E ao djante amostrarã huũ pousyo entre hos paes (pães?) semeados onde diserã que soya destar o marco¹ que os dAlcaniças lhe tyrará ho ano pasado por respeyto de se meterem por dentro deste Regno por que a terra toda de hũa parte e da outra he de pessoas de Castella do termo dAlcaniças e por que elles amostrarã o lugar onde soya destar sempre o marco logo hahy por niso se afirmarẽ mandey o hy outra vez tornar a reformar e fazer o dito marco e ffoy logo ffeyto e levantado o quall está em cyma de hũ teso que he e se chama a Pena Corvaceira. E dahy fforã decendo a Vall Cenheiro decendo a hũ valle onde estava outro marco e na metade do Valle de Vall de Cynheiro amostrarã outro marco e ao dyante amostrarã outro marco entre Vall Cynheiro e os Valles e ao diante amostrarã outro marco, e mais ao diante amostrarã outro marco a boca dos Valles, e mais ao dyante amostrarã outro marco ao caminho que vay daldea de Ifanes pera Brandilanes aldea de Castella termo dAlcaniças e mais ao dyante amostrarã outro marco e ao dyante mais amostrarã outro marco e hymdo mais pera diante amostrarã outro marco a cabeça de Ureta dagia e hyndo mais ao dyante amostrarã outro marco e dahy hymdo mais ao dyante contra e ao direito de Nosa Senhora da Luz Irmida que esta na Raia estava outro marco E dahy hymdo pera ao dyante forã ter em hũ cabeço onde esta hũa Irmida de Nosa Senhora da Luz no termo desta vjlla e nas costas da dita Irmida em hũ cabecynho mais alto que ha Irmida estava posto outro marco e a Irmida toda fyqua no termo desta vila. E do dito marco que esta nas costas da Irmida em ho mais alto do dito cabeço da

¹ *À margem:* «Aqy achou duuida que pode releuar hũ tiro de pedra em comprido e em largo huũ jogo de malhão que tomarã os castelhanos aueraa ij anos e diz que mandou poer malhão e marco onde estaua dantes etc.».

dita Irmida dahy se começa hũa pequena de sera que vay ter la dyantē a sera de Santo Adryão e fforã pello meo da sera e cume della agoas vertentes a mão direita he termo dAllcanicas e a mão esquerda he termo de Miranda õde hyã marcos per o meo do cume da dita serra õde estava outro marco junto de hũ caminho que vay pera Moveiros e vem de Costantym termo desta vjlla e vẽ da serra que está entre o Couçe e Vall de Godinho. E hymdo mais adyante amostrarã outro marco junto de hũ caryll que vay pera Lhama la Grulha em hũ cabeço dentre ambos os prados dos Couçes e hymdo mais adyante amostrarã outro marco e hymdo mais ao dyante no meo do lombo junto de hũ caminho que vae de Cyqueiros pera Moveiros antes que chegem ao caminho amostrarã outro marco e em hũa pedra nadyvell atras do dito marco em direito delle mandey ffazer as quynas e hymdo mais ao dyante amostrarã outro marco pegado ao caminho que vay de Costantym pera Arzi-leira aldeia de Alcanicas em cima de Vall de Godinho.

E hymdo mais ao diante per a dita sera ao meo do lombo e cume dele amostrarã outro marco de pedras junto de hũa cova pegado ao caminho e estrada que vem de Miranda e Costantym e vay pera Allcanicas e pera tras pera dentro deste Regno a borda do dito caminho meo jogo de bolla esta hũa cruz grande de pedra que se chama a Cruz de Candena. E do dito caminho onde está o dito marco e cruz torna dahy por dyante corer outra sera que se chama a Sera de Santo Adryão e o termo desta vyla de Miranda diserã que partya cõ Castella per o cume e meo da dita serra agoas vertentes a mão direita pera Castella e a mão esquerda per termo de Portugall e vay sempre partymdo os termos per o meo da dita serra até decer della pera baixo pera a Rybeira que se chama de Sã Martynho que nace acyma dAllcanicas e uem per junto dalldea de Sã Martynho termo desta vjlla e em decendo per a dita rybeira no meo da decyda sobre a Rybeira esta e amostrarã

outro marco e na dita Rybeira de São Martynho esta hũ mojnho no termo de Castella de Fernã Vicente de Vmjneira (*sic*) termo dAllcaniças e té o dito mojnho pera tras per a dita serra partyã os termos per o lombo della e da dita Rybeira de Sã Martinho tornã a sobyr ao direito pera outra sera que está per cyma do dito mojnho e em cyma no allto esta outro marco e per a dita serra vão partymdo os termos per o meo do cume e allto della agoas vertentes pera Castella e pera Portugall até onde chega ho caminho de Carvalho Retorto que vay pera Allcanicas e vem dAngeira aldeia de Miranda que se chama o dito caminho o dito nome e junto do dito caminho estava hũ marco allto em o quall mandey ffazer as quynas pera fycar por lembrança e do dito marco torna a demarcaçã sobyr per a cumiada da serra de Cerdeira per o meo della e em cyma no meo e lombo da sera estava outro malhão grande de pedras e a demarcaçã vay sempre por cyma da dita sera per o meo da cumiada até que torna a decer e ffazer hũ baixo a dyta sera e vẽ per o meo dantre a dita sera e baixo della hũa Rybeira que chamã a rybeira de Samta Ana que vẽ de Castella e corre pera Portugal e vem per a aldeia de Avellenoso a quall Rybeira na borda della abaixo da decyda da dita serra pasado a Rybeira está hy dous marcos hũ de hũa banda do camjnho que por hy pasa e outro da outra banda e em o primeiro marco que he de hũa lagea mandey por as quynas cõ ho rostro contra Portugall e dahy torna a demarcaçã a corer e sobir sera acima té em todo cyma e vay per o dito lombo da dyta sera e lombadas e meo dos lombos os marcos agoas vertentes pera Castella a mão direita e pera Portugall a mão esquerda e pasado a dita serra decem abaixo em hũa grande collada e tornã logo sobir a demarcaçã per outra serra que vay ao direito e pera dyante que esta defronte da aldeia de Valarynho que se chama a Serra de Sam Mamede em a quall serra per o meo della em cyma vã os marcos desta vjlla e agoas

vertentes pera Castella a mão direita della está em baixo della na parte de Castella a alldea de Sã Mamede onde tem hũa Igreja Sã Mamede que está em termo dAllcaniças e do cabo e cume da dita serra quando querem deçer pera baixo torna logo a demarcação desta villa corer o direito sobre a mão esquerda o seu termo e vem ter qua a outros marcos que estão em outros outeiros abaixo que está hy hũ marco que se chama Morygo e o dito marco está pegado cõ hũ caminho que vem do Vymioso e Vall de Frades sua alldea pera alldea de Santana e pera Castella e ahy ao dito marco chega tambem o termo dAllcaniças do lymite dalldea de Vilarinho e o termo do Vymioso, e a dita alldea de Vilarinho estava dahy pera baixo ao direito entre hũas serras e defronte da villa dOuteiro .s. houteiro parece e está per cyma delle e que a terra de Vylarynho parece ser deste Regno por ter naquella parajem tomado hũa legoa pequena de terra em comprido e outra em largo que segundo a demarcação desta vylla vem ter a do Outeiro que esta defronte das seras atrás já decraradas esta alldea segundo per ella parece se mete todo o lymite della para este Regno segundo os marcos que desta vylla fycã postos atrás e a tera e termo dOuteiro que está ao dyante que parece que ho cerca o dito lymite da dita alldea e allgũs antygos de Miranda a tem e dizem que a dita alldea foy ja termo de Miranda¹ por em por ora se nã pode mais saber e em tudo o atras da demarcação já vista per os ditos officyaes e testemunhas que ma forã apegando e mostrando e afyrmando que por hy posoya esta vylla seu termo pacyficamente sem contradycam de pessoa allgũa

¹ *A margem:* «Diz que parece que Vilarinho era antigamente termo de Miranda e que o comendador de Vera Cruz que se chama Pimenta (*sic*) tem scrituras que fallã niso e que iso lhe dise frey Joam Borralho comendador dAlgozo».

e que nisto se afyrmarã pello Juramento que tomado tynhão e Fernã Pymintell nã foy presente comigo a todos os marcos senão veo de tras vendo os que vy-nhamos provendo e chegou a nos ao moinho de Fernã Vicente e dahy coreo até o cabo a demarcaçã e aprovou toda que estava pelos marcos atrás já vystos e decrarados e afyrmou que os vyera detras vysitando sempre despos nos pello juramento dos avanjelhos que tomou que per mjm lhe ffoy dado por que a partyda da dita aldea fycou detrás e por tudo asy pasar na verdade asynarão aquy todos. Mendafonso de Resende o screpvy. = Joam Pegas = Antonio de Reuoreda = Francisco Fernandez = Fernã Pimentell = Nuno de Queiros = Diogo de Myranda = Luys Anryquez = Goncalo Royz.

Desta Vila de Miranda a Vimioso ha quatro legoas e he daqy alcaide mor Luis Alluez de Tavora¹.

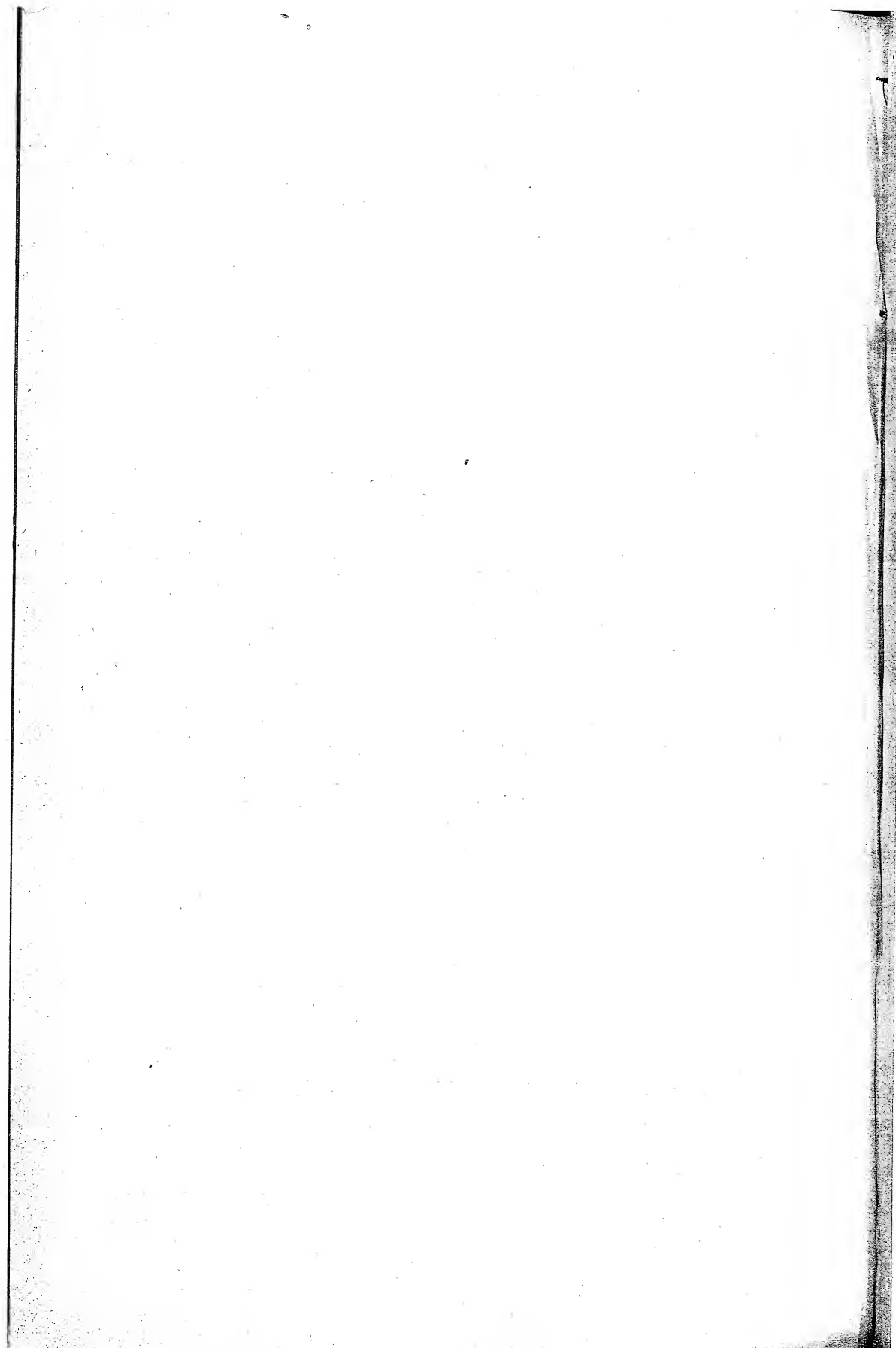
8. [*Noticia de um mestre de grammatica da Terra-de-Miranda no tempo de D. Sebastião (sec. xvi)*].

Dom Sebastião etc. Faço saber que Pero Martinz, filho de João Martinz, morador no lugar dUros, termo da vila dAlgozo² da comarqua de Tra los Momtes me enviou dizer por sua pitição que ele fora preso por se dizer que ele e outros saltarão dasuada cõ huñ Amtonio Fernandez mestre da gramatica e Maria Roiz e Joana Garcia etc. Dada nesta cidade de Lixboa aos quatro dias do mes de feureiro... de j bº lxij (1562) anos³.

¹ *Liuro do Tombo das Demarcações dos luguares das comarcas de Tra los Montes e dantre Douro e Minho que estam ao longuo da raia extremo de Castella e Gualiza*, fl. 24 sqq.

² Algozo, como se viu no vol. 1, p. 38, pertencia outr'ora á Terra-de-Miranda.

³ Livro 6.º de *Legitimações* de D. Sebastião e D. Henrique, fl. 23.



APPENDICE II

Apreciações litterarias mencionadas no Vol. I d'estes «Estudos»,
pp. 22-23

Como o meu trabalho *O Dialecto mirandês*, dado a lume em 1882, foi o primeiro ensaio que se publicou sobre o idioma de Miranda-do-Douro, poderão acaso despertar alguma curiosidade nos leitores as cartas e noticias bibliographicas a que me referi no vol. I d'estes *Estudos*, pp. 22-23, e por isso aqui as transcrevo,—umas e outras escritas por philologos competentes.

A) CARTAS PARTICULARES

1. Do Sr. Dr. J. Cornù, professor de Philologia romanica na Universidade de Praga, auctor de muitos trabalhos a respeito da lingua portuguesa e de outras, publicados em francês e allemão¹:

«Prague, Salmgasse 9, le 31 janvier 1883.—Monsieur.—N'attribuez point à la négligence le retard que j'ai mis à répondre à votre aimable envoi. Vos recherches sur le *D(ialecto) Mirandês* m'ont entièrement inté-

¹ Vid. na *Revista Lusitana*, II, 359-364, a resenha dos que se referem a Portugal.

ressé et me fournissent les moyens de localiser des textes anciens espagnols qui apporteront de nouvelles lumières à votre belle étude. A plus tard, plus de détails».

2. Do Sr. Dr. F. d'Ovidio, professor de Philologia Romanica na Universidade de Napoles, auctor tambem de muitos trabalhos á cêrca das materias que professa, e entre elles alguns a respeito de Portugal¹:

«Gent.^{mo} signore.—Ho ricevuto il Suo lavoro e ne la ringrazio vivamente. L'ho letto subito e con grandissimo piacere e istruzione. Se non mi trovassi ammalato, come sono da un mese, m'affretarei a farne una recensione in una qualche rivista italiana o straniera. Sono però obbligato a non lavorare. Ad ogni modo, mi gioverò assai del su bel lavoro in una ristampa che tra non molto si dovrà fare del *Manualetto portoghese*»².

3. De D. Manoel Milá y Fontanals, hoje fallecido, professor que foi de Historia Litteraria na Universidade de Barcelona, e, pelas numerosas obras scientificas que publicou, uma das glórias da Hespanha em assuntos de philologia³:

«Barcelona, 17 Febrero 1883.—Muy señor mio y de mi aprecio.—Recibi^a a debido tiempo su *O Dialecto mirandês*, de que le doy gracias. Atendiendo exclusivamente a la parte filológica (que es el objeto principal

¹ *Manualetti agli studj neolatini*, em collaboraçãocom o Sr. E. Monaci, vol. II, *Portoghese (e gallego)*, Imola 1884: cf. *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*, I, 336. O Sr. Ovidio publicou ainda, na revista italiana *La Cultura*, de 1 de Agosto de 1884, uma apreciação crítica das edições de Eutropio e Phedro annotadas pelo Sr. Epiphanyo Dias.

² A edição do *Manualetto*, de que o Sr. Ovidio falla, não chegou, que eu saiba, ainda a fazer-se.

³ Milá y Fontanals, no seu livro *De los trovadores en España*, Barcelona 1861, refere-se a Portugal em capitulo especial.

y poco menos que único de este trabajo) me parece una monografía hecha con mucho saber y esmero y que figurará dignamente entre los mejores estudios dialectales de la península. Son también muy interesantes las noticias que da acerca de los demás dialectos portugueses.

Este es mi parecer. En caso de que le pareciese a V. oportuno darle publicidad, le autorizo con la condición de que lo inserte V. *entero*, por motivos que puede V. comprender».

4. Do Sr. D. Rufino José Cuervo, colaborador da *Romania* e da *Revue Hispanique*, auctor do *Diccionario de construcción y régimen de la lengua castellana*, das *Apuntaciones críticas sobre el language bogotano*, das *Notas á la Gramática castellana* de Bello:

«París, 9 de Agosto de 1883.—Muy señor mio y de mi mayor aprecio.—Acabo de recibir el valioso trabajo de V. sobre el *Dialecto Mirandés*, y estando con el pie en el estribo, pues mañana salgo de ésta á fin de pasar unos días en el campo, no he querido dilatar la satisfacción de leerlo y dar á V. las gracias por la exquisita muestra de benevolencia que V. se ha dignado darme.

He devorado el libro de V., y, dejando á parte mi afición á estos estudios, la importancia del asunto y la lucidez con que V. lo ha tratado, me han hecho tan grata como provechosa su lectura, al propio tiempo que me han avivado el anhelo de que V. saque á luz la *Dialectología portuguesa*, que sé que V. está preparando».

B) ARTIGOS IMPRESSOS

1. «..... O exame attento das diversas publicações do Sr. L. de V. permite-nos considerar o auctor como um espirito progressivo, animado de um grande e sin-

cero zelo pela sciencia. Ha pouco lemos d'elle um ensaio sobre um interessante dialecto hispano-português, o dialecto fallado nos campos de Miranda do Douro, phase intermedia entre o português e o leonês, e folgamos de ver que o Sr. L. de V. tem uma vocação, bem rara entre nós, para as investigações dialectologicas, que, alimentada pelo estudo, lhe dará em breve um logar distincto na pleiada dos dialectologos peninsulares».

(F. Adolpho Coelho, in *Jornal do Commercio* n.º 8706, de 28 de Novembro de 1882).

2. «O DIALECTO MIRANDÊS. Contribuição para o estudo da dialectologia romanica no dominio glottologico hispano-lusitano por J. Leite de Vasconcellos, alumno da Escola Medica do Porto. Porto, Livraria Portuense de Clavel & C.^a Editores, 119 Rua do Almada 123, 1882, 39 p. 8.º, 300 reis.

Die melancholischen Worte, mit welchen F. A. Coelho vor sieben Jahren seine treffliche 'Bibliografia critica' abschloss, sollen nicht für alle Zeit Berechtigung haben. Jede wissenschaftliche Saat, welche unter einem civilisirten Volke ausgestreut wird, pflanzt sich sicherlich fort; bald rascher, bald langsamer. Coelho ist geraume Zeit der einzige — wenigstens der einzige produktive — Vertreter der methodischen Linguistik in Portugal gewesen; aber schliesslich bleibt sein Beispiel nicht ohne glückliche Nacheiferung. Ein junger Mann, der in Porto dem Studium der Medizin obliegt, fühlt sich durch die neue Wissenschaft angezogen, erwirbt sich in ihr eine feste Basis und wendet sich zunächst der Darstellung einer einzelnen ihm naheliegenden Mundart zu. Bei ihm, wie bei Coelho, steht dieses Interesse mit dem für Volkskunde im engen Bunde, so dass, wenn wir die schon ältere Thätigkeit der Katalanen und die dialectologischen Velleitaten der südspanischen Folklorege-

sellschaften in Betracht ziehen, über die ganze iberische Halbinsel hin sich parallele Entwicklungen ergeben.

Leite de V. legt uns in guter Ordnung und mit zweckdienlichen Anmerkungen, welche auch eine ausgebreitete Literaturkenntniss verrathen, ein sehr interessantes Material vor. Nach der wissenschaftlichen Analyse des Dialektes von Miranda-do-Douro (einer in Tras-os-Montes hart an der spanischen Grenze gelegenen Stadt) wird uns in einer Reihe von kleineren Texten (Geschichtchen, Zwiegesprächen, Räthseln, worunter einige zweideutige, Liedchen, Sprüchen) eine Gesamtvorstellung von demselben gewährt. Gehen wir von dem Schlusswort aus, in welchem seine Stellung erörtert wird. Vielleicht hätten hier die Dialektverhältnisse der Halbinsel eine stärkere Veranschaulichung erfahren können. Sie ist von Norden nach Süden in drei Zonen zu theilen, wobei das Baskische ausser Betracht bleibt, nämlich die (galizisch-)portugiesische, die (asturisch-)kastilische und die katalanische. Die mittlere gehört mit der westlichen innig zusammen, während die östliche ihre Fortsetzung jenseits der Pyrenäen findet. Im Norden stehen sich die drei Sprachcharaktere theils an sich näher, theils sind sie durch allmähliche Uebergänge mit einander verbunden; nach Süden zu scheiden sie sich immer schroffer, was aus den geschichtlichen Thatsachen sich unmittelbar erklärt. Abgesehen davon, dass ursprünglich das Aragonesisch das Bindeglied zwischen Kastilisch und Katalanisch bildete, so ist es nach den zu wenig bekannten und auch von Leite de V. nicht angeführten Untersuchungen Joaquin Costas (im Boletín de la Institución libre de enseñanza 1879 Nr. 46 ff.) ein ziemlich breiter Streifen, das ribagorzanische Gebiet, welchen die aragonesisch-katalanischen Uebergangs- oder Mischdialekte einnehmen; aus dem Süden fehlen zwar bestimmte Mittheilungen, doch wird im Allgemeinen der ziemlich plötzliche Wechsel zwischen Kastilisch und Valencianisch bezeugt. Der westliche und der mittlere Sprachzweig, welche an der

Guadiana und am Tejo sich scharf von einander abheben (wenn hier vermittelnde Mundarten vorkommen sollten, so müssen sie auf sehr enge Räume beschränkt sein), scheinen nördlich von den kantabrischen Bergen fast noch einen einzigen Stamm auszumachen. Im Flussgebiet des Douro ist das gegenseitige Verhalten ein mittleres. Durch die Bierza hin geht das Kastilische stufenweis in das Galizische über; weiter südlich bestehen zwischen der Mundart von Tras-os-Montes und dem Leonesischen zahlreiche Berührungspunkte. Freilich geht uns die Kenntniss des heutigen Leonesisch ab; das Altleonesische, wie es von Gessner und Morel-Fatio behandelt worden ist, schlechtweg mit den heutigen Mundarten zusammenzustellen, hat wenigstens da, wo es die Bemessung von Differenzen gilt, sein Missliches.

Das Mirandesische weist, abgesehen von seiner besonderen Beziehung zum Altleonesischen, eine ganze Reihe von Uebereinstimmungen mit dem Asturisch-Kastilischen auf, wobei es hie und da vom Galizischen begleitet wird, und einige mit dem Asturischen, wo dies sowohl vom Galizischen, wie vom Kastilischen abweicht. Hingegen sind mir unter den wesentlichen Zügen des Mirandesischen keine aufgefallen, die es mit dem Kastilischen allein, ohne Betheiligung des Asturischen, gemein hätte, wie $\chi = \dot{s}$ oder $h = f$ (das allerdings im Ostasturischen auftritt). Der Charakter unseres Dialektes beruht im grossen Ganzen auf älterer, nicht auf neuerer Mischung. Im Vokalismus ist besonders bemerkenswerth mir. = span. *ie* und *ue* = *e* und *o*, welche jedoch vor einfachen Nasalen nicht Statt zu haben scheinen: *bén*, *tén*, *hóme* (welches sich nicht nur im Altleon., sondern auch im Altkast. findet = *homin[e]*), *bôno* (vgl. altleon. *bono* neben *bueno*, astur. *bon* neben *güen*, franz. regelm. *o* vor *n* und *m*). Altleon. astur. *ye* (*est*) begegnet uns hier als *ghié*. *Nóbe* wohl zur stärkeren Scheidung von *nuebo* (*so?*), wie ital. *nove* neben *nuovo*. Ob in dem von

Leite nicht verzeichneten *fuõnte* S. 32. 33 das *uo* dem *uô* gleich ist, welches sich neben jüngerem *ue* im Altleonesischen findet, oder ob hier *u* sich parasitisch nach dem labialen Konsonanten entwickelt hat, muss sich durch weitere Beispiele von *uo* unmittelbar feststellen lassen. Unter den Konsonanten sind es *l* und *n*, deren Behandlung zu der in den mittleren Gruppen stimmt. Intervokalisch bleiben beide (*ciêlo*, *pêlo*, *animales* — *tener*, *rana*, *panes*); wo Formen wie *só* (*solo*), *ũa* erscheinen, haben wir späteren Einfluss durch die Schriftsprache vorauszusetzen. Aus *-ll-* wird, wie im Span., *-ly-*; aus *l-*, wie im Astur., *ly-* (*caballo*, *streilha* — *lhado*, *lhôbo*); wohl auch aus *-nn-*, wie im Span., *-ny-*, obwohl wenig Beispiele zu Gebote stehen (*anho*, *cabanha*). Anderes ist an sich von geringerer Bedeutung oder tritt nur vereinzelt auf. Die Neigung, den Ton von einem *i* auf den unmittelbar folgenden Vokal zu verlegen, macht sich im Mirandesischen wie im Asturisch-Kastilischen stark geltend; so haben wir *iûga* (= **éuga* = *equa*, wozu betreffs der sog. Attraktion wohl *oghero* 32, 1 = *agulhero*? zu vergleichen ist), *riû*, *friû*, *tiû* (wenn ich S. 14 N. 6 recht verstehe; zu Porto *fugiû*, *mentiû* u. s. w. = span. *-iô*), *iou* (span. *yo*), aber *miu* (astur. *miô*); ferner *miê*, *friê*, *deviê* u. s. w. = *-ia* (altleones. *aviên* u. s. w.). Das *n* von *-gin-* fällt ab wie im Span. und Galiz.: *viage*, *romaige*; auch *virge* (gal. *virxe*, aber span. *virgen*). *I* schreitet nicht zu *j* vor in *veio*, *seia*, *ya*. *X* = lat. *ss*, *x*, mit dem Span. und Galiz., während das Port. *ss* bietet: *paixaro*, *dixo* (auch vulgärport. *dixe*); mit galiz. astur. *quixo* stimmt mir. *quijo* gegen port. *quiz*, span. *quiso*; für *-si-* steht mir. *-iz-* in *queizo*, *beizo*, welchem span. *queso*, *beso* entspricht, während das Port. *queijo*, *beijo* bildet. Man bemerke noch *-ng-* aus *-ny-* wie im Span.: *têngo*, *bêngo*, *pongo*. *Am* = *em* ist mir aus der Nachbarschaft des Mirandesischen nicht bekannt (obwohl alt- und vulgärport. *antão*, *anojar*,

antre, *antrar* herbeigezogen werden können); aber ich finde *an* im Extremenischen (*an ca* = *en casa* El Folk-Lore Frexnense S. 39. 40. 41). *Boubéla* ist nicht Diminutiv von lat. *pūpa* (wie S. 14 und 15 gesagt wird), sondern von lat. *upūpa* und = span. *abubilla*. In *freijom* hat *frei* kaum eingewirkt; man vergleiche galiz. *freixó*, span. *frejol*, *frisol*, an dessen Ableitung von *phaseolus* Diez zweifelte, indem er port. *feijão* übersah. Zu *atronar* war nicht span. *tonar*, sondern span. *tro-
nar* und altport. *troar* anzuführen.

Aus der Morphologie, sofern hier morphologische Ursachen wirken, wäre etwa folgendes hervorzuheben. Im Possessivpronomen der 2. und 3. P. Sg. fallen Maskulinum und Femininum zusammen: *tou*, *sou* (altleon. astur. *to*, *so*); aber in dem der 1. P. Sg. bleiben die Geschlechter getrennt: *miu*, *mié* (astur. *mió* für beide). Wie im Spanischen, mit Einmischung des Reflexivums, so auch im Mirandesischen *se lo* u. s. w. = *xe lo*, *je lo*, *ye lo*, *lye lo* (vgl. ital. *giglio* = **yilyo* = **lyilyo*). Im Perfekt der *a*-Konjugation beruhen *-éste*, *-émos*, *-éstes* (auch altleon.) nicht auf der Analogie mit der 1. P. Sg., sondern sind = *-aisti*, *-aimus*, *-aistis*. Die 3. P. Pl. *-órū* = *-arunt* mag sich nebenbei nach der 3. P. Sg. gerichtet haben; jedenfalls liegt zunächst Assimilation des *a* an das folgende *o* vor, wie im ital. *-orono*, *-orno*. Die *e*-Konjugation unterscheidet sich in den perfektischen Zeiten nicht mehr von der *i*-Konjugation, ebenso wenig wie im Spanischen; nur steht an Stelle des span. *ie* im Mir. *i* (*devira*, *devirum*, *devisse*), wie im Altleonesischen und (in der *i*-Konjugation) im Portugiesischen. Die 3. P. Sg. des starken Perfektums hat wie im Span. und Galiz. dem schwachen Perfektum das auslautende *-o* entnommen: *stubo*, *andubo*, *quijo*, *fizo*; sind *coube*, *tube* S. 24 nicht etwa Druckfehler (ebd. auch *téna* statt *tén*)? Zugleich beachte man *-ub-* = span. *-uv-* gegen port. galiz. (theilweise auch astur.) *-ev-* oder *-iv-*. Die 1. P. S. Ind. Praes. stimmt mit den übrigen, wie im Span.

und Galiz., überein, wo sie im Port. von ihnen abweicht: *pido* (auch vulgärport. so; sonst *peço*), *pides* u. s. w., *pôdo* (port. *posso*), *pôdes* u. s. w. Die 2. P. Sg. richtet sich nach der ersten: *sós* für *ghiês* nach *sou*, so auch in gewissen Orten in Andalusien. *Traho* und *facio* werden ganz gleich abgewandelt, was sie weder im Kastil., noch Port., noch Galiz. thun: *trago*, *traix*, *traí* — *fago*, *faix*, *fai*. *Iba*, nicht *ia*, nach Analogie der *a*-Konjugation, wie im Span. und Galiz.

Wir hoffen, dass Herr Leite d. V. auf dem glücklich betretenen Weg rasch vorschreiten wird. Zunächst hat er uns eine Dialectologia portuguesa versprochen, auf welche uns einige auf der ersten Seite des vorliegenden Werkchens gegebenen Andeutungen recht begierig machen. Danach würde sich der keltische Vorposten *é* = *á* (*burêco*, *aguilhêda*) sogar in Portugal finden, freilich in einer ganz isolirten Stellung (in einem Dorfe von Beira-Baixa). Eine eigenthümliche Entwicklung des *u*-haltigen silbenschiessenden *l* wird aus dem Nordport. angeführt: *âurdeia*, *âurma* u. s. w. Ebendasselbst käme ein scheinbar hiatustilgendes *i* vor (*a-i-agua*, *a-i-êgua*).

Auf zweierlei innigst mit einander Zusammenhängendes möchte ich mir erlauben die Aufmerksamkeit des Herrn Leite d. V. hinzulenken. Zunächst auf das Studium der Lautphysiologie, die allerdings von einigen älteren berühmten Sprachforschern noch in geringer Achtung gehalten wird. Aber selbst diese, wenn sie meinen, dass durch dieselbe die Erklärung der Lauterscheinungen nicht gefördert werde, können nicht in Abrede stellen, dass ohne sie eine genaue und zuverlässige Darlegung des Lautbestandes unmöglich ist. Da Herr Leite d. V. seinem Beruf nach zu den Medizinern gehört, so liegt es ihm sehr nahe, sich eingehend über die Beschaffenheit und die Thätigkeit der Sprachwerkzeuge zu unterrichten; vielleicht lockt ihn der Ruhm, die Disciplin der Lautphysiologie auf der iberischen Halbinsel eingeführt zu haben. Auch in den andern

romanischen Ländern besteht noch das Bedürfniss eines kompendiösen Leitfadens hierfür, welches durch die Uebersetzung des Buches von Sievers oder des von Sweet nicht wirklich befriedigt werden würde. Dass zur Theorie auch gründliche Uebung hinzukommen muss, versteht sich von selbst. Es werden dann die wenigen Unsicherheiten schwinden, an denen die Darstellung des Herrn Leite de V. noch leidet. Er ist z. B. in Zweifel über die Aussprache des männlichen Artikels im Plural (*els* oder *les* oder *lus*); *els*, welches im Katalanischen selbstverständlich ist, scheint mir im Mirandesischen nicht wohl möglich, da ja das *o* der letzten Silbe bleibt (*als* ist eine verhältnissmässig junge Form für *a los*). In *ghiês*, *ghiê* soll das *g* 'muito leve, talvez uma branda aspiração' sein (S. 23). S. 37 heisst es: 'o som *rô* [= *rua*] é difficil de representar'. Ganz unklar ist mir S. 27: 'E difficil representar o som d'esta palavra *diês*: o accento está no *é* que é quasi *â*'. Wenn *é* den Accent trägt, was hat *ú* zu bedeuten? Und steht nicht *é* dem *â* näher, als *ê*? Allerdings sehen wir auch sonst *é* und *â* wechselsweis gebraucht: *deviêm* S. 22 und *uniâm* S. 23; *vânha* S. 33 ist wohl eine portugiesirende Form (sie steht im Reim) für *bênga*.

Dieses führt mich nun auf das andere, was für die portugiesischen Dialektologen beherzigenswerth erscheint, nämlich die Transkription. Das portugiesische Schriftsystem ist allzu konventionell, um ohne grosse Nachtheile für dialektische Aufzeichnungen verwandt zu werden. Die Accente drücken die Qualität der Vokale aus; können sie zugleich in allen Fällen als Betonungszeichen fungiren? Wenn auslaut. *e* und *o* im Port. fast wie *i* und *u* gesprochen werden, was habe ich zu thun, wenn ich den ursprünglichen, den spanischen Werth dieser Vokale darstellen soll? Die gleiche Verlegenheit besteht bezüglich des *a*. Warum wird der weibliche Artikel im Mirandesischen *lâ* geschrieben, wenn hier keine andere Vokalnuance vorliegt, als im

port. *a*? Da auslaut: *s* und *z* im Port. so viel als *š* bedeuten, wie bezeichne ich den Laut *s* am Schluss der Wörter? Schreibt Herr Leite d. V. *diess*, *lhuss* = port. *dez*, *luz*, um vor der Aussprache *dieš*, *luš* zu bewahren? Zu alledem kommen noch manche Inkonssequenzen, besonders in der Wiedergabe der Nasalvokale, so S. 21 ff. Ind. *âmã*, Konj. *âmam* — Ind. *únã*, Konj. *únam* — Ind. und Konj. *dévã*; *amórũ*, aber *devirum*.

Graz, 5. Febr. 1883.

Hugo Schuchardt¹.

(In *Literaturblatt für germanische und romanische Philologie*, iv (1883), p. 108).

3. «Un librettino che non deve sfuggire agli studiosi di lingue romanze. Miranda-do-Douro é, come si sa, nella provincia di Oltremonte; e la sua parlata si frapone a' rami *asturiano-leonese* e *galliziano-portoghese*. L'autore dá paradimmi e osservazioni, con brevità e chiarezza..... Tutto questo nostro mondo latino si avviva e si agita: le *mani negre* lo minaccino: le bianche mani s'adoperano intorno al suo onore e al suo bene».

(Emilio Teza, in *La Cultura*, rivista di scienze, lettere ed arti, iv, (Roma 1883), pp. 182-183)².

¹ O Sr. Dr. Schuchardt, professor de Philologia romanica na Universidade de Graz, tem-se occupado muitas vezes da nossa lingua, ou em artigos especiaes, ou em críticas bibliographicas. São célebres os seus estudos sobre os crioulos portugueses. Os seus principaes artigos acham-se comprehendidos nas duas series: *Kreolische Studien* e *Beiträge zur Kenntniss des kreolischen Romanisch*. — Cf. *Revista Lusitana*, iv, 278-280, e v, 242.

² O Sr. Teza, professor na Universidade de Padua, é auctor do primeiro trabalho scientifico que se publicou sobre os nossos crioulos, o qual se intitula *Indoportoghese*, 1872, extrahido do periodico italiano *Il Propugnatore*, vol. v (trata do dialecto de Ceilão).

4. Do Relatorio do concurso philologico e litterario celebrado em Montpellier em 1883 sob os auspicios da *Société pour l'étude des langues romanes*, extrae-se o seguinte:

«Le troisième prix de la Société était destiné à récompenser le meilleur travail philologique ayant pour objet un idiome populaire néo-latin.

Trois mémoires ont attiré particulièrement l'attention de la Société.

L'un a pour auteur M. Leite de Vasconcellos, étudiant à l'École de médecine de Porto, et pour sujet le dialecte de Miranda de Douro, dans la province portugaise de Tras-os-Montès. L'ouvrage est imprimé et rédigé en portugais. Dans cette monographie très-méthodique, M. Vasconcellos donne d'abord un rapide aperçu sur les dialectes de la langue portugaise, puis il s'occupe spécialement de l'idiome parlé dans les environs de Miranda. Il en étudie la phonétique et la morphologie, les compare à celles d'autres dialectes hispaniques, tels que le galicien, le léonais, l'asturien, l'andaloux et le catalan; constate ensuite que la syntaxe de Miranda ne diffère pas essentiellement de la syntaxe portugaise, et termine par une collection de devinettes et de contes populaires, accompagnée d'un court lexique comparatif.

Ce travail un peu succinct est très-bien fait. L'auteur est au courant de la science, il connaît les bonnes méthodes et les applique. Si M. Adolphe Coelho, comme le dit M. Vasconcellos, est l'introducteur de la science du langage en Portugal, il a tout lieu d'être fier de son œuvre et de son élève.

Le mémoire de M. J.-P. Durand de Gros, qui a pour objet le dialecte rouergat, n'a pas le plan sévère de la monographie sur le dialecte de Miranda; mais, disons-le vite, il n'en avait pas besoin. L'auteur n'essaye pas encore de synthèse; il étudie et constate des phénomènes

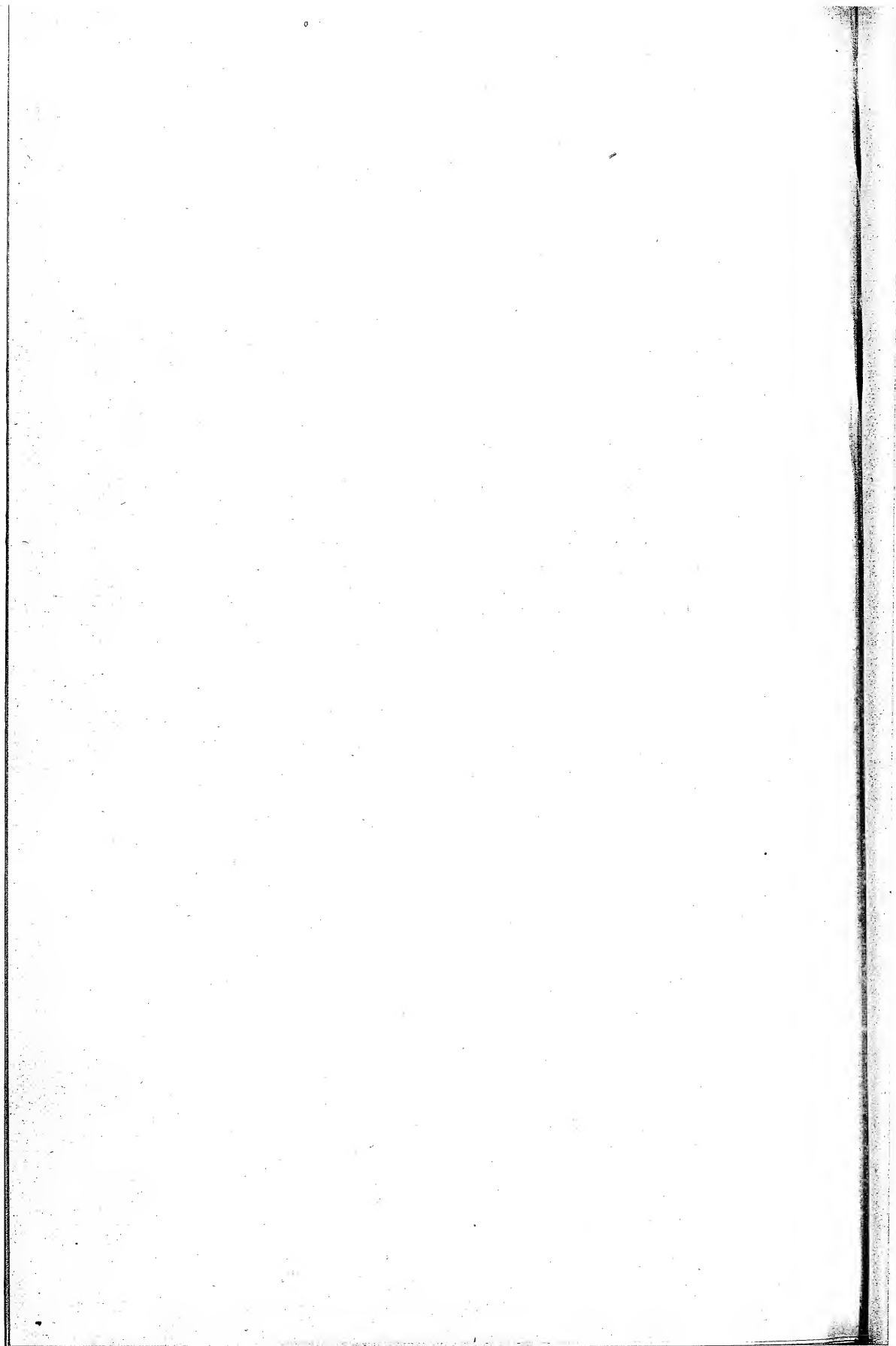
linguistiques, et cherche à les expliquer.....
En comparant ce travail si estimable avec celui de M. de Vasconcellos, la Société était assez embarrassée pour choisir; mais la générosité du Conseil municipal de Montpellier, qui vient d'instituer un prix de trois cents francs pour un mémoire provenant d'un savant étranger, la met à l'aise. Elle décerne le prix du Conseil à la monographie portugaise, et donne à M. Durand l'objet d'art annoncé par son programme.

M. Guichard, professeur à l'École normale primaire d'Avignon, avait aussi présenté une grammaire du patois de Mens, en Dauphiné¹. L'auteur y fait preuve d'intelligence et d'aptitude linguistique; il connaît bien le dialecte qu'il étudie, mais il n'a pas encore la sûreté de méthode de M. de Vasconcellos et l'érudition sagace et pénétrante de M. Durand.

La Société lui accorde une mention très-honorable».

(Vid. *Revue des langues romanes*, t. xxiv (1883), pp. 17-19).

¹ Mens, chef-lieu de canton de l'Isère, arrondissement de Grenoble.



APPENDICE III

Comunicação feita ao Congresso Internacional de Sciencias Geographicas
pelo Sr. Gonçalves Vianna,
em Paris, em 1889, a propósito de um mappa linguístico da Europa

«J'ai lu sur le programme des travaux de ce groupe qu'il s'agissait de dresser une carte générale des langues et des dialectes parlés en Europe.

Je voudrais, avant que cette carte soit dessinée, signaler l'existence de deux langues, parlées sur la frontière de l'Espagne et du Portugal, dans la province portugaise de Trás-os-Montes, lesquelles ont été découvertes par le philologue portugais, M. Leite de Vasconcellos. Elles sont parlées dans deux petits villages, Quadramil et Rio-d'Onor, et M. L. de V. les a dénommées *quadramilais* et *riodonorais* (*quadramilês*, *riodonorês*). Elles sont, comme le mirandais, une autre langue déjà connue, parlée également sur cette frontière du Portugal, en voie de disparaître bientôt, puisque, partout, le portugais les envahit.

Il me paraît donc nécessaire d'en prendre note, avant qu'elles s'éteignent, ce qui arrivera fatalement dans une ou deux générations, l'isolement où les individus qui parlent ces langues ont vécu jusqu'à présent, faisant place à des rapports continuels avec les Portugais des autres provinces.

En ce qui concerne le mirandais, qui, quoique connu chez nous, est à peine soupçonné ailleurs, je profite de

cette occasion pour solliciter l'attention de Messieurs les Membres du Congrès sur ce fait, que le *l* initial latin y devient, comme en catalan, un *l* mouillé, que l'on écrit d'après l'orthographe portugaise par *lh*, comme dans l'ancien provençal, quoiqu'on ne puisse voir dans cette particularité phonétique aucune influence du catalan, vu la grande distance qui sépare la Catalogne du territoire de Miranda-do-Douro, et le manque de rapports entre les individus parlant ces deux langues, entre lesquelles s'interpose un territoire castillan. Au contraire de ce qui arrive pour le portugais, le *l* et le *n* médiaux latins s'y maintiennent, comme c'est le cas pour le castillan et le catalan, tandis que les groupes de consonnes explosives sourdes suivies de *l* (*pl*, *cl*), ainsi que *fl*, y subissent la même altération qu'en portugais, ne devenant point comme en castillan *ll*, c'est-à-dire *l* mouillé.

En combinant ces faits, on ne saurait donc considérer le mirandais comme un dialecte du portugais ou du castillan, et, d'un autre côté, son vocabulaire, qui se rapproche de celui des dialectes portugais de Trás-os-Montes, empêche de le regarder comme un dialecte catalan, ce que déjà sa grammaire ne permettrait point.

La phonétique du mirandais se rapproche, d'ailleurs, bien plus de celle du portugais de Trás-os-Montes, que de celle de tout autre langue ou dialecte parlé dans la Péninsule Ibérique: elle maintient la distinction entre *ç* et *s* sourd, entre *z* et *s* sonore, distinction tout-à-fait disparate de tout autre dialecte portugais que ceux de Trás-os-Montes, le *s* sourd et le *s* sonore y constituant une classe de fricatives particulières, qui se rapprochent des cacuminales, classe qui existe, il est vrai, dans d'autres dialectes du nord du Portugal, ainsi qu'en castillan, à l'exclusion cependant des linguales apicales ordinaires.

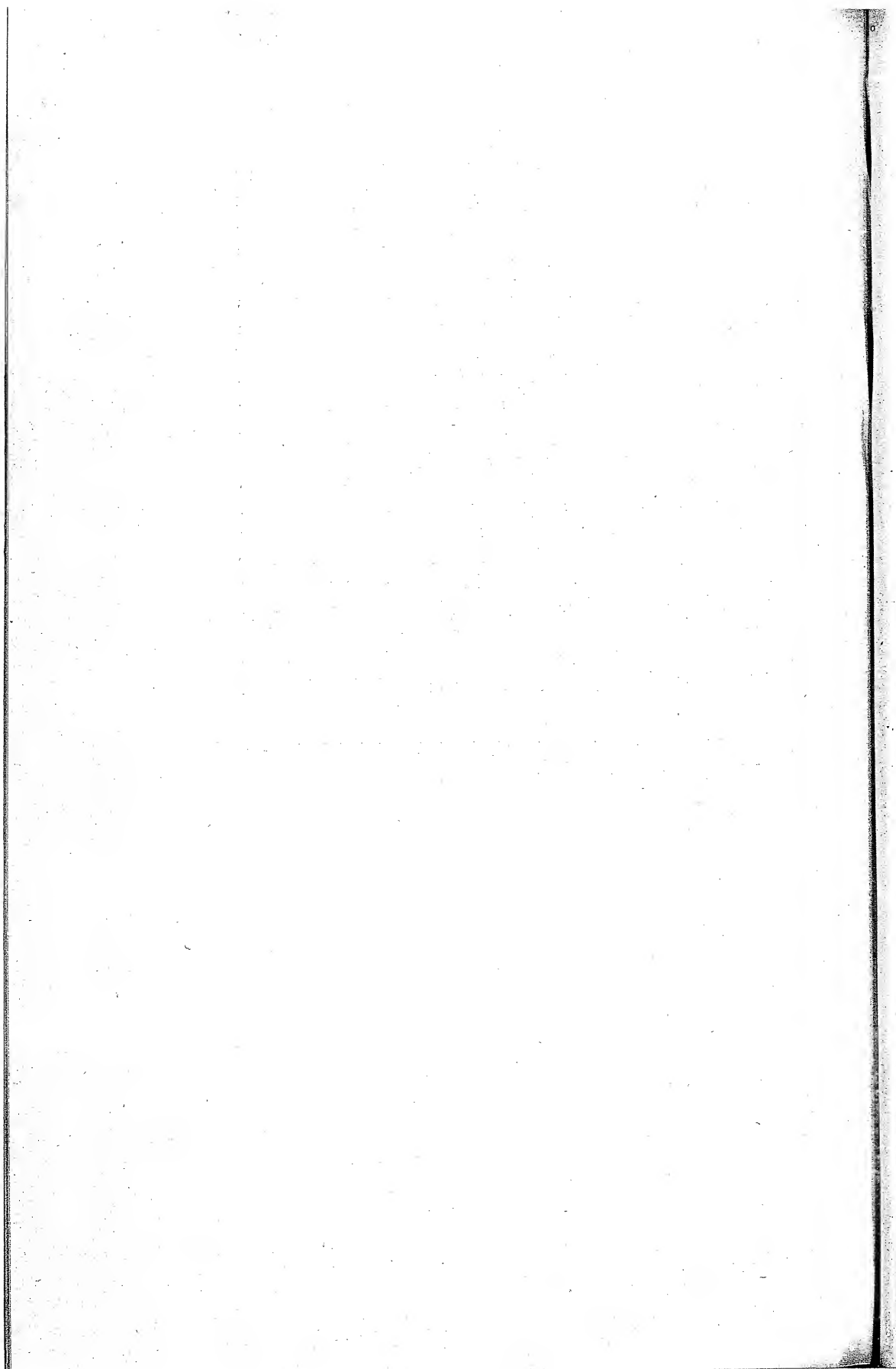
Le mirandais possède le *y* castillan, c'est-à-dire la fricative palatale sonore, quelquefois allant même jusqu'à devenir l'affriquée *dy*; il n'a pas cependant la gutturale *j*, pas plus que l'interdentale *z*, du castillan.

Le mirandais, le quadramilais, le riodonorais n'ont aucune littérature, le peu de contes populaires qui aient été recueillis dans ces trois villages n'étant que des emprunts faits à des versions portugaises connues dans les peuplades qui les avoisinent.

M. L. de Vasconcellos a, il est vrai, publié, outre des renseignements précieux sur le mirandais, un volume (*Flores Mirandesas*) contenant des poésies, composées par lui-même dans cette langue; ces petits poèmes, cependant, ayant une origine tout-à-fait artificielle et une forme littéraire, ne traitant d'ailleurs pas de sujets vraiment populaires, et M. L. de Vasconcellos, de son côté, n'étant pas un Mirandais, on ne saurait regarder de telles compositions comme des produits de littérature locale.

En résumant, on peut donc, dès à présent, constater l'existence, en Portugal, de trois langues nouvelles, indépendantes entre elles, aussi bien que par rapport au gallicien-portugais et au castillan, langues en voie de disparition rapide, et qui n'ont aucune littérature qui puisse en conserver le souvenir, mais qui n'en ont pas moins le droit de prendre place dans la carte générale qu'on veut dresser».

(Vid. *Compte rendu publié par le Secrétaire général du Congrès* t. 1, Paris 1890, pp. 659-660).



APPENDICE IV

Additamentos ao Vol. I d'estes «Estudos»

A) A palavra CAÇURRO.

Depois do que escrevi no vol. I, pp. 15-17, á cêrca de *caçurro*, recolhi mais algumas informações. Em várias localidades da Extremadura, por exemplo, nos concelhos do Cadaval, de Obidos e da Arruda, usa-se na lingoa commum a palavra *caçurro*, que significa monticulo natural, pedregoso e inculto, no meio de uma propriedade cultivada. Um poeta popular da mesma provincia fez, por gracejo, a seguinte quadra onde entra a palavra:

Eu vinha da Rabiçaca,
E passei pelo *caçurro*:
Depois atirei um salto
Para cima do mê burro.

Ao pé de Aldeia-Gallega-de-Merciana (Alemquer) ha uma propriedade que se chama *Caçurral*.— Não é improvavel que o vocabulo mirandês, embora seja adjectivo, se relacione com o vocabulo estremenho, apesar de este ser substantivo. Cf. na lingoa usual: *rustico*, que tanto significa «campestre», como «grosseiro».— Temos por tanto a serie: *caçurro*, *Caçurral*, *Caçurraes* (= *Caçurraes*).

Em hespanhol era *cazurro* o nome de uma especie de jograes: «Había además las denominaciones de albardanes y las de *cazuros* y segriers ó cosa semejante». Milá y Fontanals, *De los trovadores en España [y Portugal]*, Barcelona 1861, p. 511 nota.

No *Cancionero de Baena*, na ed. de Madrid 1851:

Burleria é *casurria* (sic com s)

e traduz-se no *Vocabulario* esta palavra por «bufonada».

B) A palavra PEINHA.

No vol. 1 d'estes *Estudos*, pp. 96 e 278, propus como etymo do mir. *peinha* (hesp. *peña*, port. *pena*) o celtico **penna* ou *PENNO*-; mas tal etymo não pôde admitir-se, porque na referida palavra celtica o *e* é breve, como se vê no *Altceltischer Sprachschatz*, de A. Holder, (o fasciculo em que vem esta palavra foi publicado posteriormente á impressão do meu volume); e um *e* breve teria dado em hespanhol o ditongo *ie*, e em mirandês o ditongo *iê*. A doutrina que sustentei em relação á correspondencia de *ñ* hesp., *nh* mir. e *n* port. a -*NN*- originarios fica porém a mesma; se o etymo das citadas palavras não é **penna*, é outro onde haja tambem -*NN*-, talvez *pinna*, como primeiro lembrou Diez, *Etymologisches Wörterbuch*, s. v.

C) BIBLIOGRAPHIA.

As indicações bibliographicas publicadas no vol. 1, pp. 21-31, tenho de accrescentar mais algumas:

1. *Dialecto Mirandez* por Albino J. de Moraes Ferreira, Lisboa 1898, LXXXVIII-108 pp., com um mappa, estampas e musicas (entre as estampas conte-se o retrato do auctor!), — trabalho cheio de erros, e destituido de todo o valor scientifico. Vid. o que sobre elle escrevi no vol. 1, pp. xi-xix. — Poderão acaso alguns leitores imaginar que eu censuro este trabalho só pelo facto de seu auctor se occupar do mesmo assunto que eu.

Engano! A vinha não é só minha, é de todos. Eu proprio, no primeiro opusculo que dei a lume sobre o mirandês, instiguei o nosso público em geral, e os Mirandeses em especial, a tratarem litteraria e scientificamente d'este idioma. N-O *dialecto mirandês*, 1882, p. 9, digo: «Seria muito conveniente que os Mirandeses fizessem todos os esforços, não direi já por meio de uma sociedade ou um jornal especial, mas ao menos pela conversação familiar, pela correspondencia epistolar, pela publicação de artigos litterarios e tradições populares, para manterem o seu dialecto intacto o mais possivel contra as invasões do portuguez e do hespanhol». E nas *Flores mirandesas*, 1884, pp. 29-30: «..... esta pequena publicação cuja curiosidade attrairá por ventura outros, que, colligindo contos e poesias populares, e escrevendo trabalhos originaes, possam em breve dotar de uma litteratura variada essas lingoas [referia-me ao mirandês, e ao mesmo tempo ao rionorês e quadramilês], que vivem desterradas e ignoradas no meio das asprezas da provincia de Tras-os-Montes». Vêem, pois, os leitores que eu seria o primeiro a applaudir o Sr. Moraes Ferreira se elle, em vez de se apresentar modesto e consciencioso, não viesse a público com tanta philaucia e com tão completo desconhecimento da philologia em geral e da mirandesa em especial.

2. O citado trabalho serviu de objecto a alguns artigos da nossa imprensa periodica. Cito aqui apenas alguns d'aquelles de que tive conhecimento:

a) Artigo do Sr. Trindade Coelho nas *Novidades* de 26 de Dezembro de 1898. Diz-se ahi: «..... o sr. Moraes Ferreira não afinára a orthoepia do seu livro pelo diapasão do gaiteiro de Genizio,—o que é o mesmo que dizer, pelo da linguagem da Terra de Miranda. E pois que o Sr. Moraes Ferreira affirma que a gram-

mática deve ser o padrão, o modelo, o diapasão typico para cotejar a linguagem, encontrei, procedendo á operação inversa, isto é, aferindo pela linguagem fallada em Terra de Miranda a orthoepia do seu volume, que a orthoepia do seu volume estava errada». — Nem por ser pittoresca esta conclusão, deixa ella de ser exactissima.

b) Na *Tribuna* de 8 de Janeiro de 1899 trata o Sr. Candido de Figueiredo do livro do Sr. Moraes Ferreira, não o elogiando abertamente, mas também não o condemnando. Neste caso póde dizer-se que tanto sabe o crítico, como o criticado. *Arcades ambo...* «Nós, os homens de lettras...», como o mesmo Sr. Candido de Figueiredo solemnemente se exprime, fallando a respeito de si proprio no referido artigo!¹ Julguem da sciência philologica do Sr. Figueiredo os leitores, pelo seguinte trecho: «a grande maioria constitutiva dêsse dialecto é constituida por termos lidimamente hispanhoes, ou hispanhoes ligeiramente alterados, e por termos portuguezes, modificados na prática de algumas povoações beirôas, minhotas e até alemtejanas». E entre os «castelhanismos puros» cita *coraço*es, *pido* e *aqueilha*. Mas esta última palavra não é hespanhola: em hespanhol diz-se *aquella*, sem o ditongo *ei*, que existe em mirandês! Se os leitores se derem ao trabalho de comparar aquelle trecho com o que escrevi na *Grammatica mirandesa* e na Parte III d'este volume, p. 43 sqq., onde mostrei que o mirandês occupa lugar especial entre o portuguez e o hespanhol, sem ser mixto d'estes, e onde deduzi as leis phoneticas e morphologicas a que obedece *aqueilha*, *pido* e *coraço*es, verão que o Sr. Candido de Figueiredo, se desconhece o hespanhol, não desconhece menos

¹ Comparavel, só a irreverencia de certo sacristão, que, também fallando de si, dizia: «Nós cá, os padres...» (authentic)

o mirandês. Para que se metteu pois a fallar d'aquillo de que não entende?

c) O Sr. Augusto Moreno consagrou tambem na *Tribuna* (vid. os numeros de 15 e de 22 de Janeiro de 1899) um artigo ao livro do Sr. Ferreira. O auctor conhece praticamente o mirandês, e faz por isso correcções acertadas. A synthese da apreciação contém-se nestas palavras: «Scientificamente considerada, a brochura do Sr. Moraes Ferreira não passa de um tentame tão audaz quanto infeliz!»¹. — O Sr. Moraes Ferreira respondeu

¹ Visto que me estou occupando de philologia, não posso deixar de fazer uns reparos a umas palavras do Sr. Moreno: «Aqui lhes confesso á puridade, diz elle, que ainda até hoje os meus ouvidos não puderam conformar-se com as palavras *pudico* e *pudica*. *Púdico* e *púdica* soava-me melhor. E, se eu mandasse, visto que é *cúbico* e *público*, é porque tambem havia de ser *púdico*». Francamente, não entendo nada, poisque *público* e *cúbico* não se parecem com *pudico* nem com *pudica*. De certo saberá o Sr. Moreno que a nossa pronúncia se regula, em geral, pela latina, poisque o português não é senão latim modificado. Ora, se em latim se dizia *publĭcus* e *cubĭcus*, com *ĭ* (*i* breve), as palavras portuguezas que lhes correspondem são *público* e *cúbico*, com o accento na antepenultima; e se na mesma lingua se dizia *pudĭcus* e *pudĭca*, com *ī* (*i* longo), é claro que a nossa pronúncia correcta é unicamente *pudico* e *pudica*, com accento na penúltima, agrade ou não agrade a ouvidos delicados. Em Camões, *Lusiadas*, II, LIII, lê-se mesmo:

A victoria trazia e presa rica,
Preso da Egypcia linda e não *pudica*

onde a rima prova (e não se cuide que Camões empregou uma *licença poetica*!) que o nosso epico tambem dizia, como devia dizer, *pudica*. O mesmo se hade notar em relação a *Thrasybulo*, etc. (latim *Thrasybŭlus*, etc.), que o Sr. Moreno tambem cita. — Não póde ser mais justa, do que é, a seguinte maxima do Sr. Gaston Paris, na sua lição inaugural de *Grammaire historique de la langue française*, p. 23: «pretender fazer a grammatica de uma lingua, sem lhe conhecer a história. . . . é renunciar a resultados scientificos».

na *Folha do Povo*, numero de 1 de Fevereiro de 1899; mas, em vez de refutar os erros que o Sr. Moreno lhe citou, limitou-se a subterfugios desgraçados.

3. Phonologia mirandesa, artigo publicado por mim na *Romania* (Paris 1889), vol. xxviii, pp. 598-620.—É, com levissimas modificações, a parte contida na *Grammatica mirandesa*, pp. 171-193, e 205-211.—A este artigo se referiu o Sr. Meyer-Lübke in *Zeitschrift für romanische Philologie*.

4. Philologia mirandesa—Historia do L, artigo publicado tambem por mim in *Revue Hispanique* (Paris 1899), t. vi.—É a parte contida na *Grammatica mirandesa*, §§ 111-113.—D'este artigo fez-se separata (1 vol., in-8.º, de 16 pp., Paris 1899).

APPENDICE V

Litteratura mirandesa local

A litteratura mirandesa local é muito pobre, como já se disse no vol. I, p. 161. Os textos que vou aqui publicar distribuem-se da seguinte maneira:

1. Um *entremés* escrito originariamente em mirandês pelo Sr. Francisco Garrido Brandão, camponês natural de Cércio. Como seu auctor não possui propriamente cultura litteraria, este texto tem o merito da espontaneidade, e revela, o menos possível, influencia da lingua portuguesa.

2. *Tradições populares*. Nestes textos distinguem-se ainda duas classes: uma, que se compõe de contos, fabulas e poesias de origem portuguesa, vertidos por várias pessoas do povo, a meu pedido, para mirandês; outra, que consta de alguns rifões e dos versos da *gaita gallega* ou *de folle*, ditos, uns e outros, sempre em mirandês. Estas duas classes tem porém o mesmo valor, por isso que em ambas collaborou o povo. É possível que os contos populares se narrem tambem muitas vezes em mirandês, e nem sempre em português, por isso que não tem fôrma litteraria tão fixa como, por exemplo, as cantigas.

ENTREMÊS — por Francisco Garrido Brandão

Já no vol. I d'estes *Estudos*, p. 30, me referi ao interessante entremês que adeante transcrevo¹. Consta de duas partes: do entremês propriamente dito, e de um prologo, a que seu auctor chama *Prophecia*, escrito em português. No entremês (em mir. *antremês*) os personagens fallam mirandês, gallego e português. Os protagonistas são *Sturiano*, palavra que quer dizer «Asturiano», e *Marcolfa*, palavra de origem germanica (não sei aonde o A. a foi buscar, talvez a alguma peça theatral antiga, da litteratura chamada *de cordel*). Segundo o que me dizem, o thema do entremês assenta em factos reaes. É curioso que *Sturiano* falle gallego, e não bable; isto explica-se pelo facto de o auctor ignorar este dialecto, e suppôr que, como o que queria era fazer que o seu personagem fallasse comicamente uma lingua estranha, o gallego bastaria.

Eis a lista dos personagens com a indicação dos idiomas de que se servem:

STURIANO, taberneiro, namorado de Marcolfa...	<i>falla gallego</i>
MARCOLFA, mulher de Jacó	<i>falla mirandês</i>
JACÓ, marido de Marcolfa	»
GASPAR, filho dos dois antecedentes	»
AMBROSIO, freguês da taberna de Sturiano.....	»
ALBERNÓ, mulher de Sturiano	<i>falla português</i>
BERTOLDIM, filho de Sturiano e Marcolfa	»
LÓRIANO (Lauriano), mendigo	»

¹ Uma pequena parte d'elle (ao todo uns 88 versos) foi já publicada, mas com muitas inexactidões, no *Dialecto mirandês* do Sr. Moraes Ferreira, Lisboa 1898, p. 33-37. Este Sr., quando soube que eu, como digo no vol. I, p. 30, havia começado a copiar o entremês da boca do proprio auctor, F. G. Brandão, apressou-se tambem a copiá-lo; porém, ao que parece, não o copiou todo.

Eis as regras que me dirigiram na transcrição do texto.

O ms., como disse no vol. 1, p. 30, foi-me enviado pelo meu amigo o Rev. José Bernardo de Moraes Calado, conego-prior da Sé de Miranda; mas eu, como também digo *ibidem*, copiei parte do entremês da bôca do proprio auctor, aqui em Lisboa, por occasião das festas do Centenario da India, em que cá vieram os pauliteiros de Miranda; a cópia chegou até o verso 182 do entremês propriamente dito. De modo que até esse verso possuo dois textos originaes: o do auctor, escrito com as naturaes incertezas orthographicas de quem, sem tradições litterarias que pudesse seguir, escreve uma lingua popular como a mirandesa; e o meu, feito segundo a transcrição phonetica que nesta obra adoto. Para ministrar aos estudiosos e especialistas documento espontaneo da orthographia mirandesa, publico o texto do auctor do ms. tal como o recebi; mas, para facilitar ao commum dos leitores a intelligencia d'elle, colloco ao lado o meu texto, com a transcrição scientifica por mim empregada: sendo até o verso 182 em conformidade com o que ouvi ao auctor, e d'ahi por diante segundo o que me pareceu que devia ser.

O texto gallego não é perfeito no original. O A. contentou-se com empregar algumas palavras gallegas, substituindo outras vezes estas pelas portuguezas respectivas, por isso que elle, como verifiquei, tem consciencia de que o gallego é portuguez. Na minha transcrição emprégo, tanto quanto pude, o gallego puro, porque da parte que colhi dos labios do auctor vi que elle, embora no ms. tenha, por ex., *fumão, vem, também, ninguém, já*, etc., pronunciava *fuman, bén, tambén, ninguén* (com -en ou com -ê), *xá*, etc.: não hesitei pois em o corrigir, deixando apenas algumas particularidades, como *cabanhola, ficastes* e outras, conforme digo em nota.

Pelo que respeita ao texto portuguez, tanto do entremês propriamente dito, como do prologo, ponho-o de

accôrdo com a pronúncia popular, sempre que a orthographia official a encobre. Julguei-me auctorizado a fazer isso, já pelo conhecimento geral que tenho da lingoagem portuguesa popular da Terra de Miranda, já pela parte do entremês que ouvi ao auctor, e cuja pronúncia notei tambem nestes pontos. Ainda assim, procedo com certa moderação.

D'esta maneira, os textos que adeante apresento são todos populares. Alem do merito do texto propriamente mirandês, por ser devido a um indigena sem grande instrucção, o entremês tem o de representar no seu conjuncto o character idiomatico da região. Como disse no vol. I, p. 158, os Mirandeses fallam mirandês, português e hespanhol, e entendem o gallego, facto este de que geralmente se gabam; como disse a p. 75, d'este volume, o mirandês estabelece transição do asturianò-leonês para o gallecò-português: ora o entremês é asturiano (hespanhol), pelo nome de um dos protagonistas; é gallego, português e mirandês pela lingoagem dos personagens.

Na apreciação da parte litteraria não entrarei, porque não publico este texto como documento de litteratura, mas como documento de lingua. Em todo o caso notarei que, sendo elle destinado *ad mores ridendo castigandos*, não deixa de revelar certa veia comica¹.

¹ Entre os versos 112 e 113 ha no manuscrito mais 24 versos (6 quadras) um tanto licenciosos, que o proprio auctor riscou, podendo porém ainda elles ler-se perfeitamente debaixo dos riscos.

STURIANO I MARCOLFA

PROPHECIA

Bôu-bos cuntar um conto,
Para entreter o serão;
Bamos falar dos öutros,
Que os öutros de nós falarão.

Já que temos tanto tempo,
Para q' hemos de star calados?
Bôu cuntar-bos a bida
Cá de dois namorados.

Mettem horror á gente,
Bê-los por esse lugar:
Rua a baixo, rua a cima,
Sempre se andam a encuntrar.

E, quando não se encontram na rua,
Logo bem [= *vem*] saindo ella;
E elle se põe logo á porta,
Muito pronto a recebê-la.

E diz-lhe d'esta maneira:
—Aonde ides, querida?
E ella diz que bem (*vem*) chamar
O cumpadre da sua bida.

E dizer-bos böu também
Para que ella o bem [= *vem*] chamar:
É somente para o fim
De s'irem embebedar.

Porq' isto só elles fazem,
Não lh'importa de mais nada;
Elles só estão a aguardar
Que o homem se bá de ca/a.

E böu dizer-bos o nome
D'este dito namorado:
Elle beiu da Esturia,
Por isso tem o nome Esturiano.

E ella também o digo
Que Marcolfa tem por nome;
Por q'rer bem um Esturiano,
Até já aborrece o homem!

E o homem, coitadinho,
Anda mui triste e chorando;
Já não lhe importa por elles,
Só quer que o bão deixando...

Porque ella tem um genio
Muito caro de aturar:
Põe-lhe o dedo no nariz,
Até que o faz calar.

Este homem, Jacó chamado,
Bem bundo/o poderá ser...
Senão, não lhe aconteciam cõu/as
Que sempre lhe estão a acuntecer.

Este Jacó tem um filho,
Póde-se chamar Gaspar;
E heís de ber como bem [= *vem*] zangado,
Capaz de os atrabessar!

E bereis como Alberνό,
Mulher do dito Esturiano,
Bem [= *vem*] com uma criança ao collo,
E um burro carregado.

A carga que traz o burro
São dois latos de gaz;
E bai chamar o Esturiano
E bereis o que ella faz.

Está alli um pöuco a 'sp'rar;
Mas já lhe parecendo tarde,
Determina ir chamá-lo
A ca/a de sua comadre.

Esta diz para o filho,
Que lhe chamam Bertoldim:
— Não deixa de estar lá,
Que elle nunca sai d'alli.

Depois de o ter chamado
Para ir descarregar os latos,
Elle diz-lhe que não bai,
Não quer saber de seus tratos.

Depois a pobre Alberνό
Bai-se d'alli mui zangada,
E se põe logo a caminho
P'r' a sua triste morada.

Depois diz para Marcolfa,
Zangada da sua bida:
— Se não fosse por me manter os filhos,
Parece-me que até a comia!

Bereis como pobre Lòriano
Bai com elles par' a adega,
E, logo que chegam lá,
Bereis o sermão que lhe prega.

E bindo Embro/fo a buscar binho
Em ca/ta do dito Esturiano,
Nãõ no topando alli,
Fica todo enraibado.

Quereis saber uma cõu/a
Que passõu o õutro dia
Com Esturiano e Macolfa,
Que deve cau/ar alegria?

Esturiano estava jogando,
E diz para o filho Bertoldim:
— Bai dizer á comadre
Que faça de m'rendar p'ra mim.

E logo que Marcolfa
Lhe chegõu este recado,
Parte logo uma chõurica,
E ao rapaz disse-lhe que era rabo.

E depois ella vai lebá-lo
Ao cumpadre da sua bida;
Mas o diacho foi comê-lo
Õutra (*outrem?*) para quem não ia!

Põu/õu-lhe o petisco alli,
Foi-se, deixõu-o só;
Mas depois d'alli a um põuco
Comeu-o Albernó.

E já não bos conto mais,
Que isto nunca se acaba;
Se fossemos a contar tudo,
Por ahi dois annos lubaba!

Por isso mesmo me calo,
Que já bai chegando o tempo
De dizerem as figuras
O certo acuntecimento.

ENTREMÊS

Original

Transcrição phonetica

MARCOLFA

MARCOLFA

Dieus bus de bunus dies
Compadre esturiano,
Já quanta que num bus bie
Cuidaba que estabades malo.

Dius bos dé bonos dig's,
Cumpadre Sturiano!
Yá quant' ha que nū bos bie!
Cuidei que stábades malo.

Agora desque mudestes
La casa para aquel lhado,
Ando ruo baixo ruo riba
Raios parta el diabo.

Agora, desque mudestes
La ca/a par' aquel lhado,
Ando rûe 'baixo, rûe 'riba...
Raios parta l diabo!

5

STURIANO

Eu, se mudei a casa,
Ca levava seu camiño,
É por causa dos rapaces,
Que me heben muito viño.

10

E non é só polo viño
É também polos cigarros:
Desde que eu sayo de casa,
Fuman como diabos!

15

MARCOLFA

MARCOLFA

E vos quando salis
Digovos la verdade,
Deixai la chabe antregue
A esta buossa comadre

I bós, cando salis,
P'ra bos dezi-la berdade,
Deixai la chab' antregue
A esta bõssa comadre.

20

Pudeis andar pul mundo
A correr e a saltar
Mas comadre cumo iou
Num la eilde encontrar.

Podeis andar po l mundo,
A correr i a saltar:
Mas comadre como yõu,
Nū la heisd' ancuntrar:

Original

Transcrição phonetica

25 Quiem bus faga las cousas
 Tanto a la buossa buntade,
 Num encontrais no mundo
 Digovuslo iou cumpadre.

Quiẽ bos faga las cõu/as
 Tant' a la bõssa buntade,
 Nũ ancuntrais no mundo,
 Digo-bos-lo yõu, cumpadre.

Porque vós eisde saber
 30 Compadre esturiano
 Que nuca (*sic*) me fui dalhi
 Quando estabades malo

Porque bós heis de saber,
 Cumpadre Sturiano,
 Que nunca me fui d'alhi
 Quando bós stebistes malo.

Vós estubistes a la murte
 A punto de abalhar
 35 E iou a laborda de vós
 Num fazie se non churar

Bós stebistes a la mörte,
 A punto d' abalhar,
 I yõu a la borda de bós,
 Derretindo-me a chorar.

Deixaba lus filhos an casa
 Estaban siempre a esperar por mi
 Mas iou nun pudie ir a lha
 40 Por nun me tirar da lhi

Deixaba ls filhos ã ca/a,
 Stábã siẽpre a 'sprar por mi;
 Mas yõu nunca ib' alhá
 Por nu' me tirar d' alhi.

Umas bezes tenie calma
 Outras vezes tenie friu
 Mas iou nun miva dalhi
 Quierovos mais que al mio tio.

Ũnas bezes tenie calma,
 Ôutras bezes tenie friu,
 Mas yõu nu'-m' iba d' alhi:
 Quiẽro-bos máis q' a l miu tiu!

STURIANO

45 Cando eu estive doente
 Vi o que me queriádes de ben:
Ficestesme una cabanhola,
 Mesmo como a de Belén!

50 Eu non tiña mal *nenhun*,
 Mas ali estaba quente:
 Estabádes vós a miña beira,
 Eu facíame doente.

Original	Transcrição phonetica	
MARCOLFA	MARCOLFA	
Vós quedavades milhor Estandes siempre malo Que vos dava el que iou tenie Del milhor e del mais malo.	Bós quedábades milhore Stardes siẽmpre malo, Que bos daba l q' yõu tenie, De l milhor i de l mais malo.	55
Olhai compadre esturiano Se estubirades siempre na cama El prusuntico milhor La mie familia num el pruvaba	Olhai, cumpadre Sturiano, Se stubírades siẽmpre na cama, L pru/untico milhore La mie família nũ l probaba!	60
Vós siempre teneis comido Aqueilhas febras mais burmeilhas Mas el mio home jaco Arreda las oureilhas.	Bós siẽmpre teneis comido D' aqueilhas febras mais burmeilhas; Mas l miu ome Jacó Arreda-le las õureilhas...	
STURIANO		
Tambén eu a vós vos dou Boas canecas de viño...		65
MARCOLFA	MARCOLFA	
Antom calhemonos ambos Queda a cunta del toucino.	Antõũ calhemo-nos ambos, Qued' a conta de l tõucino...	
STURIANO		
Pois agora, olhai, comadre, Deixemo-nos de razois: Vâmos beber unha pinga, Eu e vós ambos a dous!		70
MARCOLFA	MARCOLFA	
Hoge vamos a bussa casa E manhana a la mie dega Bós ide andando de lantre Agora quiero ver qual se nega.	Oije bamos a bõssa ca/a, I manhan' a la mi' adega: Yõu bõu andando delante; Agora quiẽro ber qual se nega...	75

Vae Sturiano deante, e Marcolfa detrás, e entram para casa de Sturiano, e diç

STURIANO

80 Ora pegai la no viño,
Bebei p'ra baixo, comadre!
E asomaivos ahi a fora,
A ver se ven o compadre.

Marcolfa pega no vinho, bebe, e depois diç

Original

Transcrição phonetica

MARCOLFA

MARCOLFA

<p>Biem me emporta ami que benga Deixaime beber outra pinga Porque inda quel cuorra e salte De la mie ideia num me tira.</p> <p>85 Porque iou compadre mio Para vus dezir la berdade Eide venir a bussa casa Quando me dir la buntade.</p>	<p>Biẽ m' amport' a mi que benga! Deixa-me buber õutra pinga, Porqu', inda q' el cõrra i salte, D' la miẽ eideia nu' me tira!</p> <p>Porq' yõu, cumpadre miu, P'ra bos dezi' la berdade, Hei-de benir a bõssa ca/a, Quando me di' la buntade.</p>
--	---

Aqui vem Gaspar zangado, e diç

GASPAR

GASPAR

<p>Se iou governara casa 90 Cumo governa mio pai Nun bus farie la bontade Cumo el bus la fai.</p> <p>Mas se me fazeis tirar Ca del (<i>sic</i>) mios cuidados 95 Dou cabo de la familia E de todos lus esturianos.</p> <p>Porque esta raça maldita Num la pudo aturar Alem de governar iou 100 Quierem eilhes governar.</p>	<p>S' yõu gobernára ca/a, Como governa miu pai, Nũ bos faziẽ las buntades, Como el bos las fai.</p> <p>Mas, se me fazeis tirar Acá de ls mius cuidados, Dõu cabo de la familia, E de todos ls Sturianos...</p> <p>Porq' esta raça maldita Nu' la podo aturare: Alẽ de governar yõu, Quĩẽrẽ eilhes governare!</p>
---	--

Original

Transcrição phonetica

Digovos la berdade
Agora todos encomum
Por via destes esturianos
Num tengo mando nium.

Digo-bos la berdade,
Agor' a todos ã comũ:
Por bias d' estes Sturianos
Nũ tengo mando niũ.

Alto:

Eide derribar la casa
Eide cahir las purtas
Eide matar els esturianos
Eidelus fazer an puestas.

Hei-de derribá' la cafa,
Hei-d' atirar culas portas,
Hei-de matar ls Sturianos,
E hei-de ls fazer ã portas!

105

Eide matar a mio armano
Eide desfulha (*sic*) a mio pai
Eide matar a mie armana
Que nun faga cumo mie mai.

Hei-de matar a miu' armano,
Hei-de desfolhar a miu pái,
Hei-de matar a mię armana,
P'ra que nũ faga cumo mię mái.

110

*Vai-se Gaspar e vem Marcolfa, chamando os pirús,
e passa pela borda da casa de Sturiano, e diz*

MARCOLFA

MARCOLFA

A compadre esturiano
Vistes parqui lus mius prus
Perdironse esta manhana
Valhame dius ai Jesus.

Ah! cumpadre Sturiano,
Bós bistes por 'qui ls mius p'rus?
Perdirũ-s' esta manhana,
Balha-me Dius, ai Jasus!

115

Marcolfa chama os pirús:

Pru, pru, pru, pru, pru,
Pru, pru, pru, pru, pru.

STURIANO

Oh comadre Marcolfa,
Os perus non están por 'hi?

120

MARCOLFA

MARCOLFA

Lus prús que iou buscaba
Estulos bendo deiqui.

Ls p'rus q' yõu buscaba
Yá ls stõu bendo d' eiqui.

Original

Transcrição fonética

You só bus buscaba a vós
 Desbelo de lus mios cuidados
 125 Nun buscaba a mais naide
 Lus prús iá estan encerrados.

Yöu só bos buscab' a bós,
 Desbélo dëls mius cuidados!
 Que nũ buscab' a mais náide..
 Ls p'rus yá stã ancerrados.

STURIANO

Pois aqui estou, comadre,
 Vós que me queredes agora?

MARCOLFA

MARCOLFA

Quiro que vaíamos a buber
 130 Cum la graça de nussa Senhora.

Quiẽro que báíamos a buber
 Cula graça de nõssa Sinhora:

Iou vou pa la casa de baixo
 Andai nun bus demoreis
 Que vós bim pudeis saber
 Lu qui a mi me fazeis.

Yöu böu pa la ca/a de baixo,
 Andai, nũ bos demoreis,
 Que bós biẽ podeis saber
 L q' a mi me fazeis.

STURIANO

135 Pois eu xa bou nun momento,
 Xá estaba pra vo-lo decer,
 Vãmos aqui por baixo,
 Escusa ninguén de nos ver.

MARCOLFA

MARCOLFA

Ide andando para baixo
 140 Cum la graça de nusso Senhor
 Que iou bou a buscar un chouriço
 Para bebermos melhor.

Id' andando para baixo,
 Cula graça de nõsso Sinhore,
 Q' yöu böu buscar ã chõuriço,
 Pra poder buber milhore.

*Vão para a adega. Aqui vem o pobre (LÓRIANO) da comadre,
 e vai também para a adega, e, chegando à porta, diz*

LÓRIANO

145 Abri a porta, tia Marcolfa,
 Que mandou o tio Jacó,
 Que me desseis ãa pinga,
 Agora que stou eu só.

Marcolfa abre a porta, e diz o pobre

LÒRIANO

É preciso cerrar a porta
A este pobre que aqui bem [= *vem*]?
Não sabeis que eu, beija [= *veja*] o q' beija,
<Que> não digo nada a ninguém?

150

Original

Transcrição fonética

MARCOLFA

MARCOLFA

Antrai e cerrai la purta
Senó iou la bou a cerrar
E ide sacando vino
Que mus emos amburrachar.

Antrai, i cerrai la pōrta,
Senó yōu la bōu a cerrar,
I ide sacando bino,
Que mos hemos amborrachar.

*Ambrosio ia à taberna buscar vinho.
Não achou o taberneiro, mas o rapaz, e disse-lhe*

AMBROSIO

Bai a chamar a tōu pai,
Di-le que stá eiqui um ome:
Que beng' atéiqui de brebe,
I di-le que nū se demore.

155

Di-le que y' ha mais de dúçes oras
Que stōu eiqui a 'spera d' él,
I que quigro múito bino...
Quigro esta calabaça d' él.

160

*Aqui vem um filho de Sturiano chamado Bertoldim,
e chama à porta da adega, e diz*

BERTOLDIM

O tia Marcolfa,
Elle stá ahi meu pai?
Que sái' até 'qui fora,
Diga-lhe que de pressa bai.

165

Sae STURIANO e diz:

Que queres tu, oh meu filho,
Que queres tu, oh Bertoldin?
Ha por ahi xente en casa,
E vens m' a chamar a min?

170

BERTOLDIM

Está alli um homem a 'sp'rar,
 Já passa de duas horas,
 E diz que bá lá de pressa,
 Que não *èsteje* com demoras.

STURIANO

175

Vai lá, meu fillo, a correr,
 Dice-ll' ô meu home que ali está,
 Que a nossa comadre Marcolfa
 Non me deixa chegar lá.

Original

Transcrição phonetica

MARCOLFA

MARCOLFA

Num anpunteis el rapaz
 180 Sin lu anchermos de vino
 Que quem quiere vien al pai
 Tamien quiere vien al filho.

Nũ ampunteis l rapaç,
 Sî l' anchermos de bino,
 Que quiẽ quiẽr biẽ a l pai
 Tamĩẽ quiẽr biẽ a l filho.

Entra Bertoldim para dentro e bebe; e depois diz

MARCOLFA

MARCOLFA

Agora baite a correr
 Toma este cacho de pam
 185 Vaite a dezir a quel tio
 Que estes que inda nun vam.

Agora bai-t' a correr,
 Toma este cacho de pã,
 Bai-t' a dezir a 'quél tiu
 Q' estes q' inda nũ bã.

Corre e leva o recado.

STURIANO

Deixaime sahir, comadre,
 Teño presa, xa me bou...

MARCOLFA

MARCOLFA

Quieto aici compadre
 190 Que vós bien sabeis quien iou sou.

Quiẽto eiqui, cumpadre,
 Que bós biẽ sabeis quiẽ yõu sõu!

*Aqui vem Jacob e Gaspar para a [adega], comendo pão e cebola,
e chegando á [adega] diç*

Original

Transcrição phonetica

GASPAR

GASPAR

Nós venimos comendo
Um cacho de pam e cevoulhas
E la nussa dega chena
Desta corja de Mariolas.

Nós benimos comendo
Ũ cacho de pã i cebolhas,
I la nõss' adega chena
D' esta corja de mariolas!

MARCOLFA

MARCOLFA

Calhate filho Gaspar
Tenes pouca caridade
Aiqui a dentro só está
El nusso pobre e el compadre.

Calha-te, filho Gaspar,
Tenes pouca caridade:
Eiqui a dentro só stá
L nõsso pobre i l cumpadre.

195

GASPAR

GASPAR

E chegam bien esses dous
Para acabar cun la cuva
De la maneira que estais todos
Burrachos como uva.

I chegã biç esses dõus
Par' acabar cū la cuba,
D' la maneira que stais todos
Borrachos cumo uba.

200

Para las escabar só sou iou
E para verer el vino son lus estu-
Mas antes de salir deiqui [rianos
Adelus llevar mil diabos.

Pra las scabar só sōu yōu,
<I> pra buber l bino <sōū> ls Stu-
Mas antes de salir d' eiqui [rianos... 205
Há-de-los llebar mil diabos!

STURIANO

Deixaio falar, comadre,
Eu cuasi que lle acho graça:
Sempre anda decendo así,
E lògo vamos ambos â caça!

210

JACÓ

JACÓ

Ja tengo dito vien vezes
Compadre esturiano
Que nun tornais a nussa casa
[Por] vias de este tirano.

Yá tengo dito biç bezes,
Cumpadre Sturiano,
Que nū tornéis a nõssa ca/a,
Por bias d' este tirano.

Original

Transcrição phonetica

215 Este rapaz ie mui malo
 [E] mui caro de aturar
 Nós dezimos a las vezes
 nusso Senhor te pudie llevar.

Este rapaç yç mui malo,
 I mui caro d' aturar;
 Nós dezimos a las bezes
 Que nõsso Senhor te podiẽ llevar.

Saem da adega todos, e Sturiano faz que quer ir para casa d'elle; e diç

MARCOLFA

MARCOLFA

Agora nun baiades parende
 220 Pouca vergonha teneis
 Acompanhestesme até baixo
 Acompanhai-me agora se quereis.

Agora nũ báiaades par' ende,
 Põuca bergonha teneis:
 Acumpanhestes-m' até baixo,
 Acumpanhai-m' agora, se greis.

STURIANO

Aonde vamos, comadre,
 Aonde vamos, querida?

MARCOLFA

MARCOLFA

225 Vamos para mie casa
 Compadre de la mie vida.

Bamos para miç cafa,
 Cumpadre d' la miç bida.

Vão para casa de Marcolfa; e diç

JACÓ

JACÓ

Ora se vós compadre
 Num queredes aqui tornar
 Por vias d'aquel tirano
 230 Desse mio filho Gaspar.

Ora se bós, cumpadre,
 Num qredes eiqui tornar,
 Por bias d' aquél tirano,
 D' esse miu filho Gaspar!

Pobre LÓRIANO

E tem razão, tio Jacó,
 Que o bosso rapaz é mui mau:
 Se elle fosse meu filho,
 Já lhe daba co' este pau.

Original

Transcrição fonética

GASPAR

GASPAR

Calhate pobre demonio
Tamiem sós a contra a mi
Ja te ferro un puntapie
Se nun te tiras daiqui.

Calha-te, pobre, — demonio!
Tamiẽ sós a contra mi!
Yá te dõu ã puntapie,
Se nũ te tiras d' eiqui...

235

O pobre va-se, e diẽ:

Eu ja me bõu d'aqui,
Adeus, adeus, tia Marcolfa!
Por ãa reles põufada,
Scufo de õubir esta solfa.

240

*Aqui vem Alberno, mulher de Sturiano,
com um burro, e uns latos em cima do burro, e uma criança ao collo;
e chegando a casa de Sturiano diẽ:*

Ó Sturiano, sái cá fóra,
Que já chegõu a bagagem:
Bem-me descarregar os latos,
Que eu tenho põuca coragem.

245

Sái Bertoldim, e diẽ:

Olhe que o pae não está aqui,
Eu digo-lhe a berdade...

ALBERNÓ

Então facelmente stá
Lá p'ra cafa da comadre!

250

Alberno vai chamá-lo a casa da comadre, e diẽ.

Ó comadre Marcolfa,
Elle stá ahi o Sturiano?
Nunca ha-de sahir d'ahi...
Raios parta o Diabo!

Sae Sturiano e diẽ:

Tu que me queres, Alberno,
Que tanto estás a chamar?

255

ALBERNÓ

Tenho os latos no burro,
Bai-os descarregar.

STURIANO

260

Non me importa polos latos,
Nen tampouco xá por ti,
Vai-os ti descarregar,
E tirateme xa daqui.

ALBERNÓ

265

Isso sabia-o eu,
Que me dabas esse galardão!
Anda... que, se o sei,
Não te binha chamar, não.

270

Em entrando para aqui,
Sei eu já como tu fazes:
Nunca bos tirais d'aqui,
Entre tu e os rapazes.

Por isso é que me eu calo,
Porque me mantem¹ a família,
Que senão, não me calaba:
Parece-me que até a comia!

Original

Transcrição fonética

MARCOLFA

MARCOLFA

275 Calhaivos demonio mulhir
Parece que nun sodes mie comadre
Idevos para casa
E deixai estar el compadre.

Calhai-bos, demonio-mulhigr,
Parece que nũ sodes mię comadre!
Ide-bos para ca/a,
E deixai star l cumpadre!

¹ [Refere-se a Marcolfa].

ALBERNÓ

Inda lhe custa p'lo pöuco,
O demonio da mulher!
Eu ja me böu para ça/a,
Faça d'elle o que quifer!

280

Vae-se Albernó. Sae Marcolfa e Sturiano. E di:

Original

Transcrição phonetica

MARCOLFA

MARCOLFA

La bussa mulhir compadre
Parcie que venie danhada
Cuidava que el devien
Por ahi algua cevada.

La bõssa mulhiçr, cumpadre,
Parciç que benig danhada...
Cuidaba que l' debiç
Por hi algũa cebada...

285

STURIANO

A nosa vida, comadre,
A todos dá que entender...

MARCOLFA

MARCOLFA

Mais tontos somos nos
Da-la tanto a conhecer.

Mais tontos somos nós
Dá-la tanto a coincer...

290

JACÓ

JACÓ

A este traste manhoso
Nun el pudo tirar la manha
Se agora na coresma nun imenda
Ai que data me apanha.

A este traste manhofo
Nũ l' podo tirá' la manha!
S' agora na coresma nũ eimenda,
Ai que data m' apanha!

STURIANO

Eu xa me vou d'aqui.
Valha-o Deus, oh compadre!
Non vaa por causa miña
Talvez matar a comadre!

295

Vem ALBERNÓ e diŕ:

300 Inda não saís d'ahi,
Balha-te Deus, Sturiano :
Para tu stares á böua bida,
Olha eu que röupa trago!

305 O que te bale a ti é
O tio Jacó ser como os rapazes :
Senão na sua preŕença
Não fazias o que fazes!

Original

Transcrição phonética

GASPAR

GASPAR

Iou ia estou emfadado
De tanta cousa ver
Vai-se admirar la gente
310 Del que iou vou a fazer.

Yöu yá stöu anfadado
De tanta cöu/a ber:
Bai-s' admirar la gente
De l q' yöu böu a fazer!

Vou a matar lus esturianos
A tira-los deste mundo
Arrancalle las orelhas
E punela (sic) al fumo.

Böu a matar ls Sturianos,
A tirá-los d' este mundo,
Arrancá-le las öureilhas
I poné-las a l fumo!

315 Por via d'esta vil raça
Nunca mos chega el pan
La culpa tenan-la mios pais
Dale la liverdade que el dan

Por bias d' esta bil raça
Nunca mos chega l pã!
La culpa téng-la mius pais,
Dá-le¹ la liberdade que l' dā.

Quando mie mai amassa
320 Entran alhi lus esturianos
E quando salan para fura
Traiam um volho nas manos.

Cando mię mai amassa,
Entrā alhi ls Sturianos:
I cando sálę para fōra,
Tráię ũ bolho nas manos.

Aqui vem Bertoldim de casa de Marcolfa com um bolo correndo na mão, e diŕ:

325 Deram-me este bolo ainda agora,
Que Deus lh'o pagará.
Ai! ah tia Marcolfa,
Benha bindo para cá!

¹ [A Asturiano].

ALBERNO

Deixa ber, meu filho, o bolo,
Que o hemos de comer:
Se não stá bem cozido,
Que se acabe de cozer!

330

Come

Oh! que bolo tão bom!
E que miolo elle tem!
A mim estes bolos quentes
Sempre me sabem bem!

A tia Marcolfa é ãa mulher...
Tem de má e tem de böua...
Como bá dando bolos,
É uma boa pessõua!

335

Por isso é que me eu calo!
Soccórre-me muito, entendeis?
Que senão, não me calaba
Nem por um conto de reis!

340

Diç para Jacob:

Ó cumpadre Jacó,
Como não deia em begiar,
Berá o seu prefunto
O pago que bae lubar!

345

Porque o öutro dia em minha ca/a,
Em cima d'aquella me/a
Staba alli um lenço,
Sim, que tinha ãa pre/a:

350

Eram ovos com prefunto;
O petisco não era mau!
E stabam mettidinhos
Entre dois bocados de pão.

Pos/e-os alli a vossa tia
(Ella pensa que eu que não sei!)
Mas eu pos-me a comer nelles,
Até que me fartei!

355

Original

Transcrição phonetica

JACÓ

JACO

La vida de eilhes seila iou
 360 Mas iou que le eide fazer
 Tengo que me calhar
 Que alas vezes quier-me bater

La bida d' eilhes sei-la yôu!
 Mas yôu que l' heide fazer?
 Tengo que me calhar,
 Q' a las bezes quier-me bater.

Iou ando mui anobrado
 A punto de morrer
 365 Já tengo passado a tres dies
 Sim comer nin beber.

Yôu ando mui anubrado,
 A punto de morrer!
 Yá tengo passado a tres dies
 Sî comér nî buber!

ALBERNÓ

370

Sim, terá, sim, coitadinho!
 Qua/í que me dá dó de si!
 Desde que se querem ambos,
 Acontece-lhe como a mim!

Sabe Deus o que cá bai,
 Ó cumpadre Jacó!
 Eu também passo as minhas,
 Que não as passais bós só!

Escondem-se. Aqui vem Marcolfa e Sturiano; e diŕ

MARCOLFA

MARCOLFA

375 A compadre esturiano
 Tenemos tuvido fortuna
 Ia tanto tiempo que nos queremos
 E nun mos a vido gente niun-a.

Ah! cumpadre Sturiano!
 Tenemos tubido fortuna:
 Y(á) ha tanto tiempo que mos qremos,
 I nū mos ha bido gente niūŕa.

Mas agora si desconfian,
 380 Porque el mio tio ia lo save
 Olhai se vos guardais del
 Nun armeis algun-a compadre

Mas agora si, descunfiã,
 Porque l miu tiu yá lo sabe:
 Olhai se bos guardais d' él,
 Nū armeis algūŕa, cumpadre!

Nós pudemonos querer vien
 E pregala vien pregada
 385 Aguardamos mais uns vies
 Até que se anpece la arada

Nós podemo-nos qrer biŕ,
 I pregá-la biŕ pregada:
 Őuardamos mais uns dies,
 Até que s' ampece l' arada.

Original

Transcrição phonetica

El apuis vai por alhá
 Anda todo el die arar
 E nós quedamos an casa
 Siempre la estamos a pregar

Él apuis bai por alhá,
 Anda todo l dię a (a)rar,
 I nós quedamos ā ca/a:
 Siępre la stamos a pregar! 390

Olhai compadre esturiano
 Quando lo veiades salir
 Olhai selo teneis vien de ulho
 A ver para donde quiere ir

Öulhai, cumpadre Sturiano,
 Cando lo béiades salir,
 Öulhai se lo teneis bię d' olho,
 A ber pra donde quięir ir.

STURIANO

N-isso non temos nós dúbida, 395
 Ese coidado teño-o eu:
 El non vai para parte
 Que non o vexa eu.

MARCOLFA

MARCOLFA

Iou ia nun fago couso (*sic*)
 Del que la gente diga
 Iou só quiero a mio compadre
 Ai compadre de la mie vida.

Yöu yá nū fago cau/o
 De l que la gente diga: 400
 Yöu só quięro a miu cumpadre,
 Ai! cumpadre d' la mię bida!

NOTAS AO ENTREMÊS

1. *dé*, pres. do conj. de *dar*: assim ouvi, mas na GRAMMATICA, p. 430, tenho *déia*, como também ouvi.

3. Esperar-se-hia *hai* por *ha*.

4. *malo*, «mal de saude». Cf. adeante, p. 315.

6. Variante que ouvi ao auctor: *De cafa pa l' öutro lhado*.

7. O *a* de *abaixo* e o de *arriba* foram absorvidos pela vogal precedente: cf. GRAMMATICA, § 38.

8. *Raios parta* é uma expressão petrificada, como nos contos *era uma vez*, embora o sujeito esteja no plural. O corrente seria *pártá*.—Tambem em português se usa a mesma expressão na língua popular.—Cf. v. 254.

9. Note-se que em gallego, nesta palavra, como nas outras em que o *s* é intervocalico, este se pronuncia *ss*. De facto o ms. tem *cassa*. Mas, como disse no texto, não posso deixar de seguir a orthographia gallega nos casos em que ella não estiver em completo desacôrdo com a pronúncia do narrador.

10. O narrador pronunciava *lubaba*. O *Diccionario gallego* de Nuñez tem só *levar*, mas é provavel que na Galliza se diga *lovar*, isto é, *lubar*, do mesmo modo que se diz *somana* por «semana».—O texto do ms. tem este verso assim:

Cá leva seu caminho

mas eu pus como ouvi ao auctor.

11. No ms.:

E por via dos rapaces,

mas o narrador dizia como indíco.

12. *viño*. Escrevo com *v*, comquanto a pronúncia, quer do narrador, quer dos gallegos, seja *b*. Não altero a orthographia usada na Galliza: de facto, desde o momento que se estabelece que *v* soa *b*, nada ha que mudar. O mesmo acontece com o hespanhol.

13. Escrevo *non*, segundo a orthographia gallega, mas a pronúncia do narrador era *nun* ou *nũ*.—Tanto neste verso, como no seguinte, o ms. tem *pelo*, mas o narrador dizia *polo*.

17. Em mir. diz-se *cando* e *quando*.

18. Preferi esta lição, que é a que ouvi ao narrador, á do ms.

19. Ao narrador ouvi este verso assim:

Que nũ deixais la chab' antregue

em interrogação.

27. Aqui ouvi *no*, não *ne*.

28. A pronúncia propriamente é, como ouvi: *digo-bos-lhyöu*, o que se explica pelo § 87-a da GRAMMÁTICA: *lo yöu > l' yöu = lhyöu*; o *l*, ao contacto da semi-vogal, palatizou-se.

32. *Stebistes*: assim ouvi. D'ahi vem *stubistes*, que se acha na GRAMMÁTICA, § 270.—Preferi a lição que apresento, que é a oral, á do ms., por causa da exactidão metrica.

36. É indifferente adoptar esta lição ou a do ms.—*Derretindo* é participio de *derretir*, «derreter». Cf. hesp. *derretir*.

38. Escrevo *'sprar* porque a palavra, quando independente, pronuncia-se *asprar*; aqui o *a* foi absorvido pelo precedente.

40. *Nu' me* por *nũ me*. O mesmo noutros passos. A nasal foi absorvido pelo *m* seguinte. Cf. GRAMMÁTICA, § 38.

45. Em gallego ha *estive* e *estiven*.

47. Comquanto em gallego corrente se diga *fixeche*, o narrador pronunciava *ficestes* (no ms. *fizestes*). Entendo não dever alterar. *Cabanhola* é mirandesismo; o gallego diz *cabana*, como em português; o diminutivo gallego usual d'esta palavra é *cabaniña*.

48. Em vez d'este verso o narrador dizia «Como a do menino em Belen», mas preferi a lição do ms., por ser mais correcta.

49. Em gallego diz-se *nengun* e *ningun*; a fôrma *nenhun* é portuguesismo. Os Mirandeses tem consciencia de que o gallego é em certos casos mais vizinho do português do que o mirandês. Em mirandês diz-se *ningũ*, *nũ ã*, *niũ*: GRAMMÁTICA, § 202.

51. O narrador dizia *stabeis*. Conservei a lição do ms., por ser melhor.

55. No ms. vê-se *el*, que deve pronunciar-se *el* (GRAMMÁTICA, § 198-a). No entanto o narrador pronunciava como transcrevi.

66. No *Diccionario gallego*, de Nuñez, não encontro *caneca*; todavia é possível que a palavra seja realmente gallega, como é portuguesa.

70. Escrevo *razois*, com o *z*, segundo a orthographia gallega, mas melhor seria escrever *raçois*, com *ç*. O narrador pronunciava *rações*, fazendo um mixto de gallego e português.

71. O narrador pronunciava *buber*. Cf. a nota ao verso 10.

72. O narrador pronunciava *ambos i dois*, isto é, *ambossidois*. Todavia nos escritos gallegos que consultei acho *dous* e não *dois*. Curros Henriquez, *Aires d'a miña terra*, La Coruña 1886, p. 52, tem *ambos a dous*.

78. O narrador dizia *bubei*. É provavel que também assim se diga na Galliza, mas adoto a forma que encontro nos livros gallegos que consultei.

79. Não encontro nos dictionarios gallegos o verbo *asomar*; todavia, como elle existe em português, conservo-o aqui.

84. Sobre *nu' me* vid. a nota ao verso 40.

86 e 88. *Dezi' la* e *di' la* por *dezir la* e *dir la*: vid. GRAMMÁTICA, § 256.

91. No ms. *farie*; o narrador pronunciava *fañe*.

106. Ha, como se vê, uma pequena differença entre o ms. e a versão oral.

110. *desfolhar*, «esfolar»: < lat. *de-ex-follare.

128. Emendei *quereis* (como também ouvi) em *queredes*.

150. Colloco entre parenthesis angulares a palavra que pôde supprimir-se sem alteração de sentido, e com melhoria do metro.

154. Á cêrca de *hemos amborrachar*, «havemos de emborrachar», vid. GRAMMÁTICA, § 309-B-a.

155-162. Estes versos, com a respectiva explicação em prosa, não vem no ms., mas tudo me foi assim dito pelo narrador.

163. O narrador deu-me aqui esta explicação: que o filho de Asturiano falla português, por ter nascido em Portugal.

164. *Elle stá ahi meu pai*. O pronome *elle* usa-se pleonasticamente na nossa linguagem familiar em circumstancias analogas a esta. A sua função vê-se melhor em orações impessoaes, ou em casos em que o sujeito esteja no plural ou seja de outro genero, por ex.: «elle agora fallou», «elle as cousas não correm como a gente quer».— Cf. v. 252.

165. No ms. lê-se *Que saia até aqui fora*, mas o narrador, ditando, empregava a lição que adoto.

171. *Êstá*: assim ouvi, com *è*, ou com *ê*, na primeira syllaba. É claro que temos aqui pronúncia emphatica. Cf. *êsteje*, no v. 174.

174. No ms. lê-se *esteje*; o narrador dizia *êsteja*: adopto *êsteje* que representa aquellas duas. Na lingua vulgar de Portugal usa-se tambem *esteje* (*steije*, etc.).

185. Como em mirandês não se faz crase de *a + a* (vid. GRAMMÁTICA, § 38), o ms. tem *a quel = a (a)quel*: o *a* que escrevo entre parenthesis não se pronuncia. Identica observação se ha-de fazer a respeito de outros versos em analogas circumstancias.

202. A expressão mirandesa mais corrente é *borracho cum' ũ bóto*, «borracho como um odre». Com o mir. *bóto* cf. o hesp. *boto*, «pellejo para echar vino, etc.» (*Diccionario de la Academia*), o ital. *bottina*, *bottiglia*, fr. *bouteille*. Viterbo, no *Elucidario*, ao definir *embolhas*, diz: «*bottas* de vinho, muito maiores que odres, feitas de couro». A ideia de recipiente e a de calçado foram aproximadas uma da outra por metaphora.

210. O ms. está só roto no princípio do verso.

219. *Par' ende*, «para ahi».

234. No original está por engano *malo e palo*.

236. Não sei se a expressão *a contra* é corrente.
252. *Elle stá ahi o Sturiano*. Cf. v. 164.
254. *Raios parta o Diabo* é phrase estereotypada. Cf. v. 8.
257. *Lato* (em mir. *lhato*), vasilha de lata para azeite. Palavra usada em Terra-de-Miranda, pelo menos.
260. No ms. lê-se *tu* em vez da fôrma gallega *ti*.
270. *Entre tu e os rapazes*, «tu e mais os rapazes», «tu, e contando também os rapazes».
293. Na *coresma*, «quaresma», por ser tempo de penitencia.
322. *Bolho*, «bolo».
344. *Deia*, fôrma usual na lingoagem popular por «dê».
355. No ms. lê-se *posios*. É modo de dizer muito vulgar no país por «pô-los». Cf. *Dialectos beirões*, v, 23.
357. *Pos*, «pôs». Cf. v. 355.
363. *Anubrado*, propriamente: «ennevoadado». Corresponde a *asselumbrado*, isto é, «assombrado», «espantado», etc.
365. Aqui *a* é preposição. A phrase corresponde a *a ls tres diēs*.
378. *Bido*, «visto». GRAMMÁTICA, § 272.
386. *Arada*, «lavrada» (subst.). A palavra hoje acha-se circumscripção a certas regiões; outr'ora foi porém mais geral, como o prova o conhecido romance que começa:
- Vindo o lavrador da *arada*,
Encontrou um pobrezinho...
- A mesma palavra existe também em gallego e hespanhol.—Cf. *arar* no v. 388.

II

Tradições populares mirandesas

A) CONTOS (E FABULAS)

A palavra mirandesa que corresponde á portuguesa *conto* é *çonta*, — «cuntar ãña çonta». Alem de contos propriamente ditos, publico adeante tambem tres fabulas, ou contos de animaes, no gôsto esopico.

1. *Conto de Mariç de l Palo*

Era ãña beç ã tiu que staba caçado, i era la filha mui guapa, i queriç-se namorar d' eilha, i apuis morriu-se la mai d' eilha, i quedou la filha sola, i queriç l pai fazer zumbariç d' eilha, i apuis la filha fui-s' a cunfessar a l cunfessor:

—Z-ah!¹ miu cunfessor: miu pai queriç fazer zumbariç de mi!

—Di-l' a tou pai si ye capaç de traier aqui ã bestido que tenga tantas flores cum' arenas tẽ l mar.

Depuis bai a dezir a sou pai que era suç amiga, se le traia ã bestido cõ tantas flores cum' arenas tẽ l mar.

—Pus si², miç filha!

Depuis l pai chubiu-se³ ne l cavallo i fui ã cata de l bestido. Depois ancuntrou ã meio de l camino ã camara da que le pròcurou⁴ par' onde iba⁵.

¹ Sobre este ç- vid. GRAMMATICA, § 39.

² «Pois sim».

³ «Subiu-se», «montou».

⁴ Tambem se diz *precurou*.

⁵ «Ia».

—Z-böu ã cata d' ã bestido que tenga tantas flores cum' arenas tẽ l mar.

—Bai para ca/a; l bestido alhá¹ t' irá.

Chigöu l pai a ca/a, i l bestido yá 'lhá staba. La filha, 'sque² biu l bestido, toda s' admiröu. Fui a l cunfessor:

—Ah! miu cunfessor: l bestido yá stá ã ca/a.

—Z-di-l' a töu pai que traga ã bestido que tenga tantas flores, cumo tẽ l campo.

Fui la filha para ca/a:

—Z-ah! miu pai: hei-dẽ ser sũe amiga, se me traiïra³ ã bestido que tenga tantas flores, cumo l campo.

—Pus si, miẽ filha.

Torna l pai a saber de l bestido, i ancuntröu l mesmo camarada que le preguntöu aonde iba.

—Böu a saber d' ã bestido cũ tantas flores cumo l campo.

—Bai para ca/a, l bestido alhá t' irá.

Quando l pai chigöu, yá l bestido staba ã ca/a. La filha, 'sque biu l bestido, toda s' admiröu, i fui dezi-l' a l cunfessor.

—Di-l' a töu pai que te traga ötro bestido que tenga tantas flores cumo streilhas tẽ l ciẽlo.

—Z-ah! miu pai: hei-dẽ ser bõssa amiga, se me traïr-des ã bestido que tenga tantas flores cumo streilhas tẽ l ciẽlo.

—Pus si, miẽ filha.

Fui l pai a saber de l bestido, i ancuntröu l mesmo camarada que le pröcoröu aonde iba.

—Böu saber d' ã bestido que tenga tantas flores cumo streilhas tẽ l ciẽlo.

¹ «Lá».

² «Desde que».

³ Assim ouvi. Na GRAMMATICA, p. 439, tenho *traïra*, que também ouvi.

—Z-isso ye malo d'arranjar, mas tengo yôu ûña filha que ye santa, i bai buscar l bestido a l ciêlo; mas bai para ca/a, que l bestido alhá t'irá.

Quando él chigôu, yá l bestido staba ã ca/a. La filha, 'sque biu l bestido, toda s' admirôu, i fui pa l cunfessor:

—Tengo û bestido ã ca/a q' acupa ûña sala¹.

—Z-bai a l carpinteiro milhor q' haba².

Fui la filha para ca/a, dixo-l' a sôu pai:

—Z-ah! miu pai: deimingo³ heide ser bôssa amiga.

—Pus si, miç filha.

Depuis sôu pai teniç múita buntade que chigasse lhôugo⁴ l deimingo, i la filha mandôu fazer ûña caixa a l carpinteiro para se meter ã drento. Depois la filha todos ls diçs iba ã ca/a de l carpinteiro a preguntá-le s' yá staba la caixa feita. L carpinteiro dixo-le que inda faltabã las manos (porque l carpinteiro faziç ûña caixa cumo era eilha). Sôutro⁵ diç fui-l' a preguntar s' yá teniç la caixa feita. Dixo-le q' inda faltaba la cara. Sôutro diç tornôu-l' a preguntar que le faltab' a la caixa. Tornôu-l' a dezir que inda faltabã ls ôlhos. Sôutro diç tornôu-l' a preguntar que le faltab' a la caixa. Faltaba l nariç. Tornôu-le inda ôutro diç a preguntar que le faltab' a la caixa: que inda le faltaba la boca. Tornôu-le ôutro diç a preguntar que le faltab' a la caixa:

—Z-agora yá la podes lhebare, que yá stá pronta.

La moça agarrôu la caixa i metiu-se neilha, i scapôu co' eilha po lo mundo. Chigôu a la porta d' û rei, i pediu-le pôufada; mandórû-l' antrar pa <l>⁶ lhume,

¹ Pronuncia-se: *acúpãûña sala*.

² «Haja».

³ «Domingo». Também se diz: *doimingo*, *duimingo*. São casos de metaphonia.

⁴ «Logo».

⁵ «Outro».

⁶ Aqui o *l* do (artigo) não se pronuncia.

i eilha sentôu-se a <1> lhume, i agarraba de l seno¹ la granina² de las urzes, i botaba-las ne <1> lhume, i deziç q' erã piolhos. Depois dixo-le se q'riç ampreitar³ ũa criada pa las parras⁴. Dezirũ-le que si. Sôutro diç po la manhana furũ co' eilha para ũa cortina⁵, i teniç la cortina ũ chafariç; eilha bestiç-se múi guapa, apuis que s' ibã ls amos de la cortina: peinaba-se⁶ múi peinada, i assiaba-se mui assiada, i chamaba las parras, i deziç-le par' eilhas:

Parrinh' aqui,
Parrinh' alhi,
Se l filho de l rei benira,
Namoraba-se de mi!

I depois dezirũ⁷ las parras:

Si, sinhora, si!

I las parras que nũ deziç *si, sinhora, si*, agarraba-las, i afogaba-las ne l chafariç; agarraba-las i lhebaba-las para ca/a, i antregaba-las a l amo.

—Z-ah! Maçiç de l Palo! Tu que fais⁸ a las parras?

—Caiç-se-me ne l chafariç.

Tod' ls diç lhebaba las parras mortas para ca/a. Le princepe mandôu fazer tres romariçes, para s' ca/ar, para

¹ «Seio». Lat. sĭnu-.

² «Baga» (da urze). √grānu-.

³ «tomar», «acceitar» (por ajuste).

⁴ «patas».

⁵ «Campo da porta». No Minho, etc. «cortinha». Lat. *cortina (√cohors).

⁶ «penteava-se». De *peine* < lat. pectine-.

⁷ Assim ouvi, mas a syntaxe exigia *deziç* em vez de *dezirũ*.

⁸ «Fazes».

achar moça bonita, i Marię de l Palo sôubo que las fazię, i fui a dezir a la mai de l princepe que eilha que tamię querię ir. La mai de l princepe dixo-le que le fura preguntar a l princepe se la deixaba ir.

—Se te deixa ir, bai.

Preguntôu-l' a l princepe:

—Ah senhor princepe, deixe-me ir a la romarię.

Quando Marię de l Palo chigôu, staba él c' ũna bota na mano.

—Se Marię de l Palo nũ bai alhá, nũ se fai la romarię!... Lhebas co' esta bota po la cara!

Marię de l Palo fui pa la mai de l princepe i dixo-le que l princepe que nũ la deixaba ir.

—Z-olha, bai, mas nũ te deixes ber d' él.

Depuis l amo fui a la romarię, i eilha tamię fui. Chigôu a l meio de l camino, atirôu cul palo¹ para ũna cortina; lhabôu-se múi lhabada, i peinôu-se múi peinada, i assiôu-se múi assiada, i bestiu l bestido que tenię tantas flores cum' arenas tẽ l mar. Fui nũna cidade, i ajuntôu-se múita moça: s' ũnas erã múi guapas, ôutras erã múito mais; mas cum'² Marię de l Palo, nu' era ningũna. L princepe iba falar cũ todas; mas cũ Marię de l Palo era cũ quię gastaba l tiępo. Falaba culas ôutras, porque nũ parcira malo a las ôutras, i purguntôu-le de d' onde era:

—Ó nina, d' onde sodes?

—Sôu de la *tięrra de la bota*.

—Z-ond' yę la *tięrra de la bota*?

—Yę por essas tięrras a riba.

Derramôu-se³ la romarię, i fui l princepe para cafa. Quando l princepe chigôu a cafa, yá Marię de l Palo

¹ «Pau», «madeira», isto é, com a caixa de madeira dentro da qual ella costumava andar.

² *Cum'* ou *cume*. Vid. VOCABULARIO, s. v. *cumo*.

³ «Desfez-se», «dissolveu-se».

alhá staba sentada a la squina assando piolhos, i dixo la mai a l príncepe:

— Antõũ, miu filho, cumo stub' isso?

— Z-múito biç, miç mai. Z-habiç ûña moça múi guapa.

— Z-d' ond' era?

— Diç que era de la *tierra de la bota*. Bõu por esses lhogares a riba, a ber se l' ancontro.

Chubiũ-se ne l cavallo i fui a saber d' eilha. Preguntõu pela' *tierra de la bota*, que nũ l' ancuntraba; naide² le daba rezõũ d' eilha. Fui múi anraibado para ca/ã, i chigõu a ca/ã i dixo-l' a sũç mai:

— Yõu nu' acho la *tierra de la bota*. Z-manhana³ bõu fazer õutra romariç.

Tornõu Mariç de l Palo a preguntar-le se la deixaba ir. L príncepe staba a scobar ûñas calças, i õufreciu-le co' a scoba. Tornõu pa l' ama, i dixo-le que nũ la deixaba ir. Mas fui cumo da õutra beç, i bestiu l bestido que teniç tantas flores cumo l campo. Todas erã múi lindas, mas eilha múito mais. L príncepe iba falar cũ todas, mas mais cũ eilha. Preguntõu-le d' ond' era, i eilha dixo-le que era de la *tierra de la scoba*. Quando l príncepe fui para ca/ã, yá eilha stab' <a> assar piolhos. La mai preguntõu a l príncepe:

— Antõũ, que tal stub' isso?

— Stubo todo múi bõno; se la d' onte era múi guapa, la d' oije inda múito mais: dixo que era de la *tierra de la scoba*.

Fui ã cata d' eilha, naide le daba razõũ d' eilha. Fui para ca/ã tod' anraibado. Chigõu a ca/ã, i dixo que manhana tornab' a fazer õutra romariç. Tornõu 'tra⁴ beç

¹ Assim ouvi. Será portuguesismo em vez de *pula*.

² «Ninguém».

³ «Amanhã».

⁴ = *õutra*. O *õu* inicial fundiu-se com o *õu* final da palavra antecedente.

Marię de l Palo a preguntá-le se la deixaba ir. Staba cū chapeu na mano: «S' ib' alhá, que l' atiraba co él a la cara». Marię de l Palo fui, i bestiu l bestido que tenię tantas flores cumo stréilhas tē l cięlo. S' ũņas erā mui guapas, eilh' ind' era mais. Falaba [l princepe] cū todas, mas co' eilh' inda mais. Preguntōu-le d' ond' era: dixo que era de la *tięrra de l chapeu*. Fui para cařa. Eilha stab' <a> assar ls piolhos ōutra beç. Preguntōu-<l'> la mai que tal stub' aquilho:

—Stub' bię; se la de ls ōutros dięs era mui linda, aqueilh' ind' era mui to mais.

—D' ond' era?

—De la *tięrra de l chapeu*.

Fui [l princepe] saber de la tięrra: naide le daba rezōu d' eilha. Chigōu a la cařa, i ampuntōu¹ la Marię de l Palo culas parras; cada dię le traię parras mōrtas. L princepe dixo pa la mai q' iba ber Marię de l Palo que fazię a las parras. Bē por trās d' ũņa paredē i biu-la star mui guapa: staba eilha somada² <a> ũņa parede, i eilha dęsque l biu metiu-se ne l palo i deixōu ũņa fita fora.

—I esta fit' eiqui³ para que la quięres, ó Marię de l Palo?

—Pu/-me-l' eiqui la Sinhora de l Palo, para que par-cira bię.

Fui l princepe para cařa i fizo-se mui malo [isto é, «doente»]; dixo que nū comię nada sī ser ũņa palomba⁴ po las manos de Marię de l Palo. Chigōu Marię de l Palo a cařa, i dezirū-le que l sinhor princepe staba mui malo, que nū comię nada sī ser po la sũę mano, q' habię de gui/ar ũņa palomba i lheba-l' a la cama.

¹ «mandou embora».

² = assomada.

³ «Aqui».

⁴ «Pomba». Feminino de *palombo* < lat. *palumbu*-.

—Z-ora eu, nũ la guiô! Stõu chena¹ de piolhos, i boto-los alhá! S-pus² si, fago-la, mas heis-bos ir todos d' eiqui.

Puis³ fizo la comida i fui-la lhebar a la cama d' él. Puis agarrõu-la [l princepe] pa la cama, i deitõu-se co' eilha.

[Conto ouvido por mim em Duas-Igrejas].

2. Conto da princesa e da velha

Era ũna beç um rei i teniẽ ũna filha, i depois staba cũ sũe mái no jardĩ, peinando-se ambas a dũes c' ũ peĩne d' ouro, i dixo la mái pa la filha:

—Olha, este peĩne quiẽ te lhebar ha-de ser quiẽ ha-de caſar cuntigo.

Depois la mái murriu, i la filha cul peĩne guardado. Achõu-se doliẽte⁴, i tã doliẽte q' yá staba ã finamente spedida de todo, e dixo ũna biẽlha bezina⁵:

—Yõu bõu a bé' la sinhora princeſa.

Depois dixo-l' a gente d' eilha que nũ fuss' alhá, q' eilha nũ fallaba a las õutras, quanto mais a eilha, q' era biẽlha! I respõdiu la biẽlha:

—Quiẽ sabe l que m' a mi assecederá⁶ po l camino?

I nũ chigõu la biẽlha a l palacio sĩ cair ne camino a ũ rigueiro, i fui a bater a ũ⁷ palacio, adond' ancuntrõu ũna sala fermoſa cũ tres camas armadas, ũna azule, õutra branca, õutra bermẽilha; e depois antrõu a ũna cozinha

¹ «Cheia». Lat. plena.

² Sobre o valor do *s-* vid. GRAMMATICA, § 39.

³ «Depois».

⁴ «Doente».

⁵ «Vizinha». Port. arch. *vezinha*. Lat. vicina-.

⁶ «Succederá».

⁷ Pronuncia-se *ãu* (ditongo nasal).

i ancuntröu ũ jantar pronto, i fui a tirar d' él i öubiũ ũña¹ boç que perguntaba:

—Quiẽ me come?

—Ũña biẽlha.

—Dai neilha!

La biẽlha retiröu-se pa la sala, adonde stabã las camas, metiu-s' ã baixo d' ũña, i nisto benirũ tres palombos, batirũ las alas² i fazirũ-s' ã tres moços, i ponirũ-s' a jantar, i depois que jantörũ furũ a come-la fruita, cada ũ sua maçana, i sobröu ũña, i dixo l palomb' azul:

—Esta era pa la sinhora prince/a; mas, a eilha nũ star aqui, comerei-la yöu.

Depois comiu-la, i tornörũ a batẽ-las alas, i furũ-se ls palombos. La biẽlha fui a dá' la noticia a la prince/a de l que le teniẽ acuntecido po l camino, i la prince/a, scuitando la biẽlha, ampeçou a melhorar, i lhebantöu-se, i fui co la mesma biẽlha a ber se tornab' a chigar a l mesmo palacio, cumo de feito que chigörũ: dörũ bolta ambas a dües, i furũ a la cozinha, i tornörũ öutra beç a tirar do jantar, i öubirũ ũña boç:

—Quiẽ me come?

—Ũña biẽlha.

—Dai neilha.

Depois fui antöũ la prince/' a tirar.

—Quiẽ me come?

—La sinhora prince/a.

—Puis que coma, i que beba.

Depois furũ pa la sala, i benirũ antöũ els tres palombos i jantörũ. Depois quando acabörũ de jantar, ampeçörũ a comẽ-las maçanas de sobreme/a.

—Ora ésta era pa la sinhora prince/a; mas, a-i-eilha nũ star eiqui, comerei-la yöu,—dixo el palombo azul (que era el que le teniẽ tirado el peine d' öuro ne jardĩ).

¹ Pronuncia-se *öubiũña*.

² «Asas». Lat. ala-.

Depuis appar'ciù-l' la prince/a debaixo la cama.
Depuis la prince/a comiù la maçana i ca/ou cul pa-
lombo azule que eilha asi de/ancantôu.

[Ouvido por mim, em Duas-Igrejas, a uma mulher].

3. *Fabula da vacca e do lobo*

Er' ũna beç ũ lhobo, ancuntrôu ũna cochina que teniç
ūs cochínicos, i chigôu l lhobo a la borda d' éilhes i
dixo que ls qriç comer, i la cochina dixo-le que nó, q'
aguardára mais ũs diçs.

— Puis biç, acá benarei¹.

Fui par' ũ arador, i dixo-le q' habiç de comé-las bacás.
Depúis dixo l' arador:

— Nó, q' inda stã múi fracas. Deixaremo-las mais ũs
diçs.

Apúis fui par' ũna que staba nũ cerrado <a>² an-
gordar:

— Ah! baca, que-t' hei-de comer!

— Agora nũ me comas; deixa-m' mais ũs diçs, q'
agora stôu múi fraca.

D' alhi a uito diçs fui <l>³ lhobo a cumé-la baca, i
dixo-<l> lhóbo:

— Agora böu-t' a comer!

— Puis come, come!

Depuis prendiu <l> lhobo ũna cõrd' a la baca, i dixo-l'
la bac' a <l> lhobo:

— Mete la cõrda ne cachaço; z-agora quers qe t' an-
sine cumo fáíç las bacás ne brano⁴, quando dá-la mósca?

— Ansinai, ansinai. Tod' yç biç saber.

¹ «Virei».

² Este *a* não se pronuncia.

³ Este *l* não soa, por ser absorvido pelo *lh* seguinte.

⁴ «Verão».

I puis saltou la bac' a fugir cu<1> lhobo a la ras-
tra¹. Apuis cobrou-se la corda i fui <1> lhobo pa la
rapo/a, i dixo-le:

—Si, si, comadrica,

Se la corda qebra
I l nolo² nũ defata,
Yõu iba parar a ca/a
Del dono³ de la baca.

[Versão de Duas-Igrejas].

4. *Fabula da raposa e da cegonha*

Er' ãa beç la rapo/a. Andaba eilha i la cigonha a
faze' l caldo, i apuis dixo la cigonha pa la rapo/a:

—Adonde quiers qe faga l caldo?

—Fai-lo nũa sartiã⁴.

Apuis furũ a comé' l caldo, i la rapo/a fui i comiu l
caldo todo; i la cigonha nũ comiu nada. Apuis la cigo-
nha fiz' outro nũa barrila de l' auga, i apuis la rapo/a
nũ comiu nada del caldo.

[Ouvido por mim a um homem de Villa Chã de Freixoosa (em
mir. *Bila Chana de la Freixeno/a*), em 1886].

5. *Fabula do mocho e da raposa*

Õa beç 'staba ã möucho nũa fraga, a cantar i fui
la rapo/a i agarrõ-lo, i apuis fui l möucho i dixo-le pa
la rapo/a:

¹ «De rastos».

² «Nó».

³ «Dono».

⁴ «Sertã». Em lingoagem popular portuguesa tambem se diz
com *a* na primeira syllaba: *sartã* (este *a* é etymologico; latim
sartagine-; cf. hesp. *sartén*).

—Ah! rapo/a, nu' me comas!

—Porquei? Antõũ porque nũ t' hei-de comer?

—Hás-<d'> dezir purmeiro: «mõucho comi» (eilha yá l teniẽ na boca).

I apuis eilha fui a dezir: «mõucho comi», i a l tiẽmpo d' abri-la boca, saliu-se l mõucho para fõra. I apuis dixo la rapo/a pa l mõucho:

—Para q' yõu abriřẽ la boca!

Apuis dixo l mõucho:

—Mõucho comi;

Comerás õutro,

Más nu' ha-de ser a mi.

[Ouvido por mim a um homem da mesma localidade, na mesma data].

B) CANCIONEIRO MIRANDÊS

A palavra portuguesa *cantiga* corresponde em mirandês outra igual. As cantigas que publico aqui são de várias espécies: amorosas, devotas, etc., como indico nos cabeçalhos.

a) *Cantigas de amor*

Yá nu' me lhembrã cantigas,
Yá nũ sei q' hei-de cantare:
Nu' me lhembrã senó¹ penas,
Nũ fago² senó chorare.

L limõũ yẽ fruit' azeda
Colhida no berde scuro:
Yẽ cuimo l amor de ls omes,
Nĩ biẽ lial, nĩ seguro.

¹ «Senão».

² «Faço».

L limõũ yę fruit' azeda
 Què se stila na botica:
 Ama-s' a quĩę yę de gusto,
 Quĩę nu' yę de gusto, fica.

Teng' ũņa chag' ā miu peito
 Feita cul pię d' ũņa flor:
 Nũ hai cerjano¹ que cure
 Chaga que faga l amor.

Nũ quĩgro amor pastor,
 Anque² tenga mil curzados:
 Pastores durmę a la lhuna,
 Siempre quedā alhunados³.

L miu amor yę rapaç,
 Yõu tamĩę sõu raparĩga:
 Tomei-l' amor de pequinho,
 Ha-de-me dar bona bida.

Adius, adius, a Miranda,
 Las cõstas te bõu birando:
 La mię boca se bai rindo,
 L miu coraçõũ⁴ chorando.

Nũ s' m' lhẽmbraba Miranda,
 Nĩ que tal cidade habię:
 Agora yá nũ me squeço,
 Nĩ de nuite, nĩ de dię.

Se l bię querer se pagára,
 Quanto me stabas debendo!
 Nĩ cũ quanto tenes, pagas
 L bię q' yõu te stõu qrendo.

¹ «Cirurgião».

² «Aindaque». Cf. port. arch. *emque*, hesp. *aunque*.

³ «Aluados».

⁴ Ouvi realmente: *l miu coraçõũ bai chorando*; mas o *bai* é superfluo.

Se acau/fo de mi t' apartas,
Cula tristeza me mōrro :
La pena que por ti tengo..
Que farei, se te nū logro !

Screbira-t' yōu ũa carta,
Se me la sōuberas ler :
Para dar a ler a ōtro,
Descubre-se l biē querer.

Ne sabado bōu pa l Porto,
L fato yá bai ne barco :
Na sesta yē l felīç¹ diē
Que de ti, amor, m' aparto.

Esses sōus q̃lhos, menina,
Yá de ls mius fūrū amantes :
Eilhes de diē sōū dūēs fōntes,
I de nuite dōus diamantes.

Esses sōus q̃lhos, menina,
Sōū candenas² de mal³ fiēro :
Áique⁴ me lhiēbē a la forca,
Ōtros amores nū quiēro.

Quiē canta, sōu mal spanta,
Quiē chora, tē sentimento,
Quiē se ri, tē alegriē,
Quiē ama, passa tromento.

Cantigas a l defaño,
Naide s' aponga comigo :
Qu' yōu tengo na miē sala
Ū papel d' eilhas screbido.

¹ Ou *anfeliç*?

² «Candeias».

³ = *malo*. Vid. VOCABULARIO, s. v. *malo*.

⁴ Em duas syllabas. Variante de *anque*, citado supra.

Cantigas a l de/año
 Comigo naide las cante:
 Tengo quiẽ me las ansine,
 L miu amor yẽ studante.

Hei-d' ir a ciẽlo, hei-d' ir,
 Só por bé' las nũqbas¹ ro/as:
 Tres negras i tres brancas,
 I tres amariẽlhas cheiro/as.

Bamo-nos d' eiqui ambora,
 Eiqui nu' hai que fazer:
 Stõũ nas jinellas fichadas,
 Stá dromindo l biẽ querer.

Adius que me böu ambora,
 Adius que me quiẽro ir:
 Dá-me cá esses tõus braços,
 Que me quiẽro despedir².

Manũql, por bé' las moças,
 Fiz' ũña fũnte de prata:
 Las moças nũ bã a eilha,
 Manũql todo se mata.

Manũql, por bé' las moças,
 Fiz' ũña fũnte de bidro:
 Las moças nũ bã a eilha,
 Manũql ficõu perdido³.

L sol anda i de/anda,
 Para tornar a nacer:
 Yõu nũ ando, nĩ de/ando,
 Sõu firme ne biẽ querer.

¹ Originariamente devia ser *nobe*, o que se vê dos versos seguintes.

² As tres últimas cantigas ouvi-as em Lisboa a um homem de Prado-Gatão; as outras ouvi-as em Duas-Igrejas a várias mulheres.

³ As duas últimas quadras ouvi-as a um homem de Prado-Gatão. As mesmas cantigas noutras terras applicam-se a S. João.

Se l biç querer se pagasse,
 Quanto me stabas debendo!
 Nĩ cū quanto tenes me pagas
 L biç que te stõu querendo.

Yõu fui l que dixe a l sol,
 Que nũ tornasse a nacer,
 Qu' á la bista d' esses tõus olhos,
 Que bẽ l sol acá fazer?

Las streilhas menudicas¹
 Fazẽ l ciçlo biç cumposto:
 Todos me dizẽ que te deixe...
 Nũ quiçro nĩ yẽ miu gusto.

Se tu me quijesses biç,
 De la raic d l coraçõũ,
 Tu me benisses a ber,
 Que las tardes biç grandes sõũ...

L miu amor yẽ ã crabo,
 Yõu biç l sube scolher...
 Ne crabeiro nũ hai õutro,
 Solo se tornar a nascer...

L nome de Jo/é yẽ joia
 I l de Julia joia yẽ:
 Quando me falã ã joia,
 Lhõugo me lhembra Jo/é.

Olhos negros, olhos brancos,
 Olhos azules, olhos berdes,
 Ls olhos acastanhados
 Á põucas caras ls bedes.

Ls olhos negros sõũ traidores,
 Ls brancos sõũ lijunjeiros²,
 Ls olhos acastanhados
 Esses sõũ ls berdadeiros.

¹ «Miudinhas».

² «Lisongeiros».

Sięte-streilho rundador,
 Capa de quię se quięer bię,
 Deixa benir¹ la nuite scura,
 Que yōu irei rundar tamię.

L sięte-streilho bai alto,
 Mais alto bai l lhunar²,
 Mais alta bai la fertuna
 Que Dius tē para moș dar.

L sięte-streilho bai alto,
 Marię bai-te deitar:
 Yōu tamię fago³ l mesmo,
 P'ra manhana madrugar⁴.

b) *Cantigas graciosas*

S' tu biras ęl qu' yōu bi
 Na ribeira de la bila:
 Binte cinco questureiras
 A matar ũa formiga...

S' tu biras ęl qu' yōu bi
 Na ribeirinha d' Algofo:
 Binte cinco çapateiros
 A cabalho num rapo/o⁵...

¹ «Vir».

² «Luar».

³ «Faço».

⁴ As doze últimas cantigas foram traduzidas em mirandês por uma pessoa da Póvoa, e copiadas para mim pelo Sr. Bernardo Fernandes Monteiro.

⁵ A 1.^a d'estas cantigas, que ouvi em Duas-Igrejas, é uma variação da conhecida sátira dirigida contra os alfaiates; vid. sobre esta as minhas *Tradições populares de Portugal*, § 262; e *Revista Lusitana*, I, 256 (artigo do Sr. F. Adolfo Coelho), e II, 84 (artigo do Sr. Armando da Silva). A 2.^a cantiga parece ser, por sua vez, variação da 1.^a

c) *Cantigas devotas*

1. DA SENHORA DO MONTE

A Senhora do Monte venera-se em Duas-Igrejas: cf. o vol. 1 d'estes *Estudos*, p. 82. Em sua honra se cantam muitas cantigas portuguesas, algumas das quaes me ditaram naquella localidade, traduzidas pelo proprio povo em mirandês. Ei-las aqui:

Ó miç Birje¹ de l Monte,
Alhá sodes² ũna ro/a:
La mais guapa na tjeira,
Ne ciçlo la mais fermo/a.

Ó miç Birje de l Monte,
Chabeira de l Parai/o:
La mocidade ye lōuca,
Sinhora, dai-mos juizo!

Ó miç Birje de l Monte,
Inda lá hei-de tornar,
Que me quedou la mantilha
Dobrada no bosso altar.

Ó miç Birje de l Monte,
Madrina de Santo Aleixo:
Bós teneis na bōssa beiga
Ū folharanco³ i ũ freixo⁴.

Ó miç Birje de l Monte,
Madrina de l melitar,
Ls suldados d'estas tjeiras
Nū les deixeis ambarcar!

¹ Tambem se diz *Birjẽ* e *Birzẽ* (com um som final quasi igual a -ĩ).

² «Lá sois».

³ «Olmo branco».

⁴ Em Duas-Igrejas diz-se *freixo*; noutras terras diz-se *fresno* (cf. o vol. 1 d'estes *Estudos*, p. 125, nota 1).

Ó miç Birje de l Monte,
Teneis la fita burmeilha¹,
Que bos la dórũ ls suldados,
Quando benirũ d' Almeida.

Ó miç Birje de l Monte,
Teneis la fit' amariçlha,
Que bos la dórũ ls suldados,
Quando benirũ d' la guerra.

2. DA SENHORA DO ROSARIO

A l' antrada de l' eigreija
Resbalei, caí no adro:
Chamei po la miç madrina,
La Senhora de l Ro/aíro².

3. DE SANTO ANTONIO

Pára l sol i pára la lhuna,
Párã tamiç las streilhas:
Parai bós, debino Sant' Antonho,
Bós sodes l capitã d' eilhas.

Debino Sant' Antonho,
D' onde benis tã õurbalhado?
Benís de por esses mundos,
De lhibrar algũ suldado?

Debino Sant' Antonho,
Santo miu de l coraçõũ,
Tirai ls diçentes a l rato,
Nu' me rompẽ l cerrõũ³...

Estas tres quadras ditou-m'as um homem de Prado-Gatão. Notam-se nellas certas liberdades, que o povo

¹ Variante de *bermeilha*.

² Esta quadra foi-me ditada por um homem de Prado-Gatão.

³ «Çurrão» (dos pastores). A boa maneira de escrever em português é com *ç* e não com *s*.

muitas vezes toma para com os santos, o que também succede, por exemplo, com S. Pedro e S. João.

O Sr. Bernardo Fernandes Monteiro, de quem tanta vez tenho fallado nesta obra, teve o incómodo de traduzir outras cantigas de Santo Antonio, que adeante transcrevo, nas quaes transparece o mesmo espirito zombeteiro. Estas cantigas chamam-se *lôuas* em português local. Pertencem á tradição da Póvoa. São assim:

Páre l sol, páre la lhuna,
Párẽ tamĩẽ las streilhas,
I bós, debino Antonho,
Que sódes l capitã d' eilhas.

Ah debino Sant' Antonho,
Ai que fermofo stais!
Bós i l bõsso nino¹
Nada bos acabais.

Bós nũ me conheceis?
Yõu chamo-me Manoel;
Tengo ãña filha Ro/a,
I õutra chama-se /abel².

Ah debino Sant' Antonho,
Santo de la miẽ debociõũ,
Tirai ls diẽtes a ls ratos,
Que me rompẽ l cerrõũ³.

Ah debino Sant' Antonho,
Santo biẽ abinturado⁴
Dai-me pélo na cabeça,
P'ra que nũ me chamẽ pelado.

¹ «Menino».

² = (I)abel.

³ Vid. p. 327, nota 3.

⁴ Também se diz *bintura*, com *-in-*: cf. GRAMMATICA, p. 238.

Ah debino Sant' Antonho,
 Cara de jinja madura,
 Fai hoje um anho ¹
 Que passiêstes la rûg.

Ah debino Sant' Antonho,
 Santo d l miu coraçõũ,
 Dai-me d' aqueilhas moças
 Que lhebais na preciõũ²:

Nũ me deis de las delantreiras,
 Que sũ mui repenicadas;
 Nĩ tã pũco de las tra/eiras,
 Que sũ bielhas cansadas:
 Dai-me de las de l meio
 Que sũ moças assentadas³.

Eiquĩ teneis este cordeiro,
 Pequẽinho i mal criado:
 Ponei⁴ la culpa a l regidor,
 Que nũ l deixõu andar ne prado.

L cordeiro nũ yẽ miu,
 Bós, Santo, biẽ l sabeis,
 Mas yẽ de l regidor...
 L pago bós l dareis.

4. CANTIGA AVULSA

Se furdes p'ra Dũs Eigreijas,
 Nũ tẽgad's pena ningũa⁵;
 Adonde quẽra⁶ stá Dios,
 Nunca falta la fortuna⁷!

¹ «Anno».

² Tambem se diz *precessiõũ*, «procissão».

³ «Sérias».

⁴ «Ponde».

⁵ Assim ouvi, sem *η*, e não *ningũηa*. No entanto a mesma pessoa dizia *ũηa*.

⁶ Assim ouvi, e não *querga* (GRAMMÁTICA, § 438).

⁷ Esta quadra ditou-m'a um homem de Prado-Gatão.

d) *Adivinhas*

As palavras portuguesas *adivinha* e *adivinhação* correspondem em mir. *adabina* ou *adebina*, e *adebinaciõũ* (no pl. *adebinaciones*). Estas palavras mirandesas derivam do verbo *adabinar* ou *adebinar* = *a-debinar*, do lat. *divinare*.

No meu primeiro opusculo, *O Dialecto Mirandês*, Porto 1882, p. 31, publiquei já algumas adivinhas. As que tenho de novo para publicar aqui, são em número muito pequeno.

1. LA LHENGUA

Conheço ũa sinhora
Múi assinhorada:
Nunca sai à la rùe,
I siẽpre stá molhada.

2. LA SILBA

Que serás, que serás?
Lhargo cum' ũ sobeio¹,
Tẽ diẽntes cum' ũ coneilho².

3. L RÌU

Lhargo cum' ũ camino,
Funga cum' ũ cochino³.

e) *A gaita de folle*

Bi benir la gáita
A l cimo de l lhugar:
Põu/ei la miç roca⁴
I pus-m' a beilar.

¹ Correia com que se atam os bois ou vaccas ao carro. Cf. hesp. *sobeo*, astur. *sobeu*.

² «Coelho».

³ «Porco».

⁴ «Roca».

I tanto beilei
A la porta de l forno,
Tanto beilei
Que me dórũ ã bólho¹.

Tanto beilei
Cula gaita galhega,
Tanto beilei,
Que me namorei d' eilha.

Os precedentes versos, que me foram ditados por uma pessoa de Duas-Igrejas, dizem-se ás crianças, quando começam a andar. São originariamente mirandeses, e não tradução do português. Referem-se á famosa *gaita gallega*.

f) *Rifões e ditados*

Em mirandês diz-se *rifrã*, «rifão», no pl. *rifranes* (cf. hesp. *refrán*); também pôde dizer-se *adage*, «adagio». A palavra portuguesa *ditados* tem ahí a mesma forma.

1

A quĩg pinheira² i amassa
Nũ le fũrã la fogaça.

2

Madalena tripa chena,
Por beilar perdeu la cena³.

3

Las forfalhicas⁴ de l cerrõũ⁵
Pa la tarde bonas sõũ.

¹ «Bolo».

² «Peneira» (verbo).

³ «Ceia».

⁴ «Migalhas». Cf. port. *farfalhas*.

⁵ «Çurrão», sacola dos pastores.

4

Mais bale um paixarico¹ na mano
Que dõus a bolar.

5

Pã i bino,
Anda camino.

6

Quiẽ cûõnta ù cûõnto
Acrecênta-l' ù pûõnto².

7

Cesteiro que fai ù cesto
Fai ù cûõnto,
Dando-le berga (ou *biẽrga*) i tiẽmpo³.

8

Malo háia quiẽ mal de mi diç:
Malo háia quiẽ mû⁴ l chega a l nariç.

¹ «Passarinho».

² Diz-se *puõnto* (ou *põnto*) e *punto*.

³ A fôrma ordinaria d'este proverbio em português é:

Cesteiro que faz um cesto
Faz um cento.

Nos *Adagios* de Rolland vem assim:

Quem faz um cesto
Fará cento.

Todavia no N. de Portugal, por exemplo no Baixo-Douro e no Baixo-Minho, tenho ouvido tambem uma variante correspondente á mirandesa:

Cesteiro que faz um cesto
Faz um cento,
Dando-lhe verga e tempo.

O ultimo verso é de certo mais moderno.

⁴ Por *me*. Influencia da labial.

9

Nu' me fáis el niu trás de l' òureilha

10

Nũ te fies a perro que nũ lhadra,
Nĩ a omj que nũ fala.

11

Cada galho a sũ muradal¹ tẽ mũita fõrça.

12

Antre primos i armanos
Nu' metas las manos.

13

Filho sós,
Pai serás,
Cumo fazires,
Assi ancuntrarás (ou *acharás*).

14

Quiẽ a las onze nũ benir
Comerá de l que traír².

15

Na tierça, nĩ tũu cochino mates, nĩ tũg filha cafes, nĩ tũg tela urdas.

16

Lhuna nõb' atrobejada
Trinta diẽs yẽ molhada.

17

Quiẽ sembr' abrolhos cõlhe spinos.

¹ «Muladar», «monturo», «estrumeira».

² Parece que ha aqui uma allusão á hora do jantar. *Trair* «trouzer».

18

Quiê bona semiênte sembra¹ bon trigo cõlhe.

19

Nũ se cáçã truitas
A bragas² aĩxutas.

20

Nesta tiçrra terruca³
Quiê nũ trabalha nũ manduca.

21

Se fures a Miranda,
Lhiêba l pã na manga.

22

Alhá, alhá riba,
Contra⁴ la ráia,
Stá ũna perra parida,
Que mõi de que rábia⁵.

23

Todas las de Malhadas
Paridas i prenhadas⁶.

¹ «Semeia».

² *Braga* era termo usado antigamente em mirandês. Quem me disse o rifão, pessoa já de idade, ainda em criança ouviu esse termo na lingua commum. No correspondente adagio português costuma substituir-se *bragas* por *barbas*, por se ter perdido a noção do sentido primitivo de *bragas*.

³ *Terruca* emprega-se aqui por causa da rima; todavia o suffixo *-uca* de *terr-uca* existe noutras palavras mirandesas: vid. GRAMMÁTICA, § 178.

⁴ «De frente de» («para o lado de»). É o sentido do lat. *contra*, em expressões como *contra Galliam*.

⁵ Verbo *rabiar*, «estar zangada, raivosa». Outro ex.: *stá ũ friu que rábia*. Cf. GRAMMÁTICA, § 264.

⁶ Quem fôr a Malhadas, basta dizer «Todas...», para logo ser corrido!

Dito da andorinha (mir. *andorina*) á tecedeira preguiçosa.

24

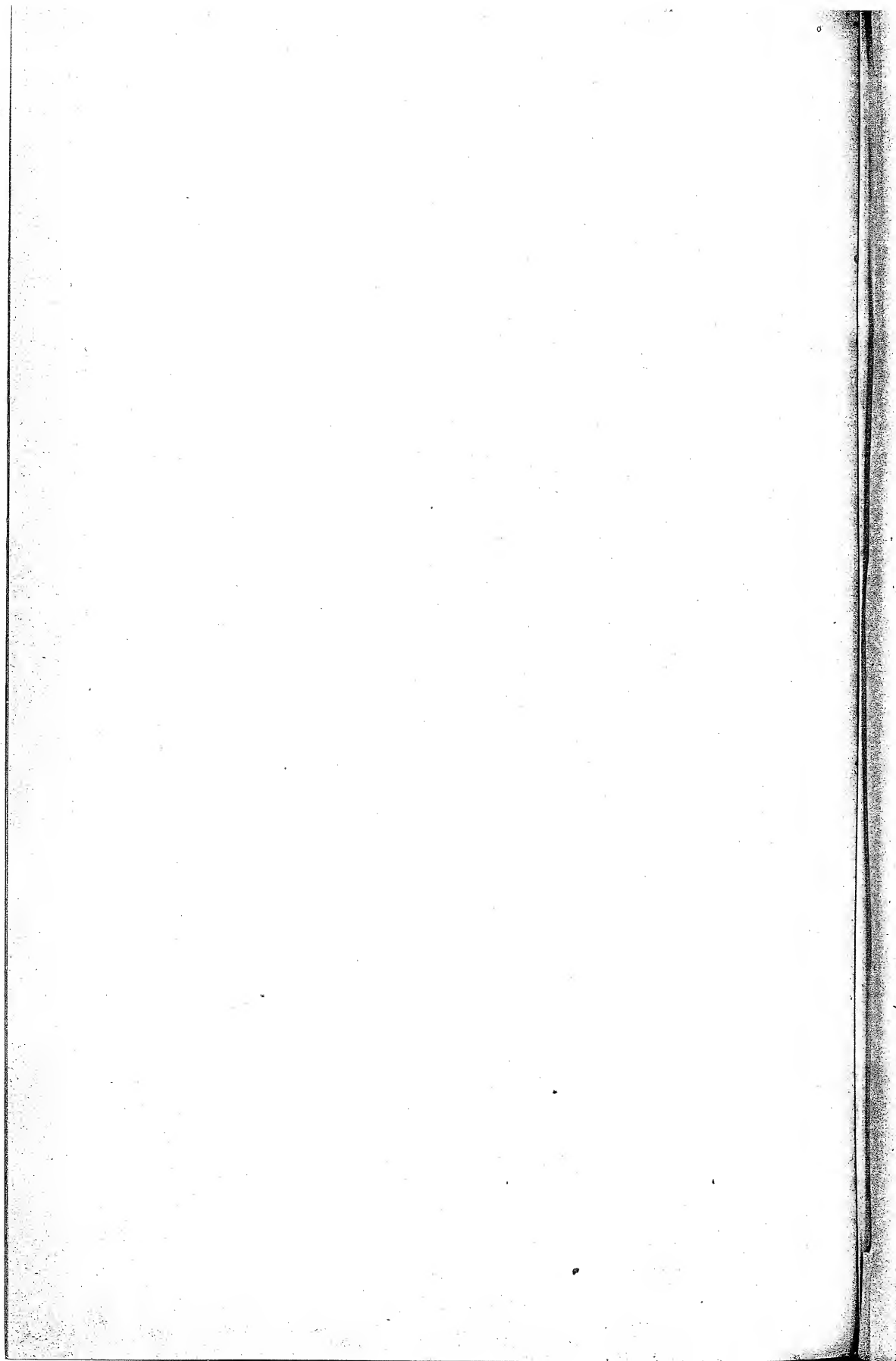
Fui a l mar,
I bĩ de l mar,
La miç tela nẽ telar¹,
I la tũ inda por filar².
Preguiceira, que faziste³?

Estes rifões, que ouvi a pessoas da Póvoa e de Duas-Igrejas, correm na tradição oral já com fôrma mirandesa, e não foram traduzidas expressamente para mim. Podem addicionar-se á pequena collecção que publiquei no opusculo *O Dialecto Mirandês*, Porto 1882, pp. 33 e 34.

¹ «A minha teia no tear».

² «Fiar».

³ «Fizeste».



APPENDICE VI

Sobre o sendinês

Em additamento ao que neste volume, p. 34 sqq., escrevi sobre o sendinês posso aqui expôr algumas observações que ultimamente fiz, conversando no Porto, em Outubro de 1900, com o Sr. Dr. Aleixo Guerra, natural de Sendim, e que falla perfeitamente o seu dialecto natal.

a) O tratamento mais geral na conversação é na 3.^a pess. do sing., e não na 2.^a do pl., como em mirandês normal; ex.: *sente-s' ende* («sente-se ahi»), falando-se a outrem.

b) Existem duas especies de *i*: um, igual ao *i* português commum; outro, igual ao *î* ou *ę* mirandês (vid. GRAMMATICA, pp. 173-174). Represento o primeiro por *i*, e o segundo por *î*. O som lat. *î* torna-se em send. *î*; o som lat. *ę* torna-se em send. *i*. Exs.:

Lat. <i>î</i>	Send. <i>î</i>
thîu-	<i>tio</i> (= <i>tęo</i>)
fîlu-	<i>filo</i> (= <i>fęlo</i>)
fîliu-	<i>filho</i> (= <i>fęlho</i>)

Lat. <i>ę</i>	Send. <i>i</i>
męu-	<i>miu</i>
tęrra-	<i>tirra</i>
fęsta-	<i>fista</i>

Ao german. *lista* corresponde *lista*. É assim que *lista* não rima com *fista*. Cf. GRAMMATICA, § 50.—Correspondentemente ao port. *crista* diz-se em send. *crìsta*, como se na palavra latina respectiva houvesse *ī*; igualmente se diz em send. *Cristo* < *Christus*, com o mesmo *ī*.

c) Factos analogos se dão com *ū* e *ō* latinos, que estão representados em sendinês respectivamente pelo som mir. *ù* (< > *ø*, GRAMMATICA, p. 177), e por *u* normal português. Exs.:

Lat. <i>ū</i>	Send. <i>ù</i>
<i>ūva</i>	<i>ùba</i> (= <i>oba</i>)
<i>nūdus</i>	<i>des-nùdo</i> (= <i>desnodo</i>)
<i>cūpa</i>	<i>cùba</i> (= <i>coba</i>)

Lat. <i>ō</i>	Send. <i>u</i>
<i>fōrte-</i>	<i>furte</i>
<i>bōnu-</i>	<i>buno</i>

Igualmente: *ru* < > port. *rua*. Correspondentemente ao *u* do port. *cruz*, diz-se em send. *crùç*, como se esta palavra tivesse em latim *u* longo.—Cf. GRAMMATICA, § 58.

d) O *-g-* < *-c-* está em sendinês representado pela semi-vogal *y*, igual ao *y* mirandês; ex.: *fìyo* < *fīcu-*, *comiyo* < > *cum* + *me cu-* sob a influencia do *i* de *mi hi* (vid. GRAMMATICA, § 54-b). Ficam assim interpretadas as fórmulas que cito neste volume, p. 40, nota: o primeiro *i* que ali se lê em *amiio*, *cumiio*, e o *e* que se lê em *cunteyo*, *comeyo*, *ameio* e *feio* tem o mesmo valor,—o qual é *ī* = *ø*. Essas palavras podem escrever-se *cunteyo* ou *cuntiyo*, etc.

e) A dúvida que neste volume, p. 36, nota 2, propus á cerca do *-ão* em sendinês, desfi-la agora com o Sr. Guerra, que me assevera que nesse dialecto se diz *mulão* («melão»), *testão* («tostão»), *rapazão*, embora no plural lhe corresponda *-ones*: *mulones*, *testones*, *rapa-*

ções, phenomeno semelhante ao que se passa em português, onde a moderna terminação singular *-ão* corresponde a antiga terminação plural *-ões*.

f) Em virtude do que se notou a cima, no § b, diz-se em send. *iuga* (em duas syllabas *iu-ga*) com *i* port. e o ditongo *iu*, como em send. *miu* (em mirandês normal é porém *iuga* e *miu*). A palavra send. *tio* (< lat. *thiu*) e a palavra send. *miu* (< lat. *mēu-*), não rimam entre si, porque na primeira ha *i* e dissyllabo, e na segunda ha *i* e ditongo.

g) Ao *y* mirandês em *yōu* corresponde em sendinês um som differente, que represento por *j*; este som ouve-se dialectalmente na Hespanha na palavra *yo*.

h) Alem d'estas differenças, e das mais que assignalei neste volume, p. 34 sqq., não conheço outras entre o sendinês e o mirandês normal; aquelle tem, como este: *pōuco*, *stōu*; distingue *ç* de *s*, como *f* de *z*; nelle o ditongo *ui* não é nasalado em *muīto*; o artigo definido é *l* no singl., *ls* no pl. (*l poço*, *a ls poços*, *bé' l riu*); não existe é nem *ô* portugueses, mas *é* e *ó* hespanhoes, etc.

*

Talvez, sem grande inconveniente, pudessemos deixar de considerar o sendinês como sub-dialecto do mirandês, e pudessemos pelo contrario collocá-lo na mesma escala que este em relação aos outros idiomas vizinhos. Com effeito, se elle apresenta phenomenos importantes que o ligam ao mirandês normal, taes como a manutenção do *-L-* e *-N-* latinos, e apresenta outros que são evolução adeantada ou desvio dos do mirandês, taes como *-i* = mir. *-ig*, *-u* = mir. *-üg*, *-i* = mir. *-ig*, *-u* = mir. *-üg*, tem tambem caracteres que o separam bastante, taes como *l* = mir. *lh*, e *-ão* = mir. *-ōñ*. Vinha assim a haver na raia trasmontana quatro idiomas populares especiaes: rionorês, quadramilês, mirandês e sendinês.

Mas, de qualquer maneira que consideremos o sendinês, ou como sub-dialecto do mirandês, ou como co-dialecto do português (todas as classificações, sejam de que natureza forem, offerecem de ordinario inconvenientes), o facto que importa notar é a relativa independencia de alguns phenomenos do sendinês a respeito dos que no mirandês normal lhes ficam parallellos, e ao mesmo tempo o ar de familia que se manifesta em todas as fallas raianas.

INDICE

PARTE III

Theoria do mirandês

I. Origem do mirandês, condições em que se constituiu, e sua evolução geral	3
II. Variedades dialectaes do mirandês	27
III. Caracteres e classificação do mirandês	43

PARTE IV

Camoniana mirandesa

Advertencia	81
I. Genero lyrico (excerptos):	
I. Tu q' eras la miç alma	87
II. Quiçero que me rōubeis l' alma	88
III. Pus ls mius olhos nūça funga	89
IV. Háí ũ bíç que chega i fuge	90
V. Ls bonos bi-los siẽmpre	91
VI. Perdigōũ perdiu la pruma	92
VII. Inda nũ pōdo coincer	93
VIII. L trabalh' unrado	94
IX. Aqueilha cautiba (traducção em verso e em prosa)	95
X. Berdes sōũ ls campos	98

II. Genero epico (excerptos):	
Proposição dos Lusíadas (traducção em verso)	101
Proposição dos Lusíadas (traducção em prosa)	102
Excerptos varios.	104
Façaanha de Egas Moniz	106
Morte de D. Inês de Castro	109
A batalha de Aljubarrota	115
Aventura de Velloso.	121
Traços autobiographicos de Camões:	
1. Nasce Camões junto do Tejo.—Começando por cultivar na poesia o genero lyrico, passa a cultivar o epico, e empreheende a composição dos Lusíadas	125
2. Falla das suas viagens em geral, e desgraças	126
3. Naufraga no rio Mecom, na costa de Camboja...	127
4. Continúa escrevendo o poema.—Dificuldades do assunto.—Só cantará a honra e a glória	128
5. Epocha em que conclue o poema	130
6. Desanimos ao terminar os Lusíadas	130
7. Synthetiza os factos capitaes da sua vida, e offerece-se ainda para cantar as acções futuras de D. Sebastião	131
III. Genero dramatico (excerptos):	
Do auto de El Rei Seleuco	135
Do auto de Filodemo	137
IV. Cartas em prosa (excerpto):	
Carta	141

PARTE V

Vocabulario etymologico

Observação preliminar	147
Serie dos vocabulos	149

APPENDICES

Appendice I:

Documentos antigos que se referem á Terra-de-Miranda:

1. Ao Mosteiro de Moreirola: doaçam do Regemgo que se chama Infâny e Costantino acerca de Surraga em termo de Miranda etc., com encarrego de huñ aniversairo em cada huñ anno [sec. xiii]	229
---	-----

2. A Pero Memdez, caualeiro : doaçam do Regemgo de Miranda de Senhorio de Hulgoso .s. Atenor e Pala-ciola com tall condiçam, etc. [sec. xiii]	231
3. [Extracto das Inquirições de D. Affonso III (sec. xiii)]	232
4. Carta de foro duũ lugar que chamã Villar en Terra de Mirãda, que e chamado Lagõaça [sec. xiv]	235
5. Carta per que El Rey fez merçee aos moradores e vi-zinhos do Cõcelho de Mirãda. e per que os Caualei-ros dEspada Çinta seiã seus uassallos e que aiã seus marauidis, e outrossi como todos os vizinhos da dita vila seiã esscusados de todo foro Real [sec. xiv] ...	236
6. [Inquirições que Fernão de Pina tirou em Miranda, para se lhe dar novo foral (o de 1510)]	237
7. Demarcação do termo da vjlla de Myranda do Doiro diocisy do arcebispado de Braga [sec. xvi]	239
8. [Notícia de um mestre de grammatica da Terra-de-Miranda no tempo de D. Sebastião (sec. xvi)]	253
Appendice II:	
Apreciações litterarias mencionadas no vol. I, pp. 22-23:	
A) Cartas particulares	255
B) Artigos impressos	257
Appendice III:	
Comunicação feita ao Congresso Internacional de Scien-cias Geographicas pelo Sr. Gonçalves Vianna, em Paris, em 1889, a proposito de um mappa linguis-tico da Europa	
	269
Appendice IV:	
Additamentos ao vol. I d'estes <i>Estudos</i>	273
Appendice V:	
Litteratura mirandesa local:	
I. Sturiano i Marcolfa (entremês —por Francisco Gar-rido Brandão):	
Profecia	283
Entremês propriamente dito	287
Notas ao entremês	303
II. Tradições populares mirandesas:	
A) Contos (e fabulas):	
1. Conto de Mariç de l Palo	309
2. Conto da princesa e da velha	316
3. Fabula da vacca e do lobo	318
4. Fabula da raposa e da cegonha	319
5. Fabula do mocho e da raposa	319

B) Cancioneiro mirandês:	
a) Cantigas de amor.....	320
b) Cantigas graciosas.....	325
c) Cantigas devotas:	
1. Da Senhora do Monte.....	326
2. Da Senhora do Rosario.....	327
3. De Santo Antonio.....	327
4. Cantiga avulsa.....	329
d) Adivinhas:	
1. La lhengua.....	330
2. La silba.....	330
3. L riu.....	330
e) A gaita de folle.....	330
f) Rifões e ditados.....	331

Appendice VI:

Sobre o sendinês	337
------------------------	-----



Acabou de imprimir-se

Aos 16 dias do mez de março do anno

MDCCCCI

NOS PRELOS DA

IMPrensa NACIONAL DE LISBOA

PARA A

COMISSÃO EXECUTIVA

DO

CENTENARIO DA INDIA



